

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CAMILA EBERHARDT

**FOTOGRAFIAS DE ENSINO: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS
DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA CIDADE DE TORRES/RS
(1960-1980)**

PORTO ALEGRE

2013

CAMILA EBERHARDT

**FOTOGRAFIAS DE ENSINO: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS
DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA CIDADE DE TORRES/RS
(1960-1980)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Lúcia Bastos Kern

PORTO ALEGRE

2013

Catálogo na Fonte

E16f	<p>Eberhardt, Camila</p> <p>Fotografias de ensino : memória e representações imagéticas da educação pública na cidade de Torres/RS (1960-1980) / Camila Eberhardt. – Porto Alegre, 2013. 218 f.</p> <p>Diss. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS.</p> <p>Orientador: Prof^a Dr^a Maria Lúcia Bastos Kern.</p> <p>1. Educação - Rio Grande do Sul - História. 2. Fotografia (Educação). 3. Desfiles Cívicos – Fotografias. 4. Instituições Escolares – Torres (RS). 5. Acervos Fotográficos. I. Kern, Maria Lúcia Bastos. II. Título.</p> <p>CDD 370.98165</p>
------	--

Bibliotecário Responsável

Ginamara de Oliveira Lima
CRB 10/1204

CAMILA EBERHARDT

**FOTOGRAFIAS DE ENSINO: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES
IMAGÉTICAS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NA CIDADE DE TORRES/RS
(1960-1980)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 28 de agosto de 2013.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Bastos Kern – FFCH/PUCRS.

Prof. Dr. Charles Monteiro – FFCH/PUCRS.

Prof.^a Dr.^a Zita Rosane Possamai – UFRGS.

PORTO ALEGRE

2013

Dedico esta dissertação aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Professora Doutora Maria Lúcia Bastos Kern, pela orientação e contribuição que foram essenciais para o desenvolvimento desta dissertação.

Da mesma forma, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História e aos seus professores pelos conhecimentos compartilhados durante as disciplinas, em especial ao Professor Doutor Charles Monteiro.

Agradeço aos professores Dr. Éverton Gonçalves de Ávila e ao Ms. Miguel Augusto Pinto Soares pelo incentivo e pela ajuda prestada durante minha trajetória acadêmica.

Agradeço ao CNPQ que me possibilitou cursar o mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Sou grata pela disponibilidade das instituições de ensino do Município de Torres/RS, que permitiram a realização da pesquisa em seus arquivos, assim como agradeço a todos que foram alunos, professores e funcionários no período pesquisado e que se dispuseram a compartilhar suas lembranças.

Agradeço em especial ao meu amigo Cristian Coelho Hendler, que, em todos estes anos, sempre esteve presente e me apoiando.

Finalmente agradeço a minha família, em especial aos meus pais que me apoiaram durante minha trajetória acadêmica.

Olhar para o mundo é uma condição; compreendê-lo por meio desse olhar é uma busca eterna, instigante e fascinante. Fascinante porque é pela contemplação da beleza do mundo que nos encantamos e nos apaixonamos. Instigante porque a vontade de mergulhar em seu desconhecido pode nos levar ao diferente e transformar o que estamos viciados a enxergar. (ANDRADE, 2002, p. 114).

RESUMO

A presente dissertação analisa os arquivos fotográficos escolares de três instituições de ensino públicas do Município de Torres/RS: o Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Justino Alberto Tietboehl e a Escola Estadual Governador Jorge Lacerda. O conjunto de imagens totaliza 446 fotografias que correspondem aos anos de 1960 a 1980. Objetiva-se, neste trabalho, identificar quais os usos e as funções e as representações que as fotografias possuem para as instituições de ensino, tendo em conta a forma como foram organizados ao longo destes anos. A partir disso, buscou-se a composição de séries desses arquivos fotográficos e a identificação das particularidades e semelhanças que permeiam os arquivos das três instituições escolares. Dentre elas, destaca-se a grande incidência de imagens na temática visual denominada “desfiles cívicos”. O estudo com as fotografias escolares permite a observação da continuidade e das mudanças dessas práticas no meio escolar e, assim, a constituição da história e da memória destas escolas.

Palavras-chave: Fotografia. Educação. Desfiles Cívicos.

RESUMEN

La presente disertación realiza el análisis de archivos fotográficos de tres instituciones públicas de educación de la Municipalidad de Torres/RS: el Instituto Estatal de Educación Marcílio Dias; la Escuela Estatal de Enseñanza Primaria Profesor Justino Alberto Tietboehl y la Escuela Estatal Gobernador Jorge Lacerda. El conjunto de imágenes que son analizadas suman cuatrocientas cuarenta y seis fotografías que abarca desde los años 1960 hasta 1980. El objetivo de este trabajo es identificar cuáles son los usos y funciones que las fotografías poseen para las instituciones de enseñanza, teniendo en cuenta la forma en que se han organizado en los últimos años. A partir de esto, se busca la composición de series demostrando particularidades, con características similares, que permean los archivos de las tres instituciones escolares. En medio de ellas, se destaca al principio, la gran incidencia de imágenes en la temática visual “Desfiles Cívicos”. El estudio con las fotografías escolares permite, por lo tanto, la observación de las continuidades y de los cambios de esas prácticas en el medio escolar y por lo tanto, la formación de la historia y de la memoria de estas escuelas.

Palabras-claves: Fotografías. Educación. Desfiles Cívicos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 – O quadrado do Hotel Picoral em Torres.....	25
Figura 2 – Rua de Baixo (Júlio de Castilhos).....	27
Figura 3 – Colégio Jesuíta na Bahia.....	30
Figura 4 – Alunos nas oficinas da Escola Parobé em Porto Alegre/RS.....	32
Figura 5 – Escola de ensino primário em Vila Lotthammer, Torres/RS.....	38
Figura 6 – Rua de Cima em Torres/RS – Início do século XX.....	43
Figura 7 – Fotografia aérea da cidade de Torres / Década de 1940.....	44
Figura 8 – Grupo Escolar Marcílio Dias.....	45
Figura 9 – Grupo Escolar da Ronda.....	48
Figura 10 – Escola Governador Jorge Lacerda.....	49
Figura 11 – Construção da Escola Justino Alberto Tietboehl.....	55
Figura 12 – Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes em 1961.....	87
Figura 13 – Câmera Argus C3 50mm Coated Cintar / 2013.....	87
Figura 14 – La Universidad de Salamanca.....	90
Figura 15 – Biblioteca de la Universidad.....	90
Figura 16 – 1º Grupo Escolar na cidade Bauru/SP, em 1933.....	91
Figura 17 – Laboratório na Escola Normal em de Botucatu/SP, em 1940.....	91
Figura 18 – Biblioteca da Escola Marcílio Dias.....	94
Figura 19 – Sala de aula na Escola Marcílio Dias.....	94
Figura 20 – Estado de conservação de salas de aula.....	94
Figura 21 – Estado de conservação de salas de aula.....	94
Figura 22 – Estado de conservação de salas de aula.....	94
Figura 23 – Estado de conservação de salas de aula.....	94
Figura 24 – Biblioteca da Escola Justino Alberto Tietboehl.....	95
Figura 25 – Sala de aula na Escola Justino Alberto Tietboehl.....	96
Figura 26 – Aulas de Marcenaria na Escola Justino Alberto Tietboehl.....	96
Figura 27 – Novo prédio da Escola Marcílio Dias.....	98
Figura 28 – Novo prédio da Escola Marcílio Dias.....	98
Figura 29 – Prédio antigo da Escola Governador Jorge Lacerda.....	98
Figura 30 – Quadra de esporte, construção de prédio na Escola Justino Alberto Tietboehl....	99
Figura 31 – Enchente.....	99

Figura 32 – Destruição por vendaval na Escola Justino Alberto Tietboehl.....	100
Figura 33 – Destruição por vendaval na Escola Justino Alberto Tietboehl.....	100
Figura 34 – Mairie et école de Naours, Somme – vers 1910 - Carte postale (Prefeitura e Escola Nauors).....	101
Figura 35 – Jardim de Infância na Escola Governador Jorge Lacerda.....	103
Figura 36 – Jardim de Infância na Escola Governador Jorge Lacerda.....	103
Figura 37 – Sala de aula na Escola Governador Jorge Lacerda.....	104
Figura 38 – Alunos em sala de aula na Escola Governador Jorge Lacerda.....	105
Figura 39 – Aula de Técnicas Comerciais na Escola Justino Alberto Tietboehl.....	105
Figura 40 – Passeio na Guarita.....	107
Figura 41 – Visita ao zoológico.....	107
Figura 42 – Passeio de bicicleta.....	108
Figura 43 – Passeio na Praia Grande.....	109
Figura 44 – Dança Gaúcha.....	110
Figura 45 – Encenação de policial.....	110
Figura 46 – Entrada da primavera.....	111
Figura 47 – Encenação de alunos.....	111
Figura 48 – Cultura Japonesa.....	112
Figura 49 – Alunos trabalhando em horta.....	114
Figura 50 – Trabalhando na horta.....	115
Figura 51 – Dia da Árvore.....	116
Figura 52 – Reunião de pais.....	116
Figura 53 – Banda da Escola.....	117
Figura 54 – Encenação do “Casamento da roça” em Festa Junina.....	118
Figura 55 – Encenação do “Casamento da roça” em Festa Junina.....	118
Figura 56 – Festa em comemoração ao 50º Aniversário da Escola Marcílio Dias.....	119
Figura 57 – Festa em comemoração ao 50º Aniversário da Escola Marcílio Dias.....	119
Figura 58 – Janta de fim de ano.....	120
Figura 59 – 1ª turma de Formandos do Curso Técnico de Marcenaria.....	122
Figura 60 – Formatura na Escola Técnica.....	122
Figura 61 – Formatura na Igreja Matriz.....	123
Figura 62 – Formatura na Igreja Matriz.....	123
Figura 63 – Recordação Escolar.....	126
Figura 64 – Recordação Escolar.....	126

Figura 65 – Recordação Escolar (verso).....	126
Figura 66 – Roda de ciranda.....	128
Figura 67 – Recreio na Escola Marcílio Dias.....	128
Figura 68 – Recreio.....	128
Figura 69 – Recreio na Escola Governador Jorge Lacerda.....	129
Figura 70 – Refeitório da Escola Marcílio Dias.....	131
Figura 71 – Cabo de Guerra.....	133
Figura 72 – Jogos Escolares.....	133
Figura 73 – Jogo de futebol.....	134
Figura 74 – Jogo de futebol.....	134
Figura 75 – Dia da Raça.....	146
Figura 76 – Autoridades.....	150
Figura 77 – Alunos em desfile.....	150
Figura 78 – Alunas em desfile.....	150
Figura 79 – Desfile da Batalha do Riachuelo.....	151
Figura 80 – Desfile cívico em Torres/RS.....	153
Figura 81 – Desfile do 7 de Setembro.....	154
Figura 82 – CTG Mirim Farroupilha.....	155
Figura 83 – Porta Bandeira.....	156
Figura 84 – Desfile do 7 de Setembro Escola Justino Alberto Tietboehl.....	156
Figura 85 – Desfile do 7 de Setembro em Chaval/CE.....	158
Figura 86 – Dom Pedro II.....	158
Figura 87 – Curso de Marcenaria e Mecânica em Desfile de 7 de Setembro.....	159
Figura 88 – Desfile do 7 de Setembro.....	162
Figura 89 – Desfile do 7 de Setembro.....	162
Figura 90 – Desfile do 7 de Setembro.....	162
Figura 91 – Desfile do 7 de Setembro.....	162
Figura 92 – Caminhão com estudantes em desfile do 7 de Setembro em 1971.....	162
Figura 93 – Banda da Escola Justino Alberto Tietboehl.....	164
Figura 94 – Desfile do 7 de Setembro da Escola Justino Alberto Tietboehl.....	165
Figura 95 – Desfile do 7 de Setembro da Escola Marcílio Dias em 2011.....	167
Figura 96 – Desfile do 7 de Setembro da Escola Governador Jorge Lacerda em 2012.....	168
Figura 97 – Pais participando do Desfile do 7 de Setembro.....	169
Figura 98 – Pais participando do Desfile do 7 de Setembro.....	169

Figura 99 – Pais participando do Desfile de 7 do Setembro.....	169
--	-----

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual total de fotografias nas escolas de Torres/RS.....	76
Gráfico 2 – Percentual de fotografias sem identificação por escola analisada.....	80
Gráfico 3 – Imagens fotográficas por ano nas escolas de Torres/RS.....	80
Gráfico 4 – Fotografias escolares de acordo o ano após identificação.....	81
Gráfico 5 – Percentual de fotografias coloridas e P&B.....	82
Gráfico 6 – Fotografias com pose e instantâneos na déc. de 60.....	84
Gráfico 7 – Fotografias com pose e instantâneos na déc. de 70.....	85
Gráfico 8 – Registros fotográficos de desfiles cívicos em Torres/RS.....	144

QUADROS

Quadro 1 – Medida das fotografias no quadro geral.....	211
Quadro 2 – Categorias Temáticas das fotografias escolares.....	89
Quadro 3 – Temáticas visuais na Escola Marcílio Dias.....	212
Quadro 4 – Temáticas visuais na Escola Justino Alberto Tietboehl.....	213
Quadro 5 – Temáticas visuais na Escola Governador Jorge Lacerda.....	214

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 HISTÓRIAS ESCOLARES	23
2.1 O MUNICÍPIO DE TORRES/RS.....	24
2.2 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL.	29
2.3 ESCOLA MARCÍLIO DIAS	42
2.4 ESCOLA GOVERNADOR JORGE LACERDA	48
2.5 ESCOLA JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL	53
3 OS ACERVOS FOTOGRÁFICOS DAS ESCOLAS MARCÍLIO DIAS, GOVERNADOR JORGE LACERDA E JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL	60
3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE FOTOGRAFIA.....	60
3.2 O TRABALHO COM OS ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS ESCOLARES.....	71
3.3 OS ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS DAS ESCOLAS DE TORRES/RS.....	76
3.4 AS FOTOGRAFIAS ESCOLARES DE TORRES E SEUS ASPECTOS TÉCNICOS.....	79
3.5 O ESTÚDIO FOTOGRÁFICO DE ÍDIO K. FELTES.....	86
3.6 TEMÁTICAS VISUAIS NAS ESCOLAS DE TORRES/RS	88
3.6.1 Temática visual: arquitetura externa e interna.....	90
3.6.2 Temática visual: atividades sala de aula.....	100
3.6.3 Temática visual: passeios	106
3.6.4 Temática visual: apresentação de alunos em eventos.....	109
3.6.5 Temática visual: aulas práticas.....	113
3.6.6 Temática visual: eventos internos.....	115
3.6.7 Temática visual: festas.....	118
3.6.8 Temática visual: formaturas	120
3.6.9 Temática visual: recordação escolar.....	123
3.6.10 Temática visual: recreio.....	127
3.6.11 Temática visual: refeitório.....	130
3.6.12 Temática visual: jogos	131
4 DESFILES CÍVICOS NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES DE TORRES/RS	135
4.1 A CRIAÇÃO DOS RITOS CÍVICOS.....	135

4.2 A DITADURA MILITAR E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO.	139
4.3 OS DESFILES CÍVICOS NA CIDADE DE TORRES/RS	143
5 CONCLUSÃO.....	171
REFERÊNCIAS	178
ANEXOS	186
A – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TORRES/RS	187
B – ABRANGÊNCIA DO MUNICÍPIO DE TORRES/RS EM 1960.....	188
C – ATA DE FUNDAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR MARCÍLIO DIAS.....	189
D – ATA DE CONTRATAÇÃO DE PROFESSOR PARA O GRUPO ESCOLAR MARCÍLIO DIAS.....	190
E – DIRETORES DAS ESCOLAS.....	191
F – PORTARIA DE FUNCIONAMENTO DO ENSINO DE 1º GRAU	193
G – AUTORIZAÇÃO DO ENSINO DE 2º GRAU.....	194
H – AUTORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NA ESCOLA MARCÍLIO DIAS.....	195
I – ATA DAS COMEMORAÇÕES DO NOVO PRÉDIO EM 1961.....	196
J – TURMAS DE ALUNOS ENTRE OS ANOS DE 1959 A 1969.....	198
K – MERENDA ESCOLAR NA ESCOLA GOVERNADOR JORGE LACERDA.....	199
L – CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DA ESCOLA JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL.....	200
M – DECRETO DE DENOMINAÇÃO DA ESCOLA TÉCNICA INDUSTRIAL.....	201
N – DECRETO COM VALORES PARA CONSTRUÇÃO DE PRÉDIO.....	202
O – CURSOS OFERTADOS PELA ESCOLA TÉCNICA.....	203
P – CERTIDÃO DA CRIAÇÃO DO CAT.....	204
Q – CRIAÇÃO DO ENSINO DE 1º GRAU.....	205
R – MEDIDAS DAS FOTOGRAFIAS.....	211
S – TEMÁTICAS VISUAIS NA ESCOLA MARCÍLIO DIAS.....	212
T – TEMÁTICAS VISUAIS NA ESCOLA JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL.....	213
U – TEMÁTICAS VISUAIS NA ESCOLA GOVERNADOR JORGE LACERDA.....	214
V – RECORTE DE JORNAL DO CORREIO DO POVO.....	215
W – COMEMORAÇÃO DA BATALHA DO RIACHUELO.....	216

1 INTRODUÇÃO

Meu contato com fotografias ocorreu inicialmente durante a graduação, na Licenciatura em História. Nesse período, realizei atividades de pesquisa como bolsista voluntária e, depois, como bolsista Fapergs, no projeto “Religando Saberes: Ensinar e aprender educação ambiental na perspectiva da universidade”, desenvolvido pelo coordenador do programa de pós-graduação. Tinha o intuito de estabelecer novas fontes de pesquisa no Litoral norte do Rio Grande do Sul, e envolver os cursos de História, Biologia, Turismo e Psicologia. Neste projeto, ocorreu meu primeiro contato com possibilidades de pesquisa com fotografias.

Após, participei de um novo projeto “Fotos da Cidade: Cotidiano, Memória e Representações Sociais da cidade de Torres pelo do estudo da fotografia”, que trabalhava de forma mais direta com a pesquisa iconográfica. Neste, consolidou-se a criação de um Banco de Imagens virtual, em que fotografias do Litoral norte do RS foram digitalizadas, catalogadas e inseridas em um *site*, disponibilizando as imagens à comunidade acadêmica e à comunidade em geral.

Como bolsista, desenvolvi atividades na comunidade local, para adquirir as fotografias.¹ Realizei o trabalho de digitalizar e catalogar, assim como de administrar o *site* do Banco de Imagens. O projeto criou temáticas visuais para classificar e disponibilizou as fotografias no *site*. Foi desta forma que me deparei com a imensa quantidade de fotografias que pertenciam à categoria “educação”.

As instituições de ensino da região possuíam muitas fotografias e, dessa forma, pude acompanhar como essas imagens eram tratadas nas escolas. Essas questões instigaram a necessidade de uma pesquisa mais próxima a respeito das mesmas e do tema educação.

Ao terminar a graduação, continuei os estudos em uma especialização em Cultura, Identidade e História, realizada na mesma instituição, onde prossegui desenvolvendo atividades de pesquisa, como bolsista voluntária no projeto “Cultura Material e Memória: Representações Sócio-Culturais”, presentes no Banco de Imagens e Sons da Ulbra-Torres.

Essas pesquisas promoveram minha aproximação com as escolas onde estavam essas fotografias. Estas, ao mesmo tempo em que possuíam um grande número de fotografias, apresentavam uma ampla dificuldade de trabalhar com a história local e, ainda, com a sua própria história.

¹ As fotografias eram emprestadas para digitalização e depois devolvidas.

É nesse sentido que me proponho a investigar as fotografias escolares. O projeto inicial previa o estudo das fotografias e da história das escolas do Município de Torres/RS, durante o século XX. Mas, ao iniciar a pesquisa, percebi que o número de instituições de ensino durante esse período, somando-se ao número de fotografias que cada uma possui, tornaria o trabalho praticamente inviável, levando em consideração o curto prazo para sua realização. Tendo em vista que o Município de Torres/RS possui muitas instituições de ensino que preservaram em seus arquivos registros fotográficos, notei a necessidade de delimitar um recorte temporal e ainda o número de escolas que a pesquisa abrangeria.

Assim sendo, primeiramente optou-se por escolas que fossem públicas, pois as estruturas de instituições públicas e privadas são deveras distintas, seja no que diz respeito ao público que atendem, seja aos procedimentos de caráter pedagógico.

Ainda, procurou-se pelas instituições de ensino que permanecem atuantes até os dias de hoje, o que acarretou a escolha de escolas que se localizam na cidade, pois as escolas do período, no interior do município, não existem mais, e as que existem são muito recentes.

Depois, definido o recorte temporal, optou-se por trabalhar com os arquivos fotográficos entre os anos de 1960 a 1980. Este recorte deve-se em função das escolas que foram selecionadas, dentro das características acima elencadas e, também, procurou-se compreender um período que oportunizasse identificar mudanças, seja em âmbito político, seja no educacional em nosso País. A análise chega até os anos de 1980 e não se estende a um período posterior, uma vez que o número de fotografias aumentava consideravelmente. Por fim, somente três escolas enquadravam-se nos requisitos.

As escolas são: Instituto Estadual de Educação Marcílio Dias, Instituição Estadual de Ensino Fundamental Justino Alberto Tietboehl e Escola Estadual de Educação Básica Governador Jorge Lacerda. Destaca-se que as instituições escolares, quando referidas durante a escrita, serão denominadas como a Escola Marcílio Dias, a Escola Justino Alberto Tietboehl e a Escola Governador Jorge Lacerda.²

Para tanto, ressalta-se que a investigação abrange fotografias que estão no arquivo das escolas, seja guardada em álbuns, em caixas, ou em arquivo passivo. Nestes, além de fotografias, há mais registros das escolas; atas, diários de classes, entre outros.

Para o desenvolvimento da pesquisa, não foram consideradas, para fins de análise, as imagens fotográficas que professores, funcionários ou alunos adquiriram e preservaram em arquivo particular, uma vez que o número de fotografias seria imensamente maior do que o

² A adoção desses termos pretende ser um facilitador para o leitor.

que já se encontra em cada instituição escolar. Além do que, a pesquisa propôs desenvolver análise de fotografias públicas; o estudo de fotografias em arquivos privados decorreria da necessidade de outras metodologias e objetivos de análise.

O objetivo geral desta dissertação é identificar quais os usos e as funções que essas fotografias possuem para cada instituição de ensino e a forma como dialogam com esses registros, que, todavia, são preservados.

Como objetivos específicos propõe-se:

- analisar as mudanças históricas que ocorreram na educação e nas escolas, durante os anos de 1960 a 1980;
- compreender, através do uso das fotografias, a história e a memória das escolas da rede pública da cidade de Torres/RS;
- compreender como atuam as representações de poder que agem sobre as escolas através das imagens fotográficas.

No primeiro capítulo, delinea-se a história das escolas; para tanto, foi necessário pontuar aspectos da história do Município de Torres/RS, para conseguir identificar o meio em que as escolas atuam ou exercem suas funções. E, ainda, pautaram-se questões que concernem à educação no País e no Estado do Rio Grande do Sul, com uma breve revisão histórica, o que permitira compreender as profundas mudanças na educação nos anos em que a pesquisa ocorreu. A história de cada escola será narrada de forma distinta, pois cada instituição de ensino manteve arquivos e registros fotográficos a seu modo.

O segundo capítulo analisa as imagens que contemplaram o conjunto selecionado, que totalizou 446 fotografias.³ A partir deste, por meio da constituição de séries, que apontaram os aspectos técnicos destas fotografias, desenvolveram-se temáticas visuais. Dentre as temáticas visuais foram identificadas 14, que perfazem as fotografias de forma distinta em cada escola. Através dessas fotografias, foi possível perceber como as escolas atuavam e quais eram as opções ao realizarem os registros fotográficos.

A temática visual *Desfiles Cívicos* demonstrou ser a grande maioria dentre todas as temáticas identificadas. Resultante dessa análise, o terceiro capítulo propõe analisar os desfiles cívicos das escolas na cidade de Torres/RS. Para tanto, ponderam-se as contribuições da ditadura militar no processo de construção do cidadão por meio do ensino. A partir dessas questões, torna-se possível observar como estes eventos ocorriam e suas significações na sociedade torrense, visto que essa prática ocorre até os dias de hoje. Nesse sentido, buscou-se

³ As fotografias analisadas e suas respectivas identificações encontram-se disponíveis em um CD anexado no final do trabalho.

ainda identificar as diferenças e semelhanças entre as fotografias que datam de 1960 a 1980 e as imagens recentes produzidas pelas escolas, por meio de câmeras digitais.

Pesquisaram-se trabalhos que desenvolvessem pesquisas acerca da fotografia atrelada ao tema educação. O que revelou que a maioria das produções geralmente vincula os estudos de acervos fotográficos de escolas a uma temática específica. Nestas, estão a arquitetura escolar como os trabalhos de Frago⁴ e os ritos cívicos, com as pesquisas de Bencostta⁵ direcionadas ao ensino no Estado do Paraná. E, ainda, constatou-se que, em muitos trabalhos sobre a história de escolas, mantém-se a prática positivista, em que as imagens são utilizadas meramente como papel ilustrativo. De acordo com Miguel:

Proliferam, ainda, os estudos que utilizam a fotografia como ilustração para reforçar o conteúdo do texto e os estudos que partem da utilização das fotografias como objeto de trabalho, mas que não passam de relatos superficiais, pois se restringem a narrar e a descrever as fotografias.⁶

Neste sentido, é preciso considerar que as mudanças que ocorreram na historiografia, com os *Annales* e, posteriormente, com a história cultural, viabilizaram outras abordagens históricas, que permitiram ao historiador, por meio de uma expansão das fontes, abranger outros aspectos até então negligenciados, nos quais, a imagem estava inserida. Segundo Menezes,⁷ a visualidade tornou-se uma dimensão possível de ser explorada em qualquer segmento da história. Knauss⁸ destaca que os estudos da antropologia histórica e da história cultural impuseram a revisão definitiva da definição de documento e a revalorização das imagens como fontes de representações sociais e culturais.

Considerando que, em diferentes tempos e diversas culturas, o homem sempre buscou na imagem uma forma de representar o mundo, atualmente a fotografia é objeto para diversos pesquisadores, em virtude de uma grande ampliação dos temas que concernem à

⁴ FRAGO, Antonio Viñao. Templos de la patria, templos del saber. Los espacios de la escuela y la arquitectura escolar. In: BENITO, Agustín Escolano. *Historia ilustrada de la escuela en España. Dos siglos de perspectivas históricas*. Bajo la dirección de Agustín Escolano Benito. Madrid: Ed.: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2006.

⁵ BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Desfiles patrióticos: cultura cívica nos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: *Congresso Brasileiro de História da Educação – Educação Escolar em Perspectiva Histórica*, 3., 2004, Porto Alegre. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

⁶ MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. A fotografia como documento: uma instigação à leitura. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, p. 124, jan./dez. 1993.

⁷ MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; NOVAES, S. C. (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 33-56.

⁸ KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *Artcultura*, v. 8, n. 12, 2006. p. 97-115.

cultura visual. Vovelle⁹ acrescenta que “as fontes iconográficas não somente são abundantes, mesmo em seu inventário atual, como também oferecem perspectivas renovadas da reflexão”.

O fato de encontrar-se um conjunto tão expressivo de fotografias em ambas as instituições de ensino analisadas, denota a importância que estas fotografias adquiriram para as mesmas. Para tanto, Mirzoeff¹⁰ destaca que essas imagens não fazem apenas parte da vida cotidiana, pois foi a vida cotidiana que passou a ser mediada pela imagem, o que resulta em tantos registros.

Através dessa prática que remonta, a pelo menos 50 anos nas escolas analisadas, é possível compreender os aspectos que dizem respeito à educação no mesmo período. É assim que Fischman e Cruder¹¹ afirmam que “no campo da educação, as imagens se tornaram poderosos componentes da percepção, avaliação e popularização de ideias sobre educação”.

Para desenvolver a pesquisa, foi necessário um levantamento das produções e obras sobre o Município de Torres/RS e sua região; buscaram-se referências que tratassem da história e da memória e que trabalhassem sobre o tema educação.

Nesse ponto, as produções de Ruy Ruben Ruschel são muito conhecidas. Foi o historiador que mais produziu sobre Torres/RS; em suas pesquisas, o autor remete-se às origens do município,¹² com temas como a colonização alemã e italiana, e também aos fortes da costa litorânea.¹³

Outros autores, como José Krás Selau,¹⁴ procuraram descrever os primeiros anos de colonização alemã, e acompanhar como se deram as instalações e produções resultantes desse processo em um tempo distante. Somam-se a estas as produções sobre os Faróis de Torres de Roberto Venturella.¹⁵

A pesquisa de dissertação de mestrado de Carini Tassinari Graciano acompanhou o desenvolvimento urbano e turístico de Torres/RS, nas décadas de 70 a 90, e destacou que a cidade passou nesse período por grandes transformações econômicas e sociais, ao se considerar de fato uma cidade turística.

⁹ VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, São Paulo, 1991. p. 70.

¹⁰ MIRZOEFF, Nicholas. *An introduction to visual culture*. London; New York: Routledge, 2000.

¹¹ FISCHMAN, Gustavo E.; CRUDER, Gabriela. Educação & realidade. *Fotografias Escolares como Evento na Pesquisa em Educação*, Porto Alegre: UFRGS, v. 28, n. 2, 2003. p. 40.

¹² Ver: RUSCHEL, Ruy Ruben. *Raízes de Torres*. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel; QUADROS, Terezinha C. de Borba; BROCCA, Maria Roseli Brovedan (Org.). *São Domingos das Torres*. Porto Alegre: M. Livreiro, 1984.

¹³ RUSCHEL, Ruy Ruben. *Os fortes de Torres*. Porto Alegre: EST, 1999.

¹⁴ SELAU, José Krás. Imigração alemã em Torres – Por que? *Jornal Gazeta*, 1999.

¹⁵ VENTURELLA, Roberto. *A história do Farol de Torres*. Porto Alegre, RS: AGE, 2006.

Uma pesquisa que abordou o tema educação no Município de Torres/RS refere-se à tese de doutorado de Antonio Serafim Pereira,¹⁶ que realizou seus estudos enquanto atuava em uma das escolas que contempla a pesquisa, a Escola Marcílio Dias. Nesta, desenvolveu pesquisa referente às práticas pedagógicas da escola nos anos 90 (séc.XX).

Em meio às diversas produções encontradas, foi constatado que poucas referem-se aos anos mais recentes, ou seja, a maioria das obras remete-se às origens do Município de Torres/RS e da cidade, à sua colonização e às formações geológicas, em que o tema educação pouco foi referido.

Ainda, é importante pontuar alguns obstáculos para quem realiza pesquisa sobre a educação no Município de Torres/RS. A primeira refere-se à preservação e manutenção de documentos por meio da prefeitura, pois pouquíssimas informações foram mantidas. A fala dos administradores e responsáveis apontou para o descarte dessas informações. Esta realidade também ocorreu nas próprias escolas analisadas, e remete-se ao segundo obstáculo. As escolas encontram dificuldades referentes à manutenção e à preservação de seus diversos documentos, entre eles atas, cadernos de alunos, portarias, fotografias, etc., que atualmente são depositados em salas de arquivos passivos. Estes não são adequados para a manutenção dos materiais ali depositados e, portanto, muitas vezes as escolas optaram pelo descarte destes documentos.

Entretanto, esta realidade a respeito da manutenção dos arquivos escolares não perfaz somente as três instituições de ensino analisadas, pois é um problema apontado por muitos pesquisadores da área e que dificulta em demasia qualquer proposta que pretende trabalhar com dados históricos escolares.

Leite afirma:

De forma geral, pode-se dizer que a situação dos arquivos escolares é preocupante, principalmente, porque prevalece nas práticas escolares o conceito de arquivo limitado a um espaço de guarda de documentos de comprovação da vida escolar de alunos e do exercício profissional de professores e funcionários. Postura que condiz com a definição de arquivo morto [...].¹⁷

¹⁶ PEREIRA, Antonio Serafim. Análise de um processo de inovação educativa numa escola gaúcha: a interdisciplinaridade como princípio inovador. 2007. Tese (Doutorado), Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, 2007.

¹⁷ LEITE, Lilian Ianke. *Arquivo morto ou arquivo histórico-educacional: qual o lugar da memória da/na escola?* In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8. –CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS, 3., PUCPR, p. 1978-1989, 2008. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/114_55.pdf>. Acesso em 8 set. 2012.

Assim, para trabalhar com a história dessas escolas, foi imprescindível o auxílio de autores que pesquisam o tema educação no Brasil, como Veiga,¹⁸ que acompanhou a história da educação em nosso País. Igualmente, há relevantes autores que estudam o tema no Estado do Rio Grande do Sul; neste caso, destacam-se as pesquisas de Bastos¹⁹ na *Revista do Ensino*, que orientou muitos professores na atuação em escolas do estado. Também as pesquisas de Quadros²⁰ permitiram que se compreendesse as ações do governo de Leonel Brizola no RS, visto que, no Município de Torres/RS, escolas foram criadas no período da pesquisa.

Para os desfiles cívicos, buscaram-se as referências de Rocha²¹ e Piletti,²² que pontuam aspectos da educação durante o regime militar. Quanto aos registros fotográficos dos desfiles, as pesquisas de Bencostta²³ trazem reflexões importantes. Por fim, ao desenvolver a temática dos desfiles cívicos, foram pertinentes as proposições de Catroga,²⁴ que propõe que a origem desta prática está associada aos cortejos religiosos que foram, depois, incorporados pelos estados.²⁵ Ainda propõe que estes eventos contribuíram na criação de uma memória coletiva.²⁶

As reflexões sobre a memória e seus usos são advindas das concepções de Debray,²⁷ que propõe que a imagem e a memória são associações realizadas pelos homens desde a Idade Média, trazendo a relação do homem com o *imago*. E, assim, Schmitt,²⁸ ao compreender a relevância dessas considerações, destaca a necessidade de trabalhar com as imagens, pois são produtoras de memórias e de imaginação.

¹⁸ VEIGA, Cyntia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007.

¹⁹ BASTOS, Maria Helena Câmara. *A revista do ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista*. Pelotas: Seiva, 2005.

²⁰ QUADROS, Claudemir de. *As Brizoletas cobrindo o Rio Grande: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963)*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2002.

²¹ ROCHA, Aristeu Castilhos da. *O regime militar no livro didático de história do Ensino Médio: a construção de uma memória*. 2008. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2008.

²² PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. *História da educação*. São Paulo: Ática, 1990.

²³ BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Desfiles patrióticos: cultura cívica nos grupos escolares de Curitiba (1903-1971)*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO ESCOLAR EM PERSPECTIVA HISTÓRICA, 3., PUCPR, 2004. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

²⁴ CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Minerva, 1999.

²⁵ CATROGA, Fernando. *Entre deuses e césores: secularização, laicidade e religião civil*. Coimbra: Almedina, 2006.

²⁶ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

²⁷ DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

²⁸ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007.

A noção de representação é advinda de Chartier,²⁹ ao propor que toda imagem é uma representação, seja por meio das palavras, da pintura, seja dos emblemas, etc., que se apoia em Louis Marin.³⁰ Este propõe que a imagem tem o poder de representar uma ausência e, por isso, é preciso considerá-la como representação; assim, essas imagens são capazes de afirmar identidades, ao analisarem-se, principalmente nas fotografias escolares, imagens cívicas.

A pesquisa desenvolveu análise sobre questões técnicas das imagens. Para tanto, pautou-se nas orientações de Schmitt³¹ e de Mauad,³² que concebem a necessidade de trabalhar com séries fotográficas. Ulpiano,³³ ao trabalhar com a história da visualidade, contribuiu denotando a importância de refletir-se sobre as imagens, o que o autor denominou de iconosfera. E, ao desenvolverem-se as temáticas visuais, os trabalhos de Lima e Carvalho³⁴ foram importantes e pontuaram reflexões.

Por fim, buscou-se que esta pesquisa seja válida para as instituições de ensino analisadas, para que, por meio das fotografias que foram pesquisadas, as mesmas tenham mais possibilidades de investigar sua história e suas memórias.

²⁹ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

³⁰ MARIN, Louis. Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger et al. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 117-140.

³¹ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007.

³² MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar engajado: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, 2005.

³³ ULPIANO, Bezerra T. de Meneses. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C. NOVAES, S.S. (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2005.

³⁴ LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1997.

2 HISTÓRIAS ESCOLARES

Atualmente, a educação é mote para diversos pesquisadores, em virtude de uma grande ampliação dos temas que concernem ao meio educacional. As mudanças que ocorreram na historiografia com os *Annales* e, posteriormente, com a história cultural, viabilizaram outras abordagens históricas, que permitiram ao historiador por meio de uma expansão das fontes, abranger outros aspectos até então negligenciados.

Durante muito tempo, a história tradicional da educação privilegiou o estudo das instituições educativas, donde atribuições eram realizadas em função de sua história estritamente institucional e de seu prestígio e das atribuições na comunidade. Esses trabalhos, segundo Frago, possuem um padrão:

La estructura de estos trabajos sigue, por lo general, un patrón más o menos normalizado: génesis o creación y, siguiendo o no un orden cronológico de sucesivas etapas o épocas, las consabidas referencias a los aspectos materiales (edificio o edificios, equipamientos) y financieros, a los alumnos, profesores y directores, a su organización y funcionamiento y, como mucho, a las enseñanzas impartidas. Todo ello con amplias referencias a los aspectos más encomiables, los personajes (profesores y alumnos) de cierto renombre y al patrimonio artístico, histórico y bibliográfico (caso existir).³⁵

Essas escolhas denotam silêncios, aspectos que foram negligenciados, conflitos omitidos. A história da educação que se optou seguia até o momento, privilegiando os fatores advindos de uma prática positivista ou ideológica, em que alguns aspectos a respeito da instituição são considerados para análise, e outros são silenciados.³⁶ Além de que, seguindo essa linha, as imagens não possuíam espaço para os processos de construção do conhecimento histórico.

As novas pesquisas procuram abordar outros aspectos da história da educação, quando na análise dessas práticas. Frago³⁷ destaca a história sociocultural, em que ocorrem mudanças nos processos de análise, que se torna qualitativa; os sujeitos e os significados culturais passam a ser campo de estudo. Assim, a partir desse enfoque, os processos internos das instituições escolares são considerados válidos para a construção da história. com estudos da cultura material, que permite possibilidades de análise, com a utilização de variadas fontes e objetos.

³⁵ FRAGO, Antonio Viñao. La escuela y la escolaridad como objetos históricos. Facetas y problemas de la historia de la educación. In: *História da educação*, ASPHE/UFPEL, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 9-24, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 5 ago. 2012.

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

Nesse capítulo, pretende-se descrever a história das escolas que são foco de análise da pesquisa. Por meio de um olhar mais atento, que tem como suporte o auxílio das fotografias escolares, e também, documentos das instituições, além de depoimentos de ex-alunos, ex-professores, ex-funcionários e de informações fornecidas pelas escolas.

Para tanto, inicia-se com uma contextualização do município de Torres/RS, um pouco de sua história, onde as primeiras ações de educação ocorreram. São destacados aspectos em que é possível compreender as necessidades educacionais com as quais as escolas diariamente se deparavam.

Segue-se com uma análise da história da educação brasileira, tendo em vista que as imagens fotográficas, que resultam desse processo educativo, transmitem uma imagem que, na maioria das vezes, acompanha o discurso que é imbuído à educação, onde estão questões norteadoras e geradoras das práticas de ensino; assim, direciona-se o olhar para a educação do Rio Grande do Sul.

Essas questões sendo pontuadas, em seguida, transmitem a história das três instituições escolares delineadas de acordo com as informações adquiridas durante a pesquisa.

2.1 O MUNICÍPIO DE TORRES/RS

O vilarejo São Domingos Das Torres foi assim denominado devido as suas três torres junto ao mar,³⁸ tornou-se Município de Torres em de 1878. Hoje é um conhecido local do Litoral norte do Rio Grande do Sul. Famoso pelas suas belezas naturais, atrai turistas, durante o verão, provenientes de outras regiões do país e do Exterior. A cidade recebe um grande número de turistas, que elevam significativamente o número de habitantes da cidade.³⁹ Além de turistas, o município conta com atividades no comércio e na agricultura que movimentam a população durante todo o ano.

A vocação ao turismo iniciou cedo em Torres/RS, já no início do século XX. O personagem José Antonio Picoral, foi apontado por muitos, como o promovedor da região no roteiro turístico dos moradores do Rio Grande do Sul, com a criação do Balneário Picoral (Figura 1). Ruschel descreve que foi a

³⁸ As três torres que tornaram a cidade conhecida e famosa são: a Torre do Norte, conhecida como Morro do Farol; a Torre do Centro, conhecida como Morro das Furnas; a Torre do Sul, onde se localiza a Praia da Guarita, a praia mais famosa da cidade.

³⁹ Durante os meses de verão, à cidade de Torres recebe um grande número de turistas. Segundo informações da prefeitura nos três meses de temporada passam pela cidade cerca de 400.000 turistas. Mais informações disponível em: <<http://www.torres.rs.gov.br/perfil/populacao>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

maior iniciativa turística do Rio Grande do Sul de então. Tratava-se de estabelecimento integrado com o hotel, chalés, fornecimento de luz e água, restaurante, lavanderia, carpintaria, serraria, bar, diversões, transportes, propaganda, “marketing”, etc. Torres passou a ser famosa como a **RAINHA DAS PRAIAS GAÚCHAS**, lotando-se de veranistas a cada temporada.⁴⁰ (Grifo do autor).

Figura 1 – O quadrado do Hotel Picoral em Torres, 1930⁴¹



Fonte: Banco de Imagens e Sons da Ulbra/Torres.⁴²

Torres/RS foi colonizada inicialmente por açorianos provenientes de Laguna/SC e do Desterro, hoje designada Florianópolis/SC, os quais se fixaram na Vila desenvolvendo pequenas atividades de comércio, e os demais, atividades na agricultura.⁴³ Em 1826, recebeu cerca de oitenta e quatro famílias de imigrantes alemães, totalizando em torno de quatrocentas pessoas, que foram distribuídas no município, de acordo com sua profissão de fé: católicos e protestantes. Os primeiros registros de educação nessa região provêm desse período. Em 1828 há registros que Joaquim de Carvalho ministrava aulas em Torres/RS,⁴⁴ em seu domicílio para as crianças da Vila.

⁴⁰ RUSCHEL, Ruy Rubens. Determinantes Iniciais de Torres. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; QUADROS, Terezinha C. de Borba; BROCCA, Maria Roseli Brovedan (Org.). *Razes de Torres*. Porto Alegre: EST, 1996. p. 53-69.

⁴¹ A denominação quadrado refere-se ao quadrado formado pelo hotel.

⁴² Disponível em: <<http://imagensesons.ulbratorres.com.br/>>. Acesso em: 13 set. 2012.

⁴³ Sobre a imigração alemã, ver: SELAU, José Krás. *Imigração alemã em Torres – Por que?*. Torres: Jornal Gazeta, 1999.

⁴⁴ SCHENEIDER, Regina Portella. *A instrução pública no Rio Grande do Sul 1770 a 1889*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/EST, 1993.

Os protestantes que foram alocados no Vale Três Forquilhas, segundo Scheneider,⁴⁵ possuíam duas aulas, uma de caráter público e outra, particular, que era frequentada por vinte e quatro alunos. Já os católicos que foram para o Vale Mampituba também possuíam uma escola que era frequentada por cinquenta crianças.⁴⁶

No início do século XX, no ano de 1903, João Pacheco de Freitas, que era a autoridade municipal, descreve a distribuição de aulas estatais em Torres. Aqui transcreve-se o documento:

ESCOLAS – Há creadas e providas dez aulas estaduais, sendo sete do sexo masculino e três do feminino; destas, seis estão localizadas no primeiro districto (inclusive a vila que tem duas, duas no segundo e duas no terceiro; assim, discriminadas: 1º districto (vila) 1ª aula do sexo masculino, regida pelo professor effectivo Theodoro Pacheco de Freitas; 2 do sexo feminino, regida pela professora D. Honorina Dutra de Carvalho. (Fachinal) 10 A do sexo feminino, está nomeada a professora effectiva D. Maria L. Capellari. (Colônia D. Pedro de Alcântara) 3 do sexo masculino, regida pelo professor effectivo Capitão Manuel José Maria dos Santos. (Rio Cardoso) 4 do sexo masculino regida pelo professor interino Manoel Ferreira Porto. (Colônia Julio de Castilhos) 5 do sexo masculino.⁴⁷

A cidade, naquele período, todavia, não possuía feições de uma cidade desenvolvida. Em verdade, a Vila, assim denominada na época, possuía somente duas ruas: a Rua de Cima (José A. Picoral) e a Rua de Baixo (Júlio de Castilhos). Nestas, havia poucas moradias, mas contavam com uma agência de correios, uma estação telegráfica, um hotel, três lojas de “fazenda”, ferragens e a igreja.

Na casa paroquial da Igreja Católica, foram realizadas as primeiras atividades educacionais na Vila. Na imagem a seguir (Figura 2), é possível visualizar-se onde se localizava a casa do padre, o sobrado à direita (telhado mais alto), estabelecimento em que a população local era alfabetizada. A educação pública de então dificilmente contava com prédios específicos, o que ocorria era que o estado geralmente alugava locais para que fossem ministradas as aulas. No caso da educação particular, as aulas ocorriam na casa dos próprios professores, como era o caso do professor Shilling, que morava no “potreiro”, uma parte baixa da cidade onde está a Lagoa do Violão. Ainda no início do século passado, o professor Steigleder ensinava seus alunos em sua própria residência, que localizava-se na Rua de Baixo. Na figura 3, é possível perceber que já existiam muitas casas ao longo da rua, e que a mesma

⁴⁵ SCHENEIDER, Regina Portella. *A instrução pública no Rio Grande do Sul 1770 a 1889*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/EST, 1993.

⁴⁶ MULHALL, Michael. O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs. In: WITT, Marcos A. (Org.). *Fontes litorâneas: escritos sobre o Litoral Norte do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos: Ed. da Unisinos, 2012. p. 96.

⁴⁷ Fonte: Casa de Cultura do Município de Torres/RS.

não possuía nenhuma infraestrutura. As principais ruas daquele período mantinham-se sem calçamento, apresentando irregularidades no trajeto, devidas, em parte, ao terreno inclinado em que a população inicialmente se localizou.

Figura 2 – Rua de Baixo (Júlio de Castilhos) – Ano de 1922



Autor: Desconhecido.

Fonte: Acervo Fotográfico Municipal de Cultura de Torres.

Atualmente, a população do município conta com 34.656 mil habitantes;⁴⁸ possui uma ampla rede escolar, que conta com nove escolas de Ensino Fundamental e três de Ensino Pré-Primário na rede municipal. A rede estadual possui oito escolas que oferecem Ensino Fundamental e Médio, e duas escolas de Ensino Fundamental e Médio de caráter privado,⁴⁹ além de uma escola de educação especial (Apae). No entanto, nas décadas de 60 a 80, esse número é mais reduzido, o município contou, até a década de 50, com duas escolas na cidade: o Grupo Escolar Marcílio Dias (pública) e a Escola São Domingos (privada). No restante do município iniciativas particulares ofereciam educação para as demais crianças.

Ademais, ressalta-se que, dadas as características do município, a população atendida era distinta. O município contava com uma extensão territorial muito maior. Os seus limites atuais são: à leste o Oceano Atlântico, ao oeste os Municípios de Mampituba, Morrinhos do Sul e Dom Pedro de Alcântara, ao norte o Município de Passo de Torres/SC e ao sul o Município de Arroio do Sal (Anexo A). Essas dimensões geográficas são muito diferentes daquelas do período estudado. De acordo com o Código de Posturas do Município de Tôrres sancionado pela Lei 51, de 4 de março de 1949, os limites do Município de Torres eram os seguintes:

⁴⁸ Dados da população do Município de Torres/RS, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2010.

⁴⁹ Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Torres/RS; maiores informações disponível em: <<http://www.torres.rs.gov.br/secretarias/educacao>>. Acesso em: 11 set. 2012.

À LESTE, o Oceano Atlântico; ao OESTE, o município de São Francisco de Paula, pela Serra do Mar, pertencendo o “Morro do Josafá” a este município; ao NORTE, o Estado de Santa Catarina pelo município de Araranguá, pelos rios Mampituba e Sertão; ao SUL, com o município de Osório, pelo rio Três Forquilhas, ficando a Ilhota formada pelo mesmo rio, conhecido outrora por rio do Pinto e braço do mesmo com as denominações de Lageado e Depósito, cujo braço, desaguando no Arroio da Laranjeira, forma outra margem da referida Ilhota pertencendo a este município, e da foz do rio Três Forquilhas na Lagoa Itapeva, e desta em direção ao Mar em linha reta, a partir da Barra dos Quirinos.⁵⁰

Esses dados constataam que Torres possuía um território muito extenso; daí as diferenças estenderem-se à população (Anexo B). O município, em 1960, tinha 35.389 mil habitantes.⁵¹ Destes, a grande maioria residia em zona rural, 27.852 mil; a zona urbana era ocupada por apenas 7.537 mil habitantes. Na década seguinte, em 1970, os números não sofrem muitas alterações; a população total aumenta para 41.231 mil,⁵² e a cidade passa a ter cerca de 9.000 mil habitantes.

A zona urbana do Município de Torres/RS teve crescimento a partir do fim da década de 70 e início dos anos 80; isso ocorreu em decorrência do desenvolvimento da construção civil e de novas possibilidades advindas do turismo, promovido em grande parte pelos turistas do estado e dos advindos do Uruguai e da Argentina. Graciano aponta que

em 1980, Torres possuía 18.430 habitantes no perímetro urbano, contra 23.209 habitantes na zona rural. Comparados com os anos 70 aonde só residiam no perímetro urbano cerca de 9 mil habitantes, pode-se afirmar que a cidade em si cresceu cerca de 100%. O êxodo rural observado nos anos 80 está relacionado às transformações no setor primário, onde foi aberto cada vez mais espaço para o território, intimamente ligado à indústria do turismo e da construção civil.⁵³

Assim, durante o período abrangido pela pesquisa, o município tinha a maioria de seus habitantes na zona rural. Nesse meio, o ensino disponível compreendia o Primário, que correspondia a quatro anos de ensino. Para quem desejasse continuar seus estudos, deveria ir à cidade de Torres/RS para dar prosseguimento, por meio do Ginásio, que era ofertado por uma escola pública, o Grupo Escolar Marcílio Dias e pela Escola São Domingos, que era privada. Assim, as escolas localizadas na cidade atendiam alunos vindos de todo o município, além do ensino de grau primário disponibilizado aos que na cidade residiam.

⁵⁰ Código de Posturas do Município de Tôrres sancionado pela Lei 51, de 4 de março de 1949. Livro I. p. 3.

⁵¹ Dados do IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil, Situação Demográfica, Resultados Preliminares do Recenseamento Geral de 1º-IX-1960.*

⁵² Dados do IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil – 1971.*

⁵³ GRACIANO, Carini Tassinari. *A Torres de concreto: da expansão turístico-urbana dos anos 70 à crise dos anos 90, um estudo sobre o processo de urbanização em Torres/RS.* 2004. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2004.p. 32-33.

Para tanto, compreender alguns aspectos que dizem respeito à educação no Brasil é demasiado importante, pois permite compreender, ainda, a educação no Estado do Rio Grande do Sul. Possibilita o estudo da educação no Município de Torres e em suas escolas. Bencostta lembra que

apesar de as fotografias escolares serem uma fonte histórica carregada de sentido, a compreensão de sua representação somente será possível caso as informações resultantes da sua análise estiverem relacionadas ao contexto histórico no qual foram produzidas.⁵⁴

2.2 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

No Brasil, a educação sempre foi tema de diversos debates e opiniões; *a priori*, teve um modelo de teorias pedagógicas advindas de outros países; isso fez com que, muitas vezes, esses modelos não resultassem em uma real qualidade educacional, pois não atingiam os objetivos propostos e não sanavam as necessidades locais.

Romanelli⁵⁵ descreve, como *cultura transplantada*, o fato de as instituições escolares perpetuaram, durante décadas, modelos importados. Permanecendo neste processo não realizam seus papéis educacionais de fato. A educação,

[...] na medida em que se transforma, pelo desafio que aceita e que lhe vem do meio para ao qual volta a sua ação, o homem se educa. E, na medida em que comunica os resultados de sua experiência, ele ajuda os outros homens a se educarem, tornando-se solidários com eles.⁵⁶

Ao tratar sobre educação brasileira, Romanelli⁵⁷ aponta que a mesma sempre esteve voltada para o desenvolvimento. Um desenvolvimento que, no contexto do País, adquire distintas faces, e a educação também as adquire. Assim, é necessário que se analise o próprio contexto em que a mesma está inserida.

Em seu princípio, a educação brasileira esteve voltada à formação de uma elite com vinculações a uma política colonizadora. Era realizada pelos jesuítas, cuja formação era “marcada por uma intensa ‘rigidez’ na maneira de pensar e, conseqüentemente, de interpretar

⁵⁴ BENCOSTTA, Marcus Levy. Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. *História* (São Paulo). v.30, n.1, jun, 2011. p. 397-411. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a19.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2013.

⁵⁵ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

⁵⁶ *Ibid*, p. 23.

⁵⁷ *Idem*.

a realidade”.⁵⁸ Os colégios tornaram-se referência de sociabilidade, transmitindo características que marcaram o ensino em nosso país (Figura 3).

Figura 3 – Colégio Jesuíta na Bahia



Fonte: RIBEYROLLES, Charles (1941).⁵⁹

Segundo Lins:

A nova orientação da Companhia de Jesus permitiu a criação de um sistema educacional assentado em suntuosos prédios que sobrevivem até os dias atuais, além da sólida orientação intelectual, e que não se voltou para a educação elementar das camadas pobres (escravos, indígenas e reinóis).⁶⁰

A educação no Brasil, desde o princípio, foi um instrumento que reforçou as desigualdades sociais. Nesse sentido, vale lembrar que, apesar da fundação de colégios desde o ano de 1549, como o Colégio da Bahia, devido ao pacto colonial, a colônia não podia oferecer Ensino Superior para carreiras liberais; o mesmo deveria ser realizado em Coimbra àqueles que podiam, por meio de seu *status* social e de suas posses, terminando seus estudos na metrópole. Aos que no País ficavam, o ensino ministrado era uma instrução elementar.

Depois da Independência, conforme a Constituição de 1824, no seu art. 179, item 32,⁶¹ houve a institucionalização da escola pública, de caráter gratuito e obrigatório, que foi utilizada pelo novo governo, como meio de sua afirmação, ou seja, “era um ato político com o

⁵⁸ RIBEIRO, Luisa Santos. *História da educação brasileira: a educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

⁵⁹ RIBEYROLLES, Charles. *Brasil pitoresco: história, descrições, viagens, colonização e instituições*. São Paulo: Martins, 1941.

⁶⁰ LINS, Ana Maria Moura. *O método lancaster: educação elementar ou adestramento? Uma proposta pedagógica para Portugal e Brasil no século XIX*. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 76.

⁶¹ Ver: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/.../constituicao24.htm>. Acesso em: 11 set. 2012.

objetivo de organizar e dar coesão à nova sociedade nacional”.⁶² Desta forma, imputava-se a esse governo a missão de civilizar o povo, pois a parcela da população que, na verdade, frequentava esses estabelecimentos de ensino era aquela que não podia pagar sua formação. Até a Proclamação da República, poucas mudanças ocorreram em relação à esfera educacional no Brasil.

Com a República, o ensino que fora instituído de acordo com as reformas educacionais de Benjamim Constant em 1890,⁶³ era gratuito, com instrução laica. Todavia, não era obrigatório. Essa reforma é importante, pois é o primeiro decreto da República que objetivou a regulamentação do Ensino Primário e Secundário, apesar de sua não obrigatoriedade.

O Ensino Primário foi organizado em dois graus. O ensino, de Primeiro Grau correspondia a três cursos distribuídos de acordo com a idade dos alunos: o curso elementar (6 a 9 anos), o médio (9 a 11 anos) e o superior (11 e 13 anos).

Para atingir o segundo grau que incluía três classes e destinava-se aos alunos entre idades de 13 a 15 anos, era necessário ter concluído o primeiro grau do Ensino Primário. Destaca-se que as classes eram diferentes para meninos e meninas.

Em 1890, regulamenta-se o Ensino Normal cujo objetivo era a formação de professores para o Ensino Primário. O curso tinha a duração de cinco anos, para frequentá-lo era necessário ter cursado a escola primária de primeiro grau e ter no mínimo 15 anos.

Ainda, destaca-se naquele momento a criação de um Ensino Secundário, cuja aprovação era por meio de exames realizados, que conferiam o grau de bacharel ao aluno. Sendo bacharel em Ciências e Letras, possibilitava-lhe o acesso a qualquer curso superior no País.

Com as mudanças educacionais provenientes do período republicano, constitui-se uma educação que possui continuidades por meio de seus modos de ensino, além dos ensinos primário, normal e secundário, ocorreram empreendimentos por uma educação com caráter profissionalizante.

Foi por meio desse ensino técnico-profissionalizante que o instituto Parobé, no Estado do Rio Grande do Sul, foi criado em 1º/07/1906,⁶⁴ adquirindo renomada importância na região, destinado a meninos que tivessem idade entre 10 e 13 anos. Atualmente, o instituto

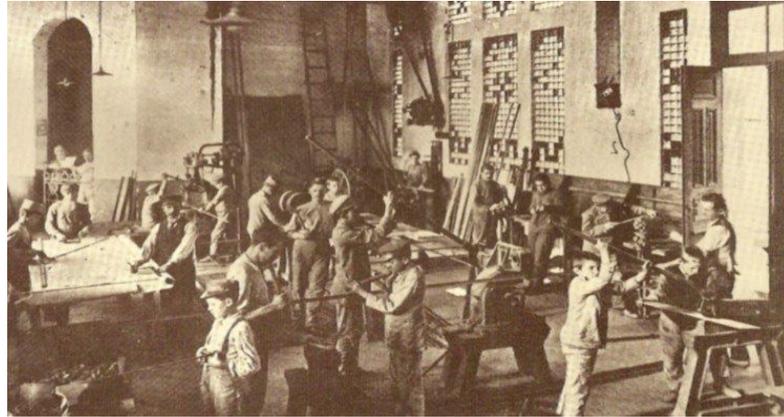
⁶² VEIGA, Cyntia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007. p. 131.

⁶³ Sobre as reformas educacionais de Benjamim Constant em 1890 ver: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/4_1a_Republica/decreto%20981-1890%20reforma%20benjamin%20constant.htm>. Acesso em: 11 set. 2012.

⁶⁴ Sobre informações ver: <<http://www.cteparobe.com.br/institucional.php>>. Acesso em: 16 set. 2012.

denomina-se Escola Estadual Técnica Parobé (Figura 4) e é um importante centro de Ensino Técnico de Porto Alegre/RS.

Figura 4 – Alunos nas oficinas da Escola Parobé em Porto Alegre/RS



Fonte: Núcleo de pesquisa em História da UFRGS. ⁶⁵

Como justificativa ao desenvolvimento do País, muitas escolas foram criadas nas cidades das capitais dos estados, por meio do Decreto de 23/11/1909, na presidência de Nilo Peçanha considerava que havia a “necessidade de formação de hábitos para o trabalho e de preparar cidadãos úteis para a nação”.⁶⁶ A oferta desse tipo de educação no restante do país adquire grande expressão. Conforme destaca Veiga, “no final dos anos 20 e início dos anos 30 o ensino profissionalizante esteve presente na maioria das legislações estaduais com oferta de cursos públicos ou particulares para o comércio e a indústria e escolas profissionais secundárias”.⁶⁷

Com essa diversidade de níveis educacionais, cria-se em 1892 o Código das Instituições de Ensino Superior, que regulamentava a criação de escolas superiores, como a de 1909, a Universidade de Manaus, a primeira em nosso País com essa denominação.

Esse relato torna-se importante, pois *a priori*, demonstra que o Brasil obtivera inúmeras mudanças em seu desenvolvimento e melhorias em seus setores educacionais. Todavia, Veiga⁶⁸ destaca que, no início do século XIX, apenas 0,5% da população brasileira era alfabetizada, e os índices apontados em 1920 caminham na mesma direção, pois cerca de 75% da população mantinha-se analfabeta.

⁶⁵ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/nph/industria-e-trabalho-no-rio-grande-do-sul/exposicao-trabalho-industrial-tecnologia-rs>>. Acesso em: 14 set. 2012.

⁶⁶ VEIGA, Cyntia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007. p. 251.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 252.

⁶⁸ VEIGA, Cyntia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007.

De acordo com Carvalho,⁶⁹ nosso País possui, em 1920, um baixo nível em comparação aos países vizinhos; enquanto o Brasil tinha um índice de 31% de alfabetizados, a Argentina possuía 62%, a França 89%, os Estados Unidos 94% e Portugal obtinha 53%. O autor aponta para as seguintes taxas em alguns estados do Brasil: Alagoas 14,8%; Bahia 18,4%; Distrito Federal 61,3%; Minas Gerais 20,7%; Pernambuco 17,8%; Piauí 12,0%; Rio de Janeiro 24,7%; Rio Grande do Sul 38,8%; São Paulo 29,8%; Santa Catarina 29,5%. Os índices demonstravam que o Estado do Rio Grande do Sul apresentava, apesar de reduzido, um alto percentual em níveis de alfabetização de sua população, em relação aos outros estados do Brasil. Lembra que o estado foi destaque em educação no País durante um longo período no século XX.

Tendo em vista o percentual sobre os níveis de alfabetização no Rio Grande do Sul, realizaram-se alguns apontamentos sobre a educação deste estado. Apesar da atual situação educacional em que o RS se encontra, ou seja, problemas de infraestrutura e pessoal, essa realidade não foi sempre assim. Durante muito tempo, o mesmo destacou-se no ensino que era ofertado à população.

Uma das primeiras ações efetivas inicia por volta da década de 30, quando foi criada, em 1935, a Secretaria de Educação e Saúde Pública no Estado do Rio Grande do Sul (Sesp), por meio do Decreto 5.969.

Até então, as ações educacionais no estado estavam ligadas à Secretaria do Exterior e do Interior. A partir da nova secretaria, as ações mais eficazes foram realizadas para uma melhora na educação no Rio Grande do Sul. Segundo Quadros,⁷⁰ em 1937, com a posse de José Pereira Coelho de Souza na Sesp, aprofundaram-se as mudanças na forma de organização e estrutura da secretaria, com

a transformação do cargo de diretor da Secção Administrativa em cargo de confiança; a criação do cargo de diretor da Secção Técnica; a criação das delegacias regionais de ensino e dos cargos de delegados e orientadores de educação elementar; a criação dos cargos de auxiliares de Delegacia; a designação de 16 professores, em cargos comissionados, para atuação no gabinete da Diretoria Geral de Instrução Pública, nas secções administrativa, técnica e no serviço de nacionalização.⁷¹

Destaca-se ainda que, por meio do Decreto 7.615, de 13 de dezembro de 1938, houve uma reformulação na carreira do magistério, com a instituição de concurso público, além de

⁶⁹ CARVALHO, José Murilo. Os três povos da República. *Revista USP*, Dossiê Brasil República, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 59, p. 96-115, set./nov. 2003.

⁷⁰ QUADROS, Claudemir de. *Boletins do CPOE/RS (1947-1966)*: produção, circulação e leitura. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/295ClaudemirQuadros.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

⁷¹ *Ibid.*, p. 3301.

diversas garantias aos professores, além de regulamentação do plano de carreira. Ainda, é preciso salientar que, durante esse período, questões que concernem à orientação pedagógica dos professores entram em pauta pelos anos de 38 e 39, resultando em diversas ações, entre as quais se destacam:

- a) a elaboração de planos de trabalho escolar e organização de campanhas que buscavam a “formação de atitudes e hábitos desejáveis” (idem, p. 7), como: Semana da Pátria, Proclamação da República, Semana da Asa, Cruzada Anti-Alcoólica e outras;
- b) a elaboração de comunicados e circulares de orientação;
- c) a organização de cursos de aperfeiçoamento pedagógico, de administração escolar, de especialização em desenho e artes aplicadas e em música, educação rural, preparação para professores de núcleos indígenas, de educação física e de reajustamento pedagógico;
- d) a realização de reuniões com professores dos grupos escolares, com os aplicadores dos testes ABC, com os professores orientadores de ensino, com delegados regionais de ensino e diretores das regiões escolares;
- e) o estudo de obras didáticas (42) e de literatura infantil (9);
- f) o exame de livros adotados nas escolas estrangeiras;
- g) a elaboração de programas mínimos para as escolas primárias.⁷²

Estas ações promoveram não somente mudanças de cunho administrativo e das estruturas físicas das escolas, mas procuram dar uma direção pedagógica à educação no estado.

Essa direção correlacionou-se com propostas de mudanças educacionais no Brasil, como o movimento da Escola Nova, que adquiriu força e representatividade a partir da década de 30 (séc. XX). Os escalanovistas creditavam maior independência aos alunos, por meio de suas capacidades e aptidões. O manifesto de 32 é um exemplo de como essa corrente pedagógica influenciara o País. Por ela creditavam ao estado uma grande responsabilidade. Ribeiro salienta: “É assim que a ideia defendida pelos educadores escolanovistas, quanto à responsabilidade pública em educação, e que os levava a ver ‘com bons olhos’ o fato de os poderes públicos assumirem mais efetivamente a responsabilidade educacional.”⁷³

A década de 40 traz, em âmbito estadual e nacional, o reflexo da negligência do estado com a educação, pois, apesar das Constituições Federais de 1934, 1937 e 1946 preverem a obrigatoriedade do ensino, o estado não ofereceu número suficiente de escolas para a demanda que se apresentava e tampouco as condições materiais necessárias. Somando-se a isso, a falta de professores, de auxílio às famílias carentes, que muitas vezes,

⁷² QUADROS, Claudemir de. Boletins do CPOE/RS (1947-1966): produção, circulação e leitura. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/295ClaudemirQuadros.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2013. p. 3302.

⁷³ RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. p. 111.

necessitavam do trabalho das crianças para contribuir na fonte de renda da família, a burocracia excessiva, a falta de professores, a evasão e reprovação escolar são alguns dos pontos indicativos do mau gerenciamento da escola pública no país.

Em decorrência dessa realidade, discussões no setor educacional adquirem grande espaço nesse período. Dentre elas o projeto elaborado por uma comissão constituída pelo Ministro da Educação Clemente Mariani, no ano de 1948, que foi protelado e culminou treze anos depois, na criação da primeira Lei de Diretrizes e Bases 4.024, em dezembro de 1961. Grande parte dos educadores ansiava por uma lei que regularizasse a educação partindo do nível federal, e que se ampliasse o direito à escola pública, desenvolvendo e expandindo esse setor.

Nessa lei, conforme Cunha,⁷⁴ a “grande confrontação, na discussão da LDB, estabeleceu-se entre os privatistas do ensino e os educadores que defendiam a escola pública, gratuita e laica”. Mas é preciso fazer uma ressalva, pois os educadores que defendiam ensino público e gratuito, não discordavam do ensino privado. Queriam que “as verbas públicas servissem somente à rede pública e que as escolas particulares se submetessem à fiscalização oficial”.⁷⁵ As discussões que giravam em torno da LDB tratavam de discutir “o destino da própria escola pública”.⁷⁶

O resultado adquirido com a primeira LDB não foi o que realmente desejavam muitos educadores brasileiros; mas mesmo assim, houve passos importantes para o desenvolvimento da educação no Brasil.

As escolas pesquisadas no período de 1960 a 1980 sofrem mudanças em suas estruturas, de acordo com as leis educacionais que eram vigentes naquele período. Inicialmente, com a instauração da LDB de 1961, e, dez anos mais tarde, com a LDB de 1971. Isso representou uma mudança radical no formato de ensino, conforme se acompanhará. Salienta-se que, ao se tratar de leis que geraram educação no País, direcionam-se reflexões para o Ensino Primário e Médio, que são os ensinamentos ofertados pelas escolas da pesquisa.

A organização do ensino, que se afirma com a LDB de 1961, mantém-se quase inalterada, segundo a legislação da Constituição Federal de 1946. Poucas mudanças puderam ser constatadas, entre elas a flexibilização dos currículos de acordo com as regiões do país, o que acarretou a “quebra da rigidez e certo grau de descentralização”.⁷⁷

⁷⁴ CUNHA, Luiz Antônio; GOÉS, Moacyr de. *O golpe na educação*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991. p.13.

⁷⁵ GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 93.

⁷⁶ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 182.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 188.

A LDB estruturou o ensino da seguinte maneira: a educação de grau primário compreendia o ensino pré-primário (e não aponta quem é o responsável pelo custeamento e pela aplicação) e o ensino primário, obrigatório a partir dos 7 anos, e era ministrado, com no mínimo, quatro séries.

O caráter de obrigatoriedade está conforme o art. 27 da Lei 4.024; o art. 30 da mesma lei proibia o exercício de função pública aos pais de famílias que não tivessem seus filhos maiores de 7 anos e menores de 14 anos matriculados em estabelecimentos de ensino. Entretanto, no artigo há um parágrafo que previa exceções, ou seja, a lei deveria ser cumprida exceto quando fosse comprovado estado de pobreza da família e, ainda, quando houvesse insuficiência de escolas. Ou seja, mesmo procurando atender as demandas sociais, a primeira Lei de Diretrizes e Bases não se comprometeu de fato a cumpri-las.

A organização da educação de grau médio ficou estruturada da seguinte maneira: o Ensino Médio se subdividiu em ginasial (com duração de quatro séries anuais) e colegial (com duração de três séries no mínimo); em ensino secundário e técnico. Este último abrangia os cursos industrial, agrícola e comercial. Além desses ensinamentos, havia cursos também para a formação do magistério para o Ensino Primário e Médio. E o Ensino Superior continuou com a estrutura conhecida.

É patente o compromisso da LDB de 1961 com o discurso desenvolvimentista que o País vinha percorrendo a um longo período. Nesse sentido, Quadros afirma que

a perspectiva geral era a de que educação e desenvolvimento são interdependentes e de que era preciso ampliar o sistema educacional do País e colocá-lo a serviço do desenvolvimento, especialmente no que se referia à formação de recursos humanos com conhecimentos técnicos e habilidades para o trabalho.⁷⁸

A política de governo de Jânio Quadros criou escolas técnicas e profissionais em grande número, que apontavam para o combate ao analfabetismo, mas a realidade era distinta, e tais objetivos não foram alcançados. De acordo com Guiraldelli,⁷⁹ em 1963, por exemplo, na presidência de João Goulart, metade da população mantinha-se analfabeta; no curso primário somente 7% conseguiam concluí-lo e 1% chegava à faculdade.

Em meio a essa realidade, o Estado do Rio Grande do Sul promove ações no setor educacional, impulsionadas pelo governador Leonel Brizola, que governa de 31 de janeiro de 1961 até 31 de janeiro de 1963.

⁷⁸ QUADROS, Claudemir de. *As Brizoletas cobrindo o Rio Grande: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963)*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2002. p. 32.

⁷⁹ GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2006.

Algumas informações sobre sua atuação são encontradas na *Revista do Ensino*,⁸⁰ que acompanhou as ações desenvolvidas por Brizola, que tinha o lema: “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul”, e aplicou o Plano de Educação que previa duas mil escolas em 2 anos.

A *Revista do Ensino* foi uma publicação que obteve grande alcance no setor educacional, desenvolvida pela Secretaria de Educação Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Publicou sua primeira edição em 1939 até 1942, voltando novamente a editar números em 1951. Tornou-se publicação oficial do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional (CPOE) em 1956. A revista voltava-se aos professores e educadores da rede de ensino do estado, e tinha o objetivo de auxiliar na orientação dos professores do Ensino Primário do RS; nela segundo Bastos,⁸¹ eram divulgadas diretrizes técnico-pedagógicas, material didático e, ainda, apresentadas as legislações vigentes do respectivo ensino.

Em entrevista concedida à *Revista do Ensino* em 1962, o então governador do estado relata as ações e os resultados adquiridos.⁸² Segundo Leonel Brizola, ao ser questionado sobre as necessidades que motivaram a criação dos planos educacionais, descreve que o estado estava decaindo nos índices de alfabetizados, e, caso nada fosse feito, os números seriam catastróficos na década de 70.

Após a constatação dessa realidade, foi constituída uma comissão para mapear o Ensino Primário no estado, o qual permitia ao governo do estado a criação do Plano de Emergência de Expansão do Ensino Primário, que objetivava erradicar o analfabetismo. Focando-se nos ensinos primário e técnico, os resultados alteraram, conforme Brizola a realidade, com a construção de 4.500 novas escolas, que geraram 420.000 novas matrículas, a contratação de 20.000 novos professores e ainda foram ofertadas 33.000 novas bolsas de estudo. Declarou, por fim, que o programa desenvolvido em seu governo representou o maior esforço em toda a América Latina, em matéria de educação.

As escolas construídas, resultantes do governo de Brizola, ficaram conhecidas como as *Brizoletas*. Foram construídas em todo o estado, principalmente no interior, nas zonas rurais, que concentravam um número alto de habitantes, e que, conseqüentemente, apresentava os maiores índices de analfabetismo.

⁸⁰ Sobre a *Revista do Ensino*, ver: BASTOS, Maria Helena Câmara. *A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista*. Pelotas: Seiva, 2005.

⁸¹ BASTOS, Maria Helena Câmara. *A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista*. Pelotas: Seiva, 2005.

⁸² SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, v.12, n. 87, set. 1962.

A arquitetura das Brizoletas era simples, não possuíam fachadas imponentes; muitas nem foram construídas de alvenaria, devido ao curto tempo para a concretização do Plano de Emergência de Expansão do Ensino Primário. Muitas foram feitas de madeira, conforme a fotografia abaixo (Figura 5) onde alunos do Ensino Primário posam em frente à escola, na comunidade de Vila Lotthammer, interior do Município de Torres/RS. O prédio escolar tinha duas salas de aula e um pequeno cômodo, que possuía a função de dispensa, e, ainda, segundo relatos de alunos que estão na imagem, o cômodo era utilizado como sala do castigo. Essa escola, assim como as outras construídas durante o governo de Brizola, localizava-se geralmente ao lado da estrada ou voltada para a mesma, para transmitir a mensagem de que a escola estaria aberta ao novo, ao progresso.

Figura 5 – Escola de Ensino Primário em Vila Lotthammer, Torres/RS



Data: Ano de 1963.
 Autor: Desconhecido.
 Dimensões: 6 x 6 cm

Fonte: Acervo de Ingrid Luiza Eberhardt.

As escolas representavam a ação do estado como orientador e fornecedor de civilização; com seu caráter modernizador, eram exemplos a toda a comunidade.⁸³ Essas escolas seriam responsáveis pela educação do povo, para que o estado se desenvolvesse. Nesse sentido, Veiga⁸⁴ aponta que a educação voltada à infância “se apresenta como um legítimo projeto de civilização”.

Segundo Quadros:

⁸³ QUADROS, Claudemir de. *As Brizoletas cobrindo o Rio Grande: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963)*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2002.

⁸⁴ VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007. p. 118.

Essa visão pressupõe que é tarefa do Estado preparar o povo, civilizá-lo, para integrá-lo à moderna sociedade industrial. Como decorrência dessa ação, o povo civilizado pela escola alcançaria um alto nível de desenvolvimento, condição para a soberania e para a autonomia em relação a todas as formas de imperialismo.⁸⁵

Mas as ações desenvolvidas na educação do estado, durante o governo de Brizola, também atingiram o Ensino Médio e Técnico. Para estes, foram criadas novas escolas, que receberam infraestrutura necessária, ou seja, a construção de pavilhões e locais apropriados para a realização das aulas. No que concerne às questões didáticas, foram comprados materiais didático e foram contratados novos professores. Desse modo,

foram ampliadas e reequipadas as escolas industriais Senador Alberto Pasqualini (Novo Hamburgo) e Secretário Salzano Vieira da Cunha (Bagé) e instaladas escolas industriais em Erechim, Ijuí, Santo Ângelo, Uruguaiana, Taquara, **Torres**, Osório e Santo Antônio da Patrulha (Grifo nosso).⁸⁶

O projeto de ampliar a educação, no governo Brizola, apontava para números altos quando se referia aos de escolas construídas, de salas de aula, de alunos matriculados e professores contratados. No entanto, no final de seu mandato, severas críticas foram realizadas. Partiam de outros números, enquanto Brizola dizia ter construído, no final de seu governo, 5.535 escolas e matriculado 607.176 novos alunos; os dados, segundo Quadros,⁸⁷ que foram apresentados pela Comissão Estadual de Prédios Escolares, revela 1.045 prédios escolares com capacidade para apenas 235.200 alunos.

As críticas surgidas com o governo de Ildo Meneghetti propõem que havia a necessidade de qualificar o ensino no estado, pois até aquele momento, somente haviam sido realizadas ações de infraestrutura na educação.

Quanto aos agentes financiadores do Plano de Emergência de Expansão do Ensino Primário, destaca-se a utilização de recursos do fundo social da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid). Apesar de o governador rechaçar a necessidade de utilizar esse tipo de recurso, duvidando de suas intencionalidades, acabou por fim utilizando verbas advindas desse setor em escolas no estado.

Nesse sentido, cabem algumas considerações quanto à influência proveniente da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional no país, que ficou conhecida como os acordos MEC-Usaid.

⁸⁵ QUADROS, Claudemir de. *As Brizoletas cobrindo o Rio Grande: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963)*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2002. p. 64.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 72.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 65.

A partir dos anos de 60, o País passa por profundas alterações na sociedade e na economia. Essas mudanças refletem-se diretamente na educação. Romanelli⁸⁸ propõe dois momentos na educação brasileira. Em decorrência de uma política que traçou uma recuperação econômica para o País, o primeiro momento corresponde a uma grande demanda “social da educação”, que sofre um agravamento, isto é, uma crise que delineava-se no cenário nacional há muito tempo. Essa situação permitiu a assinatura de convênios entre o MEC e a *Agency for International Development (AID)*, esta forneceria, assistência técnica e cooperação financeira para a organização do sistema de educação do Brasil.

O segundo momento, pretendeu realizar ações mais efetivas para sanar os problemas educacionais, e adequar a educação ao modelo de desenvolvimento econômico para o qual o País caminhava. De acordo com Saviani,⁸⁹ “o movimento militar de 1964 traduziu a opção pelo ajustamento da ideologia ao modelo econômico”. Romanelli⁹⁰ complementa afirmando que a “necessidade de ‘reorientar o processo civilizatório brasileiro’, no sentido de sua introdução definitiva na civilização urbano-industrial do mundo ocidental, é o rumo que toma o movimento de 1964”.

Foi a partir desse momento que as medidas realizadas por meio dos Acordos MEC/Usaid adquirem maior expressão, e muitos acordos são assinados entre os órgãos. Quadros⁹¹ relata que “entre os anos de 1964 e 1968, foram assinados doze acordos entre MEC/USAID, que em nada lembram as ideias de Dewey e de filósofos da educação democrática do EUA”.

Primeiramente, as medidas realizadas objetivavam conter a crise educacional, após, promoveu-se a reforma básica do ensino. Em 1971, com a Lei 5.692, que fixou diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, as mudanças foram maiores.

Atente-se ao fato de que a LDB de 1961, durante treze anos, sustentou discussões até ser aprovada. Já o projeto da LDB de 1971 foi conduzido de forma distinta, aprovado rapidamente e sem a participação popular.⁹² Ghiraldelli acrescenta:

A LDB de 1961 permaneceu treze anos no Congresso e nasceu velha. A LDB de 1971, por sua vez, não chegou a ter um parto com os devidos cuidados; assim, sem que o Congresso pudesse modificá-la, veio à luz sem discussões, tanto que não sofreu nenhum veto presidencial.⁹³

⁸⁸ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

⁸⁹ SAVIANI, Dermeval. *Política e educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. p. 80.

⁹⁰ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 61.

⁹¹ ROCHA, Aristeu Castilhos da. *O regime militar no livro didático de história do ensino médio: a construção de uma memória*. 2008. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2008. p. 111.

⁹² PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. *História da educação*. São Paulo: Ática, 1990.

⁹³ GHIRALDELLI, Paulo Jr. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 124.

A LDB de 1971 transforma a antiga organização do ensino em 1º e 2º graus. O ensino de 1º grau refere-se aos alunos entre 7 e 14 anos, incorporando o antigo curso primário e ginásial, e destinou somente a formação geral, não havendo cursos profissionalizantes como no ginásio. Tinha caráter obrigatório e gratuito.

O ensino de 2º grau tinha duração de três ou quatro séries. Os alunos que desejassem concluí-lo necessitavam de um diploma de auxiliar técnico, que estendia-se por três anos, ou diploma de técnico, que durava quatro anos. Segundo Piletti,⁹⁴ “mais de duzentas habilitações profissionais foram regulamentadas pelo Conselho Federal de Educação”. Somente em 1982, por meio da Lei 7.044, os estabelecimentos de ensino puderam optar por fornecer ou não ensino profissionalizante.

No que diz respeito aos alunos com idade inferior a 7 anos, a LDB/1971 destacou que os sistemas de ensino deveriam “velar” para que as crianças obtivessem educação conveniente, em escolas maternas, jardins de infância e instituições equivalentes, mas nada refere a quem cabia a função de ofertá-lo.

A LDB de 1971 previa ainda que estabelecimentos menores fossem reunidos a unidades maiores. Mas é a respeito do tratamento dado ao 2º grau que se volta a atenção. Nesse grau de ensino, a lei previa aos estudantes acesso gratuito somente quando estes não possuíam condições financeiras para tanto. O auxílio para o acesso à educação, além disso, partiria de uma relação com o ensino privado, por meio de bolsas concedidas e, por meio de auxílio para a manutenção destes estabelecimentos, conforme o art. 45 da lei, que descreve que o apoio dado pelo governo seria financeiro, mas igualmente, ocorreria um amparo técnico. Ou seja, a rede de ensino privado possuiu, segundo Veiga,⁹⁵ um amplo favorecimento durante a ditadura militar, enquanto a escola pública poucos recursos obteve.

Os resultados dessa lei são avaliados por muitos pesquisadores da área como catastróficos, pois, insere, no 2º grau, um ensino totalmente profissionalizante, que, no entanto, não consegue atingir os objetivos propostos, pois esbarra novamente na insuficiência de infraestrutura adequada e na falta de professores. Nesse sentido,

o equívoco maior da Lei 5.692/71 foi o de quebrar a espinha dorsal do ensino profissional existente, que até então funcionava bem. Tendo transformado todo o Segundo Grau em profissionalizante, a Lei acabou desativando, também, a Escola Normal. Transformou o curso de formação de professores das quatro séries iniciais do ensino básico na “Habilitação Magistério”, que na prática passou a ser reservada

⁹⁴ PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. *História da educação*. São Paulo: Ática, 1990.

⁹⁵ VEIGA, Cinthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007. p.315.

aos alunos que, por suas notas mais baixas, não conseguiam vagas nas outras habilitações que poderiam encaminhar para o ensino superior.⁹⁶

Como se pode observar até o momento, foram muitas as mudanças educacionais no Brasil e a forma como cada uma se refletiu na prática da realidade escolar. Assim, inicia-se, a partir de agora, o estudo da história das escolas de Torres/RS, e a forma como delinear-se-iam diversos aspectos das práticas escolares em estabelecimentos cujas Leis da LDB 4.024/61 e LDB 5.692/71 eram vigentes. É importante destacar de durante os anos abrangidos, observou-se que o ensino ofertado no Município de Torres/RS era promovido pelo RS. O município teve a primeira secretária de educação somente em 15 de abril de 1977, Cléa Sílvia Biasi Krás; todavia, mesmo assim, a educação era gerida pelo RS.

Conforme já destacado, a história destas escolas delinear-se-á de maneira distinta, por meio das fotografias de cada acervo escolar, e também dos depoimentos e documentos preservados em cada instituição.

Assim, inicia-se com a Escola Marcílio Dias, seguem depois a Escola Governador Jorge Lacerda e Justino Alberto Tietboehl. A escola Marcílio Dias, é a escola mais antiga do Município de Torres/RS. Ao trabalhar com a história dessa instituição, entre os anos de 1960 e 1980, necessitou-se abordar aspectos anteriores a estes períodos.

2.3 ESCOLA MARCÍLIO DIAS

Inicialmente, cabe destacar que, apesar do grande período de atuação da escola na cidade, o registro em Ata, em 1968, do descarte parcial de documentação do arquivo passivo da instituição, por serem considerados desnecessários, manteve mesmo assim, muitos documentos que auxiliaram o desenvolvimento desta pesquisa.

A Escola Marcílio Dias foi criada em 1922 como grupo escolar (Anexo C) com a denominação de Grupo Escolar da Vila de Torres, sancionada pelo então presidente do estado Antônio Augusto Borges de Medeiros.

Como neste período a escola ainda não tinha prédio próprio, as aulas eram realizadas na casa do padre Lamônaco. Localizada na Rua Joaquim Porto com a Rua Júlio de Castilhos, o prédio tinha dimensões imponentes para a época. De acordo com relatos, o prédio era “magnífico com duas portas e sete janelas, andar térreo e mais três janelas na parte de cima, todas as aberturas terminadas em arco; no lado norte, um portão coberto dava entrada para o

⁹⁶ GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 125.

pátio. O mais majestoso prédio da época”.⁹⁷ O local possuía três salas de aula, duas no térreo e uma no andar superior. Na imagem que segue (Figura 6), podemos observar à esquerda o Casarão do Padre Lamônaco, que possui uma chaminé ao fundo. Nota-se que a cidade ainda era muito pequena, com poucas moradias, apenas a parte mais alta da cidade possuía casas e estabelecimentos.

Figura 6 – Rua de Cima em Torres/RS – Início do século XX



Fonte: Acervo Fotográfico do Centro Municipal de Cultura de Torres.

Nesse prédio, seriam atendidos 107 alunos, para realizarem o Ensino Primário. O professor Carlos Alexandre Schilling foi nomeado diretor da escola pelo intendente Coronel Pacheco de Freitas (Anexo D).

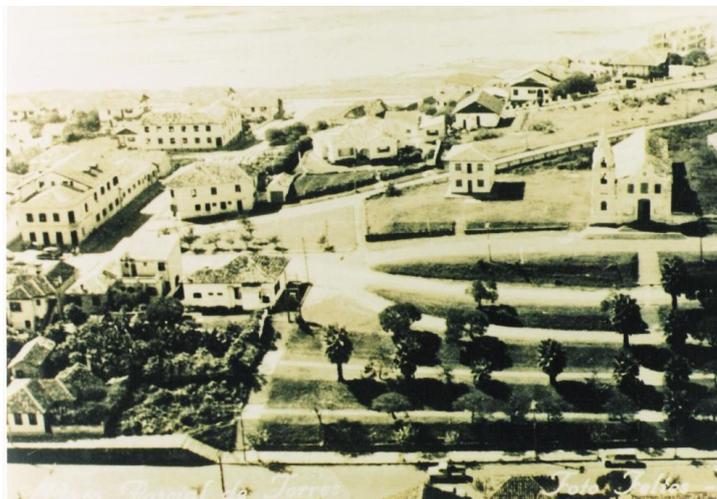
No entanto, Schilling ficou pouco tempo na direção do Grupo Escolar da Vila de Torres, sendo transferido para o Grupo Escolar da Costa do Mampituba. Assume então Fúlvia Bertolaci, atuando por quatro anos; a partir dela, diversos diretores passaram pela escola, conforme levantamento realizado (Anexo E).

Por volta dos anos 40, o Casarão do Padre Lamônaco em que a escola funcionava, tem suas estruturas abaladas pela ação do tempo e acaba sendo demolida. Porém, uma casa paroquial fora construída ao lado da Igreja São Domingos, na Rua de Cima (Figura 7), que passou a ser o novo endereço da escola. Nota-se que, nos dois momentos, por meio do contato com a Igreja Católica, Torres/RS pôde manter um local que oportunizou ensino às suas crianças. A fotografia destaca o papel centralizador do ensino, pois, no segundo local, a escola está ao lado da Igreja Matriz.

⁹⁷ O documento que relata as características do prédio em que funcionava o Grupo Escolar da Vila de Torres em 1922, encontra-se na Casa de Cultura do Município de Torres/RS.

Ainda naquele período, a escola adquire nova denominação; em 1938, passa a chamar-se Grupo Escolar de Torres. E iniciam-se as lutas para que a cidade possuísse o seu primeiro prédio escolar e se desvinculasse da Igreja.

Figura 7 – Fotografia aérea da cidade de Torres / Década de 40



Autor: Estúdio de Ídio K. Feltes.

Dimensões: 10x15 cm

Fonte: Banco de Imagens e Sons – Ulbra Torres.⁹⁸

O local escolhido, para a construção da primeira escola pública de Torres/RS, foi o Morro do Farol, onde havia o espaço necessário para uma escola e que pudesse atender um maior número de alunos. O local não tinha fácil acesso,⁹⁹ apesar de bem localizado. Como a cidade desenvolvia-se na parte mais alta, correspondente às Ruas de Cima e Rua de Baixo, buscou-se manter a escola, nesse espaço privilegiado, com “um prédio moderno”,¹⁰⁰ que se destacava na cidade.

Em 7 de julho de 1940, por meio do Decreto 91, a escola passou a denominar-se Grupo Escolar Marcílio Dias, em homenagem ao marinheiro que morreu na Batalha do Riachuelo, em 11 de junho de 1865. A escola atualmente possui um quadro com uma imagem de quem seria o bravo marinheiro, na imagem ele é negro. Todavia, até os anos 80, o mesmo quadro ocupava um lugar nas paredes do *hall* da escola, a imagem representava um homem branco.

⁹⁸ Disponível em: <<http://imagensesons.ulbratorres.com.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

⁹⁹ Em depoimentos de ex-alunos, evidenciou-se a dificuldade que muitos alunos possuíam para chegar até a escola todos os dias; alguns alunos chegavam a fazer dez quilômetros todos os dias a pé, pois residiam em área afastada do centro da cidade, além dos relatos a respeito do frio que fazia em dias de inverno.

¹⁰⁰ RUSCHEL, Ruy Rubens. *Torres origens*. Torres: Jornal Gazeta. 4ª edição, 2006. p. 133.

Dois anos mais tarde, em 2 de setembro de 1942 foi lançada a pedra fundamental da escola e inaugurado o novo prédio (Figura 8).¹⁰¹ A escola funcionou nesse local até 1977, quando muda-se novamente para uma outra área da cidade, na Rua Travessa Armando Torres.

Figura 8 – Grupo Escolar Marcílio Dias



Autor: Estúdio Feltes.

Dimensões: 10x5 cm

Fonte: Banco de Imagens e Sons Ulbra – Torres.

Durante as décadas de 60 a 70, a escola foi uma referência na região, tendo em vista que os professores que eram encaminhados para atuarem em Escolas Rurais do interior do município, ou nos demais grupos escolares da cidade, realizavam o termo de posse na Escola Marcílio Dias. Nesse período, praticamente todas as comunidades do interior do município possuíam escolas, as mencionadas *Brizoletas*.

Dessa forma, a escola prestava auxílio e orientação pedagógica aos professores das outras instituições; as visitas foram constantemente registradas em atas. Geralmente, as escolas menores possuíam um, quando muito, dois professores, por meio da troca de experiência e de materiais, o que tornava o trabalho destes professores mais preciso e eficiente. A mesma era responsável pela distribuição da merenda escolar, e do leite em pó, que era ofertado aos alunos da rede estadual,¹⁰² pois esta, somente prestava auxílio no transporte, mas a logística de distribuição era realizada pela direção da escola.

Muitas comemorações circundaram as atividades da instituição, inclusive as comemorações de aniversários das professoras, com a realização de chás, as festividades de

¹⁰¹ Após a mudança da Escola Marcílio Dias deste prédio, o mesmo teve diversas utilizações. Nele funcionaram mais duas escolas, além de uma casa de shows. Hoje, o local encontra-se fechado; sendo propriedade do município, cogita-se a possibilidade de torná-lo um museu, tendo em vista sua significação para a história do município e, ainda, tendo em vista o local privilegiado em que se encontra.

¹⁰² A utilização do leite na merenda escolar foi uma das ações provenientes do governo de Leonel Brizola no setor educacional do estado.

São João, do Dia do Índio, do Dia das Mães e dos Pais, assim como as datas cívicas. A escola manteve um registro de todas essas atividades em uma Ata de Comemorações, iniciando no ano de 1962 e estendendo-se até o ano de 1996; porém, na observação deste material notou-se que os registros mais precisos, ou seja, que acompanharam as atividades de cada data de comemorações referem-se aos anos de 1962 a 1967; após, os registros cessaram e reiniciaram somente em 1971. Contudo, somente as datas de comemorações cívicas recebem mais atenção a partir de então.

Alguns grupos destacam-se na história desta instituição de ensino: o Pelotão da Saúde é um deles. Constantemente há relatos de atendimentos a alunos, que iam para a escola com ferimentos, ou que se machucavam em atividades físicas, ou nos intervalos das aulas. A preocupação com um aluno limpo, a eliminação dos surtos de piolhos ou outras doenças são constantemente destacados e comemorados pelo Círculo de Pais e Mestres quando realizado com sucesso. As campanhas de vacinação eram geridas pelo Pelotão da Saúde da escola.

A presença de representantes da Delegacia de Educação de Osório ocorre durante vários períodos do ano letivo. Deixam escritos em atas da escola a sua visita e a impressão encontrada ao visitarem a escola. Notou-se que a presença dessas autoridades torna-se menos frequente em fins dos anos 70.

E, assim, como se observou nas outras escolas, a presença da Igreja Católica é muito marcante no cotidiano escolar; padres constantemente participam de reuniões do Círculo de Pais e Mestres e de aulas de Ensino Religioso, inclusive na realização de aulas catequéticas.

A criação do Centro de Artes, Ciências e Tecnologia (CAT) na Escola Justino Alberto Tietboehl, em 1965, é atestada com o afastamento de alguns professores da Escola Marcílio Dias, que passam a atuar na Escola Técnica, devido à necessidade de muitos professores, pelo aumento significativo de alunos nesta escola, inclusive advindos da Escola Marcílio Dias.

Dois presidentes do Regime Ditatorial visitaram a cidade de Torres/RS, e as escolas de toda região receberam os mesmos. Em 28 de março de 1968, a escola iniciou a organização das atividades para a recepção do presidente Costa e Silva, que visitou o município em 5 de abril do mesmo ano. Os alunos receberam o presidente e sua comitiva no aeroporto, atual parque do Balonismo na cidade. Da mesma forma, foi recebido, em 1971, o presidente da República Emílio Garrastazu Médici.

Enquanto a instituição funcionava no Morro do Farol, tinha ao seu redor o Farol de Torres e, ainda, o cemitério municipal. Muitas histórias decorrem a respeito desse “vizinho”. Uma delas é lembrada pela ex-professora Nedda Larré Pozzi, em depoimento cedido para o

livro comemorativo da escola. Segundo Nedda, durante os anos de 1960, uma das alunas entrou em sala de aula com a mão de um cadáver em decomposição. Esse fato a marcou durante muitos anos. Ainda, as queixas da comunidade, a respeito dos alunos que atiravam pedras na direção do presídio, que ficava abaixo do morro, eram constantes. Como pode-se observar, a indisciplina era fator preocupante para a maioria dos professores e pais, conforme registros em atas; a necessidade de organizar o tempo dos alunos para evitar tais comportamentos tornou-se uma necessidade constante.

Em 1977, a escola adquire novo endereço, na Rua Travessa Armando Torres, local onde a escola permanece até os dias atuais; contou com doação de terreno pelo Município de Torres/RS, com uma área de 10.000 metros quadrados. Ou seja, um espaço maior do que o antigo local. A mudança decorreu da necessidade de ampliação de sua oferta de ensino. Conforme registros na instituição, durante esse período a escola estava atendendo, além de seus alunos matriculados, os alunos da Escola Justino Alberto Tietboehl. A partir de então, a Escola Marcílio Dias passa a localizar-se ao lado da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Destaca-se que entre os anos de 1922 a 1975, a escola ofertava Ensino Primário; a partir de 1976 passou a ofertar o ensino de 1º grau, previsto na Lei de Diretrizes e Bases de 1971 (Anexo F) e, no ano de 1980, ampliou o atendimento para o 2º grau (Anexo G).

Pereira destaca que a escola

representou, assim, até os anos finais da década de 1990, à exceção de Arroio do Sal e Três Cachoeiras, a única opção, como estabelecimento público, para que os jovens e adultos, da cidade e da região, pudessem realizar seus estudos relativos a esta modalidade de ensino.¹⁰³

Nos anos 80, a escola ofertou o ensino de 1º e 2º graus além de alguns técnicos, como o de Edificação e de Magistério (Anexo H), durante muitos anos esta escola foi referência no Litoral norte, na formação de professoras para o Ensino Primário. Atualmente, o Instituto Marcílio Dias atende cerca de 1.200 alunos, entre Ensino Primário, Ensino Fundamental e Médio; ensino médio com Magistério e ensino pós-médio do curso Técnico em Edificações. Este último deve-se em parte à demanda advinda do setor de construção civil na cidade, que atualmente encontra-se em grande desenvolvimento.

¹⁰³ PEREIRA, Antonio Serafim. *Análise de um processo de inovação educativa numa escola gaúcha: a interdisciplinaridade como princípio inovador*. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de Santiago de Compostela. Espanha, 2007. p. 181.

2.4 ESCOLA GOVERNADOR JORGE LACERDA

Esta instituição de ensino manteve, em seu arquivo passivo, muitas atas e registros das atividades realizadas desde o início de sua atuação como Grupo Escolar da Ronda. Todavia, os decretos e portarias, que atestam as alterações da Escola, não foram encontrados, perderam-se ao longo de muitas mudanças de local em que os arquivos foram armazenados. Portanto, realizou-se o levantamento de informações disponíveis nesses materiais restantes, juntamente com alguns depoimentos cedidos por ex-alunas e ex-professores.

Localizada inicialmente na Rua Joaquim Porto, a uma quadra da Avenida Barão do Rio Branco (Centro), foi fundada, em 1959, como Grupo Escolar da Ronda, em um prédio de madeira com quatro salas, assemelhando-se muito às *Brizoletas* (Figura 9). O prédio atendia um número significativo de alunos, segundo pôde-se observar na imagem. Ao lado da escola, existia uma Igreja Católica. Além dessa igreja, outra se encontrava na parte alta da cidade.¹⁰⁴ Na imagem, parte do sino pode ser visualizado; além disso, algumas considerações sobre os alunos são importantes, isto é, notou-se, que desde o início das atividades desta instituição, optou-se pelo uso de uniforme para ambos os sexos, porém distintos para cada grupo. Ao observar a fotografia, é possível perceber que o fotógrafo posicionou todos os alunos da escola para a realização da imagem, diferenciados pelo sexo. As professoras estavam atrás dos alunos; estes, por sua vez, posam para a câmera fotográfica. Estavam todos alinhados, os menores à frente.

Figura 9 – Grupo Escolar da Ronda / Data: 1960



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.

Dimensões: 8,5 x 11,5 cm

Fonte: Acervo da Escola Governador Jorge Lacerda.

¹⁰⁴ A Igreja São Domingos foi construída em 1822, atualmente o prédio está sendo restaurado.

Foi em 25 de junho de 1961 que a escola adquiriu um novo prédio (Anexo I), na Rua Almirante Barroso, em frente à Praça Getúlio Vargas. Desta vez, de alvenaria, com um espaço mais amplo, onde podia ser atendido um número significativamente maior de alunos, e passou a ter refeitório e auditório.

A inauguração foi realizada com festa, pela comunidade torrense. Estava presente o Secretário de Educação e Cultura do estado, assim como a Delegada Regional de Ensino, o prefeito do município e representantes da Igreja Católica. Os alunos apresentaram às autoridades diversas atividades que foram programadas com antecedência pelos professores. Destacaram-se o grupo de alunos que representavam o Pelotão da Saúde e de Educação Física, além de alunos trajados com roupas típicas gauchescas. Sua entrada estava no lado oposto da quadra, na Rua Bento Gonçalves. Possuía oito professores, um funcionário e atendia a média de 200 alunos. Na imagem que segue (Figura 10), pode-se observar a entrada principal da escola, onde alunos trabalhavam em canteiros. Da frente da escola, é possível observar o Salão Paroquial, local onde muitas atividades eram realizadas. Mas a imagem demonstra, também, as mudanças encontradas, pois tal visão não pode mais ser realizada, dado que está cercada de muros altos toda a quadra em que envolvia a escola. Dos imóveis baixos que estão na fotografia, apenas o salão paroquial se mantém, o restante deu lugar a prédios altos.

Figura 10 – Escola Governador Jorge Lacerda / Data: 1978



Autor: Professor da escola.
 Dimensões: 9x14 cm
 Fonte: Acervo da instituição.

Passou a denominar-se Grupo Escolar Governador Jorge Lacerda no ano de 1965 em homenagem ao ex-governador do Estado de Santa Catarina. Anteriormente, o patrono da

instituição era Getúlio Vargas, quando a escola adquiriu o prédio novo. A partir de 1965, todas as homenagens voltam-se à Jorge Lacerda.¹⁰⁵

A instituição foi criada para suprir a demanda de Ensino Primário na cidade. Em 1959, a escola possui sete turmas, cinco do 1º ano, e duas do 2º ano, sendo muitos alunos transferidos da Escola Marcílio Dias. Já em 1961, a escola passou a oferecer aulas até a 5ª série (Anexo J). Ao poucos, os atendimentos aumentaram, inclusive quando a escola adquiriu maior espaço físico com mais salas de aula. Conforme depoimento cedido por Naida Carvalho,¹⁰⁶ as turmas eram organizadas de acordo com o desenvolvimento apresentado, ou seja, havia cinco turmas do primeiro ano; nestas, estavam separados os alunos de acordo com o rendimento escolar e a idade, pois, apesar de os alunos somente iniciarem o Ensino Primário com 7 anos completos, aspecto previsto pela LDB de 1961, muitos entravam na escola com idade superior, conforme lembrou Naida Carvalho: as repetências, faziam com que muitos alunos concluíssem o Ensino Primário com 15 ou 16 anos de idade.

Além da atuação dos professores nesta escola, é marcante o registro da presença de padres e freiras, seja em visitas quase diárias à instituição, seja em reuniões de professores, em que padres abriam a reunião com alguma passagem bíblica e uma oração, lembrando que havia uma grande proximidade do prédio escolar com a Igreja local, o que facilitava as visitas e o acompanhamento das atividades escolares pelos sacerdotes. Estes também participavam de reuniões de pais e mestres, em que pediam aos pais para participarem das campanhas realizadas pela Igreja Católica, como a Campanha da Fraternidade. Havia uma relação muito próxima entre os padres, a Igreja Católica e a escola nesse momento, inclusive muitos professores eram convidados e participavam das atividades religiosas dos alunos, como a Primeira Comunhão e a Crisma. Durante os anos 70, era realizada, nas quartas-feiras, uma aula catequética radiofônica, para todos os alunos da escola. Ainda, os padres pediam auxílio para que os professores ensinassem aos alunos os dez mandamentos e as principais orações como, uma forma de auxiliar os padres para a catequese.

Além de padres e freiras, a escola recebia muitas visitas de pais, estes, segundo Naida Carvalho, eram muito participativos na vida escolar de seus filhos. Ainda, a visita de

¹⁰⁵ Jorge Lacerda foi governador do Estado de Santa Catarina entre os anos de 1956-1958, e a escola lhe realizou essa homenagem tendo em vista que uma escola do município vizinho, que pertencia ao Estado de Santa Catarina, em Passo de Torres, havia feito homenagem a Ildo Meneghetti ao colocar seu nome no grupo escolar. Assim, houve essa troca de homenagens entre as escolas. As comemorações do patrono da escola eram realizadas no dia 20 de outubro.

¹⁰⁶ Depoimento cedido em 22/3/2013. Naida Carvalho foi professora no Grupo Escolar da Ronda em 1961 e passou a ser diretora do Grupo Escolar Governador Jorge Lacerda no ano de 1965, ficando no cargo até o ano de 1980.

professores de outras escolas da cidade, de funcionários da Delegacia de Educação foram registradas. Estes últimos, inclusive, aumentaram a frequência a partir de 1970.

A merenda escolar merece destaque, pois os registros demonstraram que era algo muito organizado. Inclusive, encontrou-se uma Ata do ano de 1963 (Anexo K) que especifica a quantidade de alimento que seria ofertado a cada aluno. Em 1970, ocorreu a semana da alimentação, quando, em cada dia, era oferecido algo diferente aos educandos, como canjica e leite com chocolate. Cursos para a preparação da merenda foram realizados em 1971. Durante esse período, havia uma relação de troca entre as escolas, e notaram-se constantes visitas realizadas por professores de outras instituições. Foi assim que a escola ganhou de presente, da Escola Justino Alberto Tietboehl, uma tábua para cortar alimentos.

No entanto, a instituição se destaca no que diz respeito às comemorações de eventos. Apesar de as fotografias da escola se aterem às festividades da Semana da Criança e do 7 de Setembro, o universo de comemorações era extremamente rico. Comemorava-se o Dia do Índio, Dia da Bandeira e do Soldado, Dia do Papa, Dia das Mães e Pais, a Semana Farroupilha, o Dia da Árvore, a entrada da primavera, o Dia do Trabalho, a Proclamação da República, a morte de Tiradentes e a inauguração de Brasília, Abolição da Escravatura, Festa de São João, o Descobrimento da América, Dia Universal da Saúde, a Batalha do Riachuelo e ainda comemorações referentes à “Revolução Democrática de 31 de março de 1964”.¹⁰⁷

Mas, é importante destacar que esses eventos não diziam respeito a uma única atividade; praticamente todos os eventos perfaziam o ciclo de uma semana, em que os alunos eram envolvidos por trabalhos realizados sobre o tema, ou, como no caso da Semana da Criança, com a realização de gincanas entre as turmas, atividades esportivas entre professores e alunos e, ainda, era oferecida uma alimentação diferente, com cucas, bolos e refrigerantes para os educandos.

Maria Sueli Peres,¹⁰⁸ que foi aluna da escola nos anos 60 e, atualmente, trabalha na instituição, relatou que as atividades e os eventos realizados pela escola eram muito esperados pelos alunos. Nas comemorações do Dia do Índio, segundo ela, os alunos se preparavam com antecedência para a data, deviam trazer barro para construir ocas e ainda, faziam as roupas com penas de galinhas.

¹⁰⁷ Em diversas atas das escolas pesquisadas encontraram-se registros sobre comemorações da “Revolução Democrática de 31 de março de 1964”.

¹⁰⁸ Depoimento fornecido no dia 12 de março de 2013, às 14 horas.

Todas as atividades comemorativas da escola iniciavam com missa na Igreja Matriz, e, ainda, os alunos participavam de missas realizadas por outras escolas em suas comemorações.

A escola recebeu colônias de férias promovidas pelo governo de Leonel Brizola; recebia durante as férias de verão alunos provenientes de diversas regiões do estado. Para tanto, uma sala era destinada a guardar, durante o ano letivo, os beliches. Quando as aulas encerravam, eram retiradas as classes e cadeiras das salas, colocando beliches no lugar. Recebiam grupos de alunos que eram renovados a cada quinze dias, o mesmo ônibus que trazia os novos alunos, levava de volta os que já estavam na cidade.

Em 18 de junho de 1971, foi registrado que houve uma reunião na prefeitura para tratarem dos preparativos da visita do presidente da República Emílio Garrastazu Médici, em 19 de agosto, recepcionado pela comunidade torrense e escolar, às 8h30min, no campo de aviação da cidade, atual parque do Balonismo.

Nos documentos da instituição, observou-se que o papel destinado ao Pelotão da Saúde era importante. A insistência para que os alunos estivessem limpos para ir à escola se fez presente em quase todas as Atas do período; a escola passava por constantes surtos de piolho, e o papel do Pelotão era conscientizar alunos e pais sobre a necessidade da higiene corporal. Durante os anos 70, conforme Naida Carvalho, realizaram-se exames médicos nos alunos; aqueles que não podiam pagar pela consulta eram auxiliados pela escola.

Entretanto, a falta de higiene não era o único problema enfrentado pelos professores, a indisciplina era queixa constante nas reuniões docentes, e expostas nas reuniões com os pais. O cumprimento dos horários, e a necessidade de frequentarem com assiduidade as aulas eram objetivos a serem alcançados pelos professores.

Apesar de a escola atender alunos de ambos os sexos, havia uma diferenciação nas filas que eram organizadas antes de entrarem na sala de aula. A sala de aula, conforme Maria Sueli Peres, organizava-se com diferenciação de sexo, cada fila que seguia na vertical até o fundo da sala era composta por alunos de um único sexo; as filas intercalavam-se entre meninos e meninas.

Os alunos deveriam vestir uniforme, que consistia em um guarda-pó branco. Como muitos alunos eram carentes, em 1973 registrou-se em Ata o pedido da direção para que os professores providenciassem uma lista com o número de alunos carentes e os respectivos tamanhos de guarda-pós, bem como o número do calçado, para que fossem adquiridos e doados.

As mudanças que ocorriam na educação, por meio da LBD de 1971, foram acompanhadas de perto. No dia 21 de março de 1972, reuniram-se no Município de Torres/RS o delegado de Educação, Isaque Irinei Marques, e todos os diretores das escolas do município (públicas e privadas); logo após a reunião, houve outra no salão paroquial para transmitir as mudanças aos pais dos alunos, sobre a “nova escola”. As mudanças no ensino iniciaram em 1978 com a implantação do ensino de 1º grau. O ensino de 2º grau somente foi implantado na década de 90.

Em 2000, recebeu a denominação atual: Escola Estadual Governador Jorge Lacerda, atendendo estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A partir de 2005, o turno da noite passou a oferecer Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Ensino Médio. Em 2009, a escola passou a atender alunos com deficiência auditiva com a Classe Especial – Ensino Médio à noite.

Atualmente a escola atende 1.100 alunos, distribuídos no Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA; conta com 77 professores, cinco secretárias, cinco merendeiras, duas monitoras e cinco funcionários da manutenção e infraestrutura.

2.5 ESCOLA JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL

Inicialmente, cabe destacar que nesta escola deparou-se com algumas dificuldades, no que diz respeito à documentação. Poucas informações foram encontradas, somente alguns decretos, portarias e regimentos. Quanto às Atas da escola, do período de 1960 a 1980, nada foi localizado, exceto uma Ata de posse que relata contratações de professores e funcionários da escola. Não obstante, apesar da Ata, pouquíssimos registros foram realizados após a instalação da ditadura militar. A inexistência de documentos em arquivos de secretaria, ou no arquivo passivo, de acordo com depoimentos de funcionários que já trabalhavam na escola na década de 90, deveu-se a descarte desses documentos, conforme ordens das gestões administrativas. A justificativa, segundo eles, decorria da falta de espaço apropriado para a manutenção desse material e, ainda, da falta de informação quanto à importância e a necessidade legal de manter registros oficiais da escola, o que acarretou a incineração de todos esses documentos no próprio pátio da instituição.

Partindo dos registros que restaram, ou seja, das fotografias e ainda de depoimentos de ex-alunos, professores e funcionários da escola nos anos pesquisados, seguem abaixo informações sobre a história dessa escola.

A escola surgiu dentro das propostas de desenvolvimento educacional promovidas pelo governo de Leonel Brizola. Até aquela época, o município só possuía uma escola que ofertava o ginásio, era a Escola São Domingos, que era particular; as demais instituições do município ofertavam o Ensino Primário.

Portanto, em 5 de maio de 1961, por meio do Decreto 12.315 cria-se a Escola Técnica Elementar de Torres (Anexo L), que recebeu, por meio do Decreto 13.725, em 18 de junho de 1962, a denominação de Escola Técnica Industrial Prof. Justino Alberto Tietboehl (Anexo M). A escola ficou subordinada à Superintendência do Ensino Industrial, da Subsecretaria do Ensino Técnico, da Secretaria de Educação e Cultura. Cabia à Secretaria do Ensino Técnico e aos órgãos competentes elaborarem o regulamento, a estrutura e o funcionamento da escola.

Primeiramente, destacamos a origem do patrono desta instituição, que foi o professor Justino Alberto Tietboehl. Este ficou conhecido pelo trabalho desenvolvido no setor educacional no Município de Torres.

Justino Alberto Tietboehl foi filho de imigrantes alemães, que se fixaram no vale de Três Forquilhas. Nasceu em 13/4/1888, e atuou como professor do estado nessa localidade durante 37 anos, por muitas vezes na própria cidade de Torres. Parte de sua formação realizou-se na Alemanha; quando regressou, ficou conhecido pela sua cultura, pelos trabalhos ecumênicos na comunidade junto às Igrejas Católica e Luterana. Foi autor de diversos cantos sacros, e ainda zelava pela saúde das comunidades mais pobres do interior do município. Somando-se essas qualidades à construção de uma imagem íntegra, fora escolhido para ser o patrono da primeira Escola Técnica do Município de Torres.

A escola que surge por decreto em 1961, ficara realmente pronta em 1962, recebendo a primeira turma em 1963. Durante o ano de 1962, a Secretaria de Educação e Cultura do estado forneceu recursos para a conclusão dos prédios da escola, e para demais gastos com pessoal, material didático e bolsas de estudos (Anexo N), orçados no valor de Cr.\$ 1.187.900.000,00 (um bilhão, cento e oitenta e um milhões e novecentos mil cruzeiros). Apesar de a primeira turma de alunos começar suas atividades em 1963, no ano anterior alguns alunos e professores, de forma extraoficial, realizavam atividades para a conclusão do prédio, por exemplo, o feitiço das cadeiras e mesas; as camas beliches usadas na escola foram feitas por aquela equipe.

Construída em área mais afastada do centro da cidade, hoje Rua Travessa Armando Torres, nº 12 (localizada ao lado da Escola Marcílio Dias), o terreno era baixo e constantemente sofria enchentes, que alagavam parte do prédio. A área do terreno

pertencente à escola era de 13.300m.² A entrada da escola ficava pela rua lateral à Rua Armando Torres. Primeiramente, construíram o prédio onde eram realizadas as aulas de cultura geral e onde se localizava a cozinha, os banheiros, o alojamento e a sala da direção. Na fotografia abaixo (Figura 11), pode-se observar o término do prédio de mecânica, o prédio da marcenaria era de madeira e ficava ao fundo deste. A imagem demonstra que a construção era imponente, com espaço amplo e organizado para receber os alunos. A quadra de futebol que será cenário para muitas fotografias de jogos de futebol, estava sendo concluída, juntamente com uma arquibancada, que recebia-se alunos da escola São Domingos. A competição entre essas duas escolas era forte, segundo depoimento de ex-alunos.

A construção dessa quadra de futebol foi muito importante para os moradores da cidade, que a utilizavam nos fins de semana, pois havia somente um campo de futebol com gramado, o “Campo Torrense”, que naquele período localizava-se a uma quadra da escola.

Figura 11 – Construção da Escola Justino
Alberto Tietboehl / Data: 1965



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.
Dimensões: 8,4 x 13,5 cm
Fonte: Acervo da instituição.

A escola abriu matrículas em 7 de julho de 1962, e realizou esta divulgação por meio da Rádio Maristela (anexo O). Nesse período, a maioria das comunidades do interior de Torres/RS não possuía energia elétrica, o único veículo de informação era o rádio, pois era comum às famílias terem rádios à pilha ou à bateria. Não havia jornal no município, o único jornal que chegava somente à cidade era o *Correio do Povo*. Assim, por meio da rádio, prontamente as comunidades foram informadas das vagas que eram oferecidas na escola.

As vagas eram para o curso de Aprendizagem Industrial de Marcenaria, Alfaiataria e Construção Civil e o curso Extraordinário de Arte Culinária. Para tanto, os candidatos

deveriam ter, no mínimo, 14 anos de idade e ter cursado o primário e, ainda, ter passado no Exame de Admissão previsto pela LDB de 1961 por meio do art. 36.¹⁰⁹

Segundo depoimento de Sady José Pereira Dalpiaz,¹¹⁰ o Exame de Admissão era difícil, e muitos inscritos ao exame, mesmo tendo cursado o Ensino Primário, não conseguiam passar. Devido a isso, a escola onde ele estava concluindo o Ensino Primário, realizou um intensivo com os alunos que pretendiam prestar tal exame, seja na Escola Justino Alberto Tietboehl, seja na Escola São Domingos que também realizava exames. De acordo com Sady, as meninas tentavam entrar na Escola São Domingos, conhecido como o *colégio das freiras*, e os meninos na escola técnica do Tietboehl.

Assim, em 1963, a escola inicia suas atividades, funcionando com regime de internato, recebendo em torno de 70 alunos. Somente os alunos do sexo masculino podiam permanecer na escola em regime de internato; as meninas, só podiam realizar os cursos durante o dia. Algumas jovens, que não residiam na cidade, conseguiam ficar em casa de parentes ou pessoas conhecidas da família. Todavia, era raro isso acontecer, uma vez que, ainda persistia uma grande desigualdade do acesso feminino ao ensino, porque as próprias famílias acreditavam que o Ensino Primário já era o suficiente.

Assim, pôde-se observar que os cursos ofertados dirigiam-se a públicos distintos, entre os quatro cursos ofertados, somente um destinava-se às meninas.

Segundo depoimento de José Guilherme Magnus Neto,¹¹¹ que foi aluno da primeira turma de marcenaria, a divisão entre meninas e meninos ocorria na realização das aulas práticas, durante a tarde. No entanto, durante a manhã os alunos de ambos os sexos cursavam junto as aulas de cultura geral, que ocorriam de segunda a sábado.

Na escola, os alunos recebiam todas as refeições, inclusive os que não eram internos. A alimentação era disponibilizada, mas, parte dos materiais didáticos deveria ser adquirida pelos alunos, eles eram responsáveis pela compra dos livros.

Os internos ficavam sobre grande vigilância e disciplina, e possuíam uma rotina organizada pelo diretor. Acordavam às seis horas da manhã, e dormiam às dez horas da noite; os horários eram controlados pelo diretor que dormia junto com os alunos no alojamento.

Durante a semana, dedicavam-se aos estudos e, aos sábados à noite, eram levados para assistir a televisão em uma das três televisões que existiam na cidade; no Hotel Farol, os alunos ficavam no saguão do hotel assistindo aos programas da Jovem Guarda. E ao

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://www.6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102346>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

¹¹⁰ Depoimento realizado em 14/05/2012 às 19h30min.

¹¹¹ Depoimento realizado em 28/04/2013 às 9h30min.

domingo, pela manhã, todos participavam da missa na Igreja Matriz. Quando questionou-se aos ex-alunos sobre o credo religioso, ninguém soube informar se haviam alunos que não eram católicos, isso não se questionava de acordo com eles, de qualquer forma todos os alunos internos deveriam participar da missa.

O primeiro diretor que atuou de fato na escola foi João Osório da Silva, proveniente de Franca (São Paulo), com formação na Escola Técnica Federal de Curitiba (Paraná), que assume em 1962; anteriormente havia um diretor provisório, o Professor Júlio Mariano Wierzynski.

João Osório inicialmente foi o responsável por montar o grupo de professores; a maioria provinha da Escola Técnica Parobé (Porto Alegre); os profissionais da região contratados ministravam os cursos de Corte e Costura e Alfaiataria.

A direção da escola muda em 5 de outubro de 1964, João Osório da Silva pede afastamento, motivado por questões de cunho político, de acordo com relatos de ex-alunos. Quando ocorreu o golpe militar, muitos deles ficaram alojados na escola. Assume, portanto, João Elpídio Garcia, que fica no cargo até 31 de agosto de 1967, quando assume a direção da escola o Professor Sadi Pipet de Oliveira.

Durante esse período passaram pela escola diversos professores, muitos atuaram somente por um ano. Em uma única Ata, que resistiu ao processo de descarte, pode-se acompanhar a posse de professores durante os anos de 1963 a 1968. As principais mudanças de professores foram no setor de Corte e Costura, em que foram contratadas oito professoras, assim como nas aulas de Marcenaria, nas quais seis professores trabalharam.

A escola inicia suas atividades com doze professores, dos quais, alguns são desligados e novos são contratados. Em levantamento realizado, encontraram-se as seguintes disciplinas com o número de professores: disciplinas de Corte e Costura (8 prof.), Alfaiataria (1 prof.), Ciências (1 prof.), Marcenaria (6 prof.), Português (1 prof.), Matemática (1 prof.), Mecânica (3 prof.), Geografia (1 prof.), Trabalhos de Palha (1 prof.), Educação Física (1 prof.). Ainda contava com dois serventes, um auxiliar de administração e duas cozinheiras. A professora de música foi contratada em 1964; o professor de História em 1965 e, em 1968, o professor responsável pela disciplina de Educação Moral e Cívica.

A partir de 1965, em função do aumento de alunos atendidos, que passou para 180, a escola passa a funcionar no regime de semi-internato. Ou seja, a alimentação continuava sendo fornecida nos três turnos, mas não era possível dormir no alojamento, que havia se transformado em sala de aula para atender o aumento da demanda. A maioria dos alunos que moravam no interior do município conseguiam casas para ficar durante a semana, ou, caso

não conseguissem, a casa paroquial permitia que os alunos ficassem nela. Pois havia uma relação entre a escola e a Igreja Católica; além de seus alunos frequentarem a missa todos os domingos, o padre era o responsável por ministrar a disciplina de Ensino Religioso.

Em 28 de janeiro de 1967, a referida escola passou a denominar-se Ginásio Industrial Professor Justino Alberto Tietboehl, quando o número de alunos que a instituição de ensino atende adquire maiores proporções, e o número de alunos, segundo registros da escola, chega a 720, funcionando assim até 31 de dezembro de 1974.

Em 1975, passou por outra alteração na sua nomenclatura, recebendo a denominação de Centro de Artes, Ciência e Tecnologia – CAT nº10 (Anexo P), que na ocasião da mudança passou a atender cinco escolas do Município de Torres/RS na área de Tecnologia, oferecendo educação profissionalizante de 5ª a 8ª série. Nessa área tecnológica encontram-se: técnicas comerciais, técnicas agrícolas, técnicas domésticas e técnicas industriais. A escola recebia alunos provenientes de escolas das localidades de Morrinhos do Sul, Morro Azul, Três Cachoeiras, Pirataba e Vila São João. Uma vez por semana, cada escola era atendida para aprender as técnicas nas especialidades oferecidas.

Um ano mais tarde, o Conselho Estadual de Educação, em 1976, de acordo com o Parecer 724/76 estabelece novas diretrizes para a organização e o funcionamento de centros interescolares estaduais de 1º Grau – CIET, atendendo cinco escolas da Zona Rural e duas escolas da sede. Na área de Tecnologia, é preciso ressaltar que o grande número de escolas na zona rural, como já colocado, deve-se em grande parte ao expressivo número de habitantes localizados na zona rural até aquele momento. As novas escolas da sede, que passaram a ser atendidas, são a Escola Marcílio Dias e a Escola Governador Jorge Lacerda. De acordo com Dutra, os CATs

[...] deveriam se constituir em unidades de apoio ao trabalho realizado pelos professores nas escolas. A periodicidade com que acontecia este apoio, por escola, era mínima, uma vez por semana ou de 15 em 15 dias, os alunos de uma escola, em turno integral, passava pelos laboratórios e pelas oficinas.¹¹²

A escola segue com essa proposta até o final de 1987, com a implantação da Lei 7.004/82 e do Parecer 1.000/84, pois as escolas que frequentavam o Centro Interescolar de Escolas (CIE) optaram pela Preparação para o Trabalho em suas próprias escolas.

¹¹² DUTRA, Denise Ferrari. *Políticas internacionais: de um olhar singular à ressonância social* Cel. Mauro Rodrigues Secretário de Educação e Cultura/RS (1971-1975). 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUCRS, Porto Alegre, 2005. p. 134.

Para tanto, a comunidade torrense, em todos os seus segmentos reuniu-se com a direção e professores do CIE, em dezembro de 1987, para discutir uma nova proposta de escola para o Município de Torres. Como resultado, houve aceitação da nova proposta de Ensino de 1ª a 8ª séries, funcionando em dois turnos. Esta se tornou realidade de fato, com a criação de uma escola de 1º grau, que foi autorizada a funcionar pelo Parecer 532/88 (Anexo Q).

Segundo constam os registros da instituição, o Decreto 32.895 de 7/6/1988, passou a denominá-la Escola Estadual de 1º Grau, que somente após cinco anos adquiriu a denominação de sua origem, passando a ser Escola Estadual de 1ª Grau Professor Justino Alberto Tietboehl, pela Portaria 18.526/88, de 7 de julho de 1993. Como se observou na pesquisa realizada, foi um justo resgate da comunidade escolar na busca da sua identidade com o nome do Professor Justino Alberto Tietboehl, que desde 1962 tinha sido o patrono da escola.

Ainda vale destacar que, em 2/9/1996, pelo Parecer 1.026/96, a Secretaria de Educação autoriza o funcionamento de Classe de Educação Especial para Deficientes Auditivos, tornando-se um ponto de referência ao atendimento dessa necessidade em toda a região. E, em 11/12/2000, pela Portaria de Denominação 310/2000, passa a designar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental Justino Alberto Tietboehl.

A história dessas escolas, foram escritas de forma distinta, como se pode acompanhar. De acordo com informações e com a história que cada escola percorreu ao longo do período analisado, Cambi aponta:

A história da educação é, hoje, um repositório de muitas histórias, dialeticamente interligadas e interagentes, reunidas pelo objeto complexo “educação”, embora colocado sob óticas diversas e diferenciadas na sua fenomenologia. Não só: também os métodos (as óticas, por assim dizer) têm características preliminarmente diferenciadas, de maneira a dar a cada âmbito de investigação a sua autonomia/especificidade, a reconhecê-lo como um “território” da investigação histórica.¹¹³

Da mesma forma, os registros fotográficos realizados pelas mesmas, os usos e as funções destinados às imagens, percorreram caminhos que, por vezes, se assemelharam, mas que, muitas vezes se distinguiram. Será sobre essas escolhas e sobre os respectivos acervos fotográficos das instituições escolares de Torres/RS, que se detém o próximo capítulo.

¹¹³ CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp (Feu), 1999. p. 29.

3 OS ACERVOS FOTOGRÁFICOS DAS ESCOLAS MARCÍLIO DIAS, JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL E GOVERNADOR JORGE LACERDA

A prática do registro fotográfico em escolas é antiga, pois desde o surgimento da técnica observam-se registros que se voltam à educação. As escolas do Município de Torres/RS não foram indiferentes a esta prática. Portanto, neste terceiro capítulo, apresenta-se a pesquisa com as fotografias da Escola Marcílio Dias, da Escola Justino Alberto Tietboehl e da Escola Governador Jorge Lacerda. De tal modo, este capítulo disserta algumas considerações sobre fotografia, tendo em vista que essas reflexões são motivadoras para as análises dos acervos fotográficos escolares.

A partir da composição de uma metodologia, que parte da contribuição de diversos autores que desenvolvem pesquisas sobre a imagem e, mais especificamente, propostas metodológicas acerca da fotografia, realiza-se a análise dos aspectos técnicos e de temáticas visuais constituídas. Também se pretende abordar algumas particularidades sobre o acesso à fotografia na cidade de Torres/RS durante os anos de 1960 a 1980, nos quais o estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes adquiriu relevância, pois nos arquivos escolares muitas fotografias têm essa fonte.

3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE FOTOGRAFIA

A partir do século XIX, o mundo acompanha mudanças nos suportes imagéticos até então utilizados como meio de representação das sociedades. A pintura, durante muito tempo, foi detentora desse *status*; aos poucos são transferidos à nova técnica conhecida como fotografia. Esta nova técnica “introduziu um novo tipo de ver e dar a ver a diversidade do mundo moderno [...]”.¹¹⁴ O homem passou a representar o mundo por meio de suas lentes.¹¹⁵

A fotografia surge em 1839 por meio da técnica conhecida como daguerreótipo, que foi patenteada por Nièpce e Daguerre. A daguerreotopia permitia o registro em positivo de uma imagem, que possibilitava sua fixação latente em uma superfície sólida; porém, tratava-se de uma cópia única, em que somava-se um longo tempo de exposição para a fixação da imagem, e um alto custo de produção, tornando-se um artigo de luxo.

¹¹⁴ BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 12.

¹¹⁵ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

Mesmo assim, a sua utilização proliferou-se em diversos locais do mundo, inclusive no Brasil, onde a daguerreotopia teria chegado em 1840, fato significativo, pois, segundo Vasquez,¹¹⁶ em Portugal o mesmo teria ocorrido somente em 1841. No Brasil, Dom Pedro II ficou conhecido por ser um dos grandes incentivadores do uso da fotografia no País, atuando como colecionador, quando poucos pensavam nessa possibilidade.¹¹⁷

Amar¹¹⁸ coloca que historicamente foi Henri Fox Talbot, em 1841, o inventor do que se conhece hoje por fotografia moderna, ou seja, “o negativo-positivo, que, aliás, designa dessa maneira a revelação da imagem latente e a possibilidade de reproduzir as imagens”. Isso permitiu a reprodução em larga escala, com custos mais reduzidos, tornando-se acessível a outros segmentos da sociedade.

Pouco tempo depois, a invenção de André Adolphe Eugène Disderi do *carte de visite*, em 1850, revolucionou a forma como era reproduzida a fotografia. No cartão de visita, era possível a tomada simultânea de oito clichês, ou seja, com um custo menor, conseguiam-se mais cópias; esta descoberta inseriu a fotografia na fase da industrialização.¹¹⁹

Segundo Fabris:

O “efeito Disderi” não pode ser dissociado de uma análise da função social do retrato na sociedade oitocentista. Se, no século XIX, o retrato pictórico começa a ser questionado como gênero em função das transformações profundas pelas quais passa a arte moderna, não se pode, porém, esquecer que esse mesmo século conhece um desenvolvimento extraordinário da representação e da auto-representação do indivíduo em consequência da crescente necessidade de personalização da burguesia.¹²⁰

Ademais, a burguesia encontrou um meio de se representar, mas, sobretudo, permitiu-se, com a reprodução das imagens técnicas, a possibilidade do próprio proletariado ser fotografado. Essa nova clientela, para tanto, reportou-se aos modelos de representação, cenários e poses, reconhecidos como pictorialismo, ou seja, os modelos e padrões utilizados advindos da pintura. Nesse caso, é importante sublinhar que muitos fotógrafos naquele período eram pintores, e passaram a incorporar seus conhecimentos nas imagens fotográficas. Um dos exemplos é o uso dos retoques, que buscavam, muitas vezes, diminuir a crueza e,

¹¹⁶ VASQUEZ, Pedro Karp. *O Brasil na fotografia oitocentista*. São Paulo: Meta Livros, 2003.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ AMAR, Pierre-Jean. *História da fotografia*. Lisboa: Edições 70, 2001. p. 23.

¹¹⁹ FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

¹²⁰ Ibid., p. 29.

assim, o impacto de realidade que as fotografias em preto e branco representavam para o fotografado, ou, ainda, a tentativa de corroborar a imagem idealizada pelo cliente.¹²¹

Enquanto muitos se encontravam arrebatados com as possibilidades advindas da fotografia, algumas pessoas viam aspectos contrários aos primeiros. A possibilidade de se fotografar quaisquer cenas da vida cotidiana e, ainda, de serem adquiridas por um baixo custo foi muito criticado. Entre estes críticos está Walter Benjamin,¹²² que, ao considerar este modelo e a reprodução das imagens técnicas, descreveu que a arte havia perdido a sua aura. Para o autor, no momento em que a imagem tornou-se reproduzível, conseqüentemente perdeu a sua conexão com o original, ou seja, com a tradição. A característica de unicidade de uma obra de arte seria “inseparable de la inscripción de esta última en la estructura de la tradición”.¹²³ As obras de arte, para o autor, perderam seu papel ritual e passaram a ter unicamente a função de exibição.

Mas, em meio a estas transformações e discussões positivas ou negativas, é preciso salientar que o desenvolvimento da técnica fotográfica responde a demanda advinda da sociedade sobre a imagem e, que “nenhuma inovação é feita de absoluta criação”.¹²⁴

Monteiro salienta:

A partir do século XX, a fotografia vai tomar o seu lugar nesse mundo das imagens, ao qual vem alterar de forma radical no contexto da Revolução Industrial ou Revolução Técnico-Científica. Por um lado, a fotografia veio responder a uma demanda crescente de imagens e de autorrepresentação da burguesia em ascensão, buscando uma forma de fabricar imagens de forma rápida e consideradas fiéis ao seu referente. De outro, o dramático processo de urbanização criou a necessidade de controlar e disciplinar um contingente diversificado de sujeitos em uma sociedade de massas, criando a foto identificação.¹²⁵

Anteriormente, os Estados usavam a pintura como meio de controle e de afirmação social, com a fotografia o mesmo passou a ocorrer.¹²⁶ Inclusive, muitas vezes foram os Estados os agentes financiadores do desenvolvimento das técnicas fotográficas, pois estavam cientes das suas inúmeras possibilidades de uso. Essas imagens adquiriram duas funções na

¹²¹ FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

¹²² BENJAMIN, Walter. *La obra de arte en la era de su reproductibilidad técnica y otros textos*. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2012.

¹²³ *Ibid.*, p. 31.

¹²⁴ FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1982. p. 84.

¹²⁵ MONTEIRO, Charles. *Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 11.

¹²⁶ A fotografia no século XIX substituiu a função que a pintura tinha na sociedade, pois possui uma profunda relação com a noção de representação do real. Sobre essa questão Philippe Dubois em *O ato fotográfico* descreve o que seriam três momentos da fotografia: o 1º em que a fotografia fora ícone (espelho do real); o 2º em que fora símbolo (transformação do real) e o 3º em que fora índice (traço do real).

sociedade: para o povo era incorporada como um grande espetáculo; para os governantes, elas atuavam como agentes de vigilância.¹²⁷

Neste caso, Fabris,¹²⁸ ao tratar sobre os processos de identidade e identificação por meio da fotografia, destacou que, desde cedo, foi utilizada como forma de recenseamento pelos governos, atuando na esfera judicial e médica. Conforme a autora, decorridos dois anos da invenção do daguerreótipo, a polícia de Paris já teria um arquivo com retratos dos suspeitos e delinquentes da cidade.

Por conseguinte, Tagg¹²⁹ destacou que as relações entre fotografia e as redes de poder advindas do Estado desenvolveram-se em paralelo ao desenvolvimento da técnica. No tocante a esta situação, é importante ressaltar que as imagens de identificação, e seu uso na esfera policial são utilizadas até os dias de hoje com grande relevância.

No Brasil, após a consolidação da República, em 1889, o uso de imagens foi deveras importante no processo de afirmação “cultural que a nova ordem trazia em seu bojo”.¹³⁰ Situação que se estendeu à educação, ou seja, o uso da fotografia pelas instituições de ensino corresponde, em parte, a esta necessidade de controle infligida pelos Estados modernos, em que, por meio desta, afirmaram-se ao longo dos anos padrões, práticas pedagógicas e disciplinares aplicadas aos alunos. Possamai¹³¹ afirma que “as imagens fotográficas, assim, dão visibilidade à educação, considerada como meio de alcançar uma sociedade moderna, científica e civilizada”. Mauad e Lopes complementam que

as fotografias começaram a servir aos Estados liberais e capitalistas na composição de conhecimento e informação visual a respeito dos indivíduos sob sua autoridade. No século XIX, a organização dos governos ocidentais inaugurou novas formas de controle social, nos quais a fotografia desempenhou um papel relevante.¹³²

Dessa forma, a fotografia está totalmente ligada à modernidade, pois “faz a modernidade a cada ato fotográfico”.¹³³ Onde as principais mudanças, sejam culturais, sociais, sejam tecnológicas são registradas e divulgadas por meio da imagem. As afirmações de

¹²⁷ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

¹²⁸ FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

¹²⁹ TAGG, John. *El peso de la representación*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2005.

¹³⁰ SANTOS, Alexandre Ricardo dos; ACHUTTI, Luiz Eduardo. *Ensaio sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998. p. 23-35.

¹³¹ POSSAMAI, Zita Rosane. Uma escola a ser vista: apontamento sobre imagens fotográficas de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 29. p.143-169, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

¹³² MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe Brum. *História e fotografia*. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 272.

¹³³ ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação da Liberdade, Educ, 2002. p. 117.

Sontag,¹³⁴ ao destacar que o mundo transformou-se em um “mundo-imagem”, corroboram a expressiva ligação da era moderna à fotografia, declarando que

uma sociedade se torna “moderna” quando uma de suas atividades principais consiste em produzir e consumir imagens, quando imagens têm poderes excepcionais para determinar nossas necessidades em relação à realidade e são, elas mesmas, cobiçados substitutos da experiência em primeira mão se tornam indispensáveis para a saúde da economia, para a estabilidade do corpo social e para a busca da felicidade privada.¹³⁵

Nesse sentido, é possível constatar três momentos na história do visível: “o olhar mágico, o olhar estético e, enfim, o olhar econômico. O primeiro suscitou o ídolo; o segundo, a arte; o terceiro, o visual”.¹³⁶ Ou seja, no primeiro momento estão as representações da imagem com caráter religioso, após iniciou-se o período em que a imagem adquire o *status* de arte, por exemplo, por meio da pintura e, por fim, o terceiro momento, em que a imagem se expande e adquire diversos espaços de representação. Benjamin¹³⁷ acrescenta que “a diferença entre a técnica e a magia é uma variável totalmente histórica”. É, por fim, nesse terceiro momento, advindo das necessidades constantes de representação das sociedades, que a imagem fotográfica se insere.

Barthes¹³⁸ explica que a fotografia perpetua o passado, carrega consigo as representações sociais e o cotidiano de determinada época. Ela envolve, transmite, evidencia e instiga o observador a analisar aquele indício de realidade que se apresenta na fotografia, provocando emoções universais e distintas a cada indivíduo que a observa. Também, um recorte do mundo, um momento congelado, um mundo em miniatura¹³⁹ são atribuições que foram e por muitas vezes ainda são designadas à fotografia.

Nas palavras de Belting,¹⁴⁰ “sin embargo, éstos, sobre la placa fotográfica, son arrancados del flujo de la vida y ‘conjurados’ en la imagen, como es propicio decir en referencia a las prácticas mágicas, a manera de recuerdos aislados de la realidad”.

É preciso atentar ao fato de que essas imagens adquirem espaços de representação na sociedade, visto que toda representação parte de uma imagem, à qual são atribuídas

¹³⁴ SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 170.

¹³⁶ DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p.43.

¹³⁷ BENJAMIN, Walter. Pequena História da fotografia. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin. Sociologia*. São Paulo: Ática, 1991. p. 95.

¹³⁸ BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

¹³⁹ SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁴⁰ BELTING, Hans. *Antropología de la imagen*. Madri: Katz, 2010. p. 263.

significações. Moscovici¹⁴¹ sintetiza esse esquema de representações como: “representação=imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma idéia e toda idéia a uma imagem”. Ou seja, atualmente quem trabalha com imagens está consciente de que elas estão permeadas de noções de poder e que, portanto, é necessário ir além de sua “dimensão plástica”¹⁴² e conhecer os códigos de significação das sociedades, seus mecanismos, assim como suas representações, uma vez que “uma dada imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz”.¹⁴³

Ao tratar sobre representações, são importantes as considerações provenientes de Chartier:¹⁴⁴ “[...] representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediatamente ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e pelos gestos’, ‘por algumas marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias.” O autor, referindo-se a Louis Marin, destaca que a imagem tem o poder de substituir o objeto ausente e para tanto, construir identidades. Quanto a isto, Bourdieu¹⁴⁵ segue, propondo que “toda imagen es representación de una ausencia”. E nesse caso Marin,¹⁴⁶ ao trabalhar com a carta de Poussin a Chantelou sobre o quadro Maná, ressalta que a imagem, assim como o texto escrito, tem uma presença visual, e que “olhar um quadro não é somente perceber um objeto”.¹⁴⁷ Em outras palavras, as imagens representam algo; o autor afirma que “existem duas maneiras de ver os objetos, umas vendo-os simplesmente, outra considerando-os com atenção”.¹⁴⁸

Sontag,¹⁴⁹ ao abordar a fotografia, afirma que a mesma confere ao evento “uma espécie de imortalidade” em que a realidade do mundo em que vivemos conviveria com a realidade de um outro mundo criado pelo fotógrafo, um “mundo-imagem, que promete sobreviver a todos nós”.¹⁵⁰

Para Kossoy,¹⁵¹ o “mundo tornou-se de certa forma ‘familiar’ após o advento da fotografia”. Dialogando com esta noção, da mesma forma, creditou-se à fotografia o poder de

¹⁴¹ MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 46.

¹⁴² BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

¹⁴³ Ibid. p. 80.

¹⁴⁴ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. p. 165.

¹⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. p. 341.

¹⁴⁶ MARIN, Louis. Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger et al. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 117-140.

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004. p. 22.

¹⁵⁰ Ibid., p. 22.

¹⁵¹ KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ed. Ateliê, 2011. p. 26.

representação exata do real, devido à sua gênese técnica, como atesta Dubois,¹⁵² pois a imagem fotográfica seria o resultado de um processo mecânico. Onde “la fotografía requiere poco o ningún aprendizaje”¹⁵³ em seu manuseio, ou seja, está isenta de interferência humana.

Mas, as correlações criadas entre a fotografia e sua capacidade de registrar o real e produzir verdades, não se sustentam. Flusser¹⁵⁴ considerada a fotografia uma imagem de caráter técnico; mas, segundo o autor, “em fotografia, não se pode haver ingenuidade”,¹⁵⁵ pois, apesar da gênese técnica do aparelho, o fotógrafo busca “inserir na imagem informações não previstas pelo aparelho fotográfico”.¹⁵⁶ Deste modo, a objetividade expressa na fotografia é ilusória; as imagens “são tão simbólicas quanto o são todas as imagens”.¹⁵⁷ Belting¹⁵⁸ propõe que as imagens fotográficas têm, do mesmo modo que as nossas imagens mentais, a capacidade de dar sentido, de simbolizar e recordar a vida e o mundo.

Por conseguinte, não se pode dissociar as noções de representação e de acontecimento, tendo em vista que a representação intensifica e duplica o acontecimento registrado na imagem.

Kern¹⁵⁹ retoma Poivert, quando disserta sobre as funções das imagens. Segundo a autora, as imagens teriam duas funções distintas, primeiramente “como mudança de concepção formal/técnica e assim instauradora de novas percepções, de crise e de acontecimento; e/ou como representação e instauradora do acontecimento”. Dessa forma, Kern¹⁶⁰ propõe que a imagem tem o poder de “destruir ou colocar em questão a inteligibilidade do mundo estabelecida e construir outra a partir de elementos perturbadores, que se formalizam em nova representação e se constituem em acontecimento”.

Assim sendo, a partir das imagens, a educação adquire um meio de registro que procura legitimar suas ações na sociedade. Portanto, as imagens que representam a temática educação acompanham em seus registros as cenas e as representações das práticas de ensino em distintos períodos.

¹⁵² DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. São Paulo: Papyrus, 1993.

¹⁵³ BOURDIEU, Pierre. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografía*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. p. 341.

¹⁵⁴ FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 32.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 77.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 14.

¹⁵⁸ BELTING, Hans. *Antropología de la imagen*. Madri: Katz, 2010.

¹⁵⁹ KERN, Maria Lúcia Bastos. Imagem e acontecimento: o mediterraneanismo de Joaquín Torres-García. *Domínios da Imagem*, Londrina, ano 1, n. 1, pg. 137-148, nov. de 2007.

¹⁶⁰ *Idem.*

Diante da realidade de um expressivo conjunto de imagens fotográficas, encontradas nos arquivos dessas escolas, observou-se a existência de uma grande dificuldade, por parte das instituições, de trabalharem com sua história, assim como com a história local, não percebendo as mesmas e pouco conscientes de que as fotografias “fornecem um testemunho”.¹⁶¹ Elas podem contribuir para a construção da história e da memória dessas escolas. Para tanto, algumas considerações sobre a fotografia e memória são pertinentes.

Primeiramente, é importante ressaltar que as relações entre imagem e memória são deveras antigas e reportam-se à Pré-História. Em verdade, “a imagem foi nosso primeiro meio de transmissão”.¹⁶² Debray destaca que por meio das máscaras mortuárias nas sociedades antigas, o homem buscou perenizar o ausente por meio da imagem (*imago* em latim). Um duplo criado pelo homem, em que a imagem era capaz de transportar a alma do morto, torná-lo vivo por meio desta, o *imago* torna-se um “hiper corpo, ativo, público”.¹⁶³ Portanto, o autor pondera sobre duas funções da imagem: a primeira, é esta característica do duplo nas máscaras mortuárias e, a segunda, é a possibilidade de tornar-se memória, pois como o mesmo declara “a imagem é filha da saudade”.¹⁶⁴

É nesse sentido que Schmitt¹⁶⁵ refere-se ao termo *imago* quando discorre sobre as imagens na Idade Média, ao trabalhar com diversas obras de arte. Para o autor, ao considerar o termo, o historiador adentra em um campo de investigação que não implica somente as questões estéticas das imagens, mas, são consideradas para análise alusões de poder e de memória.¹⁶⁶ Em suas palavras, é necessário “recolocar as imagens no conjunto do imaginário social, com suas implicações de poder e memória, sem negar a contribuição específica dos historiadores [...], eis qual deve ser atualmente nossa tarefa comum”.¹⁶⁷

Schmitt destaca que, ao se trabalhar com a imagem ela não deve ser analisada como monumento ou documento, mas, por ambas as formas, pois “em sua plenitude, ela deve ser um documento/monumento que informa sobre o ambiente histórico que a produziu e ao mesmo tempo se oferece ao olhar como uma manifestação de crença religiosa ou uma proclamação de prestígio social”.¹⁶⁸ Para tanto, a imagem como documento é investida da

¹⁶¹ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.16.

¹⁶² DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p.116.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 25.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 38.

¹⁶⁵ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 45.

¹⁶⁷ *Idem.*

¹⁶⁸ *Ibid.*, p. 46.

noção de monumento, implicando a junção documento/monumento.¹⁶⁹ Por meio desse olhar, a imagem passa a informar sobre o contexto histórico em que foi produzida e em que está inserida, mediada por representações sociais. Abordar a imagem como documento/monumento infere que “toda imagem visa tornar-se ‘lugar de memória’, um *monumentum*”,¹⁷⁰ e que “também a *memória* coletiva em todas as suas dimensões sociais e culturais, consiste antes de tudo em imagens”.¹⁷¹

Le Goff,¹⁷² ao descrever que a fotografia revolucionou a memória, multiplicando-a e democratizando-a,¹⁷³ afirma que ampliou as possibilidades da memória coletiva para as sociedades, que, por meio da imagem, dos gestos, dos ritos e das festas, encontrou uma forma de preservar e, sobretudo, exaltar suas memórias.¹⁷⁴ Partindo dessas relações, o autor confere à memória a noção de documento/monumento, observando que a origem das palavras refere-se respectivamente à *monumentum* e *documentum*. A palavra latina *monumentum* remete à memória a possibilidade de recordar o passado, que tem como característica “ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas”.¹⁷⁵ O termo latino *documentum* remete a ensinar, significado que, com o passar do tempo, evoluiu para o sentido de prova. Por meio do que se denominou “revolução documental”,¹⁷⁶ uma mudança de perspectiva quanto ao tratamento do documento produziu novas reflexões nesse âmbito. Reconhecendo que o historiador trabalha com documentos e que não existe documento objetivo ou inócuo,¹⁷⁷ tornou-se evidente a necessidade de considerá-lo *monumento*. Assim, Le Goff destaca que

o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder, só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador cientificamente, isto é, com pleno conhecimento.¹⁷⁸

¹⁶⁹ SCHMITT, Jean-Claude. O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Bauru: Edusc, 2007. p. 46.

¹⁷⁰ Ibid., p. 47.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 460.

¹⁷³ Idem.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Ibid., p. 526.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ Ibid., p. 535.

¹⁷⁸ Ibid., p. 536.

Desse modo, o historiador deve trabalhar com o documento como monumento, mesmo que a princípio não tenha sido produzido com este intuito. Mauad¹⁷⁹ também pondera sobre o circuito social da fotografia, na perspectiva da imagem fotográfica como imagem/documento e imagem/monumento proposta por Le Goff. Para a autora, a primeira colocação remete à materialidade passada da imagem fotográfica, e a segunda informa o que a sociedade optou por perenizar ao futuro; a imagem fotográfica adquiriu um papel de significação, ou seja, de símbolo. Nesse norte, a relação entre história e fotografia se faz por meio da construção de sentidos¹⁸⁰ e, assim, o que se propõe acerca da problemática do documento são os usos, as funções que estes adquirem para as sociedades que o produziram.¹⁸¹

De tal modo, a fotografia operou como prova material da existência humana e passou, dessa forma, a “alimentar a memória individual e coletiva dos homens públicos e de grupos sociais”.¹⁸² Teria a mesma, segundo Mirzoeff,¹⁸³ a capacidade de condensar e perdurar o que se registra. Primeiramente, com a popularização dos cartões-postais, que remetiam a paisagens, lugares ou pessoas a serem lembrados com o olhar. E logo, com o uso das reproduções fotográficas pelos grupos familiares, que passaram a registrar sua memória nos tradicionais álbuns de família.

De acordo com Leite,

nesse período, como a fotografia é utilizada para reforçar a integração do grupo familiar, reafirmando o sentimento que tem de si e de sua unidade, tanto tirar as fotografias, como conservá-las ou contemplá-las emprestam à fotografia de família o teor de ritual de culto doméstico, em que a família pode ser estudada como sujeito e como objeto.¹⁸⁴

Neste caso, é importante ressaltar que os álbuns foram vinculados a um valor de culto, diferentemente dos cartões-postais que interavam a necessidade de exibição e de divulgação turística. Para Schapochnik,¹⁸⁵ “percorrer essas fotografias é como mergulhar no registro virtual da memória familiar”, não que estas imagens tenham a capacidade de

¹⁷⁹ MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005.

¹⁸⁰ MAUAD, Ana Maria; LOPES, Felipe de Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 41.

¹⁸³ MIRZOEFF, Nicholas. *An introduction to visual culture*. London-New York: Routledge, 2000.

¹⁸⁴ LEITE, Miriam. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: USP, 2000. p. 87.

¹⁸⁵ SCHAPOCHINK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil 3 República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 457.

conservar o passado, mas servem de “referências para a lembrança no presente”.¹⁸⁶ Enquanto registro de memória, essas fotografias resistem à aceleração do tempo e orientam a mesma, que tende a ser fragmentada, porque nas escolhas que são realizadas, as imagens são elegidas de acordo com o tipo de recordação que a família quer tornar visível, e o que quer manter invisível.

Para Kossoy,¹⁸⁷ “fotografia é memória e com ela se confunde”, pois essas imagens em nossa memória mesclam-se às memórias pessoais e transformam-se em um arquivo visual de referência.¹⁸⁸ Catroga¹⁸⁹ complementa definindo a memória como “uma das expressões da condição histórica do homem”.

As fotografias tornam-se lugares de memória de acordo com as concepções advindas de Nora,¹⁹⁰ que propõe distinções entre a memória e a história. Para o autor, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”;¹⁹¹ portanto, à história caberia analisar as continuidades temporais e suas respectivas relações desses espaços do concreto. Assim, diante do sentimento de que não há mais memória, são criados substitutos que frequentemente podem ser recorridos com o olhar.

A substituição de quaisquer outros meios para preservar a memória pelo suporte imagético tornou-se implícita, uma vez que “é o suporte imagético que, na maioria das vezes, vem orientando a reconstrução e veiculação da nossa memória, seja como indivíduos, seja como participantes de diferentes grupos sociais”.¹⁹² As sociedades passaram a utilizar a fotografia como referência que, por vezes, permite suprir as falhas da memória.¹⁹³ Desta forma, a imagem é considerada um auxílio para recuperar a lembrança perdida, através de narrações advindas do mundo exterior. Logo, permite à lembrança uma “reconstrução do passado, com a ajuda de dados emprestados do presente”.¹⁹⁴ Para Bourdieu,

¹⁸⁶ SCHAPOCHINK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil 3 República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 459.

¹⁸⁷ KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Senac; Hucitec, 2005. p. 40.

¹⁸⁸ KOSSOY, Boris. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê, 2002.

¹⁸⁹ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001. p. 66.

¹⁹⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*, São Paulo, n. 10, p.7-28, dez.1993.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² SINSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Ed. Hucitec/ Ed. Senac, 2005. p. 20.

¹⁹³ BOURDIEU, Pierre. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografía*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

¹⁹⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p. 71.

más concretamente, la fotografía tendría como funciona ayudar a sobrellevar la angustia suscitada por el paso del tiempo, ya sea proporcionando un sustituto mágico de lo que aquél se ha llevado, ya sea supliendo las fallas de la memoria y sirviendo de punto de apoyo a la evocación de recuerdos asociados.¹⁹⁵

De tal modo, a imagem passou a ocupar um papel muito importante na representação das memórias coletiva e individual para as sociedades do século XX. Deve-se a isso o fato de muitas instituições escolares registrarem suas atividades com o uso de fotografias, quando a instituição confere inicialmente à imagem um papel de atestação.¹⁹⁶ Todavia, a análise dessas imagens fotográficas possibilita o estudo da história e da memória das instituições escolares, nas quais foram registrados os principais momentos e eventos das escolas, tendo em vista que, o estudo da memória coletiva “se expressa no âmbito de instituições, a maioria das vezes estatais, mas também da sociedade civil, como igrejas, escolas, sociedades históricas e assim, por diante”.¹⁹⁷

É partindo destas reflexões que Bencostta conclui que,

na memória das escolas públicas, as fotografias inscrevem-se na imanência do tempo presente, nos acontecimentos significativos para professores, alunos e funcionários, partícipes dessa temporalidade do agora, e assim, elas se constituem em um instrumento de memória institucional e de recordação.¹⁹⁸

3.2 O TRABALHO COM OS ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS ESCOLARES

Ao trabalhar com os arquivos fotográficos escolares, a pesquisa objetivou, além de analisar as mudanças históricas que ocorreram na educação e, assim compreender a história e a memória dessas escolas, buscar compreender as representações imagéticas e identificar como ocorreram os registros fotográficos, e o que foi evidenciado nos acervos de cada instituição.

Em vista disso, Kossoy¹⁹⁹ destaca que as fotografias devem ser analisadas com metodologias adequadas, pois a imagem é sempre uma “representação resultante do *processo*

¹⁹⁵ BOURDIEU, Pierre. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. p. 52.

¹⁹⁶ FABRIS, Annateresa. Discutindo a imagem fotográfica. *Domínios da imagem*, Londrina, ano I, n. 1, p.31-41, nov. 2007.

¹⁹⁷ LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S.; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Org.). *História, memória e educação*. Campinas, SP: Alínea, 2011. p. 16.

¹⁹⁸ BENCOSTTA, Marcus Levy. Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. *História* (São Paulo). v.30, n.1, jun, 2011. p. 397-411. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a19.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2013.

¹⁹⁹ KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Senac; Hucitec, 2005. p. 31.

de criação/construção do fotógrafo”. Também é um documento provindo do real, dada a sua materialidade, resultando em uma fonte histórica, que pode ser trabalhada por diversos ângulos e interpretações multidisciplinares. É “uma única imagem reúne, em seu conteúdo uma série de elementos icônicos que fornecem informações para diversas áreas do conhecimento”.²⁰⁰ E, nesse processo, é importante observar que existe na

imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e circulação.²⁰¹

Levando em conta o grande número de fotografias que cada instituição de ensino possui em seus arquivos, e que, para trabalhar com imagens é necessário “propor uma cronologia”.²⁰² Foi realizado um recorte temporal que permitiu congregar os acervos de três instituições de ensino. Para tanto, o recorte temporal compreende os anos de 1960 até 1980, e que um conjunto de 446 fotografias foi identificado, digitalizado, catalogado e medido. As fotografias, quando são identificadas e analisadas “objetivamente e sistematicamente com base em metodologias adequadas, se constituíram em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida”.²⁰³

Assim, a observação dessas fotografias permitiu perceber que havia temáticas recorrentes, que, por hora, eram identificadas em demasia nos arquivos de todas as instituições de ensino ou que eram uma particularidade referente a um único acervo. Em meio ao expressivo e diverso conjunto, buscou-se um suporte teórico que auxilia-se na construção de um método de análise dessas fotografias.

Inicialmente, as proposições de Menezes,²⁰⁴ trabalham com a história da visualidade, sobre o estudo de três feixes de questões que abordam os aspectos sociais na dimensão visual: o visual, o visível e a visão, foram significativos e permitiram que fossem realizadas as primeiras reflexões.

²⁰⁰ KOSSOY, Boris. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê, 2002. p. 51.

²⁰¹ *Ibid.*, p. 31

²⁰² SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007. p. 47.

²⁰³ KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Senac; Hucitec, 2005. p. 40.

²⁰⁴ MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C. NOVAES, S.S. (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 33-56.

Para o autor, no âmbito do visual estaria a necessidade de identificar os “suportes institucionais dos sistemas”²⁰⁵ nos quais, entre as diversas instituições que se enquadram, as escolas fazem parte. Inserem-se, ainda, a compreensão dos circuitos de produção, circulação e consumo da imagem. Nessas instituições e circuitos, Menezes²⁰⁶ descreve a existência de imagens que atuam como referência, representando “o conjunto de imagens guia de um grupo social ou de uma sociedade num dado momento e com o qual ela interage”, ou seja, o que ele designa como *iconosfera*.²⁰⁷ Menezes denomina como visível o “domínio do poder e do controle, o ver/ser visto, dar-se/não se dar a ver”,²⁰⁸ mecanismos que produzem a visibilidade e a invisibilidade na fotografia. Destaca os “regimes escópicos” em que as relações de uma determinada sociedade passam a ser unicamente mediadas pela imagem e, ainda, o oclocentrismo, em que a imagem dispensaria o evento, sendo este realizado por meio dela. Por fim, quanto à visão, esta compreende o observador com seus instrumentos e técnicas, o tipo de olhar que é direcionado à imagem – observam-se quais modalidades do olhar são reproduzidas.

Além disso, o autor propõe que compreender a fotografia como artefato torna-se uma consequência ao tratá-la como documento e destaca que toda imagem possuiu uma primeira existência social, antes de compor arquivos, museus, coleções, etc. Contudo, compreender o circuito de produção, circulação e consumo de uma fotografia não é suficiente, é preciso ir além, e ampliar estas noções. Assim, quando se utiliza a imagem como documento “deve-se retratar, procurando pistas diversas, os caminhos que ela percorreu, antes de ser diagnosticada e aposentada e receber o *status* de documento. Tal percurso deve ser feito ao inverso”.²⁰⁹

Schmitt traz profícuas reflexões sobre o uso da imagem para os historiadores, isto é, é possível relacioná-las com a pesquisa com fotografias. Assim, o autor propõe que,

não se pode negar que ao menos certas imagens apresentam um interesse documental dessa espécie. A essa utilização imediata das imagens pelos historiadores nada nos diz das próprias imagens, nem de sua razão de ser nem da natureza, diferentemente complexa, do processo de representação. Engana-se

²⁰⁵ MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C. NOVAES, S.S. (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 35.

²⁰⁶ Ibid.

²⁰⁷ O termo *iconosfera* advém de Roman Gubern, que introduziu o termo em 1959, tratando das relações do mundo midiático pelas linguagens icônicas, com relação ao cinema e a televisão. Para mais informações ver: <http://campus.unir.net/cursos/lecciones/ARCHIVOS_COMUNES/versiones_para_imprimir/GChti/TEMA11.pdf>.

²⁰⁸ MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. *Rumo a uma história visual*. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C. NOVAES, S.S. (Org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 36.

²⁰⁹ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 254.

redondamente quem pensa que, para os homens do passado, como de resto para nós, poderia haver algo do real, independentemente da consciência dos atores sociais e da expressão que oferecem em suas obras.²¹⁰

Para o autor, o historiador ao trabalhar com as imagens deve acima de tudo “compreender sua totalidade, em sua forma e estrutura, em seu funcionamento e suas funções”.²¹¹

Tendo em vista o grande conjunto de fotografias nos acervos escolares, foi necessário classificá-las e ordená-las por meio da constituição de séries. Assim sendo, parte-se das concepções de Mauad,²¹² que acredita que a análise de fotografias, “de forma crítica, não pode ficar limitada a um simples exemplar”, pois trabalhar com séries fotográficas e com a criação de tipologias é imprescindível. A autora concebe quatro pontos importantes que orientam a análise histórica de fotografias. O primeiro corresponde à produção, a “ação do olhar”,²¹³ que estão relacionados aos dispositivos e às tecnologias da visão. O segundo, corresponde ao produto, em que a imagem adquire sentido social ao ser transformada em matéria e, ao permitir contar histórias e atualizar memórias, agem demarcando os espaços do visível e do invisível.²¹⁴ O terceiro mote diz respeito ao agenciamento: as imagens são tomadas como artefatos, como objetos que possuem trajetórias diversas. O último ponto refere-se à recepção, o valor que adquire esta imagem nas sociedades e, portanto, os espaços de visualidade que possui.²¹⁵

As concepções metodológicas propostas por Lima e Carvalho,²¹⁶ ao desenvolverem pesquisa sobre os Álbuns da Cidade de São Paulo, entre os anos de 1887 e 1954, quando trabalharam com 1.664 fotografias produzidas naquele período, propõem a identificação de descritores icônicos e formais em fotografias e a respectiva identificação de padrões temático-visuais.

Os estudos de Leite²¹⁷ sobre fotografias também são demasiado importantes; a mesma confere que “uma série de imagens que reunidas ou justapostas podem sugerir

²¹⁰ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007. p. 26.

²¹¹ Ibid., p. 27.

²¹² MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, v. 13, n. 1, 2005. p. 139.

²¹³ MAUAD, Ana Maria; LOPES, Felipe de Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso. VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 280.

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ Idem.

²¹⁶ LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1997.

²¹⁷ LEITE, Mirian Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: USP, 2000. p.36.

aspectos ou ângulos de uma atmosfera ou de um ambiente.” Do mesmo modo, Schmitt²¹⁸ concebe que nenhuma imagem encontra-se isolada e a observação delas em série representa a totalidade, pois “o isolamento de uma imagem será sempre arbitrário e incorreto”.

Partindo dessas proposições, realizaram-se estudos a partir da composição de séries do material iconográfico encontrado nas três instituições escolares. Nesse sentido, foram criadas séries em que se contemplam os aspectos técnicos das fotografias e foram constituídas temáticas visuais.

Segundo Kern,²¹⁹ os componentes formais das imagens são importantes, pois fornecem “particularidades próprias da visualidade que permitem o afastamento do caráter meramente fenomenal da imagem e colaboram com a observação de outras evidências”, que contribuem para interpretação. Assim, foram identificadas questões relativas à identificação, às temporalidades, à cor, ao enquadramento, que congregaram entre si diversas semelhanças e disparidades e que forneceram informações imprescindíveis à pesquisa.

Portanto, no que concerne à composição de temáticas visuais, foram identificadas as que perpassam pelo corpo docente e discente, pelas práticas pedagógicas aplicadas e desenvolvidas, pela arquitetura escolar, pelas atividades internas e externas das instituições de ensino, pelos passeios escolares, pelas atividades recreativas, entre outras.

Ao pesquisar sobre as temáticas mais recorrentes na história da educação, constatou-se que algumas, desde o princípio, contemplavam os registros iconográficos. Assim, “desde o seu início, a fotografia implicava a captura do maior número possível de temas”,²²⁰ e o uso de fotografias pelo campo da educação passou a representar novas e distintas temáticas iconográficas, possibilitadas pelo desenvolvimento da técnica fotográfica e por seu acesso. Kossoy ressalta que

a fotografia tem se prestado, desde sua invenção, ao registro amplo e convulsivo da experiência humana. A memória do homem e de suas realizações tem se mantido sob a mais diferentes formas e meios graças a um sem número de aplicações da imagem fotográfica ao longo dos últimos 160 anos.²²¹

É importante salientar que a proposta metodológica utilizada pretende adaptar as imagens da pesquisa. Schmitt²²² destaca que a criação de séries, assim como os cruzamentos

²¹⁸ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007. p. 41.

²¹⁹ KERN, Maria Lúcia Bastos. Imagem e acontecimento: o mediterrâneo de Joaquín Torres-García. *Domínios da Imagem*, Londrina, ano 1, n. 1, p. 137-148, nov. 2007.

²²⁰ SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 18.

²²¹ KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. p. 132.

²²² Idem.

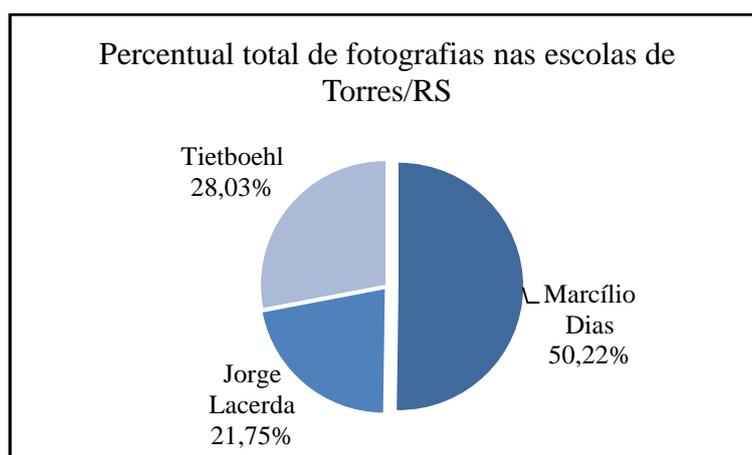
realizados sobre as mesmas, é infinita. Portanto, as séries e as temáticas visuais identificadas e analisadas são resultantes dos elementos encontrados nas fotografias; dos problemas suscitados pelas mesmas e das observações decorrentes da pesquisadora. Assim, parte-se para a apresentação dos arquivos analisados.

3.3 OS ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS DAS ESCOLAS DE TORRES/RS

É importante ressaltar que, apesar do Município de Torres/RS possuir um grande número de escolas, algumas localizadas na cidade, outras em áreas rurais de seu território, optou-se pelo estudo de arquivos fotográficos de três instituições escolares da cidade. Deve-se a escolha ao fato de que é possível encontrá-las em uma mesma temporalidade e também por serem ambas provenientes do setor público.

Nas três instituições de ensino que são foco de análise, um significativo acervo fotográfico foi encontrado em seus arquivos. Primeiramente, é importante resgatar o total de fotografias que estes arquivos reúnem, 446, e que, destas, cada escola apresentou a seguinte quantidade de imagens: a Escola Marcílio Dias 224 fotografias; a Escola Justino Alberto Tietboehl 125 fotografias; a Escola Governador Jorge Lacerda 97 fotografias. A pesquisa demonstrou que a escola Marcílio Dias possui o maior número de imagens no período analisado (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Percentual total de fotografias nas escolas de Torres/RS



Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Durante a pesquisa nas escolas, observou-se que as fotografias correspondem a sua respectiva fundação, pois desde o princípio cada instituição escolar preservou registros fotográficos.

A Escola Marcílio Dias, a mais antiga do Município de Torres/RS, foi fundada como Grupo Escolar em 1922, e cultiva a prática de registrar por meio da fotografia os eventos e as atividades que considerava importantes. Portanto, ao longo de seus 90 anos de história, um significativo conjunto de imagens fotográficas foi mantido pela instituição, criando assim, um rico acervo, em que a manutenção de sua história realiza-se por meio dessas imagens. A Escola Justino Alberto Tietboehl foi fundada em 1961 e iniciou suas atividades em 1963. Voltada a uma educação com caráter técnico na cidade de Torres/RS, desde o princípio teve a preocupação de realizar registros fotográficos de suas atividades. Portanto, contribuiu para a constituição de sua história, assim como da história do Ensino Técnico na cidade. Por fim, a Escola Governador Jorge Lacerda, que foi fundada em 1959, assim como as outras duas escolas, sempre registrou suas atividades por meio da câmera fotográfica, retendo em seus arquivos um número imenso de fotografias.

Destaca-se que, a partir dos anos 1980 a 1990, os arquivos de ambas as escolas adquiriram um número extremamente expressivo de fotografias, se comparados às imagens das décadas de 60 e 70. Diante disso, salientar a forma como cada instituição manteve suas fotografias, até o momento presente, torna-se um meio importante para a compreensão de seus usos e de suas funções em cada instituição.

As fotografias da Escola Marcílio Dias, quando iniciou-se a pesquisa, estavam guardadas em uma caixa; durante muito tempo, as imagens não foram manuseadas, muitas estavam em meio ao pó e à sujeira, em uma sala que não correspondia à necessidade de conservação das fotografias e de demais documentos ali depositados. Entretanto, no ano de 2012, a instituição escolar festejou 90 anos de fundação e utilizou algumas imagens de seu arquivo para ilustrar um livro²²³ que foi escrito para narrar as memórias da escola, por meio de relatos de professores, alunos e funcionários que estiveram presentes durante esse período. Assim, após essa utilização, as fotografias foram guardadas na sala da direção; todavia, são mantidas na mesma caixa. Ao investigarem-se quais os usos e as funções que as fotografias tinham nas décadas de 60 e 70 (séc. XX), constatou que eram realizadas como registro dos acontecimentos e posteriormente, quando reveladas, eram guardadas na caixa.

As imagens que pertencem à Escola Justino Alberto Tietboehl apresentaram características diferenciadas. Todas as suas fotografias encontram-se em álbuns, os tradicionais álbuns que se recebe quando se revelam fotografias em estúdios. Algumas dessas fotografias ainda estavam em álbuns que foram improvisados com pastas de arquivo na cor

²²³ A utilização do termo *ilustrar* refere-se ao fato de que as fotografias utilizadas no livro atingiram uma função meramente ilustrativa, pois em momento algum foram mote para análise.

preta, comuns hoje em dia, sendo muito utilizadas pelos alunos. Essas fotografias foram colocadas nestes álbuns no ano de 2011, para que fossem dispostos no *hall* da escola, no ano em que a instituição comemorou 50 anos de fundação. Conforme informações fornecidas por depoimentos, durante os anos de 60 a 80, em dias de comemoração do aniversário da instituição, havia a realização de exposições para as demais escolas e a comunidade torrense. Nestas, os materiais produzidos pelos alunos, como, por exemplo, cadeiras e bancos construídos nas aulas de marcenaria, as roupas do curso de Corte e Costura, eram expostos, juntamente a estes materiais as fotografias eram organizadas e exibidas em um painel. Atualmente, as fotografias estão guardadas na biblioteca, para que alunos, funcionários e demais integrantes da comunidade tenham acesso às imagens. Porém, ao conversar com as professoras responsáveis, nos três turnos, pelo atendimento à biblioteca, as mesmas relataram que atuam nesta atividade há muito anos e que as imagens estão ali há, pelo menos, quatro anos, mas que não se recordavam de que alguma vez essas fotografias tivessem sido consultadas por alguém, exceto em 2011, quando foram disponibilizadas no *hall*.

A Escola Governador Jorge Lacerda organizou suas fotografias também em álbuns improvisados com pastas de arquivo na cor preta, e estão armazenadas em uma sala de arquivo passivo (arquivo morto). Ali permanecem inclusive todos os documentos antigos da instituição. Destaca-se que assim como na escola Marcílio Dias, o local onde os arquivos são armazenados não correspondem às necessidades de preservação dos documentos, pois sofrem intempéries do tempo. Desse modo, no intuito de observar o destino dado às fotografias após serem reveladas, os depoimentos obtidos de Naida Carvalho²²⁴ destacaram que as fotografias eram visualizadas por alguns professores e, após, guardadas, como uma forma de preservar o registro efetuado.

Portanto, apesar das diferenças quanto ao armazenamento das fotografias, algumas em caixas, outras em álbuns improvisados, cabe destacar que as mesmas não estavam arranjadas por uma lógica temporal, nem ao menos por uma temática específica.

No entanto, Rouillé lembra que

a fotografia-documento, associada ao álbum e ao arquivo, é encarregada da tarefa de ordená-la. Nessa vasta empreitada, a fotografia-documento e o álbum (ou o arquivo) desempenham papéis opostos e complementares: a fotografia fragmenta, o álbum e o arquivo recompõe os conjuntos. Eles ordenam.²²⁵

²²⁴ Lembrando que Naida Carvalho foi diretora da Escola Governador Jorge Lacerda entre os anos de 1965 a 1980.

²²⁵ ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: SENAC, 2009. p. 101.

As colocações de Rouillé permitem observar que houve a intenção de guardar esse material em ambas as instituições de ensino. E que, apesar de aparentemente não possuírem uma lógica para quem hoje as observa, elas compõem a intenção das escolas de evidenciarem determinados temas e escolhas ou de construírem narrativas próprias.

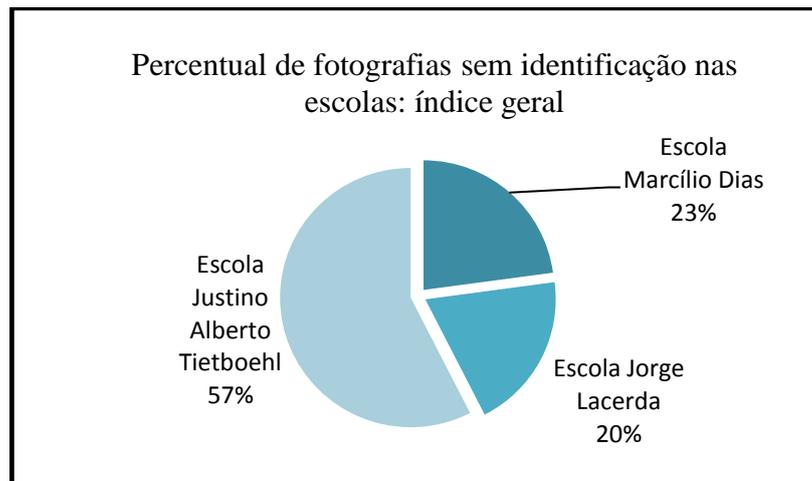
3.4 AS FOTOGRAFIAS ESCOLARES DE TORRES E SEUS ASPECTOS TÉCNICOS

Seguindo para a primeira análise das fotografias das escolas da cidade de Torres/RS, parte-se da composição de séries do material iconográfico, em que foram identificadas para essa pesquisa algumas características referentes aos aspectos técnicos das fotografias escolares.

O primeiro mote de análise buscou identificar se as mesmas apresentavam alguma informação, seja por meio de descrições, seja por informações na própria imagem, nas quais se pudesse identificar o local, a data da realização ou mesmo o motivo do registro fotográfico. Iniciou-se com dados e informações apresentados pelas fotografias, como foram encontradas. Os dados expuseram que mais de um terço das fotografias encontravam-se sem informações ou legendas que pudessem contribuir com a identificação das mesmas. Estas imagens atingiram o percentual de 36% (153 fotografias), resultando 64% (293 fotografias) que apresentaram alguma informação.

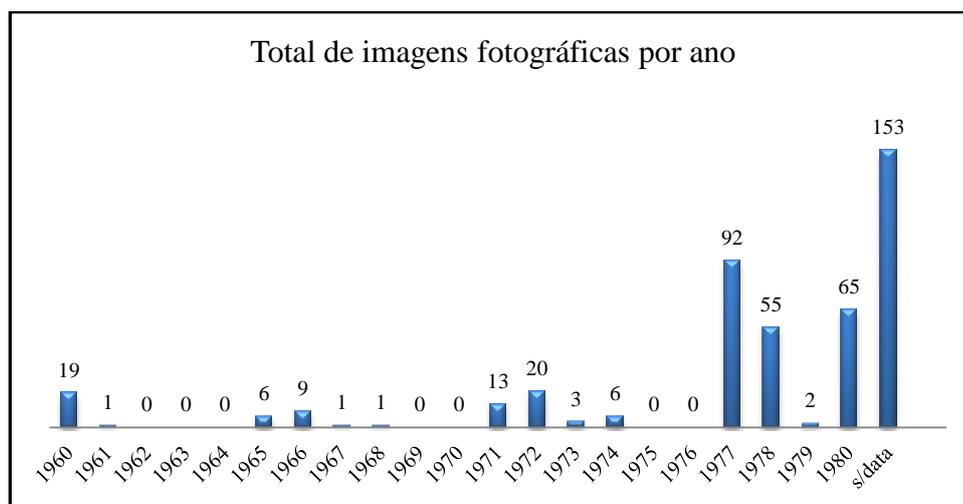
Para tanto, foi identificada a percentagem de fotografias que foram encontradas sem identificação, de acordo com o instituto de educação (Gráfico 2). O resultado apresentado foi que a Escola Justino Alberto Tietboehl revelou a maior incidência de imagens sem identificação, totalizando no geral 57% (88 fotografias), a Escola Governador Jorge Lacerda apresentou o percentual de 20% (30 fotografias) e a Escola Marcílio Dias com 23% (35 fotografias).

Esses dados levam a observar que, na Escola Justino Alberto Tietboehl, 70,40% de todas as fotografias não possuíam nenhuma identificação; a Escola Governador Jorge Lacerda apresentou um índice de 30,93% e a Escola Marcílio Dias, de 15,63%. O que permite concluir que a escola que possuía uma longa tradição em realizar o registro fotográfico foi a instituição que apresentou o menor índice. Isso denota que a manutenção dessa prática resultou no cuidado de preservar, ainda que não completamente, um grande número de informações sobre suas fotografias.

Gráfico 2 – Percentual de fotografias sem identificação por escola analisada

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

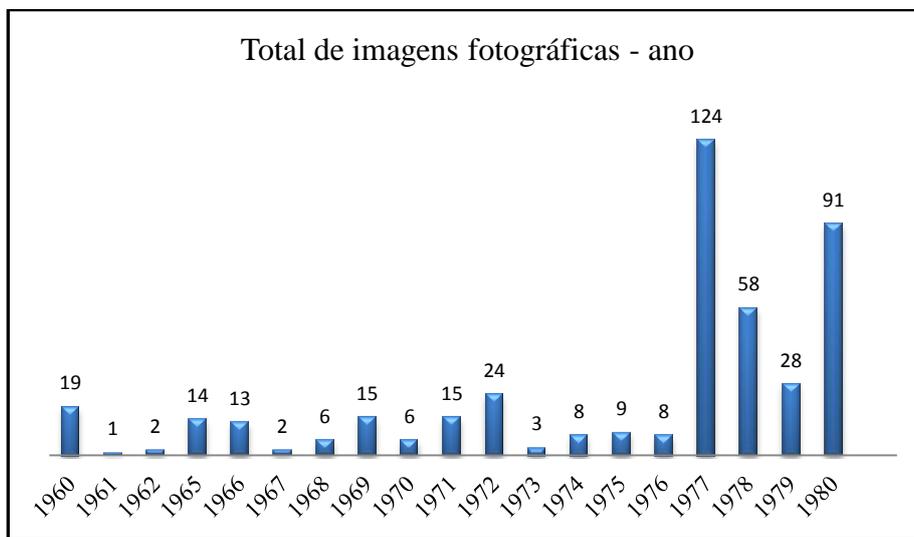
A análise segue, no segundo momento, no que diz respeito à temporalidade. Nesta, analisou-se a incidência das imagens por ano, no intuito de identificar regularidades da prática do registro, visto que a pesquisa abrange um período de 20 anos. Assim, inicialmente foram observados os dados conforme as fotografias foram encontradas nos acervos escolares (Gráfico 3), o que permitiu constatar que o índice da década de 60 era extremamente reduzido, apenas 37 fotografias (12,64%) contemplavam esse período, um conjunto de 256 fotografias (87,37%) pertenciam à década de 70, as demais inteiravam o conjunto das imagens sem identificação.

Gráfico 3 – Imagens fotográficas por ano nas escolas de Torres/RS

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Tendo em vista o grande número de fotografias que não apresentavam nenhuma identificação, iniciou-se a busca dessas informações. Para tanto, a leitura de Atas, Cadernos de Comemorações e demais documentos das escolas, entre os anos de 1960-1980, e o auxílio de professores, funcionários e alunos que frequentaram as instituições de ensino, foi imprescindível. O relato de como cada instituição funcionava, das atividades que realizavam, veio a contribuir para a identificação de todas as fotografias sem legenda. Alterou-se, portanto, a situação apresentada até o momento (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Fotografias escolares de acordo o ano após identificação



Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Entretanto, o significativo percentual de fotografias na década de 70 não sofreu profundas alterações. A grande diferença manteve-se alta: a década de 60 apresentou o percentual de 3,54% (72 fotografias) e a década de 70 apresentou o percentual de 96,46% (374 fotografias). Esses dados são um indicativo ao acesso à câmera fotográfica. Durante a década de 60, a maioria das fotografias foi realizada pelo estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes e, na década posterior, à aquisição do aparelho por professores possibilitou o registro fotográfico com maior frequência.

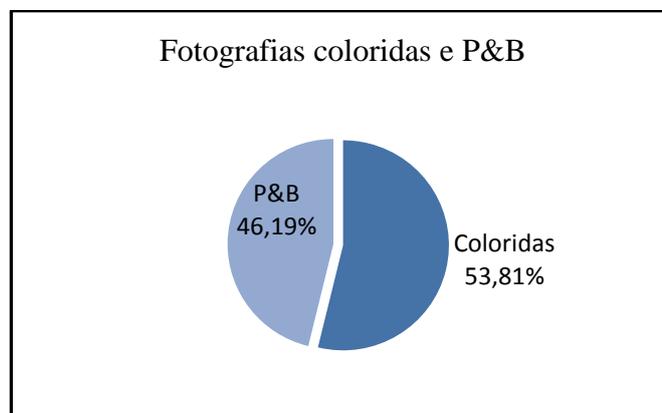
Seguindo, parte-se ao que se refere de suporte das fotografias escolares. Assim, quantos aos formatos foram identificados o formato retangular e o formato quadrado. Na Escola Marcílio Dias todas as imagens do período analisado possuem o formato retangular. Na Escola Justino Alberto Tietboehl, apenas uma entre as 125 fotografias possui o formato quadrado. Na Escola Governador Jorge Lacerda, o índice de fotografias com formato quadrado é o maior entre as demais escolas, perfazendo 19 imagens de seu conjunto. Partindo

desse contexto e da predominância de imagens retangulares, constatou-se que as fotografias com formato quadrado aparecem somente na década de 70, nos anos de 1971 (uma fotografia), 1975 (cinco fotografias) e 1978 (14 fotografias); isso leva a constatar que o aparelho fotográfico utilizado era uma Polaroid.

Todavia, apesar da grande regularidade do formato retangular, as fotografias não apresentaram uma uniformidade em seus tamanhos, pois foram encontradas diversas medidas, em que foi possível identificar 23 medidas mais recorrentes (Anexo R). A medida 9x12 cm foi a de maior destaque no índice final (208 fotografias). Mas ainda, a medida 9x14 cm se sobressaiu na Escola Justino Alberto Tietboehl (85 fotografias). Como nota-se, são medidas que se aproximam muito. Em relação à tamanha desigualdade, Fernando Feltes, que trabalhou no estúdio fotográfico de seu pai (Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes), sublinhou que, naquele período, não havia padrões de medidas dos negativos tão rígidos como as de hoje. E que, muitas vezes, para aproveitar o papel fotográfico, as fotografias adquiriam medidas diferenciadas, mesmo sendo de poucos milímetros. Destacam-se ainda, no conjunto de fotografias da Escola Marcílio Dias, duas fotografias panorâmicas, em preto e branco, que datam de 1977 e acompanham a construção de seu novo prédio.

A pesquisa constatou que as fotografias coloridas também têm predominância na década de 70, demonstrando que as imagens coloridas somam a maioria (Gráfico 5). Entre as fotografias da década de 60 apenas 11 são coloridas, as demais foram realizadas na década de 70, totalizando 214 fotografias. Essas características também estão relacionadas ao aparelho e ao material fotográfico utilizado. As imagens coloridas adquirem espaço na década de 70.

Gráfico 5 – Percentual de fotografias coloridas e P&B²²⁶



Fonte: Elaborado pela autora (2013).

²²⁶ P&B são as fotografias em preto-e-branco.

Tendo em vista que “o enquadramento corresponde ao espaço da realidade visível representado na fotografia”,²²⁷ a opção recai sobre o fotógrafo e, nesse caso, foi observado que a opção do enquadramento horizontal sobre o enquadramento vertical foi evidente. (Gráfico 6) Para tal, cada instituição escolar apresentou a seguinte proporção em seus arquivos: a Escola Marcílio Dias possui 88,04% (186 fotografias) no enquadramento horizontal e 16,96% (38 fotografias) no enquadramento vertical; a Escola Justino Alberto Tietboehl apresentou percentuais semelhantes, com 89,52% (111 fotografias) no enquadramento horizontal e 10,48% (13 fotografias) no enquadramento vertical; a Escola Governador Jorge Lacerda apresentou o maior índice de imagens com enquadramento na horizontal, com 98,72% (77 fotografias) e na vertical com apenas uma fotografia (1,28%). Lembrando que as demais imagens fotográficas das escolas possuíam o formato quadrado, portanto, não é possível contemplar esse tipo de proposta. Assim sendo, no enquadramento horizontal encontrou-se no conjunto analisado um número de 374 fotografias (87,79%), e 57 na vertical (12,21%).

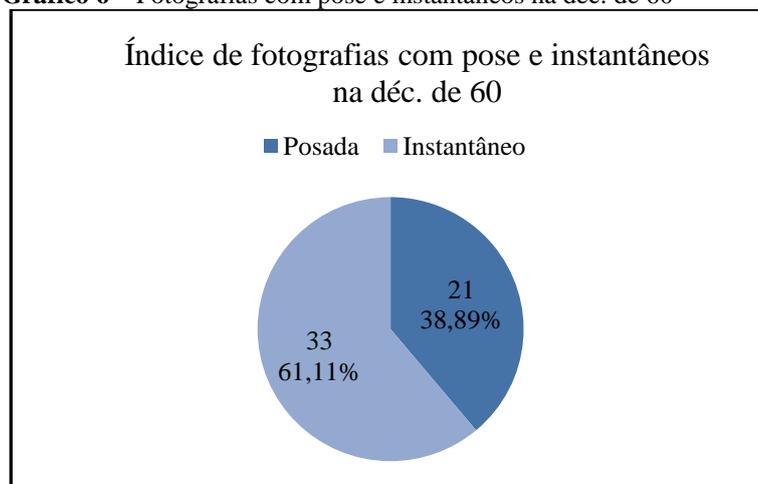
Observadas as diferentes opções de enquadramentos, buscaram-se os componentes expressos nas imagens; com isso objetivou-se identificar o que as fotografias procuram evidenciar em ambos os enquadramentos. Nas fotografias que foram realizadas na posição horizontal, os números evidenciam que das 374 fotos do conjunto, a presença de pessoas está em 82,35% (308 fotografias), onde alunos, professores, funcionários e a comunidade torrense são alvos da câmera fotográfica. As demais fotografias buscam registrar os espaços físicos da escola, como a arquitetura escolar, o mobiliário ou artigos produzidos pelos alunos e expostos em exposições. Estas perfazem um conjunto de 17,65% (66 fotografias). As fotografias com o enquadramento vertical totalizam nas três escolas um número de 52 imagens. Os dados demonstram que 45 dessas fotografias (86,54%) registraram pessoas. Notou-se que essas imagens por estarem na posição vertical, capturam geralmente duas ou três pessoas, o que proporciona um maior destaque para as mesmas. No restante, 13,46% (7 fotografias), foram fotografados os espaços físicos das instituições e seus mobiliários. É importante observar que, nas imagens com formato quadrado, apenas duas registraram trabalhos desenvolvidos por alunos. Nas restantes, buscou-se destacar alunos em desfiles pela cidade ou sendo fotografados em atividades nas próprias escolas. Assim, é extremamente relevante o número de fotografias nas quais pessoas foram captadas pela objetiva, o que possibilita concluir que

²²⁷ SOUZA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p. 78.

as escolas, em sua grande maioria, creditavam a alunos, professores e à comunidade em geral a sua imagem.

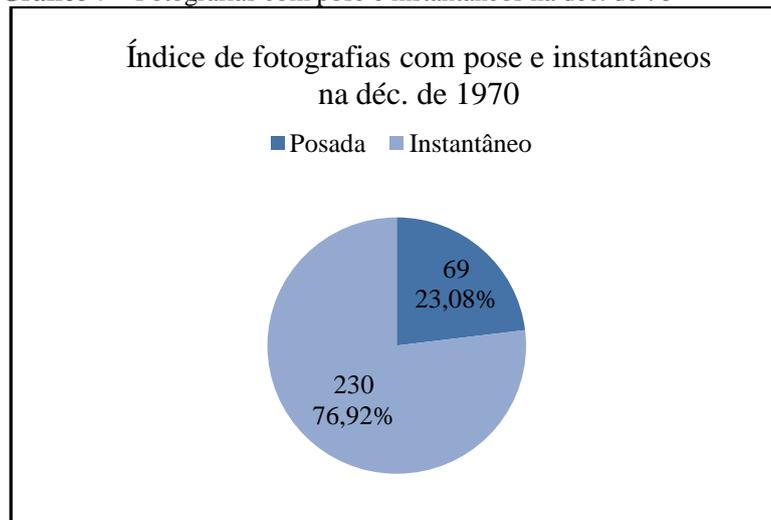
E, ao que se refere às fotografias em que pessoas contemplam a cena, buscou-se identificar quais são posadas e quais são instantâneos. Assim, nos acervos das escolas, 74,50% (263 fotografias) são instantâneos e 25,50% (90 fotografias) foram com pose. Há uma diferença entre ambas, que se manteve nas duas décadas analisadas, conforme é possível acompanhar pelos gráficos 6 e 7. Nas escolas, as diferenças mantiveram-se, ou seja, a Escola Marcílio Dias apresentou o maior índice com 78,42% (149 fotografias) de instantâneos e 21,58% (41 fotografias) com pose, a Escola Justino Alberto Tietboehl segue em segundo lugar, com 72,50% (58 fotografias), em instantâneos e 27,50% (22 fotografias) com pose; por fim, a Escola Governador Jorge Lacerda apresentou 67,47% (56 fotografias) em instantâneos e 32,53% (27 fotografias) com pose. Porém, mesmo que os dados confirmem a superioridade dos instantâneos, é preciso pontuar que as diferenças são menores na década de 60. Nesta, por exemplo, a Escola Governador Jorge Lacerda, entre os 11 registros efetuados, 9 fotografias foram com pose. Pode-se destacar que, na década citada, os registros fotográficos eram mais escassos e quando realizados geralmente captavam eventos importantes, nos quais os alunos eram devidamente posicionados para atender o padrão fotográfico da época, por meio da pose, que encena os gestos e modos dos alunos. Souza²²⁸ descreve que estes “são elementos passíveis de outorgar determinados sentidos à imagem fotográfica, pois favorecem a construção e a reformulação de ideias sobre as pessoas fotograficamente representadas”.

Gráfico 6 – Fotografias com pose e instantâneos na déc. de 60



Fonte: Elaborado pela autora (2013).

²²⁸ SOUZA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p. 99.

Gráfico 7 – Fotografias com pose e instantâneos na déc. de 70

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Os locais em que ocorreram os registros fotográficos também foram identificados. Foram distribuídos em espaços públicos e privados. Ao que se designou por espaços públicos convergem todas as fotografias que foram realizadas sejam na cidade de Torres/RS, na praia, nas falésias, em prédios religiosos ou em outras cidades. Já as fotografias relacionadas aos espaços privados correspondem às imagens em que a câmera adentrou no ambiente escolar, realizadas nos prédios das escolas, nas salas de aula, em banheiros, nos refeitórios, na biblioteca, no saguão, na quadra de esportes, etc. A partir dessa observação, notou-se que os registros fotográficos em grande parte apresentaram o espaço público como plano de fundo, em que 56,73% (252 fotografias) correspondiam ao mesmo. Fotografias realizadas nos prédios escolares equivaleram a 43,27% (193 fotografias); nessa opção, cabe destacar que a Escola Justino Alberto Tietboehl foi a única que realizou mais registros em seu prédio, em uma proporção de 58,40% (73 fotografias) para 41,60% (52 fotografias) em espaços públicos. Ao perceber essas disparidades, atenta-se ao fato de que as escolas atuavam, também, fora do ambiente escolar, e que inúmeros registros foram efetuados pelas câmeras fotográficas, e os desfiles cívicos são um claro exemplo.

Os dados analisados acima sugerem que o conjunto de fotografias, presente nos três acervos escolares, possui muitas semelhanças, a partir dos padrões que foram identificados. Essas semelhanças permitem averiguar características que perfazem a educação de Torres/RS entre os anos de 1960 a 1980.

3.5 O ESTÚDIO FOTOGRÁFICO DE ÍDIO K. FELTES

Durante a realização da pesquisa nas escolas e em entrevistas com antigos professores e alunos, os relatos voltavam-se ao acesso restrito à câmera fotográfica, decorrente do valor da fotografia e também da oferta deste trabalho na cidade. Segundo os mesmos, a partir de 1970 alguns professores adquiriram câmeras fotográficas, e o registro passou a ser mais frequente. Por conseguinte, se somente a partir de 1970 professores adquiriram suas próprias câmeras fotográficas, a quem se destinava a função de realizar esse registro na década anterior?

Desse modo, a primeira reflexão decorre a respeito do acesso à câmera fotográfica na cidade de Torres/RS na década de 60. Atenta-se para o fato de que a pesquisa demonstrou que entre todas as 72 fotografias da década de 60, somente cinco não foram realizadas pelo estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes. Portanto, é importante sublinhar a relevância deste estúdio fotográfico para as escolas e para a cidade de Torres/RS; assim, algumas considerações são necessárias.

O estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes,²²⁹ fundado em 1937, foi um importante local na cidade de Torres/RS, durante o século XX. O fotógrafo realizou o registro de diversas atividades da cidade e da região, acompanhando, com um olhar mais próximo por meio da lente de suas câmeras, as transformações e o desenvolvimento do município, seja no âmbito turístico, na construção civil, seja no cotidiano da região.

De origem alemã, proveniente da colônia de São Leopoldo, onde seus pais fixaram residência, Ídio K. Feltes veio à cidade de Torres/RS na década de 20, quando casou e ali fixou residência. Adquiriu conhecimentos da fotografia com o fotógrafo Breno Kleser, que já trabalhava na cidade de Torres/RS. Além da fotografia, Ídio exercia outras atividades, como a de cinematógrafo. Foi a partir dele que a cidade de Torres/RS teve sua primeira projeção de filme.

Possuía um estabelecimento comercial e um estúdio fotográfico (Figura 12), o que era comum no século XX. Possamai,²³⁰ ao estudar a cidade de Porto Alegre por meio da fotografia, descreve que esses estabelecimentos não se resumiam somente à venda de materiais fotográficos. Eram um estabelecimento comercial, localizado na Rua Júlio de

²²⁹ As informações sobre o estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes são provenientes da Casa de Cultura do Município de Torres, que possui alguns aparelhos fotográficos do estúdio e, também, provém de depoimento de Fernando Feltes, filho de Ídio K. Feltes, que ocorreu em 12 de novembro de 2012, às 14 horas.

²³⁰ POSSAMAI, Rosane Zita. *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. 2005. Tese (Doutorado em história) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

Castilho nº 539, onde vendiam-se diversos produtos de ferragem, caça e pesca, inclusive, à prefeitura de Torres/RS, que, durante mais de trinta anos, comprou produtos do comércio Feltes, que fornecia, por exemplo, também dinamite.²³¹

A identificação das fotografias escolares, provenientes do estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes, foi possível por meio de uma legenda de cor branca, inscrita em cima da fotografia, onde eram registrados o local, o mês e o ano. Essa era uma identificação singular do estúdio de Ídio K. Feltes. Havia muitas fotografias que possuíam um carimbo, com o nome do estúdio, no verso da imagem.

Algumas imagens do estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes foram doadas e estão expostas na Casa de Cultura do Município de Torres/RS, assim como câmeras fotográficas que eram utilizadas por ele e por sua equipe. Uma câmera fotográfica merece destaque entre as demais que estão expostas, é a câmera Argus C3 50mm Coated Cintar importada dos Estados Unidos. Foi muito utilizada principalmente na década de 60, para a realização das fotografias escolares (Figura 13).

Figura 12 – Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes em 1961



Autor: Ídio K. Feltes.

Fonte: Acervo pessoal de Fernando Feltes.

Figura 13 – Câmera Argus C3 50mm Coated Cintar / Data: 2013



Autor: Camila Eberhardt.

Fonte: Casa de Cultura no Município de Torres/RS.

Desse modo, o estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes foi importante para a constituição dos acervos fotográficos das escolas de Torres/RS, principalmente na década de 60, quando o acesso à câmera fotográfica revelou-se insuficiente.

Destarte, além do estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes, as demais fotografias da década de 60 foram realizadas pelos padres da Igreja Católica. Como pouquíssimas pessoas possuíam câmeras na década de 60 em Torres/RS, os padres, muitas vezes por possuírem o

²³¹ O documento de compra e venda de dinamite entre o comércio de Ídio k. Feltes e a prefeitura de Torres/RS encontra-se no acervo da Casa de Cultura.

aparelho, atuavam como fotógrafos nas escolas, deve-se a isto o motivo pelo qual encontramos outras imagens que não eram provenientes do estúdio Feltes.

3.6 TEMÁTICAS VISUAIS NAS ESCOLAS DE TORRES/RS

Nas fotografias das escolas de Torres/RS, procurou-se constituir temáticas visuais de acordo com o conjunto analisado e, para tanto, foram identificadas temáticas distintas entre o expressivo conjunto de imagens das décadas de 60 e 70 (séc. XX). Portanto, identificaram-se 14 temáticas visuais. Para a sua constituição, foram levadas em conta as recorrências e as peculiaridades de cada tema, que as diferenciavam das restantes; logo, cada temática possui sua particularidade e se revela em maior ou menor proporção entre as demais.

As temáticas visuais identificadas são: Arquitetura Interna; Arquitetura Externa; Atividades em Sala de Aula; Desfiles Cívicos; Passeios; Apresentação de Alunos em Eventos; Aulas Práticas; Eventos Internos; Festas; Formaturas; Recordação Escolar; Recreio; Refeitório e Jogos. É importante sublinhar que algumas dessas temáticas identificadas são recorrentes na iconografia escolar, como por exemplo, as que se referem à arquitetura, às atividades em sala de aula e os desfiles cívicos.

Na quadro 2 estão dispostas as temáticas visuais que foram identificadas. É demonstrada a recorrência das temáticas no conjunto analisado e, ainda, como se apresentam em cada instituição escolar. Os números sugerem que algumas temáticas são mais exploradas que outras e que isso também ocorre de forma diferenciada em cada instituição, onde por vezes a ocorrência de uma temática corresponde a uma única escola.

Por conseguinte, é possível observar que a categoria temática *Desfiles Cívicos* se destaca entre as demais, congregando o maior número de fotografias; sua presença é significativa em ambas as escolas. Esses resultados sugerem a necessidade de que essas imagens sejam analisadas de forma mais atenta. Os números instigam a realizar a pergunta: O que levou as escolas a possuírem em seus arquivos iconográficos um número tão expressivo desta temática visual?

Assim sendo, não se deterá nessa categoria neste primeiro momento; dissertar-se-á sobre a mesma no próximo capítulo. Destarte, decorrer-se-á sobre as temáticas visuais restantes, a respeito de suas particularidades nas instituições de ensino do Município de Torres/RS. Para a realização do seu estudo, realizou-se a identificação da incidência em cada instituição de ensino, onde as fotografias foram classificadas de acordo com a temporalidade em que foram identificadas.

QUADRO 2 – Categorias Temáticas das fotografias escolares

Categorias Temáticas				
	Esc. Márcilio Dias	Esc. G. J. Lacerda	Esc. J.A. Tietboehl	Total
Arquitetura Interna	16	4	14	34
Arquitetura Externa	17	1	18	36
Atividades em Sala de aula	0	4	1	5
Desfiles cívicos	75	58	36	169
Passeios	33	2	1	36
Apresentação de Alunos em Eventos	28	23	15	66
Aulas Práticas	0	3	20	23
Eventos Internos	20	0	5	25
Festas	14	0	1	15
Formaturas	2	0	7	9
Recordação Escolar	8	0	0	8
Recreio	6	2	1	9
Refeitório	3	0	0	3
Jogos	2	0	6	8
Total	224	97	125	446

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Os quadros 3, 4 e 5 que seguem em anexo (Anexo S, T e U) permitem visualizar como as temáticas visuais se apresentaram. De forma detalhada, as fotografias foram classificadas por meio da constituição das temáticas visuais.

Pretendeu-se, a partir de então, sublinhar os fatores geradores das temáticas visuais dessa pesquisa e realizar reflexões acerca de sua presença nos arquivos fotográficos das escolas da cidade de Torres/RS, bem como, sua significação na educação.

Salienta-se que, ao discorrer sobre as temáticas visuais, apresentam-se fotografias das respectivas temáticas, assim como outras fotografias escolares que dizem respeito ao tema. Todavia, tendo em vista o número expressivo de imagens, buscou-se apresentar ao

leitor as que congregaram aspectos que são discutidos, ou que evidenciaram alguma característica destacada dentro da temática em que a imagem foi classificada.

Ainda, no que se refere à temática visual *Arquitetura Externa e Interna*, optou-se por trabalhar com as mesmas em um único tópico, em que, na sequência do mesmo, a análise perfaz cada uma individualmente.

3.6.1 Temática visual: Arquitetura Externa e Interna

A arquitetura escolar tornou-se um espaço de destaque nos centros urbanos em fins do século XIX e início do século XX, e foi uma temática muito recorrente nos registros fotográficos escolares. Estes, por sua vez, tiveram como tema inicial a arquitetura, devido às possibilidades técnicas que inicialmente faziam uso da daguerreotopia; assim, as estruturas sólidas foram as primeiras opções dos fotógrafos.²³²

Inicialmente, muitas universidades realizaram fotografias de seus prédios. Dentre elas, pode-se destacar a Universidade de Salamanca, que, ao comemorar o seu VIII centenário de fundação, em 1888, produziu um álbum que reuniu 21 daguerreótipos que revelaram a arquitetura do prédio da instituição (Figura 14 e 15). As imagens registram as fachadas principais da universidade e seu interior, como a galeria de artistas. Nessas fotografias iniciais, notou-se que não há a presença de alunos, em parte, em função da técnica utilizada. No final do século XIX, estes passam a ser registrados em demasia.

Figuras 14 / Figura 15 – La Universidad de Salamanca / Biblioteca de la Universidad



Fonte: <http://www.archivioistorico.unibo.it/>>.

²³² Essa opção deve-se ao longo tempo de exposição que inicialmente era necessário para a fixação da imagem.

Considerando que a preocupação, no Brasil, de construir ambientes que correspondessem às necessidades dos alunos, com um “lugar ou espaço específico para a construção de escolas, o prédio e o terreno propriamente ditos, só teve início a partir da segunda metade do século XIX”;²³³ os registros fotográficos ficaram manifestos, a partir das construções dos suntuosos prédios escolares advindos do período republicano.

Conforme Possamai,²³⁴ a “preocupação com a construção de edificações escolares por parte do Governo do Estado do Rio Grande do Sul remonta a 1899, quando foi publicado um ‘projeto-tipo’ para escola pública” e o seu registro, na maioria das vezes foi pelo Poder Público, teve a finalidade de divulgar²³⁵ as realizações do mesmo no setor educacional.

O Arquivo Público do Estado de São Paulo,²³⁶ possui um acervo significativo a respeito dessas construções, onde diversas fotografias de escolas do Estado de São Paulo foram disponibilizadas e conferem a importância da arquitetura escolar em seu período. Na figura 16, ao fotografar-se a fachada, destacou-se que estes prédios eram majestosos para a época. Da mesma forma, o registro de espaços internos dos prédios buscava o mesmo intuito (figura 17): conferir ao ensino do período o progresso que trazia à educação.

Figura 16 – 1º Grupo Escolar na cidade Bauru/SP, em 1933



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 17 - Laboratório na Escola Normal em de Botucatu/SP, em 1940



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

²³³ CORREIA, Ana Paula Pupo. *História & arquitetura escolar: os prédios escolares públicos de Curitiba (1943-1953)*. 2004. Dissertação (Mestrado) – UFPR, Curitiba, 2004. p. 84.

²³⁴ POSSAMAI, Zita Rosane. *A Cultura fotográfica e a escola desejada: considerações sobre imagens de edificações escolares - Porto Alegre (1919-1940)*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 2., Londrina, 2009. *Anais...*, Londrina, 2009. p. 930-948.

²³⁵ Idem.

²³⁶ O Arquivo Público do Estado de São Paulo está disponível por meio do endereço eletrônico: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>>.

Nesse norte, Cardoso²³⁷ destaca que, somente no início do século XX, as localizações das escolas começaram a ser consideradas em relação a outros espaços públicos. Até então, diversos locais eram utilizados para a realização das aulas, entre os quais, destacou-se, por exemplo, a utilização da casa paroquial pela Escola Marcílio Dias antes de adquirir um prédio próprio.

Dessa forma, constata-se que as instituições escolares passaram a se destacar nos cenários urbanísticos, e as escolas de Torres/RS, como revelam as imagens acima, passaram a ser identificadas por meio da própria construção. A Escola Marcílio Dias, além de um prédio amplo, localizou-se durante muitos anos, no ponto mais alto da cidade, o Morro do Farol. Somente em 1977 é que a escola foi transferida para um local mais central da cidade.

Nesse intuito Frago coloca que

el edificio escolar debía ser configurado, como la actividad educativa, de un modo específico, definido y propio, independiente de cualquier otro y adecuado a tal fin. Ello implicaba no sólo su aislamiento y separación, sino también su identificación física, visual y arquitectónica, como tal. Es decir, la génesis de la arquitectura escolar.²³⁸

Portanto, os prédios escolares atuaram como referência do ensino em determinados períodos. No entanto, passados os anos iniciais do século XX, constatando-se as dificuldades do ensino e, conseqüentemente o valor que a construção e a manutenção desses prédios resultava ao estado, buscaram-se soluções mais plausíveis com a realidade do País.

Assim, de acordo com Filho,

as crescentes simplicidade e economia nas construções escolares propostas, seja para a cidade, seja para o campo, disseminadas mais amplamente sobretudo nos anos 50 e 60, indicavam que se alteravam as concepções acerca dos espaços escolares e, portanto, do lugar da escola no meio social brasileiro.²³⁹

Essas constatações são identificadas nas fotografias das escolas de Torres/RS, em que as construções dos prédios são simples; perdem a suntuosidade expressa em construções

²³⁷ CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. Escola e modernidade no Brasil e na Espanha. In: O ENSINO E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Congresso Brasileiro de História da Educação, 5., 2008, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes. *Anais...*, Aracaju, 2008.

²³⁸ FRAGO, Antonio Viñao. Templos de la patria, templos del saber: los espacios de la escuela y la arquitectura escolar. In: BENITO, Agustín Escolano. *Historia ilustrada de la escuela en España: dos siglos de perspectivas históricas*. Bajo la dirección de Agustín Escolano Benito. Ed.: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2006. p. 47.

²³⁹ FILHO, Luciano Mendes de Faria; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 19-34, ago. 2000.

mais antigas demonstradas acima, e as fachadas não se destacam, apenas identificam o nome da instituição de ensino.

Inicialmente, destaca-se que foram identificadas 70 fotografias correspondentes a essa temática, e que, destas, 34 fotografaram ambientes internos das escolas, e 36 buscaram evidenciar a arquitetura externa.

As fotografias que foram classificadas na temática *Arquitetura Interna* contemplam o registro de salas de aula, laboratórios, banheiros e refeitórios. Contudo, todas as fotografias que abrangem essa temática não deixaram de fotografar mobiliários das escolas, classes, mesas e cadeiras. Na biblioteca fotografaram-se prateleiras com livros; nas secretarias mesas onde atendimentos eram realizados; nos banheiros, as fotografias destacam pias e bebedouros, e nas cozinhas, fogões e geladeiras. Nota-se que, além da necessidade de fotografar os espaços dos prédios internamente, havia a necessidade de registrá-los como eram utilizados, com suas devidas funções dentro da organização e do funcionamento escolar, atestando por meio do registro a existência de tais espaços e mobiliários.

A Escola Marcílio Dias possui o maior número de registros, 16 fotografias. É preciso sublinhar que todas as imagens identificadas foram realizadas nos anos de 1977 e 1978, ou seja, são referentes ao primeiro e segundo anos da mudança para o prédio novo; privilegiaram a biblioteca e as salas de aula. Na biblioteca, todas as fotografias direcionaram a objetiva aos livros que estavam dispostos de forma impecável nas prateleiras (Figura 18). Porém, o espaço da biblioteca, o local de atendimento aos alunos, ou mesmo, espaços de leitura e pesquisa para os mesmos não puderam ser constatados, o que propõe que talvez essas questões não fossem pertinentes para o período, simplesmente o fato de a escola possuir os livros bastava. Quanto às salas de aula, essas se apresentaram sem alunos, as imagens foram captadas quando não havia aula, mas foram realizadas durante o dia, conforme é possível constatar pelas janelas. As salas de aula eram novas; as classes limpas e ordenadamente dispostas em filas; as paredes estavam pintadas de branco, possuíam iluminação elétrica; uma sala inclusive possuía flores feitas com cartolina fixadas nas paredes (Figura 19), o que provavelmente indica que foi utilizada por alunos com menos idade; Ao observar essas fotografias, constatou-se que as salas de aula na Escola Marcílio Dias permanecem com a mesma organização; os modelos das cadeiras e das classes mantêm-se iguais; o local destinado à classe do professor, o quadro negro, e inclusive o piso de madeira mantêm-se como na década de 70. Atualmente encontra-se desgaste em cada item elencado.

Figuras 18 e 19 – Biblioteca da Escola Marcílio Dias / Sala de aula na Escola Marcílio Dias



Autor: Desconhecido.

Data: Ano de 1977.

Dimensões: 9 x 12,5 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Na Escola Jorge Lacerda, que possui somente quatro fotografias nessa categoria, no ano de 1977, a preocupação distinguiu-se das outras instituições. O que é fotografado, na verdade, são as péssimas condições em que se encontravam as salas de aula 4, 5, 6 e 7, conforme designação da época (Figuras 20, 21, 22 e 23). Nas fotografias, o chão de madeira estava cedendo, o teto tinha partes soltas e algumas já haviam caído. Frente a essa realidade, as salas eram ocupadas por alunos, revelando a insegurança para os mesmos e para os professores. Essas fotografias propõem a constatação de dois momentos na educação brasileira e, respectivamente, no Estado do Rio Grande do Sul, no que diz respeito aos recursos financeiros destinados à educação, visto que, em fins dos anos 60, decresceram fortemente. Entre os anos de 1960 a 1965 a União destinava entre 8,5% e 10,6% de seu orçamento. Esses números caem à metade em meados de 70, com valores como 4,3%.²⁴⁰ As salas de aula fotografadas em 1977 somente foram reformadas em 1984, de acordo com informações obtidas em Atas da escola.

Figuras 20, 21, 22 e 23 – Estado de conservação de salas de aula / Data: Ano de 1977



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 10 x 15 cm

Fonte: Acervo da Escola Governador Jorge Lacerda.

²⁴⁰ CUNHA, Luiz Antônio; GOÉS, Moacyr de. *O golpe na educação*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

A Escola Justino Alberto Tietboehl, apresentou 14 fotografias, em que os espaços internos registrados são os mais variados entre os demais registros das escolas, além do que foram identificados em diversos anos. Recordando que essa escola ofertava Ensino Técnico, com diversas opções, os registros tornaram-se mais diversificados. Neles constam banheiros, refeitório e biblioteca, esta última foi o único registro encontrado com a presença de uma aluna em outras imagens, mesmo que indicando estarem presentes os alunos, eles não aparecem diretamente nas fotografias. Assim, a figura 24 destaca a funcionalidade do espaço, em que a aluna aproveita as condições oferecidas para estudar, em uma mesa ampla, com um ambiente iluminado. Quanto às salas de aula, foram registradas salas onde os alunos tinham as aulas teóricas (Figura 25) e também as práticas (Figura 26). Nesta última, observou-se que o local, em que eram realizadas as aulas de marcenarias, apresentou-se amplo e com boa-iluminação. Hoje, ambos os espaços encontram-se diferenciados: as classes e cadeiras utilizadas em sala não são as mesmas, e os galpões em que funcionavam as aulas práticas não existem mais, o maquinário presente nas fotografias não se encontra mais na escola.

Figura 24 – Biblioteca da Escola Justino Alberto Tietboehl/ Data: Ano de 1970



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 14 x 9 cm
Fonte: Acervo da instituição.

Figura 25 – Sala de aula na Escola Justino
Alberto Tietboeh./ Data: Ano de 1975



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 9 x 14 cm
Fonte: Acervo da instituição.

Figura 26 – Aulas de Marcenaria na Escola Justino
Alberto Tietboehl / Data: Ano de 1971



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 9 x 14 cm
Fonte: Acervo da instituição.

Excetuando-se a fotografia em que uma aluna estava estudando na biblioteca, as demais imagens realizam o registro dos ambientes internos ocupados por alunos e demais funcionários; todavia, as fotografias foram realizadas sem a presença destes nos locais fotografados. Pode-se observar que estas fotografias expressam a intenção de demonstrar os espaços ordenadamente, e que a presença de alunos ou os respectivos funcionários utilizando-os, talvez não conjugasse tal demanda. E sem a presença destes, dificulta-se a compreensão do dia a dia escolar, pois,

realmente la relación entre escuela y fotografía se ha visto siempre muy mediatizada por la función simbólica que ha jugado el espacio escolar en la configuración de la modernidad. La escuela, sus interiores y exterior, no dejan de ser un espacio público y su representación un icono de la actuación de los poderes públicos, o de instituciones de la sociedad civil, en la configuración de modelos educativos, de la identidad nacional, de la construcción de la sociedad del bienestar, de la compensación de las desigualdades, de la atención a los sectores más desvalidos o,

simplemente, de la modernización de las instituciones. Por este motivo la representación gráfica del mundo escolar está muy contaminada por un control de significados. Están hechas casi siempre con un objetivo concreto: propaganda, legitimación de ciertas prácticas educativas o voluntad de mostrar y dar a conocer determinados acontecimientos. En muchos casos las fotografías escolares muestran escenografías o rituales escolares muy formalizados que pueden oscurecer la auténtica dinámica del día a día de la escuela. La fotografía escolar no suele ser espontánea. No es habitual encontrar un miembro de la comunidad educativa con una cámara fotográfica colgada al cuello para hacer fotografías durante las actividades escolares formales. Lo que recogen las imágenes fotográficas hechas en las instituciones escolares suelen ser montajes realizados con ocasión de determinados acontecimientos y por lo tanto se encuentra en ellas poca espontaneidad.²⁴¹

A *Arquitetura Externa*, que somou 36 fotografias, estas procuram destacar as fachadas dos prédios e, sobretudo, encontraram-se fotografias que acompanharam o desenvolvimento da construção dos prédios e também a reconstrução dos mesmos, pois uma escola sofreu com as intempéries do tempo.

Ressaltam-se nas imagens da Escola Marcílio Dias que as fotografias que se enquadram nesta temática visual foram realizadas também nos anos de 1977 e 1978 e somam dezessete registros. Conforme já exposto, compreende o período em que se realizaram as obras de seu novo prédio. Até então, na década de 60 (séc.XX), a escola realizou registros fotográficos que não objetivaram captar a arquitetura do prédio, pois apenas pequenos relances do mesmo foram captados, os quais não permitiram identificá-lo como tal. E as demais imagens da escola que contemplariam essa temática visual pertencem às décadas anteriores a 1960, tendo a escola, portanto, a preocupação de manter o registro de seu prédio.

Assim, os registros da Escola Marcílio Dias, ao captarem a fachada da escola, demonstraram que o prédio possui uma arquitetura simples, que se mantém igual. O acesso da rua para a escola era direto, não havia grades circundando a instituição, a colocação de um muro e de grades ocorreu somente nos anos 90, após a escola passar por diversas depredações. Ainda, nas fotografias de 1978, foi possível constatar que as obras do novo prédio não terminaram quando a escola mudou-se para ele, o que eventualmente ocasionou problemas a alunos e professores, levando em conta o barulho resultante da obra.

²⁴¹ COMAS RUBÍ, F.; MOTILLA SALAS, X; SUREDA GARCÍA, B. Fotografía i història de l'educació. iconografia de la modernització educativa. Mallorca: L. Muntaner, 2012. p. 191. Apud: MARTÍNEZ, Silvia Alicia. Fotografias e Ensino Secundário: reflexões a partir de práticas Investigativas em um arquivo escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá/MT: UFMG. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>.

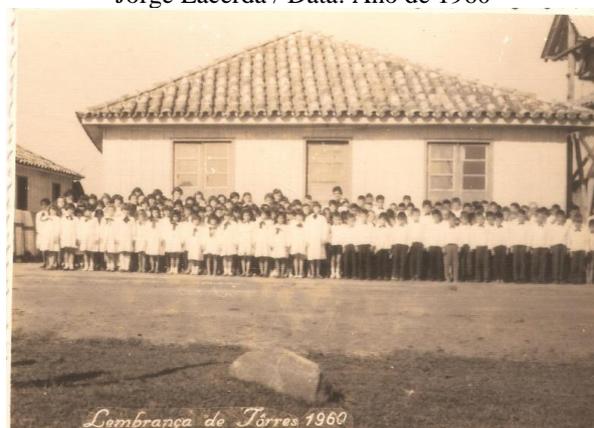
Figuras 27 e 28 – Novo prédio da Escola Marcílio Dias / Data: Ano 1977/1978



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 9 x 12,5 cm
Fonte: Acervo da instituição.

Quanto à Escola Governador Jorge Lacerda, os registros advêm de 1960, quando a escola ainda tinha a denominação de Grupo Escolar da Ronda, o prédio de madeira foi registrado em um desfile de 7 de setembro, lembrando que, em 1962, a escola passou a funcionar em outro local, com um prédio de alvenaria, e que não encontraram-se registros fotográficos desse período em seu acervo. Apesar de a figura 29 já ter sido mostrada em outro momento nesta dissertação, recorreu-se a ela novamente, pois é a única fotografia pertencente ao acervo fotográfico desta escola, que corresponde à temática proposta. Na imagem, há uma pequena construção de madeira, com uma única porta de acesso; uma construção simples, podendo até ser confundida com uma moradia familiar do período. O prédio era composto de quatro salas de aula e um pequeno cômodo em que se guardavam alimentos para a merenda, e que também funcionava como secretaria. Assim, como na escola Marcílio Dias, o acesso a esta escola era direto, não havendo limitadores.

Figura 29 – Prédio antigo da Escola Governador Jorge Lacerda / Data: Ano de 1960



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.
Dimensões: 8,5 x 11,5 cm
Fonte: Acervo da instituição.

Por sua vez, a Escola Justino Alberto Tietboehl possui o maior registro de imagens nesta temática, pois 18 fotografias foram identificadas. Destaca-se o acompanhamento das obras de construção do prédio escolar. Em 1965, a escola acompanha a obra do prédio de mecânica; na figura 30, a imagem contempla, em primeiro plano, a quadra da escola com o carro do diretor estacionado, mas ao fundo também foi possível observar a construção de um novo prédio, que aparece em outro registro do mesmo ano. Nele, a escola sofre os danos ocasionados por uma enchente (Figura 31).

Figuras 30 e 31 – Quadra de esporte e construção de prédio na Escola Justino Alberto Tietboehl / Enchente / Data: Ano de 1965



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio k. Feltes.
 Dimensões: 8,5 x 14 cm
 Fonte: Acervo da instituição.

Curiosamente, muitas fotografias da Escola Justino Alberto Tietboehl registraram sua arquitetura e foram feitas em momentos nos quais a mesma passava por problemas decorrentes de tempestades e inundações. No vendaval que ocorreu nas férias de verão de 1966, a fragilidade da estrutura do prédio foi registrada. Mesmo sendo de alvenaria, revelou-se que a sua estrutura não resistiu a ventos fortes; felizmente, não atingiu nenhum aluno. Mas, o pavilhão em que eram realizadas as aulas de Mecânica ficou completamente destruído. As máquinas que estavam no pavilhão precisaram ser removidas e foram alocadas em um barracão improvisado feito de madeira, no fundo da escola. Portanto, nessas fotografias, na verdade, a arquitetura do prédio revelou-se fragilizada, o trabalho inicial de reconstrução pode ser observado (Figura 32 e 33). Todavia, de acordo com a matéria editada pelo jornal *Correio do Povo*, de 11 de setembro de 1967, a situação que era provisória estendeu-se por mais de um ano e meio (Anexo V).

Figuras 32 e 33 – Destruição por vendaval na Escola Justino
Alberto Tietboehl / Data: Ano de 1966



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.
Medida: 8,5 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

3.6.2 Temática visual: atividades em sala de aula

No que segue sobre as temáticas visuais, a identificação da temática *Atividades em Sala de Aula* apresentou números interessantes para a pesquisa. Pois, ao se supor que as instituições de ensino iriam registrar o que faziam, na verdade notou-se que apenas duas escolas tiveram a preocupação de registrar seu cotidiano, portanto, fotografar a sala de aula com alunos em atividades, mas sublinha-se, houve um número muito reduzido.

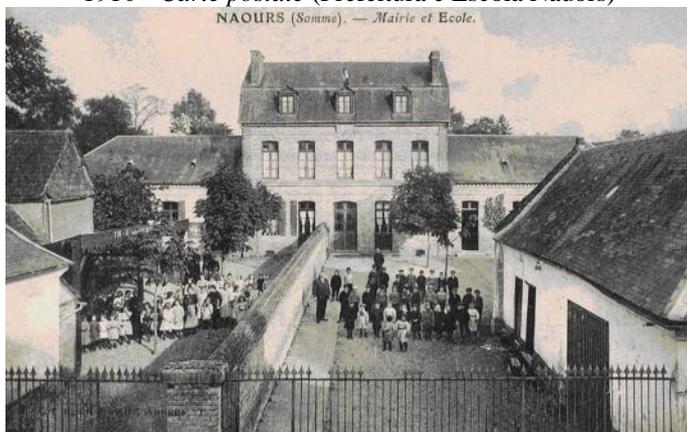
Ao observarem-se fotografias escolares do início do século XX, em outros locais do País e inclusive no Exterior, pode-se perceber que era prática recorrente o registro fotográfico em sala de aula. Os alunos eram fotografados, apresentando uma rígida disciplina e, sobretudo, eram diferenciados pelo sexo. Em algumas imagens, pode-se conferir que os espaços destinados a cada gênero eram distintos fisicamente (Figura 34), o que correspondia também aos professores, ou seja, o muro que dividia os alunos das alunas também o fazia em relação aos profissionais que atuavam no setor. À direita, todos do sexo masculino, à esquerda todas do sexo feminino. Lembrando que o ensino ministrado por professoras foi, durante muito tempo, uma condição para que as meninas pudessem frequentar a escola primária.²⁴² O término desta prática e o ensino para ambos os sexos em uma sala de aula, levou muito tempo para tornar-se realidade. Na França, por exemplo, Perrot descreve que foram

as leis Ferry (1881), que criaram a escola primária gratuita, obrigatória e laica. Para os dois sexos, com os mesmos programas, mas em locais separados por razões de reputação moral. Problemática durante muito tempo, a mistura dos sexos na escola

²⁴² VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007. p. 95.

se disseminará sem traumas e sem nenhuma reflexão particular nos anos 1960-1970: sinal e fator de uma igualdade dos sexos ainda em evolução.²⁴³

Figura 34 – *Mairie et école de Naours, Somme - vers 1910 - Carte postale (Prefeitura e Escola Naours)*



Fonte: Museu Nacional da Educação da França.²⁴⁴

No Brasil, Stamatto²⁴⁵ narra que as diferenciações de gênero no ensino também estiveram presentes em grande parte da História do País, seja por meio do acesso e das restrições físicas, seja mesmo do conteúdo destinado para cada gênero, pois “para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura”.²⁴⁶ Mudanças decorrentes dessa prática apenas foram constatadas em fins do século XIX e início do século XX, com a inserção das escolas mistas e o aumento significativo de mulheres no magistério.

Desta forma, é preciso salientar que “de qualquer maneira, a escola socializou padrões de diferenciação de gênero, afirmando atributos femininos que claramente situavam as mulheres como inferiores aos homens”.²⁴⁷ O acesso à educação em determinadas classes sociais, durante muito tempo, foi privilégio do sexo masculino. Para as mulheres, sua formação realizava-se por outros meios, sendo que possuíam funções distintas dentro da sociedade. E, quando frequentavam a escola, o discurso transmitido declarava a necessidade de educar as meninas, mas isso não significava instruí-las.²⁴⁸ Em outras palavras, Bourdieu expõe que a “igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e

²⁴³ PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

²⁴⁴ Disponível em: <<http://www.linternaute.com/musee/diaporama/1/7002/musee-national-de-l-education/5/30986/mairie-et-ecole-de-naours/>>. Acesso em: 14 de jan. 2013.

²⁴⁵ STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549 – 1910). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2., 2002, Natal, Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

²⁴⁶ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 444.

²⁴⁷ VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007. p. 95.

²⁴⁸ PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou, melhor dizendo exigida”.²⁴⁹

Assim, ao propor-se a temática visual *Atividades em Sala de aula*, buscou-se acompanhar como as questões acima elencadas atuavam nas escolas analisadas, e de que forma apresentaram-se nos registros fotográficos.

Para tanto, as considerações de Magalhães sobre o cotidiano escolar são pertinentes. Segundo o autor:

O cotidiano de uma instituição educativa é um acúmulo de comunicação, tomada de decisões e de participação, cuja representação e memória apenas em parte ficam vertidas a escrito, ou traduzidas nouro tipo de registros, mas boa parte das quais se apagam, quer porque se integram em rotinas, que pela sua frequência não constituem um objeto de registro próprio, quer porque se inserem num processo continuado, tendendo a fixar-se-lhe o princípio e o fim, sendo este, em regra, assinalado por um registro dos resultados.²⁵⁰

Pode-se evocar as contribuições de Magalhães, para explicar por que, identificaram-se somente cinco fotografias entre as escolas que registraram a sala de aula com alunos em atividades. No entanto, essas imagens, mesmo representando apenas 1,12% do conjunto analisado, permitem muitas observações sobre a rotina escolar, ou seja, seu dia a dia.

Na Escola Governador Jorge Lacerda identificaram-se quatro fotografias. Dentre as quais, duas imagens (Figuras 35 e 36) correspondem ao ano de 1974; nestas, o registro realizou-se na turma 24 do Jardim da infância Pirulito. Ali se registraram as atividades realizadas pelo Jardim de Infância. Inúmeros cartazes, desenhos e uma pequena maquete, com casas feitas com pequenas caixinhas de papel, reproduziram onde a escola estava localizada espacialmente na cidade. Na réplica, é possível identificar a escola, a Praça Getúlio Vargas e, ainda, a Igreja Católica que está ao redor da praça. O nome ao objeto que nomina o jardim também foi confeccionado, ou seja, um pirulito está posicionado ao lado da escola na maquete. A presença de religiosos na escola foi constatada, notou-se que foi fixada ao lado do quadro negro uma imagem religiosa, não por acaso, a escolha do local, pois os alunos constantemente tinham seu olhar direcionado para ele.

²⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. *Escritos da educação*. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 53.

²⁵⁰ MAGALHÃES, Justino Pereira. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (Org.). *História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: Autores associados, 2005. p. 69.

Figuras 35 e 36 – Jardim de Infância na Escola Governador Jorge Lacerda / Data: Ano de 1974



Autor: Desconhecido
 Dimensões: 9 x 12 cm
 Fonte: Acervo da instituição.

No ano de 1978, a fotografia em P&B (Figura 37), captou os alunos da primeira série do antigo ensino de 1º grau, que foi realizada em comemoração ao projeto Natureza, desenvolvida ao longo daquele ano na escola. Deve-se a isso o motivo de plantas estarem junto aos alunos. Além disso, alguns aspectos dessa imagem são pertinentes, no que diz respeito à forma como os alunos eram distribuídos em sala de aula. Conforme informações adquiridas por meio de depoimentos de ex-alunos, havia uma forte distinção de gênero, seja nas filas escolares que antecediam a entrada em sala de aula ou na própria. O que se confirmou, pois cada fila segue com sexos específicos: das três filas captadas pelo fotógrafo, duas são compostas por meninas e uma por meninos. Seguindo com as observações, é possível notar que os alunos haviam realizado atividades referentes à colagem, pois em duas classes, que não contam com a presença de alunos, ficaram sobre as mesas materiais para a realização dessas tarefas. É provável que a fotografia tenha sido realizada logo após o retorno do intervalo, pois alguns alunos ainda não estão presentes. Também verifica-se que o dia era muito frio, correspondendo ao inverno, pois alguns alunos estavam utilizando, sobre o uniforme, casaco de lã; uma das alunas, inclusive, utilizou um poncho, uma roupa tradicional no Rio Grande do Sul em dias de inverno.

Figura 37 – Sala de aula na Escola Governador Jorge Lacerda / Data: Ano de 1978



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 9 x 14 cm
Fonte: Acervo da instituição.

No Jardim de Infância, em comemoração à chegada da Primavera (Figura 38), em 1979, o ambiente da sala de aula fora registrado. Neste, a professora não está presente, o que sugere que ela devia ser a fotógrafa, uma vez que tinha papel demasiado importante para estar presente na sala de aula nesse momento, e porque já tinha iniciado suas atividades, escrevendo no quadro negro a data do dia, e sua mesa estava repleta de materiais. Observa-se que, apesar das aulas serem realizadas para ambos os sexos, permanece uma divisão no que corresponde ao gênero dos alunos, isto é, as classes são unidas em quatro, em uma delas, três alunos estão sentados juntos, enquanto, em outra, uma menina permanece só, e a outra está ocupada por meninas. Visivelmente permanece uma distinção de gênero no cotidiano escolar.

Além disso, a fotografia propõe questionar o porquê da metade das classes da sala não estarem sendo ocupadas, já que a demanda por educação era tamanha naquele período. Sabe-se que a estrutura ofertada não atendia a todos os que necessitavam, mas, ainda, deve-se lembrar que o ensino pré-primário não era obrigatório segundo a LDB de 1971. Não despertava o interesse dos pais para que seus filhos frequentassem tal modalidade de ensino. Associando-se a estas questões, estava a baixa frequência escolar, constatada por meio dos registros dessa escola.

Figura 38 – Alunos em sala de aula na Escola Governador Jorge Lacerda / Data: 08/10/1979



Autor: Professor da instituição.
Medida: 9 x 14 cm
Fonte: Acervo da instituição.

Na Escola Justino Alberto Tietboehl foi preservada somente uma fotografia, na aula de Técnicas Comerciais, em 1979 (Figura 39). A imagem, colorida, permite observar que alguns alunos vestem uniformes, enquanto outros trajam roupas normais. A aula ministrada por um professor trata sobre a operação do *depósito*. Aparentemente, pode-se crer que foi um instantâneo, realizada enquanto o professor escrevia no quadro negro; entretanto, é possível notar que as alunas, que estão posicionadas à esquerda da sala, sorriem cientes do que estaria acontecendo. Ademais, é interessante observar que ambos os sexos participam da aula, mas encontram-se divididos, conforme se constatou. Isso manifesta que a imposição, que durante muito tempo destinou espaços específicos para cada gênero em sala de aula, mesmo sendo abolida, possui resquícios, pois são imposições que não partiam somente do setor educacional, mas da sociedade, e que modificam-se lentamente.

Figura 39 – Aula de Técnicas Comerciais na Escola Justino Alberto Tietboehl / Data: Ano de 1979



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 12 x 18 cm
Fonte: Acervo da instituição.

Por meio dessas fotografias, foi possível observar que entre os anos 60 e 80, o registro do cotidiano escolar se fez rarefeito, sobretudo acompanhado, como no caso da Escola Governador Jorge Lacerda, de comemorações específicas, que justificavam o fato do registro. Mesmo assim, essas fotografias estão presentes, mas presentes somente na década de 70 (séc. XX), quando, professores já tinham adquirido aparelhos fotográficos, que passaram a utilizar em seus trabalhos. Fotografar a sala de aula nos anos 60 decorreria da habilidade de um profissional, solicitado, muitas vezes nas escolas, mas não para este tipo de registro.

3.6.3 Temática visual: passeios

Os passeios escolares são realizados frequentemente pelas escolas. Geralmente saídas de campo, ou viagens no fim do ano letivo, que propõe serem possibilidades de aprendizagem ou, ainda, momentos de descontração para os alunos. Prática que Martínez²⁵¹ destaca ser proveniente da *modernidade pedagógica*, em que novas formas de ensinar estavam sendo desenvolvidas.

Já nos anos 60 a 80, as escolas de Torres/RS sustentavam essa prática, identificada por meio de 36 fotografias. Os acervos demonstraram que as escolas possuíam o hábito de realizar passeios pela cidade. Considerando que possui muitas belezas naturais, o passeio nas praias e nas falésias era frequente, resultando em 13 fotografias do conjunto. Porém, as escolas não realizaram passeios somente na cidade, existiram outros destinos incluídos em seus percursos, ao menos, para a Escola Marcílio Dias, que manteve em seus arquivos 33 imagens.

É preciso destacar que os passeios, que ocorriam pela cidade de Torres/RS, especificamente, pelas praias e pelas falésias, permitiam aos professores trabalharem na prática com questões sobre história, geografia, biologia, etc. Mas, sobretudo, é necessário ressaltar que, para muitos alunos, esse era o primeiro contato com o mar. Provenientes do interior, principalmente os alunos das séries finais, que buscavam a cidade como meio de continuar seus estudos, por muitas vezes, tinham contato com o litoral pela primeira vez. Fato, que não surpreende, pois, até os dias de hoje, encontram-se moradores nas localidades mais interioranas da região, que nunca foram à cidade, e que não conhecem o mar, decorrente da dificuldade de acesso e das condições econômicas.

²⁵¹ MARTÍNEZ, Silvia Alicia. *Fotografias e ensino secundário: reflexões a partir de práticas investigativas em um arquivo escolar*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá/MT: UFMG. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

Os passeios realizados pela Escola Marcílio Dias foram registrados apenas nos anos de 1977 e 1978, entre esses, nove fotografias foram realizadas na praia. Os passeios ocorreram na Praia da Guarita e nas falésias que contornam a costa. Apesar da proximidade da escola com algumas praias, a praia da guarita localiza-se mais ao sul da cidade e, por isso, os alunos foram transportados pela empresa de ônibus Mampituba, que há pouco tempo, era a única empresa que realizava o transporte na região. As imagens buscaram captar o grupo em conjunto quando subiam o paredão da torre central (Figura 40), meninos e meninas são fotografados juntos; as distinções encontradas em outras imagens não permeiam esta temática. Viagens também foram realizadas para a capital do estado, Porto Alegre, onde os campos dos clubes de futebol do Grêmio e do Internacional foram visitados. Também foi realizada visita no zoológico de Sapucaia do Sul, o conjunto de imagens nesta escola é o mais relevante, somando 24 fotografias, que revelaram os alunos conhecendo novos locais, prédios importantes da capital e no zoológico, os animais, além dos piqueniques que foram realizados (Figura 41).

Figura 40 – Passeio na Guarita /
Data: setembro de 1977



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 9 x 12 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Figura 41 – Visita ao zoológico /
Data: dezembro de 1977



Autor: Desconhecido.
Medida: 9 x 12 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Diferentemente da Escola Marcílio Dias, nas demais escolas, pouquíssimas fotografias correspondiam a esta temática. Na Escola Governador Jorge Lacerda, duas fotografias foram encontradas remetendo a passeios realizados com os alunos. Os passeios foram realizados na cidade, mas não propunham visitar os pontos turísticos. Objetivava incentivar a prática de exercícios físicos. Na figura 42, alunos entre 7 e 8 anos, posam para a câmera com sua bicicleta. Para tanto, é necessário recordar que grande parte dos alunos que frequentavam esta escola residia na cidade, ou em localidades muito próximas; assim, a

presença de bicicletas afirmava ser esse um dos principais meios de locomoção destes alunos, uma vez que o transporte escolar era inexistente naquela época.

Figura 42 - Passeio de bicicleta / Data: Ano de 1976



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 9 x 12 cm

Fonte: Acervo da Escola Governador Jorge Lacerda.

Diferentemente das demais fotografias desta temática, a Escola Justino Alberto Tietboehl preservou um registro na década de 60 (séc. XX), enquanto as outras escolas o fizeram somente nos anos 70. Na figura 43, que data de 1965, alunas e alunos da escola técnica posam para a objetiva, na Praia Grande, uma vez que é possível identificar o local pelos prédios que foram captados no fundo na fotografia. A imagem é muito interessante, pois, apesar de haver um número reduzido de alunas, ou seja, três, enquanto os alunos são sete, revela a presença feminina no Ensino Técnico.

No conjunto, as fotografias destacaram que os alunos apresentaram uma postura mais descontraída. O passeio propõe a quebra da rotina da sala de aula, ao deixar o prédio escolar, que implica determinada disciplina; os alunos exibem um comportamento que corresponde a esta variação de lugar. No entanto, mesmo, assim, na fotografia da Escola Justino Alberto Tietboehl, alguns traços advindos dessa imposição são visíveis. Dos dez componentes da fotografia, apenas duas jovens ensaiaram um tímido sorriso para o fotógrafo.

Figura 43 – Passeio na Praia Grande / Data: Ano de 1965



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.

Dimensões: 8,5 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

3.6.4 Temática visual: apresentação de alunos em eventos

A temática visual *Apresentação de alunos em eventos* tem como objetivo congrega as fotografias onde alunos foram fotografados em apresentações de eventos realizados pelas escolas. Foi a segunda temática mais recorrente entre as imagens analisadas, apresentando 14,80% (66 fotografias). Os eventos realizados apresentaram registros de duas formas.

No que corresponde à primeira, foram fotografias realizadas dentro das próprias escolas. Os alunos participavam de vários eventos, dentre os que se destacam está o Dia da Criança, em que se desenvolviam apresentações culturais ou apresentavam-se danças folclóricas, como a gaúcha. Os outros registros ocorreram no salão comunitário da cidade de Torres/RS, onde as escolas da cidade se reuniam em comemoração ao Dia da Criança. Naquele dia, apresentações de alunos eram realizadas com a participação de representantes da Câmara de Vereadores do município, e o evento foi transmitido pela Rádio Maristela.²⁵²

Assim, entre as 28 fotografias pertencentes ao arquivo da Escola Marcílio Dias, pode-se identificar as duas modalidades. Nos eventos ocorridos no prédio da escola, o registro foi de quatro imagens. Nelas, apresentações de trabalhos em comemoração ao Dia da Árvore permitiram observar que a atividade atingia alunos dos diversos níveis de ensino, os da 1ª série ou os do ensino de 2º grau. Da mesma forma, a Semana Farroupilha congregava atividades e apresentações para todos os alunos. Na figura 44, a cultura regional é enfatizada,

²⁵² A Rádio Maristela, que pode ser sintonizada na frequência 1380 AM, é uma rádio importante para Torres/RS e para a região do Litoral norte do RS. Foi fundada em 31/12/1957 e, desde então, realiza a cobertura de diversos eventos, entre eles, os educacionais.

os alunos apresentaram uma dança tradicional da cultura gaúcha, que foi observada por demais componentes da escola.

No entanto, os registros mais expressivos referem-se às comemorações do Dia da Criança, com 24 fotografias. Tão importante era o evento, que o mesmo era realizado no salão paroquial. Neste, os alunos cantavam e dançavam, com o auxílio de uma banda composta por integrantes locais e, ainda, ocorriam encenações de peças teatrais, que remontavam a períodos históricos do País. Em umas das apresentações ocorridas em 1977, uma aluna, vestida com um uniforme policial, simula estar atirando (Figura 45); um instantâneo, que captou o brilho reluzente advindo da arma, sugeria que, assim como a roupa demonstrou ser original, a arma também seria. Nesse instante, os músicos estão observando a cena, um deles se diverte ao assistir à encenação, representação restante que a câmera não captou. O enquadramento selecionado pelo fotógrafo foi a jovem estudante, os demais integrantes que estavam no palco não foram contemplados.

Figura 44 – Dança Gaúcha /
Data: Ano de 1969



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 10 x 8 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Figura 45 – Encenação de policial / Data: Ano de 1977



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 8,5 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Os eventos na Escola Governador Jorge Lacerda compõem um conjunto de 23 fotografias. Todas foram realizadas na própria escola, não foram encontrados registros fotográficos referentes a sua participação nas comemorações do Dia da Criança no salão paroquial; no entanto, os registros em atas e cadernos de professores sublinharam que a escola participava destas atividades. As atividades registradas direcionaram-se especificamente aos festejos da entrada da Primavera. As festividades foram registradas em 1978 e 1980. Nessas, estão presentes alunos do Jardim de Infância e das Séries Iniciais. As fotografias foram realizadas no saguão da escola e no pátio. Buscaram retratar as crianças em apresentações que remetiam ao tema (Figura 46); os alunos após confeccionarem em sala da aula as fantasias, apresentaram-se para as demais turmas. Na figura 47, flores, pássaros, insetos, uma macieira e um menino que portava em suas mãos um estilingue, muito utilizado na época para capturar pequenos pássaros, retratam a atividade de conscientização. Portanto, foi possível observar que, além da data ser um dia festivo, o mesmo era ponto de reflexão das atividades desenvolvidas pela escola.

Figura 46 – Entrada da Primavera / Data: Ano de 1978



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 10 x 15 cm

Fonte: Acervo da Escola Governador Jorge Lacerda.

Figura 47 – Encenação de alunos /
Data: Ano de 1978



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 9 x 9 cm

Fonte: Acervo da Escola Governador Jorge Lacerda.

Apesar da escola citada acima não registrar atividades do Dia da Criança, a Escola Justino Alberto Tietboehl o fez nas 15 fotografias identificadas nesta temática. Com um registro em 1976 e os demais no ano de 1979, buscou evidenciar o caráter festivo de tais comemorações. Em que, conforme já contatado nas imagens provenientes da Escola Marcílio Dias, os alunos realizaram danças e encenações teatrais. Em uma dessas encenações, as alunas realizaram uma dança tradicional da cultura japonesa (Figura 48), trajadas com roupas que remetiam àquela cultura. Neste caso, é interessante destacar que a região do Litoral norte do

Rio Grande do Sul recebeu muitos imigrantes japoneses, que se fixaram na região que hoje pertence ao Município de Três Forquilhas, fato que resultou muitas trocas culturais na região.

No entanto, constatou-se um aspecto pertinente nestas fotografias no ano de 1979, que não perfizeram o conjunto de 1977. A bandeira do Brasil, localizada no centro do palco, esteve presente em todos os registros fotográficos realizados, evidenciando a necessidade de a bandeira compor a cena, mesmo quando o centro do palco era focalizado, o que manifestou questões nacionais, sobretudo, originárias do período político em que o País estava inserido. Mas ainda é necessário refletir que essas fotografias são escolhas também da pessoa incumbida pela escola para realizar o registro, e que não se pode desconsiderar predileções. Conforme Mauad,²⁵³ “há de se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando nessa atitude uma relação estreita com a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz o clique”.

Figura 48 – Cultura Japonesa / Data: Ano de 1979



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 8,5 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Desse modo, tendo em vista o conjunto fotográfico constituinte dessa temática, percebeu-se que a grande maioria (exceto uma fotografia em 1969) foi realizada na década de 70, o que em um primeiro momento sugeria que não havia esta prática em anos anteriores. Mas é preciso lembrar que as escolas realizaram inúmeras comemorações nesse caráter na década de 60, que ficaram registradas em Atas e Cadernos de Comemorações, o seu não registro fotográfico atesta que as dificuldades de acesso às câmeras fotográficas eram de fato um motivo para que o registro não fosse efetuado.

²⁵³ MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais no Museu Paulista*, jan./ jun; ano/v. 13, n. 001, São Paulo: USP, 2005. p. 133-174.

3.6.5 Temática visual: aulas práticas

Quanto ao que se refere à temática *Aulas Práticas*, identificaram-se fotografias nas quais alunos realizavam atividades em local exterior às tradicionais salas de aula, ou seja, em espaços apropriados ao Ensino Técnico. Esse tema lembra que, durante os anos de 1950 e 1960 houve um grande investimento no País em uma educação voltada para o trabalho. Diversos cursos técnicos foram disponibilizados à população almejando a industrialização do Brasil. Ghiraldelli lembra que

o célebre Programa de Metas do Presidente JK foi, prioritariamente, um projeto de dotação de infra-estrutura básica para o país, ou seja, industrialização. A última meta do programa, que falava da educação, fazia o problema do ensino dependente das necessidades de institucionalização de uma educação para o desenvolvimento, ou seja, o incentivo ao ensino técnico-profissionalizante. Para JK, não só o ensino médio deveria cuidar da profissionalização, mas até mesmo o primário teria de se obrigar a educar para o trabalho.²⁵⁴

Tendo em vista que uma das escolas analisadas foi criada justamente no intuito de oferecer Ensino Técnico na região de Torres/RS, a temática sugerida obteve respaldo iconográfico no acervo de tal escola, que entre as demais destacou-se. No conjunto total de 23 fotografias, 20 registros correspondem à Escola Justino Alberto Tietboehl. As restantes fazem parte do acervo da Escola Governador Jorge Lacerda, a Escola Marcílio Dias não preservou nenhum registro dessa natureza.

As fotografias realizadas pela Escola Justino Alberto Tietboehl pertencem à década de 70. Nas imagens, alunos foram fotografados produzindo peças nas aulas de Marcenaria. As aulas de Marcenaria eram realizadas em um galpão anexo ao prédio principal da escola, onde estavam localizadas as salas de aula teóricas, o refeitório, banheiros e a biblioteca. Mas os maiores registros foram realizados na horta da instituição. No final da década de 70, na escola havia a disciplina de Técnicas Agrícolas ministrada, curiosamente, por alunos da primeira turma de 1962. Os alunos e alunas deveriam aprender as principais técnicas de cultivo e, para tanto, aproveitando que a escola tinha ainda, naquele período, um terreno extenso,²⁵⁵ vários canteiros com verduras foram plantados e cultivados pelos alunos. A produção proveniente dessa horta era utilizada na merenda escolar, que, por vezes, era ofertada também à Escola Marcílio Dias, que localiza-se ao lado. Assim, o trabalho desenvolvido e seu resultado foram captados. Nas imagens, os instantâneos procuraram

²⁵⁴ GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2006. p.102-103.

²⁵⁵ Na década de 90, parte do terreno da escola foi cedido para a construção de APAE.

destacar o grupo de alunos trabalhando (Figura 49); observa-se que um grande número destes estava utilizando enxadas e pás e sendo supervisionados por um professor. Alguns canteiros estão com verduras prontas para serem colhidas, enquanto em outros, os alunos preparam a terra para o plantio. As fotografias, que registraram a distância os alunos trabalhando, forneceram inúmeras informações. Em primeiro plano, alunos trabalhavam na horta da escola; em segundo plano, a cidade de Torres/RS revelava-se timidamente, tendo em vista que estava no princípio de seu desenvolvimento urbano. É possível, por meio da imagem, constatar que, na região onde estava localizada a escola, a cidade ainda não havia sofrido por ação da construção civil, que ocorreu em fins da década de 70 e início dos anos 80; atualmente esta região da cidade está totalmente ocupada por casas e prédios.

Muitas destas fotografias ainda contribuíram com informações sobre o prédio antigo da Escola Marcílio Dias, pois inexistem nos arquivos fotográficos de 1960 a 1980, fotografias que retratem o prédio²⁵⁶ que a escola ocupou até meados de 1977. Na imagem, localizada à esquerda, encontra-se o prédio da escola. O enquadramento da cena ainda permitiu captar o Morro do Farol, com o seu respectivo farol,²⁵⁷ a subestação de energia elétrica e alguns prédios localizados mais ao norte da cidade. É preciso lembrar que, em direção ao Morro do Farol, existe a Lagoa do Violão e deve-se também a essa razão a inexistência de construções.

Figura 49 – Alunos trabalhando em horta / Data: Ano de 1979



Autor: Professor da escola.

Medida: 9 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

²⁵⁶ Conclui-se pela inexistência, pois apenas uma fotografia registrou em poucos detalhes a arquitetura do prédio.

²⁵⁷ O farol captado pela lente da câmera fotográfica é o terceiro Farol que a cidade de Torres/RS obtivera, este foi instalado em 1952 e desativado entre os anos de 1992/93. Assim como este, os faróis anteriores, o primeiro de 1912 e o segundo de 1928, foram desativados pelo efeito da maresia que os danificara. Sobre os faróis de Torres ver: VENTURELLA, Roberto. *A história do Farol de Torres*. Porto Alegre, RS: AGE, 2006.

As atividades desenvolvidas pelos alunos correspondiam também aos cuidados com a aparência do prédio. Alunos dos anos iniciais na Escola Governador Jorge Lacerda trabalharam na manutenção do gramado que estava em frente à entrada principal da escola. No entanto, conforme foi identificado, na escola também havia uma horta, com proporções menores, onde os alunos aprendiam a ter contato com o cultivo de pequenas hortaliças. Na figura 50, em 1978, alunos das Séries Iniciais, acompanhados de professoras trabalhavam na horta, que localizava-se nos fundos do prédio escolar. Dois alunos que estavam abaixados arrancavam as ervas daninhas, enquanto outros usavam enxadas. Nota-se que as meninas acompanham o trabalho mais ao fundo, mas não participavam da atividade.

Figura 50 – Trabalhando na horta / Data: Ano de 1978



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 9 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Governador Jorge Lacerda.

A presença de fotografias que registraram as atividades de alunos em hortas tornou-se interessante, ao se constatar que estas hortas traziam melhorias na qualidade das refeições dos alunos. Pois, em fins dos anos 70, muitas vezes os recursos destinados à merenda não chegavam às escolas. Os depoimentos de ex-professores e diretores relataram que as escolas passavam longos períodos sem receber mantimentos; portanto, a produção, mesmo sendo pequena, possibilitava outros meios de ofertar alimento aos alunos.

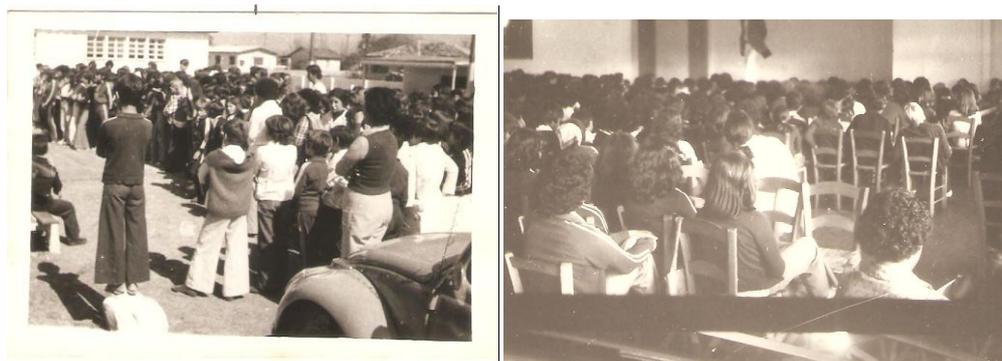
3.6.6 Temática visual: eventos internos

Novamente, os eventos tornam-se importantes; para tanto, foi desenvolvida uma categoria temática respectiva para esse tema, que congregou 25 fotografias. A temática *Eventos Internos* abarca as comemorações do Dia da Criança, Dia da Árvore e Dia do Índio, que fazem parte dos calendários comemorativos das escolas, e também, como, por exemplo,

a realização do encontro da banda da escola no caso da Escola Justino Alberto Tietboehl. Nas imagens desta temática, a proposta não foi a de identificar os alunos realizando apresentações, conforme, já foram identificados anteriormente, por meio de outra temática, mas sim de observar sua participação nos mesmos. Todavia, dentre essa temática também se enquadram reuniões de pais e professores, que, quando realizadas, contavam com um grande público.

O conjunto identificado na Escola Marcílio Dias somou 20 imagens. As comemorações do Dia da Árvore resultaram, em 1977, em 17 fotografias. Segundo registros da escola, as atividades transcorreram durante toda a semana; os alunos prepararam cartazes e estudaram sobre o tema. No dia do evento, acompanharam os discursos dos professores, que por fim plantaram árvores. Na figura 51, os alunos foram fotografados de costas; a maioria direciona o olhar para frente do prédio, onde, alguns alunos declamavam poesias, acompanhados de professores, permitindo constatar que a atividade envolveu todos os alunos. O plantio de pequenas árvores foi realizado no término do evento, por um professor em um canteiro que estendia-se ao lado do prédio. Destaca-se que até pouco tempo atrás, essas plantas ainda estavam localizadas no local. Mas, além deste evento, no mesmo ano, ocorreu o registro de uma reunião de pais realizada no salão paroquial (Figura 52). Nestas duas fotografias observou-se que a intenção do fotógrafo foi destacar o público presente, as duas foram realizadas tendo as costas dos personagens como foco.

Figuras 51 e 52 – Dia da Árvore e reunião de pais / Data: Ano de 1977



Autor: Professor da escola.

Dimensões: 7 x 10 cm

Fonte: Acervo da instituição.

As reuniões com pais dos alunos também foram realizadas pela Escola Justino Alberto Tietboehl, no ano de 1975, em que uma fotografia fora preservada; em 1980, uma exposição de trabalhos foi registrada. Mas, em 1965, um evento significativo ocorreu no pátio da escola, merecendo o devido registro fotográfico (Figura 53). O fotógrafo Ídio K. Feltes foi chamado para registrar a aquisição de novos instrumentos e uniformes da banda,

que até o momento, não contava com instrumentos adequados. Estes foram adquiridos por meio de uma doação do Rotary Club. A relevância desta banda para os eventos públicos na cidade foi deveras expressiva, visto que, durante o período analisado, foi ela que conduziu os desfiles de comemoração da Semana da Pátria e de 20 de Setembro da Semana Farroupilha. Além destas questões, notou-se, na fotografia, a preocupação de distribuir os personagens de forma harmônica: nas laterais todos os meninos, ao centro professores e uma jovem com uma faixa indicando que representaria a escola em desfiles. A cena foi registrada na frente da entrada principal da escola; nota-se inclusive, no canto superior esquerdo, a presença das siglas ETIPT (Escola Técnica Industrial Professor Tietboehl); os alunos na quadra de futebol foram posicionados no centro das linhas que demarcavam a quadra, o que realmente permite constatar que a fotografia foi realizada por um olhar que esteve mais atento aos detalhes.

Figura 53 – Banda da Escola / Data: Ano de 1965



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.

Dimensões: 8,5 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

A observação dessa temática propõe demonstrar que as atividades das escolas não correspondiam somente ao ensino realizado em salas de aula; muitos eventos e atividades aconteceram ao longo dos vinte anos analisados. O *ser* escola compreendia uma rede intrincada de acontecimentos que permeavam o seu dia a dia, e que foi registrado de diversas formas, de acordo com as fotografias antes destacadas.

3.6.7 Temática visual: festas

As festas organizadas somaram 15 fotografias. Entre as quais, a Escola Marcílio Dias apresentou 14 imagens e a Escola Justino Alberto Tietboehl apenas uma. Já a escola Governador Jorge Lacerda não preservou nenhuma fotografia em seus arquivos referentes a essa temática. Observando-se o conjunto, permite-se identificar que as festas eram organizadas para comemorar aniversários de professores(as) e de alunos(as), onde havia as tradicionais comidas de aniversários, com doces e bolos, que muitas vezes eram trazidos pelos familiares dos alunos ou a própria escola fazia quando o aniversário era de um professor. Além disso, os aniversários das próprias escolas eram celebrados. No repertório das festas, ainda constam as festas de São João.

As festas de São João, originalmente pagãs, transformaram-se em comemorações da Igreja Católica durante a Idade Média. Abrangendo o mês de junho, as festas podem ser em homenagem a Santo Antônio, São João ou a São Pedro. Tradicionalmente conhecidas como Festas Juninas no Estado do Rio Grande do Sul, as escolas de Torres/RS a festejam em homenagem a São Pedro. Estas festas tornaram-se importantes nos calendários escolares de Torres/RS, pois, durante muito tempo, os lucros advindos da venda de bebidas, comidas, das rifas e dos jogos realizados durante as festas contribuía no orçamento para o pagamento das despesas ou para a aquisição de melhorias nas escolas. Em 1978, a Escola Marcílio Dias encenou o *casamento da roça* (Figura 54 e 55). As fotografias que realizaram o registro do evento acompanharam de perto a cerimônia. A chegada da noiva com um carro de boi anunciava que o casamento estava prestes a ocorrer; por fim, em frente ao padre e seu ajudante, o casamento realizou-se. A encenação cuidou de todos os detalhes, revelando que o evento era importante e, sobretudo, planejado pelas escolas, envolvendo alunos e professores.

Figuras 54 e 55 – Encenação do “Casamento da roça” em Festa Junina
/ Data: Ano de 1978



Autor: Professor da Escola.

Dimensões: 9 x 12 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Apesar das Escolas Justino Alberto Tietboehl e Governador Jorge Lacerda não apresentarem fotografias das Festas Juninas, informações de funcionários e alunos do período, assim como cadernos de registro das comemorações, as Festas Juninas eram comemoradas todos os anos em um domingo do mês de junho. Envolviam todas as escolas da cidade e a comunidade em geral. Cada instituição escolar era responsável por uma barraca de alimentos e por promover alguma atividade durante a festa. Segundo os registros da Escola Marcílio Dias, essas festas estendiam-se até a madrugada. Atualmente, as comemorações juninas são realizadas, porém as festas atuais ocorrem durante a semana, em turnos distintos. Cada escola promove a sua festa dentro do próprio prédio, não mais no Salão Comunitário, como eram realizadas anteriormente, quando a comunidade podia participar. Por questões de segurança, as festas são abertas somente aos familiares dos alunos.

Nesse conjunto de festas, destacou-se, também, o coquetel realizado por professores da Escola Marcílio Dias, em comemoração ao cinquentenário do Grupo Escolar. No evento que reuniu professoras e professores que atuaram na instituição, durante aquele período, poucas crianças (filhos de professores) estavam presentes. As professoras posaram em frente ao prédio da escola, elegantemente vestidas, com expressão de alegria no rosto e, posicionados à direita do grupo quatro meninos, filhos de professoras que as acompanhavam (Figura 56). A elegância das professoras condizia com a comemoração que ocorreu no interior do prédio. Um bolo foi decorado com o número 50 e acompanhado de taças em que seriam servidos espumantes. O diretor do período, Dirnelis Teixeira da Silva cortou o bolo, fato registrado pelo fotógrafo (figura 57).

Figuras 56 e 57 – Festa em comemoração ao 50º Aniversário da Escola Marcílio Dias / Data: Ano de 1972



Autor: Professor da escola.
Dimensões: 9 x 14 cm
Fonte: Acervo da Instituição.

Festas de fim de ano também ocorriam. Na Escola Marcílio Dias, nos últimos dias do mês de dezembro eram organizados chás aos professores, e geralmente uma pequena lembrança era preparada pela administração da escola para ser presenteada. Mas as festas estendiam-se aos alunos também; conforme a figura 58, a Escola Justino Alberto Tietboehl fez um jantar de encerramento do ano letivo de 1968. O diretor Sady Pipet de Oliveira foi flagrado enquanto alunos e alunas comiam churrasco que estava sendo servido; o clima era festivo, inclusive alguns alunos percebendo que o registro iria ocorrer direcionam o olhar para a câmera e sorriem.

Figura 58 – Janta de fim de ano / Data: Ano de 1968



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 8,5 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Esta temática demonstrou que o ambiente escolar era naquele período um meio de descontração e no qual ocorriam cobranças e a disciplina infligida pelas escolas. Na imagem acima, percebe-se que havia espaços de socialização entre os alunos e seus professores e que estavam além dos espaços de sala de aula.

3.6.8 Temática visual: formaturas

A formatura é o momento mais esperado pelos alunos no final da trajetória educacional. Conseqüentemente, fotografar a ocasião é uma forma de perpetuar o acontecimento e, ainda, de atestar sua consolidação para a família e para a sociedade.

Fotografias que registraram este momento foram identificadas nos acervos de duas escolas, na Escola Marcílio Dias e na Escola Justino Alberto Tietboehl. Dessas, a que mais preservou esses registros foi a Escola Justino Alberto Tietboehl com sete fotografias.

Nessa escola, grande parte das fotografias é da década de 60, a partir do ano de 1965 em que ocorreu a formatura da primeira turma. Nas imagens, as cenas captadas voltaram-se à entrega do certificado de alguns alunos, à comissão de representantes da colação de grau e, por fim, aos alunos formandos. Desse modo, as cenas onde os alunos são fotografados individualmente, ou em grupos, com a beca, ou recebendo o *canudo* das mãos do diretor ou de algum professor importante da trajetória educacional, tornam-se um “momento majestoso que deveria ser convertido em objeto de rememoração”.²⁵⁸

A relevância que este tipo de registro representava aos pais e alunos era importantíssima e carregada de significados, tendo em vista que esta educação os deixaria preparados para seguir a vida profissional. Schapochnik²⁵⁹ relata que as famílias dos formandos e eles próprios, guardavam essas fotografias por traduzirem “uma perspectiva de vida em que a educação estava diretamente associada à possibilidade de ascensão social e exercício de cidadania”. Portanto, adquirindo relevância para quem a concluísse. Ainda é importante destacar que os alunos desta escola, na verdade a maioria, segundo relatos de professores, era oriunda de famílias de baixa renda, o que tornava o momento ainda mais significativo para os formandos, assim como para as famílias.

As formaturas dessa escola foram realizadas na própria instituição; nas cenas em que a comissão de formatura foi registrada tiveram em seu plano de fundo as bandeiras do Brasil, do Estado do Rio Grande do Sul e do Município de Torres/RS. Também, nos conjuntos dos representantes das mesas, a representação religiosa foi verificada. O momento conjugava o término da trajetória educacional naquela instituição, onde, muitos alunos haviam recorrido à Casa Paroquial para residirem durante a semana, já que em meados de 1960 a escola perdeu a característica de internato. Essas relações faziam com que a participação do pároco local fosse imprescindível, constatando-se que, em algumas fotografias, o padre foi o responsável pela entrega do certificado aos alunos.

A imagem a seguir (Figura 59) foi realizada em 1965, com a primeira turma que se formou no ensino técnico de marcenaria. Afirma-se, por conseguinte, a necessidade e a relevância do registro, que contou com 14 formandos. Alguns posam com o certificado em mãos, símbolo da conquista. Ainda, é importante observar a presença predominantemente masculina na imagem. Os alunos elegantemente vestidos foram dispostos na cena, um deles, que não estava vestindo terno conforme os outros, foi posicionado atrás dos demais, a

²⁵⁸ SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil 3. República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 484.

²⁵⁹ Idem.

fotografia devia ser bela, e para tanto, seguiu determinados padrões, dos quais, a vestimenta era parte constituinte.

Figura 59 – 1ª turma de Formandos do curso Técnico de Marcenaria / Data: Ano de 1965



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.

Dimensões: 8,5 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Fotografias de formaturas foram um dos registros mais realizados na história das escolas ao longo do século XX; determinadas cenas compuseram padrões que foram seguidos. Além do conjunto da turma, o recebimento do certificado foi uma demanda iconográfica. Na figura 60, o aluno formando José Guilherme Magnus Neto recebeu das mãos de um professor o certificado que simbolizava a conclusão do curso Técnico de Marcenaria. A expressão de alegria no rosto do jovem declarou que o momento conjugava todo o esforço dedicado aos estudos. A imagem é clássica e não sofreu muitas alterações ao longo dos anos. Atualmente, as fotografias de formatura diversificaram-se em resposta às possibilidades advindas com as câmeras digitais, mas, algumas cenas, como esta, mantêm-se obrigatórias nos álbuns de formatura.

Figura 60 – Formatura na Escola Técnica / Data: Ano de 1966



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.

Dimensões: 13 x 8,5 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Algumas diferenças foram encontradas nas fotografias da Escola Marcílio Dias. As de formaturas foram tiradas dentro da Matriz da Igreja Católica, pois a cerimônia ocorria juntamente com a realização de uma missa. O ato era presidido pelo padre e pela diretora da escola. As duas fotografias, que datam de 1980, realizaram o registro do grupo de formandos acompanhados da diretora e, também, o recebimento do certificado de um aluno, pelas mãos da mesma (Figura 61 e 62). Nota-se que as cenas assemelham-se muito às imagens da década de 60, da Escola Justino Alberto Tietboehl, apesar de ocorrer em outro local, a presença de bandeira foi constatada, e as cenas representadas são as mesmas. A face alegre do formando que recebe o certificado sugere a recompensa da dedicação aos estudos. No que tange à primeira imagem, é possível observar a presença feminina, que, no momento da pose, ficou à frente do grupo, separadas dos formandos do sexo masculino.

Figuras 61 e 62 – Formatura na Igreja Matriz / Data: Ano de 1980



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 10 x 15 cm / 15 x 10 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

A constatação da pequena presença de fotografias na temática visual *Formatura*, se deve ao fato de que foi uma temática recorrente na iconografia escolar; isso possibilita crer que, de fato, ela se efetivou nas escolas pesquisadas, inclusive na Escola Governador Jorge Lacerda. Mas, conforme descrito, a formatura, além de ser uma realização das escolas, envolve, sobretudo, as famílias dos respectivos formandos, que, neste evento, geralmente são as responsáveis pelo registro fotográfico.

3.6.9 Temática visual: recordação escolar

Quando se pergunta a alguém sobre alguma lembrança de sua escola, geralmente muitas pessoas se reportam a uma fotografia em especial, a tradicional *Recordação Escolar*.

Uma prática de registro que, segundo Fischer,²⁶⁰ ocorria em outros países, como na Argentina. Essas fotografias foram realizadas em demasia, segundo a autora, nos anos de 1950 a 1970.

A fotografia de recordação escolar realiza-se por diversas razões, dentre elas, atesta a inclusão do aluno no sistema educacional. Ainda, segundo Fischman,²⁶¹ as razões mais óbvias “son producir una imagen ‘memorable’ y generar dinero (para el fotógrafo y para la escuela)”. A fotografia, como mercadoria, atinge também a educação.²⁶² As classes escolares são “anualmente fotografadas”²⁶³ para serem vendidas aos pais. Conseqüentemente, essas imagens ficam com os alunos, o que justifica a inexistência desses registros nos acervos das Escolas Governador Jorge Lacerda e Justino Alberto Tietboehl.

Porém, a Escola Marcílio Dias conta com algumas fotografias em seu arquivo, totalizando oito imagens, que datam de 1978. Pode-se creditar o fato de a escola possuir esses exemplares a quantia de Cr\$ 20,00, que deveria ser paga ao estúdio fotográfico que realizava o serviço. Quantia a família dos alunos não possuía para adquirir a recordação. Como o material já havia sido produzido, acabou sendo deixado na escola, onde ficou guardado junto às demais fotografias até os dias de hoje.

As recordações escolares presentes nos arquivos da Escola Marcílio Dias seguem o padrão das fotografias que eram realizadas no restante do País, nas décadas de 50 a 70. Segundo Fischer,²⁶⁴ as imagens teriam as medidas de 18 x 25 cm, o que aproxima-se das medidas das recordações escolares identificadas, que possuem as medidas de 18,5 x 25 cm .

Quanto ao suporte material, o papel onde estão dispostas as fotografias é uma cartolina amarela e sobre ela, nas laterais, está escrito com cor azul a passagem “Recordação Escolar”. Ainda consta o ano em que a imagem foi realizada e, abaixo, existe um espaço para ser escrito o nome do aluno, do professor, da turma e da escola. Cabe resaltar que, em nenhuma recordação escolar, consta o nome ou qualquer identificação dos alunos fotografados (Figura 63 e 64).

²⁶⁰ FISCHER, Beatriz T. Daudt. O risco da imagem única: um estudo a partir de fotografias recorrentes de alunos dos anos iniciais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED: EDUCAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL, 34., 2011, Natal, RN. *Anais...*Natal, 2011.

²⁶¹ FISHMAN, Gustavo E. Aprendiendo a sonreír, aprendiendo a ser normal: reflexiones acerca del uso de fotos escolares como analizadores en la investigación educativa. In: DUSSEL, Inés; GUTIERREZ, Daniela. *Educar la mirada: políticas y pedagogías de la imagen*. Buenos Aires: Manantial; Flacso, OSDE, 2006. p. 248.

²⁶² LEITE, Mirian Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Eienne (org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Ed. Hucitec/ Ed. Senac, 2005. p. 37.

²⁶³ Idem.

²⁶⁴ FISCHER, Beatriz T. Daudt. O risco da imagem única: um estudo a partir de fotografias recorrentes de alunos dos anos iniciais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED: EDUCAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL, 34., 2011, Natal, RN. *Anais...*Natal, 2011.

No que concerne às fotografias, encontram-se cinco meninas e três meninos. Todas seguem um padrão no cenário, ou seja, bandeiras ao fundo, e, encima da mesa livros ordenadamente dispostos, ou seja, o “livro aberto tendo ao fundo a bandeira nacional”²⁶⁵ eram imprescindíveis para compor o cenário das recordações escolares. Todos os alunos portam na mão direita uma caneta, e simulam estar escrevendo. Segurar a caneta com a mão direita fazia parte da pose, mesmo aqueles alunos que eram canhotos deveriam ser fotografados representando-se como destros. Esta é uma prática recorrente durante boa-parte do século XX, que se manteve até meados dos anos 90. Por exemplo, a pesquisadora em questão é canhota, e, em sua tradicional recordação escolar, foi orientada a segurar a caneta com a mão direita, o resultado revelou-se em uma tensão no rosto da jovem criança. Ao não saber portar a caneta com a mão direita, esta deslocou sua atenção e preocupação em cumprir a tarefa solicitada e não se revelou tranquila na imagem. Nessas fotografias, os arquétipos produzidos conjugam uma padronização, o personagem (aluno) distingue-se; porém, ao compará-lo com demais fotografias acaba perdendo sua singularidade na cena que se torna homogênea.

Seguindo nas observações, o olhar mais atento a estas imagens revelou algo de surpreendente quanto às bandeiras. As bandeiras, que fazem parte do cenário de fundo dessas imagens são as bandeiras que contemplam o segundo plano do cenário. Convém lembrar que o período em que as fotografias foram realizadas, ou seja, em plena ditadura militar, a bandeira do Brasil não se fez presente, mas, a bandeira do Estado do Rio Grande do Sul e desenhada em cartolina branca, provavelmente pelos próprios alunos, a Bandeira do Estado do Rio de Janeiro. Justificou o uso desta bandeira o fato de seu patrono, Marcílio Dias, pois, era no Estado do Rio de Janeiro ter honrarias realizadas no Museu Naval.

²⁶⁵ SCHAPOCHINK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil 3 República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.484.

Figuras 63 e 64 – Recordação Escolar / Data: Ano de 1978

Autor: Desconhecido.

Dimensões: 18,5 x 25 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

No verso (Figura 65) da recordação estão descritas as indicações necessárias para os pais. Estas sugerem uma padronização do serviço realizado, visível nas pesquisas desenvolvidas por Fischer,²⁶⁶ pois as informações são as mesmas. Constam ainda indicações sobre o estúdio fotográfico que realizava o trabalho e, ao que tudo indica, esse estúdio não era da região de Torres/RS, pois não se encontrou nenhum registro de suas atividades neste período.

Figura 65 – Recordação escolar (verso) / Data: Ano de 1978

Autor: Desconhecido.

Dimensões: 18,5 x 25 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Por volta dos anos 90 (séc. XX), a prática das recordações escolares perdeu ênfase nas escolas e, atualmente, não são mais realizadas nas escolas analisadas. De certa forma,

²⁶⁶ FISCHER, Beatriz T. Daudt. O risco da imagem única: um estudo a partir de fotografias recorrentes de alunos dos anos iniciais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED: EDUCAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL, 34., 2011, Natal, RN. *Anais...*Natal, 2011.

essas fotografias que tinham o intuito de preservar a lembrança da escola, foram substituídas pelas fotografias realizadas para o Dia das Mães e dos Pais, em que um fotógrafo profissional é contratado pela escola e realiza o registro onde os alunos vestem-se com roupas diversificadas, (não mais o uniforme escolar) e são posicionados junto a um cenário de paisagem (não mais as bandeiras).

3.6.10 Temática visual: recreio

Quem nunca contou os minutos aguardando o tão esperado intervalo? O momento mais aguardado pela maioria dos alunos é conhecido também como recreio, é o espaço de socialização entre todos os estudantes, independentemente da classe a que pertencem ou da idade. Deve-se a isso a necessidade de criar uma temática visual específica. As imagens dessa categoria registraram momentos de brincadeiras, a roda de ciranda, crianças pulando corda, brincadeiras que hoje em dia estão fora de uso; também registraram alunos que não realizavam nenhuma atividade. Ao longo dos 20 anos analisados, identificaram-se nove fotografias realizadas pelas três instituições de ensino.

No conjunto fotográfico da Escola Marcílio Dias, seis fotografias foram realizadas durante o recreio. A roda de ciranda, em 1977, ocorreu quando a instituição ainda estava localizada no Morro do Farol (Figura 66). Apesar de uma das jovens utilizar um xale e todas vestirem casaco; algumas meninas usavam saia e também estavam calçando chinelos. Certamente deve-se atentar ao fato de que as jovens que calçavam chinelos talvez não tivessem outros calçados, mas a cena sugere que esta fotografia foi realizada no início do ano pois, caso tivesse ocorrido no inverno, dificilmente as meninas estariam vestindo saias, pois a temperatura seria muito baixa. Se se considerar o vento que sempre há em cima do Morro do Farol em dias de inverno, associa-se essa constatação ao fato de que, no final do ano a escola mudou de local. Porém, esta fotografia vai além: em segundo plano, está parte da cidade de Torres/RS. Pode-se visualizar o local para onde a escola mudou neste mesmo ano, e, também, a Lagoa do Violão com suas margens cobertas pela mata e que deixaram de existir, estando atualmente circundada por moradias e prédios. Já na figura 67, os alunos estavam em frente à entrada da escola, aparentemente não realizavam nenhuma atividade específica. Alguns estavam sentados nas escadas que davam acesso à entrada, outros, na mureta da varanda; na imagem estavam alunas de diversas idades. Esta fotografia implica observar que o recreio não era orientado por professores; esse pequeno intervalo de tempo era utilizado pelos alunos da forma que melhor lhes convinha, seja, conversando, brincando de ciranda, seja pulando corda.

Observação realizada, também, na Escola Justino Alberto Tietboehl, em que uma única fotografia foi realizada (Figura 68). Os alunos estão na frente do prédio onde pequenos grupos conversavam. Foi notado na imagem que as alunas estavam posicionadas na entrada do prédio, enquanto os alunos, em maior número, ocupavam inclusive espaços da quadra de futebol; de acordo com depoimentos cedidos, durante os intervalos, ocorriam muitos jogos de futebol, em que a participação era disputada pelos alunos.

Figura 66 – Roda de ciranda/
Data: Ano de 1977



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 7 x 10 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Figura 67 – Recreio na Escola
Marcílio Dias / Data: Ano de 1976



Autor: Desconhecido
Dimensões: 9 x 12 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Figura 68 – Recreio / Data: Ano de 1966



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 6,3 x 9 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Na Escola Governador Jorge Lacerda encontrou-se em Ata de 1960, o registro da necessidade de orientar o recreio dos alunos, inclusive professores são designados para tal tarefa. Nesse sentido, extremamente atuais são as propostas de “Recreio Dirigido,”²⁶⁷ que

²⁶⁷ O recreio dirigido trata-se de que, durante o intervalo, sejam realizadas atividades com os alunos orientadas por professores; muitas escolas estão adotando esse método para tornar, este também, um espaço de aprendizagem ao aluno.

estão sendo incorporadas à formação do aluno e que fazem parte das indagações atuais dos professores. De acordo com Neuenfeldt,

o recreio está passando despercebidamente no contexto escolar. As causas podem residir na forte valorização das disciplinas intelectuais, o que faz com que ele seja visto apenas como um momento para dar ao professor uma pausa na sua atividade docente e um tempo para o aluno extravasar energia, descansar ou merendar. Portanto, há uma forte inclinação para a compreensão do recreio como um espaço improdutivo para o meio escolar.²⁶⁸

Justamente, por ser um momento que permite ao aluno, em tese, a possibilidades de extravasar sua energia, é que este é tão aguardado pelos mesmos. Mas a atuação dos professores também neste momento torna o recreio um espaço de aprendizagem e de socialização entre os estudantes. Na figura 69, a Escola Governador Jorge Lacerda destaca uma turma de alunos dos anos iniciais; os mesmos estavam ao redor de uma mesa, onde atividades eram realizadas. A presença de uma professora foi constatada no fundo da imagem à direita, enquanto conversa com os alunos.

Figura 69 – Recreio na Escola Governador Jorge Lacerda / Data: Ano de 1980



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 10 x 15 cm

Fonte: Acervo da Escola Governador Jorge Lacerda.

Essas fotografias tornam-se importantes, pois permitem ao observador atual compreender como eram os recreios e as brincadeiras nas escolas há cinquenta ou quarenta anos atrás. Ainda traz reflexões acerca dos recreios atuais, pois, nos arquivos fotográficos atuais das escolas, não se encontraram atividades sendo realizadas pelos alunos providas de orientação de professores.

²⁶⁸ NEUENFELDT, Derli Juliano (Org.). *Recreio escolar: espaço para “recrear” ou necessidade de “recriar” este espaço?* Lageado: Univates, 2005. p. 16.

3.6.11 Temática visual: refeitório

Assim como as demais temáticas, a alimentação realizada nas escolas tornou-se evidente por meio de registros fotográficos efetuados. O momento da *merenda*, assim como o recreio, é um instante aguardado pelos alunos. Para Amaro,²⁶⁹ “esta rotina e prática da **alimentação na escola** é uma das marcas diferenciadoras da escola brasileira para as classes populares”. (Grifo da autora).

As reflexões de Amaro são deveras precisas, pois, de fato, contemplam a realidade do ensino em nosso País. É importante ressaltar que, em muitas escolas, ir ao refeitório significa ao aluno a sua primeira e, muitas vezes, a única refeição do dia. Na cidade de Torres/RS, não se descarta essa possibilidade, pois muitos alunos eram oriundos de famílias de baixa renda e o alimento ofertado pela instituição escolar consistia em uma parte importante de sua alimentação.

Nos acervos fotográficos somente três imagens foram realizadas dentro do refeitório escolar. Pertencem à Escola Marcílio Dias e datam de 1977; são na verdade uma sequência. As fotografias foram realizadas no prédio antigo (Figura 70); neste observa-se que o espaço destinado às refeições não atendia às necessidades da escola. Muitos alunos realizavam sua alimentação de pé; meninos e meninas compartilhavam uma mesa sem cadeiras, enquanto se alimentavam. Na maioria das vezes, às crianças era ofertada uma sopa, contendo vários nutrientes que possibilitavam uma alimentação mais completa. Quando instalou-se em outro endereço, a escola adquiriu um refeitório maior, com mais mesas para poder atender um número maior alunos e, também, uma pequena cantina, em que eram vendidos lanches para aqueles que podiam pagar.

²⁶⁹ AMARO, Lúcia Elena Matos. “*Tem repetição, professora...*”: um estudo sobre a prática da merenda escolar e seus significados. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 2002. p. 12.

Figura 70 - Refeitório da Escola Marcílio
Dias / Data: Ano de 1977



Autor: Desconhecido.
Medida: 7 x 10 cm
Fonte: Acervo da instituição.

Nas demais escolas, apesar do registro fotográfico não ter sido identificado nos acervos analisados, elas possuíam, da mesma forma como na Escola Marcílio Dias, refeitórios em que eram disponibilizadas refeições aos alunos. Para tanto, lembra-se que, na Escola Justino Alberto Tietboehl, a alimentação era ofertada integralmente, ou seja, os alunos recebiam café da manhã, almoço e janta. Mesmo quando deixou de funcionar em caráter de internato, as refeições foram mantidas. Já na Escola Governador Jorge Lacerda, ficou explícito em atas que a alimentação ofertada na escola era relevante, vários cursos de *Merenda* foram organizados, contando inclusive com a participação de escolas do interior do Município de Torres/RS.

Uma alimentação saudável e equilibrada e que valorize a cultura alimentar das regiões são demandas dos governos atuais, seja municipal, estadual ou federal. Inclusive há a preocupação de que o refeitório seja um local apropriado para o aluno realizar suas refeições.

3.6.12 Temática visual: jogos

Por fim, a participação dos alunos em jogos obteve uma temática específica. Os registros fotográficos das atividades realizadas nas aulas de Educação Física ocorrem desde o princípio do século XX, lembrando que a prática de atividades físicas nas escolas responde a

uma demanda higienista na educação, e que esta concepção, de acordo com Guiraldelli,²⁷⁰ foi recorrente no Brasil entre os anos de 1989 a 1930.²⁷¹

Na década de 60, as atividades físicas passaram a ser concebidas como uma prática educativa,²⁷² sem, é claro, desconsiderar questões de saúde e disciplina, e que, com o regime militar adquiriram um expressivo caráter de competitividade.²⁷³ Para tanto, é preciso lembrar que a prática tornou-se obrigatória em escolas de ensino primário e médio, conforme o art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 4.024, de 1961.²⁷⁴

A incorporação das atividades das aulas de Educação Física são muito importantes, pois oferecem novas possibilidades de aprendizagem aos alunos, estimulando seus sentidos e processos cognitivos. Os jogos, segundo Paes e Balbino,²⁷⁵ são importantes no ensino de esportes, e seu uso na Educação Física atua como “um facilitador na educação de crianças e jovens”.²⁷⁶

Os jogos realizados nas aulas de Educação Física são muito aguardados pelos alunos. Marques²⁷⁷ descreve que “há um grande interesse e motivação por parte dos alunos, pois o jogo faz parte da nossa cultura e do nosso dia-a-dia, ele é movimento, e sendo movimento trabalha com o corpo e representa valores sociais e culturais”.

Duas escolas apresentam imagens que correspondem a esta temática. Na Escola Marcílio Dias, duas fotografias foram realizadas no ano de 1977. A primeira, figura 71, buscou registrar um cabo de guerra humano, em que um grupo de alunos do sexo masculino disputava no jogo, e ao mesmo tempo atuavam em conjunto. A cooperação entre ambos era estimulada; um professor os motivava a gritar palavras de incentivo. Na segunda imagem (Figura 72), o registro efetuado não ocorreu na dita escola, mas sim, na quadra de esportes da Escola São Domingos, em que alunos de ambas as instituições participaram de uma competição que envolveu jogos de futebol e de vôlei. Nesta, foi possível perceber que muitos alunos de diversas idades assistiram aos jogos. A fotografia torna o registro importante, pois

²⁷⁰ GUIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Loyola, 1991.

²⁷¹ Idem.

²⁷² Idem.

²⁷³ Idem.

²⁷⁴ Disponível em: <<http://www.6.senado.gov.br/legislação/ListaPublicacoes.action?id=102346>>. Acesso em: 24 maio. 2013.

²⁷⁵ PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JÚNIOR, Dante de; RÉ, Alessandro H. Nicolai. et al. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem disciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 73- 83.

²⁷⁶ Ibid., p. 77.

²⁷⁷ MARQUES, Marta Nascimento; KRUG, Hugo Norberto. *O jogo como conteúdo da Educação Física Escolar*. P@rtes (São Paulo). V.00 p. eletrônica. Julho de 2009. Disponível em: <www.partes.com.br/educacao/ojogocomoconteudo.asp.asp>. Acesso em: 15 mar 2013.

permite constatar que alunos de uma escola pública utilizavam ambientes de uma escola particular. No registro que ocorreu em junho de 1977, a escola ainda não havia mudado de local, o que ocorreu meses depois; por isso, muitas vezes as escolas realizavam estas atividades, tendo em vista que, na Escola Marcílio Dias não existia quadra de esporte ou local apropriado para tanto. Quando esta transfere seu local, passa a fixar-se ao lado da Escola Justino Alberto Tietboehl, que possuía uma quadra de futebol e local apropriado para a prática de determinados esportes.

Figura 71 – Cabo de guerra / Data: Ano de 1977



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 7 x 10 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Figura 72 – Jogos escolares / Data: Ano de 1977



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 7 x 10 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

As fotografias da Escola Justino Alberto Tietboehl evidenciaram, por meio de seis fotografias, os times de futebol compostos por alunos. Nas imagens, constam registros de 1965 e 1969. Nos primeiros, os alunos posam para o fotógrafo, na quadra de esportes, em frente à entrada principal do prédio da escola e do curso de Mecânica. No entanto, uma imagem não possui o mesmo plano de fundo, foi, na verdade, realizada na quadra de esportes da Escola São Domingos. Para tanto, é importante sublinhar que, naquele período, muitos jogos de futebol ocorriam entre essas escolas. Os times eram formados pelos alunos e, inclusive por professores. As disputas ocorriam em dias festivos, como no aniversário da Escola Justino Alberto Tietboehl, em 18 de junho, quando o dia estendia-se com comemorações e eram realizados jogos de voleibol, de futebol de salão e futebol de campo. Este, praticado no campo Torrense. Algumas formações de times da escola foram financiadas por comerciantes locais, dos quais receberam, por exemplo, o uniforme. Na figura 73, a insígnia *Electro Club* foi fixada nas camisetas do time. Na imagem ainda é possível observar que o professor responsável pelo time participou do registro. Isso denota que os jogos eram relevantes, como se vê nos registros de 1969 (Figura 74), onde ambos os times que

disputaram uma partida foram fotografados. Nas fotografias foi possível notar que as arquibancadas que existiam em frente à quadra de futebol estavam lotadas. Porém, não se conseguiu identificar nenhuma menina presente entre os espectadores, elas estão no outro lado, em frente à escola, em bancos improvisados e cadeiras das salas de aula. Além dessas observações, é possível constatar que os dois times tinham entre seus jogadores um aluno negro e os demais eram compostos por alunos caucasianos; a presença de jogadores negros só foi registrada em 1969; as fotografias em maior número correspondentes ao ano de 1965 não continham jogadores negros. Quanto a esta questão, ao questionar-se para ex-alunos desta escola sobre a presença de alunos negros em jogos, a informação obtida foi a de que a presença de alunos negros na instituição era reduzida; assim, a participação destes em registros fotográficos tornou-se pequena.

Figura 73 – Jogo de futebol / Data: Ano de 1965



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 9 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Figura 74 – Jogo de futebol / Data: Ano de 1969



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 8,5 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Constata-se que, apesar da prática de jogos ser atualmente considerada espaço onde a socialização e o desenvolvimento cultural dos alunos são aplicados, em outros tempos ocorria uma socialização mais amena. Às meninas não correspondia a prática do futebol, ou atividades mais intensas, praticavam exercícios mais leves, como ginástica, que era vista como mais adequadas ao corpo feminino.

Por meio das temáticas visuais identificadas acima, foi possível constatar que o registro fotográfico nas escolas analisadas foi deveras diversificado, e que diz muito a respeito da história, das memórias e das escolhas iconográficas. No próximo capítulo serão trabalhadas as fotografias que foram identificadas na temática *Desfiles Cívicos*, que se apresentou com superioridade numérica entre as demais.

4 DESFILES CÍVICOS NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES DE TORRES/RS

Não há sociedade sem ritos, aqui entendidos como condutas corporais mais ou menos estereotipadas, às vezes codificadas e institucionalizadas, que exigem um *tempo*, um *espaço cênico* e um tipo de actores: Deus (ou os *antepassados*), os oficiantes e os fiéis participantes do espetáculo.²⁷⁸

Os desfiles cívicos das escolas do Município de Torres/RS aproximam-se dos componentes elencados por Catroga, ao trabalhar com a constituição da prática dos Ritos Cívicos. Nesse sentido, cria-se uma identidade nacional, que se afirmou ao longo dos anos na sociedade torrense. Registrada por meio de fotografias, essa prática se consolida no imaginário popular, dando legitimidade aos atores sociais nelas inseridos.

Neste capítulo, desenvolve-se uma análise sobre as fotografias que foram encontradas nos arquivos fotográficos guardados pelas instituições de ensino já referidas, previamente classificadas na temática visual de *Desfiles Cívicos*. Para tanto, algumas considerações são realizadas acerca da construção dos ritos cívicos. Após, desenvolvem-se alguns aspectos sobre o ensino cívico no País, sobretudo durante a ditadura militar, tendo em vista que a pesquisa evidenciou um número maior de imagens naquele período. Por fim, é realizada análise sobre as fotografias dos desfiles cívicos e, ainda, buscaram-se nos acervos atuais das escolas imagens correspondentes a esta temática visual; aí estabeleceu-se um diálogo entre essas fotografias e as imagens de cinquenta e quarenta anos atrás.

4.1 A CRIAÇÃO DOS RITOS CÍVICOS

Inicialmente, cabe destacar que o papel dos ritos é recordar, tornando-se um ato comemorativo. Mas é preciso atentar para o fato de que estes dois termos distinguem-se: enquanto o primeiro, trata de um ato individual, o segundo é “manifestação de alteridade, é *re-cordare com*”,²⁷⁹ trata-se de um ato coletivo, pois “comemorar é sair da autarcia do sujeito [...] e integrar o eu na linguagem comum das práticas simbólicas e comunicativas”.²⁸⁰

Portanto, os termos *recordação* e *comemoração* distinguem-se. Ankersmit,²⁸¹ ao retomar a origem dessas palavras na língua inglesa, identifica que a primeira, “remembrance”,

²⁷⁸ CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Minerva, 1999. p. 11.

²⁷⁹ *Ibid.*, p. 22.

²⁸⁰ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001. p. 25.

²⁸¹ ANKERSMIT, F. R. Commemoration and national identity. *Textos de História: memória, identidade e historiografia*. Brasília: UNB, v.10, n.1-2, 2002. p.15-39.

remete a um objeto ou conteúdo; a segunda, “commemoration”, por sua vez, está relacionada ao ato de lembrar algo. Já na língua francesa, a palavra “commémoration” é a única utilizada, que não encontra equivalência à palavra recordar, enfatizando a relação desta sociedade com o termo comemoração. O que sugere que o termo *comemoração* esteja relacionado ao âmbito público e aos eventos que manifestam a memória, pois os termos *recordação* e *comemoração* têm sua origem na palavra latina “commemorare”, que significa o ato de evocar a memória e fazer recordar.

É nesse sentido que complementa Catroga:

A memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias centradas em reavivamentos que só os *traços-vestígios* do que não existe são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável, não só das expectativas em relação ao futuro, como dos seus campos de objetivação – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrito, monumentos – e dos ritos que o reproduzem e transmitem; o que mostra que ela nunca se desenvolverá, no interior dos sujeitos, sem suportes materiais, sociais e simbólicos de memórias.²⁸²

A origem dos ritos cívicos tem uma profunda relação com os cortejos religiosos, relação que não existe por acaso. Assim como os cortejos religiosos, os ritos cívicos são o resultado da criação de práticas que afetam a vivência do cidadão. Advindos, segundo Catroga, da criação da religião civil, os ritos cívicos acabam por criar suportes materiais que ligam o povo à Nação, com a utilização dos espaços públicos para a sua afirmação e divulgação, onde os atores destas festas são os próprios espectadores. Assim:

como educação pública, concretizar-se-ia no ensino e em ritos cívicos, práticas de renovoamento e santificação da sociabilidade, as quais, como nas Repúblicas que, modelarmente, tinham sabido concretizar a “liberdade dos antigos”, só podiam ter por palco a *ágora*, ou melhor, o espaço público.²⁸³

Nesse espaço, ocorre a confraternização do povo, cada um sente-se partícipe do ato cívico e contribui para a sua plena realização. No entanto, nada ocorre de forma simples. Nesses atos encontram-se uma intrincada relação entre componentes estéticos, corporais e orais,²⁸⁴ denotando a existência de uma organização que coordena o desfile. Fazem parte desse conjunto de ações os símbolos, como, por exemplo, as bandeiras, que permanecem atualmente nos desfiles praticados, assim como os oradores, portadores do discurso a ser

²⁸² CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001. p. 23.

²⁸³ *Ibid.*, p. 133.

²⁸⁴ CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Minerva, 1999.

transmitido como forma de presentificar qualquer aspecto que talvez tenha passado ao largo, despercebido pelos condutores do desfile.

Demonstrando uma organização rígida, que procura não deixar erros e dissonâncias; que cria padrões, como pode-se observar pelas filas dos participantes geometricamente dispostas e, ainda, pelo percurso que se desenvolve sempre pelas mesmas ruas (as mais importantes), Catroga irá afirmar:

As romagens e as comemorações, com uma marcante dimensão pública, implicam, regra geral, a existência de uma coordenação planificadora (isto é, uma organização), de um desfile que a corporize, de símbolos (bandeiras), e contarão amiúde, com a presença de oficiantes (oradores), tendo em vista sublimar o esquecido com palavras que relembrem e enalteçam.²⁸⁵

A realização de desfiles cívicos traz à população que o realiza a projeção com uma identidade nacional. Para tanto, Hall²⁸⁶ compreende que as identidades nacionais são construídas por meio de símbolos e representações; assim, “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos sobre os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”. Os países, ao cultivarem por meio de ritos a memória e os símbolos nacionais, constroem significados que se prolongam pelas gerações. E o seu registro fotográfico corresponde ao uso destinado à construção do nacional, prática que foi utilizada pelo Brasil desde o Império, em que, com o uso da fotografia, buscou-se criar uma identidade nacional, por meio do registro de diversas temáticas, entre as quais estavam inseridas, de acordo com Kossoy,²⁸⁷ as manifestações educacionais.

Os desfiles cívicos em nosso País são realizados a longa data, e a sua incorporação nas atividades escolares remete à década de 1930. De acordo com Rocha,²⁸⁸ esta era uma realidade que vinha se afirmando desde os anos 30, com o governo de Getúlio Vargas, em que nas escolas “difundiam-se as festas cívicas, os hinos pátrios e o ideário nacionalista essencial para a consolidação do Estado Novo”.²⁸⁹ Assim, desde cedo as crianças em idade escolar participavam de desfiles cívicos em sua localidade.

Em relação às comemorações destes eventos, Rosa leciona que

²⁸⁵ CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Minerva, 1999. p. 25.

²⁸⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 51.

²⁸⁷ KOSSOY, Boris. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê, 2002.

²⁸⁸ ROCHA, Aristeu Castilhos da. *O regime militar no livro didático de história do ensino médio: a construção de uma memória*. 2008. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2008.

²⁸⁹ *Ibid.*, p. 65.

os jovens foram presença constante nas manifestações cívicas organizadas pelo Estado através do DIP. Havia várias datas comemorativas como: o “Dia da Raça”, “Dia da Pátria”, “Dia da Juventude”, “Dia do Trabalho”, “Dia do aniversário do chefe da nação” dentre outras. Entender esse processo é compreender como jovens e crianças, já cedo, eram preparados para a aceitação e assimilação de idéias de ordem, patriotismo, culto à pátria e ao presidente Getúlio Vargas e como eles destacavam-se e preparavam-se para participar nos rituais cívicos, considerados os momentos máximos de exaltação popular de louvor ao país e ao presidente.²⁹⁰

Estes eventos, por meio das atividades pedagógicas realizadas nas escolas, objetivavam a construção de uma nacionalidade baseada em uma ideologia tanto moral quanto cívica, que era desenvolvida pelo ensino.²⁹¹ A observação de um grande número de eventos realizados comprova que “ao transformá-la em feriado e instituir práticas comemorativas, o Estado erige-as em manifestações de poder, envolvendo desde as mais diretas, como paradas militares, até as mais sutis, de natureza cultural”.²⁹²

Nesse norte Bencostta declara:

A esse respeito, o Estado assume um papel singular: é ele, ao mesmo tempo, ator histórico, pois deveria fazer parte das comemorações cívicas, e narrador dos processos que tornaram possível celebrar. Embora essa dupla posição de sujeito seja partilhada por todos os agentes sociais, seria inadequado desconsiderar o poder do Estado em momentos como esses. É ele, o Estado, por exemplo, quem define quais acontecimentos devem ser fixados na memória da nação como seus sinais diacríticos definidos, entre outras ações, pela institucionalização de feriados, além de fornecer os padrões valorativos que devem informar a apreensão desses eventos. É ele que, ao selecionar fatos e eventos da história oficial para festejar não só faz uma escolha do que deveria ser lembrado por meio das comemorações, mas também constrói um certo arranjo que provoca reinterpretações desses eventos, concorrendo de modo decisivo na construção de um tipo de memória social.²⁹³

Em 1961, o calendário escolar no Rio Grande do Sul previa a realização de comemorações de cunho estadual e nacional, além de efemérides internacionais. As comemorações cívicas, conforme orientações do Centro de Pesquisas e Orientação Educacional (CPOE),²⁹⁴ publicadas na *Revista do Ensino*, eram realizadas com o objetivo de

²⁹⁰ ROSA, Josineide. A construção da brasilidade: a política educacional no Governo Vargas: 1930-1945.

Revista Multidisciplinar da UNIESP, n. 4, dez. 2007. Disponível em:

< <http://www.uniesp.edu.br/revista/revista4/publi-art2.php?codigo=1>>. Acesso em: 6 set. 2012.

²⁹¹ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 50.

²⁹² LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Palmira Bittencourt S.; MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha. (Org.). *História, memória e educação*. Campinas, SP: Alínea, 2011. p. 17.

²⁹³ BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Desfiles patrióticos: cultura cívica nos grupos escolares de Curitiba (1903-1971)*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO ESCOLAR EM PERSPECTIVA HISTÓRICA, 3., PUCPR, 2004. Disponível em:

<<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

²⁹⁴ Durante a realização da pesquisa, observou-se, registrado em Atas, que as escolas recebiam materiais, cadernos e publicações do CPOE e que estes eram discutidos entre os professores.

“despertar e fortalecer nos educandos o amor à Pátria e o respeito às tradições do País”.²⁹⁵ Ainda, ficam claras as orientações para que essas comemorações fossem precedidas de trabalhos realizados com os alunos em que houvesse um “alto sentido cívico”,²⁹⁶ somando-se a essas condições, estes atos, deveriam ser lembrados com sentido afetivo e religioso, o que leva a compreender a presente relação entre a Igreja Católica e o ensino e, assim, a constante presença dos padres nas escolas naquele período.

4.2 A DITADURA MILITAR E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO

As imagens fotográficas dos eventos cívicos das escolas pesquisadas apresentaram diferenças em relação aos anos que antecederam o Regime Militar. As diferenças inicialmente são sutis, quando as imagens são do início dos anos 60. No entanto, quando aproximam-se fotografias que datam do fim dos anos 60 e início dos anos 70, as diferenças foram se acentuando, o que propõe que sejam considerados alguns aspectos desse segundo momento.

Recorda-se que o golpe militar ocorreu em 31 de março de 1964, quando foi deposto o presidente João Goulart. Um período da história brasileira que teve seu fim, se assim pode-se assinalar, com a ascensão de Tancredo de Almeida Neves e José Sarney, por meio de eleição indireta em janeiro de 1985.

Durante o período em que o Brasil foi dirigido por militares (1964 -1985), como bem lembra Lombardi, “as instituições estatais são a voz do poder”;²⁹⁷ as escolas passaram a enfatizar com grande intensidade questões relacionadas à construção da identidade nacional, evocando o sentido de pátria e de nacionalidade nas crianças e nos jovens brasileiros. Embora esse sentimento de enaltecimento da sociedade brasileira anteceda o Regime Militar, as ações por ele promovidas, tornaram-se claras e efetivas no sistema de ensino brasileiro. É, neste sentido, que Rocha descreve sobre o tratamento destinado à disciplina de Educação Moral e Cívica, a partir de 1964, no País:

A partir do processo de redemocratização do País (1945), e das discussões da LDB (1961), a Educação Moral e Cívica vinha sendo tratada como prática educativa. Depois do golpe militar de 1964, o Estado passa a sentir a necessidade de revitalizar o ensino de Educação Moral e Cívica à luz da doutrina de Segurança Nacional.²⁹⁸

²⁹⁵ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, ano X, n. 74, mar. 1961. p. 5.

²⁹⁶ Idem.

²⁹⁷ LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Palmira Bittencourt S.; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (Org.). *História, memória e educação*. Campinas, SP: Alínea, 2011. p. 16.

²⁹⁸ ROCHA, Aristeu Castilhos da. *O regime militar no livro didático de história do ensino médio: a construção de uma memória*. 2008. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2008. p. 70.

Dentre estas ações, destacam-se as produções, sejam em manuais, revistas ou em livros, produzidas no intuito de auxiliar os professores na formação de alunos. No Rio Grande do Sul, a *Revista do Ensino* publicou em 1964 artigo do Dr. João Ribeiro dos Santos, em que estavam descritos o que seriam os “princípios para uma pedagogia do Civismo”.²⁹⁹ Destacou-se a seguinte passagem:

Civismo é essencialmente educação. Tem aspectos de disciplina informativa quando estuda a Constituição do país, o mecanismo da elaboração das leis, as estruturas dos órgãos de governo ao nível nacional, estadual e municipal, as agências governamentais ou particulares da sua comunidade, etc. Em tudo mais será uma prática educativa dentro e fora da escola. [...] Na educação cívica a Escola não pode estar desligada do lar e da igreja. Normalmente o regime será de estreita colaboração. Mas em muitos casos a escola e a igreja terão de compensar a ausência ou a má influência do lar. [...] Há o grave risco de a educação cívica, devido à liberdade de cátedra, se tornar a tribuna de propaganda de outras formas de governo e de outras filosofias políticas. Mesmo que os programas fixem o estudo nos temas da democracia e da república, a malícia fará o resto. Ignoro se há alguma forma legal de defesa. Mas será uma ingenuidade inqualificável ter o lobo ou a raposa como cão de pastor. A educação cívica deve esclarecer a juventude sobre as vantagens da democracia, da nossa república, da nossa formação cristã, da nossa filosofia e da nossa política econômica. Dever dar argumentos para que se defendam dos pregadores de doutrinas contrárias ou subversivas. Eles não tem escrúpulos em politizar a juventude, e será tolice adotarmos uma atitude suicida de neutralidade.³⁰⁰

Como se observa, a atitude era combater realmente qualquer ameaça que corroborasse uma possível tentativa de oposição contra o discurso propagado; para tanto, o ensino foi direcionado a conferir legitimidade ao discurso patriótico. Conforme a LDB de 1961, na educação de grau médio, previa-se no art. 38, que a formação moral e cívica do educando fosse realizada por meio do processo educativo. Será na LDB de 1971 que as orientações tornaram-se mais claras e objetivas. Conforme o art. 7 da lei, tornou-se a partir daquele momento obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica nos estabelecimentos de 1º e 2º graus.

Contudo, já em 1968, após o AI-5, ficou determinado que a disciplina de Educação Moral e Cívica, assim como prática educativa, deveria ter caráter de obrigatoriedade e fazer parte de todos os currículos escolares em todos os níveis e em todas as modalidades de ensino.³⁰¹ Lei que entrou em vigor a partir do Decreto 869, de 12 de dezembro de 1969,³⁰² e que fora revogada somente em 14 de junho de 1993³⁰³ pelo então presidente da República

²⁹⁹ *Revista do Ensino*, v. 13, nº 99, ano de 1964.

³⁰⁰ *Ibid.*, p. 35.

³⁰¹ CUNHA, Luiz Antônio; GOÉS, Moacyr de. *O golpe na educação*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

³⁰² Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=195811>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

³⁰³ Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/127628/lei-8663-93>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

Itamar Franco. No tocante, é importante lembrar que foi constatada a inserção da disciplina de Educação Moral e Cívica nas escolas de Torres/RS já em 1968, estando em conformidade com as obrigatoriedades previstas pelo AI-5.

Assim, a partir de então, muitos materiais foram desenvolvidos com o intuito de fortalecer a orientação patriótica no ensino. Destaca-se o material desenvolvido pelo Departamento Nacional de Educação, pelo Ministério de Educação e Cultura para a campanha nacional de material de ensino em 1967, que publicou para alunos e professores a “pequena enciclopédia de moral de civismo”,³⁰⁴ de autoria de Fernando Bastos de Ávila. Nesse, estão as principais denominações que representavam os valores humanos, com a definição do que corresponderia cada termo. Compunham parte desta enciclopédia as palavras: Cidadania; Cidadão; Civilização; Civismo; Classe social; Coação; Colaboração; Democracia; Desenvolvimento; Desordem; Dever; Doutrina; Educação; Estado; Eugenia; Forças armadas; Higiene Escolar; Ideologia; Igreja; Moral; Nação; Nacionalidade; Patriotismo; Símbolos Nacionais e Tradição. Estas palavras não por acaso faziam parte desta enciclopédia. Por elas, afirmavam-se os princípios da ditadura militar. Interessante é observar que muitas denominações, como *pátria* e *nação*, correspondiam à descrição do termo *Estado*, este é apontado como responsável por grande parte do gerenciamento da sociedade neste momento.

Constava ainda, na enciclopédia, um decálogo cívico composto de dez princípios básicos:

- 1 – Amarás o Brasil, tua Pátria, com um amor inteligente e forte. Inteligente, para conhecer seus problemas e grandezas; forte, para empenhar-se em prol de seu desenvolvimento e na defesa de sua soberania.
- 2 – Amarás os teus irmãos brasileiros, reconhecendo em todos a igual dignidade de pessoas humanas, **sem discriminações de raça, origem, condição social, situação econômica, opiniões doutrinárias, ideológicas ou religiosas.**
- 3 – Não excluirás de teu amor e respeito os filhos de outras terras que vierem colaborar lealmente para a grandeza da pátria comum.
- 4 – Prezarás os teus valores humanos, espirituais e físicos, procurando, através de todos os recursos de ensino e da educação, levá-los a uma plenitude ordenada e harmoniosa.
- 5 – Amarás entranhadamente o bem, a virtude e a verdade, detestando o mal, a mentira e a iniquidade.
- 6 – Amarás com predileção a tua família, cuja promoção te dedicarás pelo trabalho competente e honesto, no exercício de uma profissão.
- 7 – Procurarás conhecer sempre melhor teus deveres e direitos de cidadão, para observá-los com maior fidelidade, esforçando-te por participar da vida de tua cidade, de teu município, de teu Estado e da Federação.
- 8 – Lembrar-te-ás que um bom cidadão não pode ignorar os elementos fundamentais da organização jurídica e administrativa de sua Pátria.

³⁰⁴ ÁVILA, Fernando Bastos S. J. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. Brasília: Departamento Nacional de Educação, Ministérios da Educação e Cultura, 1967.

9 – Deverás também te esforçar por conhecer sempre melhor os elementos da organização econômica e dos processos sociais do Brasil, bem como os sistemas propostos para resolver os seus problemas, a fim de formar, a respeito de todos, uma opinião clara e segura.

10 – Não deverás nunca esquecer que o Brasil faz parte de uma Cultura e de uma Comunidade Internacional, para com as quais tem também direitos inalienáveis e deveres urgentes, de cujo respeito depende o advento de uma paz justa e definitiva. (Grifo nosso).³⁰⁵

Apesar dos princípios acima sugerirem ter caráter aconfessional, a prática era distinta, pode-se inclusive questionar o porquê de serem exatamente dez os princípios básicos. Assim, Cunha afirma que,

apesar do parecer do arcebispo-conselheiro proclamar que a educação moral e cívica devesse ser aconfessional, isto é, não vinculada a nenhuma religião e a nenhuma igreja, a incorporação das doutrinas tradicionais do catolicismo e de seus quadros não era sequer disfarçada nos textos e diretrizes da Comissão Nacional de Moral e Civismo, nem nos livros didáticos que ela aprovava para uso nas escolas. O parecer proclamava que a religião é que era a base da moral a ser ensinada.³⁰⁶

Portanto, essas considerações justificam a presença do clero em muitas fotografias dos desfiles cívicos, assim como o registro em documentos das escolas de sua participação no cotidiano escolar.

Destarte, a publicação “Educação Moral e Cívica nos três níveis de ensino como disciplina obrigatória”,³⁰⁷ de 1970, definia os programas desta disciplina no ensino, com orientações gerais acerca do tema e prescrições para a estruturação dos currículos. Destacava que este conteúdo deveria ter continuidade em todas as séries e, ainda, determinava a intensidade de sua aplicação. Iniciando com questões gerais de formação do “homem moral” para a respectiva formação do “homem cívico”, que deveriam permear todas as séries. Logo, no que se referia a questões de cunho sociopolítico-econômico, preconizava-se que deveriam ser ministradas nas séries finais dos cursos. E, por fim, o material previa o que precisaria conter em cada nível de ensino da época, ou seja, o Primário, o Ensino Médio e o Ensino Superior.

Nesse material, afirmam-se as posições elencadas até o momento, nas quais ficou evidenciada a necessidade de os alunos reconhecerem e assim valorizarem os símbolos brasileiros, a tradição e os “heróis” da história. Para tanto, deixa claro que a simples

³⁰⁵ ÁVILA, Fernando Bastos S. J. Pequena enciclopédia de moral e civismo. Brasília: Departamento Nacional de Educação, Ministérios da Educação e Cultura, 1967.

³⁰⁶ CUNHA, Luiz Antônio; GOÊS, Moacyr de. *O Golpe na educação*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991. p. 76.

³⁰⁷ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Educação Moral e Cívica – nos três níveis de ensino como disciplina obrigatória*: prescrições sobre Currículos e Programas Básicos. Brasília: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos em Colaboração com a Comissão Nacional de Moral e Civismo, 1970.

exposição teórica dessas questões não era suficiente, os alunos deveriam aplicá-las na prática, por meio de diversas atividades, como, por exemplo, em exposições e festas cívicas.

É assim que surgem os Centros Cívicos Escolares.³⁰⁸ Segundo o manual, seria por meio deles que “os educandos comemoram as grandes datas cívicas, prestam culto aos símbolos nacionais e desenvolvem o amor ao Brasil”.³⁰⁹ Previa-se, ainda, no Ensino Médio, a inserção da disciplina de Organização Social e Política Brasileira, que complementaria a formação dos alunos.

Atualmente, no ensino brasileiro se encontram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que contemplam propostas para articular a formação para a cidadania, correlacionando questões e conceitos históricos. Pretendem ser um instrumento de trabalho que venha a auxiliar o educador no cotidiano escolar. Todavia, constata-se que, ainda hoje, esse material não obteve muita atenção dos profissionais de ensino, pois “ainda não foram bem aproveitados, como uma referência, precisam ser mais investigados, reavaliados, atualizados e ampliados”.³¹⁰

Essas ponderações sobre o culto à nação, aplicado no ensino brasileiro durante o Regime Militar, permitem a compreensão da forte presença dos eventos de caráter cívico na educação torrense. E, conforme já mencionado, é uma prática que se mantém nas escolas brasileiras; no entanto, com outras características e objetivos. Sendo assim, parte-se agora para a análise das imagens fotográficas da categoria temática *Desfiles Cívicos*, donde poder-se-á identificar muitos aspectos descritos acima, assim como correlacioná-los com questões que norteiam as práticas atuais.

4.3 OS DESFILES CÍVICOS NA CIDADE DE TORRES

As imagens referentes a esta temática visual envolvem 169 fotografias, o que correspondeu a 37,89% do total das imagens analisadas. Dentre as quais cada escola apresentou a seguinte somatória: Escola Marcílio Dias com 45% (75 fotografias); Escola Governador Jorge Lacerda com 34% (58 fotografias); Escola Justino Alberto Tietboehl com 21% (36 fotografias). Assim, partindo desses dados iniciou-se a análise dessas fotografias.

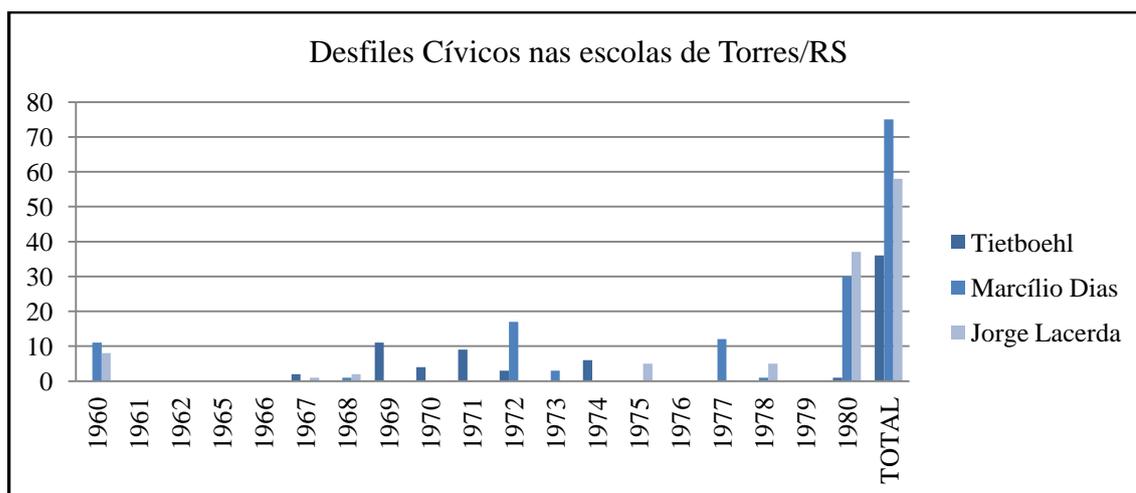
³⁰⁸ Observou-se que o surgimento dos Centros Cívicos Escolares, nas duas escolas que mantiveram as Atas referentes, corresponde ao período destacado.

³⁰⁹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Educação Moral e Cívica – nos três níveis de ensino como disciplina obrigatória: prescrições sobre Currículos e Programas Básicos. Brasília: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos em Colaboração com a Comissão Nacional de Moral e Civismo, 1970. p. 20.

³¹⁰ ROCHA, Aristeu Castilhos da. O regime militar no livro didático de história do ensino médio: a construção de uma memória. 2008. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2008. p. 84.

Primeiramente, constatou-se que, dentre o período analisado, a presença de fotografias entre os anos finais de 1960 e iniciais de 1970 (Gráfico 8) apresentou um aumento e manteve-se com regularidade até o ano de 1980. Ou seja, nas fotografias que aludem ao início da década de 60 (séc.XX) os registros realizados corresponderam, em média, a dois ou três por ano em cada escola. Aproximando-se do fim da referida década e do início da seguinte, década de 70 (séc. XX), cada escola passou a efetivar um número maior de fotografias por evento, chegando, por exemplo, em 1980, a constar, nos arquivos da Escola Governador Jorge Lacerda, 37 fotografias referentes ao ano citado. Nesse aspecto, estão correlacionados os fatores de acesso à câmera fotográfica. Os professores passaram a ter acesso; também não se pode dissociar o período político em que os País estava inserido, ou seja, um regime militar, em que eventos que enalteciam a pátria eram muito importantes e deveriam ter o seu registro efetuado.

Gráfico 8 – Registros fotográficos de Desfiles Cívicos em Torres/RS



Fonte: Elaborado pela autora (2013).

Nesse sentido, é importante apontar que a prática de desfiles cívicos realizados pelas escolas possui uma origem antiga, e que as fotografias destes desfiles, na cidade de Torres/RS, apresentam algumas características que se assemelham aos cortejos religiosos praticados na cidade. Essas semelhanças devem-se ao fato de que estes últimos são a sua gênese. Os desfiles cívicos inicialmente seguem o mesmo percurso praticado pelos cortejos religiosos. Por um longo período, as fotografias da Escola Marcílio Dias, por exemplo, contavam com a presença dos representantes religiosos.

Na cidade de Torres/RS, os primeiros registros fotográficos da Escola Marcílio Dias advêm da comemoração do Dia da Pátria, do Dia da Raça e do Dia do Soldado. Na figura 75,

observou-se a comemoração do Dia da Raça, entre os dias 9 e 14 de outubro de 1933 (indicação no verso). A fotografia foi tirada à luz do dia no Morro do Farol. Na circunstância aproveitou-se a solenidade para a realização do registro do grupo escolar. Esse ato, é necessário observar, era algo muito importante e inusitado para a maioria dos que na imagem estavam. Os arquétipos verificados no período são identificados a partir da visualização da postura e da rigorosa organização imposta a alunos e professores: meninos de um lado, meninas de outro, e os(as) professores(as) em outro, evidenciando a hierarquia escolar. Os alunos, com idade média aproximada entre 7 e 8 anos, estavam trajando uniformes, que são distintos de acordo com o sexo dos alunos. Ao observar as meninas e os meninos, é possível notar que a pose é padronizada. Nesse norte, lembra Fabris que “a padronização de um certo comportamento impõe-se ao corpo todo, determinando posturas e normas gestuais”.³¹¹ No entanto, há uma leve diferenciação entre a postura dos alunos e a das alunas, que se mostra sutilmente na imagem: os meninos revelam uma suave descontração que é perceptível em seus gestos, nos olhares, na forma como se mostram à câmera fotográfica. Entretanto, as meninas revelam uma postura mais firme, evidenciando certo incômodo com a exposição à câmera fotográfica, ou seja, elas não se mostram à vontade diante da objetiva, atitude que se mescla ao mesmo tempo com uma expressiva timidez. É muito provável que a maioria dos alunos e professores que posam para a objetiva estivesse tendo seu primeiro contato com a mesma, justificando a rigidez dos corpos. Borges lembra que a “rigidez das posturas é outro sinal da artificialidade da situação gerada pela presença de estranhos: a máquina e o fotógrafo”.³¹² Desta forma, posar “es mostrarse en una postura que se supone no es natural”.³¹³

Santos³¹⁴ contribui afirmando que “o ato de posar implica na assunção de papéis sociais, que investem os seus protagonistas em situações aceitas pelos códigos estabelecidos, fazendo passar por natural e universal aquilo que não passa de uma construção particular e convencional”.

³¹¹ FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: uma leitura de retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004. p. 34.

³¹² BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 56.

³¹³ BOURDIEU, Pierre. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. p. 142-143.

³¹⁴ SANTOS, Alexandre Ricardo dos. *A fotografia e as representações do corpo contido (Porto Alegre 1890-1920)*. 1997. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – UFRGS, Porto Alegre, 1997.v. 1, p. 141.

Figura 75 – Dia da Raça / Data: Ano de 1933



Fonte: Banco de Sons e Imagens Ulbra-Torres.

A partir deste período, a escola citada passou a realizar diversos registros fotográficos dos eventos cívicos realizados na cidade de Torres/RS. Na observação desses registros, apesar de participarem outros setores da sociedade, como o religioso, demonstrou que foram as escolas as principais responsáveis por gerenciar e organizar estes eventos de caráter patriótico.

Bencostta também considera que os desfiles, dos quais as escolas participam,

são uma construção social que manifesta, em seu espaço, significações e representações que favorecem a composição de uma certa cultura cívica inerente aos seus atores, o que nos facilita entender a identidade que é dada pela compreensão que esse grupo possui acerca do símbolo que justificou a realização do desfile e que registrou de modo duradouro na memória social de um sentimento que se propunha ser coletivo pela união dos anseios de seus atores, delimitada em um tempo e espaço histórico.³¹⁵

Destarte, é importante destacar que a efetivação de uma prática de civismo nestas escolas era constante. Por exemplo, a fila escolar, segundo depoimentos de ex-aluno e ex-professores do período, era organizada todos os dias no pátio da escola, onde os alunos eram separados de acordo com o gênero e deviam cantar o Hino Nacional ou o Hino da Bandeira. Portanto, o que se notou foi que a prática de realizar o registro tornou-se mais efetiva e regular a partir do período que se destaca. Nesse sentido, o contínuo registro fotográfico dos eventos cívicos confere uma postura disciplinadora em relação a eles. É possível observar que há uma orientação aos modelos e às formas como os desfiles deveriam ocorrer.

³¹⁵ BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Desfiles patrióticos: cultura cívica nos grupos escolares de Curitiba (1903-1971)*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO ESCOLAR EM PERSPECTIVA HISTÓRICA, 3., PUCPR, 2004. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

Para tanto, buscou-se nos arquivos das escolas documentos, atas, cadernos em que estivessem registradas as realizações dessas atividades. A pergunta levantada questionava: Os registros fotográficos eram tão importantes, a ponto de haver o registro escrito destes atos?

O questionamento comprovou-se na Escola Marcílio Dias e na Escola Governador Jorge Lacerda, já que estes tipos de registros foram descartados na Escola Justino Alberto Tietboehl.³¹⁶ Na primeira, foi encontrado um caderno de comemorações que remete ao ano de 1962 e segue até o ano de 1996; na segunda escola, os registros acentuam-se em fins de 1960. O que corrobora a necessidade da prática destes atos, principalmente em eventos de caráter público que eram realizados.

Deve-se a isso o fato de que, em dezenove de agosto de 1968, foi registrada pela Escola Marcílio Dias visita, bem como das demais escolas da cidade, à prefeitura, para solicitar ao prefeito um palanque oficial para receber as honrarias nos desfiles da Pátria. O local foi construído na Praça Getúlio Vargas, onde já ocorriam as solenidades. A praça fica em frente à Escola Governador Jorge Lacerda, responsável, na maioria das vezes, por destinar os alunos que guardavam a bandeira durante as festividades da Semana da Pátria.

Por meio das fotografias, constatou-se que o trajeto dos desfiles realizados permaneceu o mesmo durante muitos anos. Como a primeira escola pública da cidade ficava muito próxima da Igreja Matriz São Domingos, e a Escola São Domingos (particular) estava localizada uma rua abaixo, os desfiles percorriam a Rua de Cima e seguiam pelo trajeto mais importante da cidade: a passagem pela Igreja, pela Prefeitura e pelo Prédio da Associação dos Amigos da Praia de Torres (SAPT) e de alguns hotéis, do comércio e de moradias no período.

Nesse ponto, cabe destacar a influência da SAPT durante os anos analisados. O prédio da SAPT foi referência de sociabilidade na cidade durante muitos anos, na Rua José Antônio Picoral (Rua de Cima), onde estava localizado. O local era tão importante que não lhe era permitido comércio de produtos por ambulantes, como a venda de sorvetes.³¹⁷ Portanto, o percurso dos desfiles cívicos passou obrigatoriamente pela Rua José Antônio Picoral. Contatou-se, ainda, que muitos encontros e reuniões realizadas com os professores, para a organização da Semana da Pátria, ocorriam no prédio da SAPT.

³¹⁶ Na década de 90, a Escola Justino Alberto Tietboehl realizou o descarte dos documentos guardados em seu arquivo passivo, restando somente registros das atividades dos alunos e as fotografias.

³¹⁷ Sobre isso, ver: GRACIANO, Carini Tassinari. *A Torres de concreto: da expansão turístico-urbana dos anos 70 à crise dos anos 90, um estudo sobre o processo de urbanização em Torres/RS*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2004.

Assim, por meio das fotografias, identificou-se que o percurso realizado nos desfiles, durante os anos de 1960 a 1980, era o seguinte: saída pela Av. Barão do Rio Branco³¹⁸ em direção ao centro, quando desviava o trajeto pela Av. Silva Jardim, chegando à Av. José Maia Filho. Subia pela Rua Washington Luis, onde, à esquerda, seguia pela Rua Júlio de Castilhos (Rua de Baixo). Daí passavam em frente à Escola São Domingos, à Prefeitura e à Igreja Católica. Depois subia novamente pela Rua Joaquim Porto e dobrava à esquerda para a Rua José Antônio Picoral (Rua de Cima). Depois passava em frente ao prédio da SAPT. Após descia retornando para a Av. Barão do Rio Branco, e à direita seguia pela Av. Silva Jardim. Adentrava na Rua Borges de Medeiros e marchava até a Av. Benjamim Constant onde está localizada a Praça Getúlio Vargas.

Um trajeto deveras extenso para os alunos percorrerem. Destas ruas, conforme as imagens, até o fim dos anos 60, possuíam calçamento a Av. Barão do Rio Branco, Rua José Picoral, Rua Júlio de Castilhos e Av. Benjamim Constant; as demais tinham chão batido, tornando-se difícil seu acesso em desfiles com dia chuvoso, tendo em vista que o terreno na parte baixa da cidade era muito úmido.

Nesse sentido, compete destacar quais eventos cívicos perfazem os registros fotográficos das escolas. Assim sendo, pode-se identificar duas práticas distintas de eventos desse caráter. Os que foram realizados internamente nas instituições e os que ainda foram festejados com os tradicionais desfiles pela cidade.

As atividades cívicas desenvolvidas, sem os desfiles públicos identificados foram: o Dia do Soldado (25/08); Morte de Tiradentes (21/04); Inauguração de Brasília (21/04); Revolução Farroupilha (20/09); Proclamação da República (15/11); Dia da Bandeira (19/11); Batalha do Tuiuti (24/05); Comemorações do Dia da Revolução de 1964; Aniversário do Município de Torres/RS (21/05).

Na Escola Governador Jorge Lacerda, ainda era realizada, uma vez por mês, a Hora Cívica, que tinha por finalidade “despertar na criança, o amor, orgulho e respeito pela Pátria Brasileira”, e “também para habituá-la apresentar-se em público”,³¹⁹ ou seja, os alunos eram constantemente preparados para o exercício pátrio. Destaca-se que, assim como nesta escola e nas demais, o Hino Nacional era indispensável ao serem realizadas comemorações, fossem elas de caráter cívico ou somente cultural.

³¹⁸ A Av. Barão do Rio Branco é a rua de acesso à cidade de Torres, para quem vem de outras cidades do RS, pela Estrada do Mar e pela BR 101.

³¹⁹ Informações retiradas do caderno de comemorações da escola. A Hora Cívica na Escola Governador Jorge Lacerda, era composta do canto do Hino Nacional pelos alunos e professores e depois diversas atividades eram desenvolvidas no intuito de incentivar o valor à pátria nos alunos.

Deste modo, as reflexões de Soulages³²⁰ sobre a necessidade de substituir “isto existiu” por “isto foi encenado”, tornam-se demasiado relevantes, tendo em vista que o que os alunos apresentavam em público, além do sentimento pátrio instituído, era o resultado dos ensaios realizados constantemente por professores. A disciplina e a ordem apresentadas pelos pelotões de estudantes derivavam, portanto, de um trabalho desenvolvido ininterruptamente pelos professores.³²¹

No que se refere aos eventos que resultavam em desfiles pela cidade e que foram justamente as festividades-alvo de registros fotográficos, pode-se identificar dois tipos de desfiles. Primeiro, o mais recorrente entre os dois, foi o Desfile de 7 de Setembro com todas as comemorações e atividades da Semana da Pátria. E, apresentando registros fotográficos somente no ano de 1972, o Desfile da Batalha do Riachuelo, organizado pela Escola Marcílio Dias em homenagem ao seu patrono.

A comemoração da Batalha do Riachuelo era realizada pelas demais escolas, com o caráter de festividade interna; no entanto, geralmente a Escola Marcílio Dias festejava a data em seu prédio e convidava as demais escolas para participarem. O festejo contava ainda com a realização de uma missa na Igreja Matriz. No entanto, em 1972, o evento adquire maior relevância e ganha as ruas da cidade de Torres/RS, com características semelhantes aos desfiles do 7 de Setembro, mas que, de certa forma, se diferem ao se observar que, nas fotografias, foram realizadas homenagens à Marcílio Dias, contando ainda com a presença de marinheiros do 5º Distrito Naval de Osório/RS.

O conjunto de 17 fotografias aponta que três encontram-se na vertical, justamente as que registram o hasteamento das bandeiras do Brasil, do Rio Grande do Sul e do Município de Torres/RS. O hasteamento ocorre na Praça Getúlio Vargas, local por onde o desfile passa. Neste, estão presentes com alunos, professores e funcionários, as escolas Marcílio Dias, São Domingos, Justino Alberto Tietboehl e Governador Jorge Lacerda, que são identificadas por faixas ao abrirem seus pelotões. Observou-se que, nas imagens em que são fotografados os alunos, eles realizam uma marcha ao percorrer a Av. Benjamim Constant até o local onde estavam posicionadas as autoridades.

Curiosamente, na figura 76, que registrou as autoridades, observa-se que os diretores das escolas posicionados à direita, no palanque oficial, dispuseram-se de forma a que as mulheres ficassem mais afastadas do grupo. Diferenciação encontrada, ainda, no desfile que percorre a avenida, quando meninos e meninas (Figura 77 e 78) marcham em filas e pelotões

³²⁰ SOULAGES, François. *Estética da fotografia: perda e permanência*. São Paulo: Senac, 2010.

³²¹ Os professores de Educação Física eram responsáveis por ensinar e treinar a marcha.

distintos. As meninas foram registradas em menor número pelo fotógrafo. Em dez imagens realizadas, são os alunos do sexo masculino alvo do registro. Por meio dessa constatação, é possível identificar a modalidade do olhar proposta por Menezes,³²² em que é notável a intenção de evidenciar o olhar masculino no evento.

Figura 76 – Autoridades / Data: 11/06/1972



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 9 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Figura 77 – Alunos em desfile / Data: 11/06/1972



Autor: Desconhecido
Dimensões: 9 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Figura 78 – Alunas em desfile / Data: 11/06/1972



Autor: Desconhecido.
Dimensões: 9 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Não obstante, os oficiais presentes foram muito fotografados, seja prestando homenagens às bandeiras ou acompanhando como partícipes ou espectadores o desfile. Há bandeiras com alunos em 12 registros do desfile. No entanto, apesar de o desfile ocorrer em frente à Praça Getúlio Vargas, não foi identificada nas fotografias a presença de público externo, ou seja, estão presentes somente alunos, professores e funcionários das escolas partícipes do ato. Ainda, na fotografia seguinte (Figura 79), consegue-se visualizar a lateral da

³²² MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; NOVAES, S. C. (Org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 33-56.

Escola Governador Jorge Lacerda, algo importante, pois foram encontradas poucas imagens do prédio desta escola. Da mesma forma, consegue-se acompanhar edifícios altos, que começavam a surgir na cidade de Torres/RS.

Mas, voltando ao registro do evento, a imagem mostrou a presença de cordas de isolamento, cordas que, em outras fotografias, estão presentes em todo o percurso da Av. Benjamim Constant e da Av. Barão do Rio Branco. Nesse sentido, cabe destacar que as cordas de isolamento não foram encontradas em fotografias de desfiles até o início dos anos 70, o que denota uma mudança em relação a como esses desfiles eram compreendidos e organizados. As cordas representavam a definição, a delimitação e o ordenamento do percurso com mais objetividade. Conseqüentemente, distinguia aqueles que eram participantes do evento e aqueles que eram espectadores, o que denota que esses eventos tornaram-se grandes espetáculos.

O ato de comemorar, por meio de atividades específicas, o dia 11 de junho perdeu-se nas escolas em fins dos anos 70. A escola Marcílio Dias atualmente comemora o aniversário de seu patrono, apenas recordando com os alunos a data, que mudou para o dia 2 de setembro, respectiva à inauguração do novo prédio em 1977. Além do caderno de comemoração, na biblioteca dessa escola, ficaram os registros do que antes era uma comemoração importante para este estabelecimento de ensino (Anexo W).

Figura 79 – Desfile da Batalha do Riachuelo / Data: 11 de junho de 1972



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 9 x 14 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Partindo para o evento que possui uma longa tradição de comemorações nas instituições de ensino, o Dia 7 de Setembro é a comemoração da Independência do Brasil, e

ainda às várias atividades realizadas na Semana da Pátria, que culminavam no registro de um dia específico, buscou-se conhecer como esses desfiles eram organizados, visto que as fotografias apresentaram determinada organização. Os alunos estavam sob certa disciplina e desfilavam com seriedade pelas ruas da cidade de Torres/RS, ou seja, notou-se o compromisso com o ato cívico.

Essas características referentes às filas, à ordem, ao desenvolvimento e ao percurso dos desfiles advêm de um longo período na cidade de Torres/RS. Conforme exposto, a prática dos desfiles cívicos firmou-se no governo de Getúlio Vargas e, desde então, a realização dos eventos tornou-se um marco importante nos calendários escolares. Para tanto, Souza,³²³ ao trabalhar com a construção do calendário escolar, destaca que o mesmo não teve muitas mudanças desde o início do século XX, e que “ao tornar as datas cívicas uma atividade escolar, o Estado fez da escola primária um instrumento de perpetuação da memória nacional”.³²⁴

Estas questões são observáveis na figura 80, em que o desfile percorre a Rua José Antônio Picoral, percurso mantido até os anos 80. A fotografia foi realizada de cima de um dos prédios altos que havia na rua e não deixou de registrar que, nessa rua, já havia energia elétrica, pois postes de luz foram captados pela câmera. Partindo para os componentes do desfile, observa-se que uma banda foi responsável por compor o grupo que estava à frente dos demais integrantes do cortejo. Ainda, naquela época, a banda era composta por pessoas da comunidade, função assumida pela Escola Técnica Justino Alberto Tietboehl somente na década 60. Logo após a banda, seguia-se a representação do poder político-militar instaurado, representado por oficiais do Exército. Após esses componentes, estavam os alunos. Todos os integrantes do desfile marcharam pela rua sob os olhares atentos da comunidade. Faixas e bandeiras eram levadas por estudantes. Identificou-se que os alunos estavam vestidos para a ocasião, com roupas que remetiam à imagem pudica. Somente se diferenciavam pelo sexo. A imagem, ao mesmo tempo, revela uma rígida disciplina.

Foucault esclarece que esses momentos advêm de uma

técnica para construir efetivamente os indivíduos como elementos correlatos de um poder e de um saber. O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama “disciplina”. (Grifo do autor).³²⁵

³²³ SOUZA, Rosa Fátima de. Tempo de infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933). *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 127-143, jul./dez. 1999. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27824/29596>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

³²⁴ *Ibid.*, p. 134.

³²⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Ed: Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 161.

Figura 80 – Desfile cívico em Torres/RS / Data: 1939



Fonte: Banco de Imagens e Sons da Ulbra-Torres.

Ao pesquisar documentos das escolas, descobriu-se que realmente havia uma forte cobrança para que os alunos participassem dos atos cívicos. Os que não participassem dos desfiles deveriam solicitar aos pais que se apresentassem na escola, com o objetivo de justificarem a sua falta.

Algumas características dos desfiles, durante os 20 anos da pesquisa, mantiveram-se conforme apontam os cadernos de comemorações, ou seja, durante a Semana da Pátria, todos os dias, às 8 horas, eram hasteadas as Bandeiras do Brasil, do Rio Grande do Sul e do Município de Torres, ao som do Hino Nacional. No dia 7 de setembro, o mesmo ocorria, com o desfile que iniciava às 10 horas, com a participação das escolas da cidade e de algumas do interior do Município de Torres/RS.

As fotografias que perfazem o início dos anos 60 registraram em comum entre as escolas, a presença dos alunos, juntamente com as bandeiras do País, do estado e do município e, ainda, à frente de todas estavam as bandeiras com os nomes das escolas que as identificavam. Além disso, no que se refere à qualidade e ao enquadramento destas imagens, as mesmas informam que foram realizadas por um profissional. Até 1967, 14 fotografias são instantâneas, e somente oito fotografias são com pose. Porém, é necessário destacar a qualidade dos instantâneos. O desfile, se bem registrado em fotografia, denotava que o fotógrafo soubera utilizar o equipamento.

Os instantâneos que contemplam os arquivos até esse período privilegiam os alunos, a marcha. As imagens que dão a impressão de continuidade não conseguem identificar o fim do desfile (Figura 81). Os locais importantes da cidade, como o prédio da SAPT, estão presentes em grande parte dos registros. Os alunos em perfeita disposição, marchando pelas

ruas, apresentam um corpo disciplinado e organizado por meio das filas extremamente organizadas que seguiam uma rígida disposição espacial.

Figura 81 – Desfile do 7 de Setembro / Data: Ano de 1960



Autor: Estúdio de Ídio K. Feltes.

Dimensões: 8,5 x 11,5 cm

Fonte: Acervo da Escola Marçílio Dias.

Constitui-se, como atestam as imagens fotográficas, a demonstração da eficácia do poder instituído, o qual “produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção”.³²⁶ Os ritos cívicos contribuem para o Estado na produção desta imagem, desta “verdade”. Por isso, diversos setores da sociedade aparecem representados, entre os quais encontra-se o CTG Mirim da cidade (Figura 82), em que as estudantes não mais trajam o uniforme padrão e específico para o desfile, mas aparecem caracterizadas de acordo com a imagem tradicional gaúcha. Ou seja, trajam vestidos e carregam consigo a bandeira do Estado do Rio Grande do Sul, tendo em vista que a imagem fotográfica partilha memórias nacionais e regionais. Dessa forma, as identidades nacionais e regionais são reforçadas quando passam a fazer parte do arquivo da instituição de ensino por meio do registro fotográfico.

³²⁶ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 161.

Figura 82 – CTG Mirim Farroupilha / Data: 07/09/1960



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.

Dimensões: 8,5 x 11,5 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Ao analisarem-se as fotografias dos desfiles, observou-se que a grande maioria das alunas era responsável por portar as bandeiras e as faixas que abriam os pelotões de cada escola (Figura 83). Com exceção da Escola Justino Alberto Tietboehl, que inicialmente atendia um número reduzido de meninas; portanto, os alunos do sexo masculino realizavam essa função. Assim, as demais escolas priorizavam que as meninas fossem responsáveis por tal função, o que diferiu drasticamente da realidade das mesmas comemorações internamente, quando todas as atividades desenvolvidas pelos alunos, de acordo com os cadernos de comemorações e atas de registros, eram realizadas por meninos; as alunas não faziam parte desse momento, eram somente espectadoras.

Mas a presença dessas jovens incumbidas de portar o maior símbolo do País, a bandeira, tende a corroborar uma iniciativa que partia, como se pode observar, dos manuais e materiais de Educação Moral e Cívica. Em um deles, fica implícita a necessidade de inserir a mulher nas atividades cívicas. De acordo com o manual, “o preparo do cidadão, inclusive o da Mulher, para exercício das atividades cívicas, com fundamento no caráter, no patriotismo e na ação construtiva visando ao bem comum”,³²⁷ fazia parte da formação cívica.

³²⁷ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Educação Moral e Cívica – nos três níveis de ensino como disciplina obrigatória: prescrições sobre Currículos e Programas Básicos*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos em Colaboração com a Comissão Nacional de Moral e Civismo, 1970. p. 9.

Figura 83 – Porta Bandeira / Data: 07/09/1960



Autor: Estúdio Fotográfico de Ídio K. Feltes.
 Dimensões: 11,5 x 8,5 cm
 Fonte: Acervo da Escola Governador Jorge Lacerda.

Quando as fotografias aproximam-se do final dos anos 60, algumas mudanças foram identificadas. Primeiramente, em relação à qualidade das fotografias, e o que foi captado pela objetiva. Percebeu-se que muitas fotografias daquele período, assim como as restantes da década 70, não foram realizadas por um fotógrafo profissional, mas por algum professor que possuía uma câmera fotográfica. Pois as imagens instantâneas não possuíam uma cena ordenada, não foi esperado o melhor ângulo, o melhor momento para a efetivação do momento do clique. É o que se observa na imagem a seguir³²⁸ (Figura 84). Nota-se que se difere das imagens apresentadas anteriormente.

Figura 84 – Desfile de 7 de Setembro Escola Justino Alberto Tietboehl / Data: Ano de 1969



Autor: Desconhecido
 Dimensões: 7 x 9,8 cm
 Fonte: Acervo da instituição.

³²⁸ A fotografia possui nas laterais um papel amarelo, pois foi o encaixe improvisado nos álbuns feitos com pastas para arquivos.

Da mesma forma, essas fotografias registram algo a mais nos desfiles, que não estavam nas imagens iniciais de 1960, ou seja, o público. Observou-se que a presença do público acompanhando os desfiles do 7 de Setembro passaram a contemplar a cena fotográfica, somente a partir do fim dos anos 60, e em grande número. O espetáculo é evidenciado por meio do público presente, em que os desfiles apresentam-se como grandes eventos, uma grande festa em comemoração ao Dia da Pátria. Observam-se essas questões, sobretudo, decorrentes de desfiles que incorporam outros componentes no pelotão anteriormente composto pelos alunos e pelas bandeiras. De acordo com Bourdieu,³²⁹ “por esa razón, la práctica fotográfica, ritual de solemnización y de consagración del grupo y del mundo, cumple perfectamente las intenciones profundas de la estética popular de la fiesta, de la comunicación con los otros hombres y de la comunicación con el mundo”.

Para compor o cenário de festa, os desfiles na cidade de Torres/RS passaram, a partir de 1968, a apresentar *alegorias*. A utilização do termo *alegoria* é proveniente das lendas inscritas no verso das imagens. O termo, de acordo com Abbagnano,³³⁰ tem em sua gênese uma natureza religiosa ou moral, que na Idade Média passou a ser uma forma de compreender a função da arte e, principalmente, da poesia; posteriormente, foi uma realidade negada na modernidade. Atualmente o termo é considerado uma figura de linguagem, deveras complexa e que pode significar muito, como no caso das imagens. Considerando que a denominação *alegoria* colocada de forma única, não corresponde a sua acepção, optou-se por designá-la como carro(s) alegórico(s), que por vezes aludem a símbolos da nação, acontecimentos do período ou ao cotidiano das instituições, como se poderá observar.

A marcante presença de carros e caminhões percorrendo as ruas da cidade, com representações desenvolvidas pelas escolas, foi constatada em fins dos anos 60, mas teve ênfase na década 70.

Ao observar essa característica em desfiles em outros locais do País, observou-se que a prática era recorrente em vários locais, em que diversos eram os motivos representados no País. Uma das representações mais recorrentes referia-se à reconstituição da família imperial. Na figura 85, os alunos foram vestidos conforme Dom Pedro I, D. João VI e Dona Maria I. Esse tipo de representação foi registrado pela Escola Marcílio Dias, em um único desfile, que data de 1960, mas que não utilizou um carro alegórico; o jovem aluno desfila em trote com um cavalo branco, representando a figura de Dom Pedro I; é seguido por alunas e alunos

³²⁹ BOURDIEU, Pierre. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografía*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003. p. 161.

³³⁰ ABBAGNANO, Nicola. *Diccionario de Filosofia*. São Paulo: M. Fonte, 2007.

devidamente separados, que caminham empurrando bicicletas (Figura 86). Porquanto, nota-se que os desfiles remetiam à nação e a determinados símbolos, os quais foram, por muitas vezes, representados em público, reafirmando, na memória dos alunos e do público, os símbolos que corroboram a história nacional.

Figura 85 – Desfile de 7 de Setembro em Chaval/CE



Data: Década 60.

Fonte: < <http://memoriachavalense.blogspot.com.br/> >.

Figura 86 – Dom Pedro II / Data: 07/09/1960



Autor: Estúdio de Ídio K. Feltes.

Dimensões: 8,5 x 11,5 cm

Fonte: Acervo da Escola Marcílio Dias.

Assim, em Torres/RS, os carros alegóricos, diferentemente de outros locais do País, somente são registrados a partir de 1968. Estas representações foram produzidas pela Escola Justino Alberto Tietboehl. Já que esta escola tinha o curso de Marcenaria, alunos e professores desenvolviam as reproduções que eram utilizadas por alunos de todas as escolas participantes durante o ato cívico. Nestas representações, constatou-se a intenção de evidenciar ao público o que as escolas realizavam, por meio das atividades diárias.

É neste intuito que a imagem abaixo (Figura 87) destaca alunos da escola técnica simulando suas atividades em cima de um caminhão que transitava lentamente pela cidade. Na imagem, foi reproduzido o cenário da sala de aula, as principais máquinas foram alocadas em cima de um caminhão; alunos do curso de Marcenaria e Mecânica simulavam as atividades práticas do curso; nota-se, inclusive, a pretensão de tornar real o cenário, ao observar-se que, além dos alunos, um professor compõe a cena, observando-os.

Figura 87 – Curso de Marcenaria e Mecânica em Desfile do 7 de Setembro / Data: Ano de 1972



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 8,9 x 13,9 cm

Fonte: Arquivo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Do mesmo modo, destaca-se o desfile de 1971, em que foi identificada uma série de nove fotografias pertencentes ao arquivo da Escola Justino Alberto Tietboehl. Nessas imagens, a nova forma de comemorar o 7 de Setembro foi afirmada. Em todas as fotografias desta série foram registrados cindo carros alegóricos construídos pela escola.

Nesse intuito, é necessário destacar que, segundo depoimentos de ex-alunos dessa escola, eram os professores da disciplina de Ensino Técnico os responsáveis por indicar aos alunos quais seriam os temas construídos. Os temas envolviam acontecimentos nacionais, internacionais, ou meramente estéticos e de fácil construção. Em suas falas ficou expressa a relevância que estes eventos possuíam para o corpo escolar, assim como o orgulho demonstrado pelos alunos do Ensino Técnico responsáveis pelo fabrico dos carros alegóricos.

A primeira fotografia do desfile de 1971 (Figura 88) retratou uma jovem estudante simulando estar domando um leão, sendo transportada por um pequeno trator pela Rua José Antônio Picoral. Neste caso, observou-se que também os tratores utilizados na agricultura contribuíam nos desfiles, ou seja, a população residente no interior do município se fazia presente e atuante. Ao observar a imagem com mais atenção, notou-se que, juntamente com toda a teatralidade manifesta na cena, estava a Bandeira do Brasil, cuidadosamente disposta aos pés do leão, denotando sentido de força, coragem e bravura, momento pelo qual o País passava, de acordo com o discurso político do período.

No que se refere ao moinho de catavento fotografado, em que uma professora realizava os preparos finais (Figura 89), é preciso ressaltar que não é a primeira vez que é levado às ruas; em 1969 o mesmo participara do desfile do 7 de Setembro. Apesar da sua

recorrência, o do seu significado, não dizia respeito a referências ao país holandês, nem à história de Don Quixote. Ao questionar a sua real intenção ao ser construída por professores e alunos daquele período, o motivo tornou-se conflituoso, pois as respostas à indagação direcionaram-se para duas possibilidades. Não obstante, as duas correlacionaram-se ao uso conferido à agricultura, lembrando, que grande parte dos alunos da Escola Justino Alberto Tietboehl era proveniente de comunidades do interior Município de Torres/RS. Assim sendo, a primeira resposta para o uso de cataventos era fornecer água às propriedades rurais, aproximando-se, em verdade, das características do moinho representado. A segunda alternativa relacionou-se à produção de farinha pelas tafonas³³¹ (engenho de farinha), uma fonte de renda importante, principalmente para as comunidades mais afastadas do município, que localizavam-se nas encostas de morros e da Serra Geral, as quais aproveitavam a inclinação dos terrenos e usavam os moinhos por onde a água circulava em velocidade, movimentando o engenho.

Notadamente, os desfiles objetivavam comemorar o 7 de Setembro e, por conseguinte, buscavam exaltar e afirmar a memória nacional. Mas, ao mesmo tempo, abriam-se espaços para a cultura local. Curiosamente, foi projetado nas ruas o que diz respeito aos alunos, ou seja, a atividade agrícola, realidade de muitos. Questões decorrentes da atividade turística da cidade não foram encontradas nos desfiles dos arquivos fotográficos, denotando que, apesar da atividade ser explorada com fonte de renda para a cidade, desde o início do século XX, a mesma somente foi considerada como tal, a partir da década de 80, quando são de fato realizados altos investimentos no setor.

O robô e o foguete (Figura 90 e 91), que seguem na série de fotografias, direcionaram-se para outro enfoque. Aludem ao momento histórico; o mundo entrava na era da tecnologia, e o discurso de progresso, no campo da educação, era ainda notadamente reconhecido, ao ponderar a iniciativa do estado para modernizar e ocasionar progresso à educação. O robô e o foguete estão inseridos neste diálogo, lembrando que o homem chegou à lua em 1969, e que essas questões faziam parte do discurso científico; as bandeiras que as alunas levavam, enquanto marchavam, completam o discurso, associando o País a todos estes desenvolvimentos.

Por fim, a fotografia, na qual uma jovem esta encima de um caminhão, é o número 9, e foi reproduzida em tamanho colossal (Figura 92), direcionando-se para a história de sua

³³¹ Tafona é um típico, engenho para a produção de farinha de mandioca. Esse tipo de atividade foi muito importante no início da colonização da região Litoral norte do RS. Em muitas comunidades do interior de Morrinhos do Sul/RS, pode ser encontrada alguma em funcionamento.

própria escola. Pretendendo tornar o desfile ainda mais festivo e aludir à comemoração do 9º aniversário da Escola Técnica, a data foi lembrada e comemorada pela escola no dia 7 de setembro. Lembrando o que já foi exposto a respeito da presença das alunas nas aberturas dos desfiles, como portadoras das bandeiras, as mesmas, com trajes de brancos, compõem a cena da comemoração. Apesar de a escola atender um número significativamente maior de alunos, é clara e denotada a utilização da imagem feminina para estes eventos de caráter público.

As fotografias, com suas diversas representações, compõem a série e permitem constatar que “se as palavras silenciam sobre o que não interessa informar, as imagens são igualmente ‘cegas’ em relação a certos fatos ou podem mostrá-los apenas sob ângulos em que nada se percebe além de composições esteticamente programadas”.³³²

Esse desfile destacou-se dos eventos anteriores, pretendeu-se de fato tornar o evento um espetáculo ao público torrense. Mas, ao registrar os carros alegóricos, outros momentos do desfile deixaram de ser contemplados pela câmera fotográfica. A presença dos militares, por exemplo, não foi evidenciada. Por meio do desfile festivo, que comemora o presente com o olhar no futuro, as imagens silenciam. Neste ponto, é preciso recordar que a sociedade brasileira vivia momentos difíceis resultantes do Regime Militar. O evento, ao se destacar como o registro mais festivo de todas as imagens analisadas, faz refletir sobre os processos de visibilidade e invisibilidade da imagem, como propõe Menezes.³³³ A reflexão instiga a perguntar: Ao demonstrar em demasia determinado sentido, não estariam sendo suprimidas outras questões?

³³² KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007, p. 132.

³³³ MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; NOVAES, S. C. (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 33-56.

Figuras 88 e 89 – Desfile do 7 de Setembro / Data: Ano de 1971



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 18 x 12 cm. / 10 x 7 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Figuras 90 e 91 – Desfile do 7 de Setembro / Data: Ano de 1971



Autor: Desconhecido.

Dimensões: 12 x 18 cm / 8,5 x 13 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

Figura 92 – Caminhão com estudantes em desfile de 7 do Setembro em 1971

Autor: Desconhecido.

Dimensões: 14 x 9 cm

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.



No entanto, ao observar a sequência dos desfiles de 7 do Setembro, as imagens deixam aos poucos evidenciar aspectos que condizem com o período histórico contemplado. Em 1974, as fotografias permanecem capturando os espetáculos promovidos para o público

torrense. Mas, nas imagens, além de todo o discurso de euforia encontrado e observado nas fotografias anteriores, donde encontram-se temas do progresso, do desenvolvimento tecnológico, da realidade que marcara o ensino brasileiro nesse período, estão presentes, também, agentes da ditadura militar. Nas fotografias, aparecem não como alvo principal do registro, mas estão presentes em calçadas, contribuindo com a separação entre público e partícipes do evento, os militares. Denotam estar velando pela manutenção da ordem e da segurança do ato. É dessa forma que as proposições de Leite tornam-se pertinentes, pois a mesma refere que

convém ainda distinguir, na leitura da fotografia, o que ela reproduz da condição do grupo retratado, o que ela silencia desse grupo e os indícios que permitem ao observador perceber ou sentir outros níveis da realidade: sentimentos, padrões de comportamento, normas sociais, conformismo e rebeldia.³³⁴

Ou seja, *a priori* os desfiles apresentaram a mesma estrutura, passaram pelo mesmo percurso desde os anos 60; cada escola abria seu pelotão geralmente representado por alunas, mas, ao se observarem os detalhes das imagens, constatou-se a forte presença de oficiais. Naturalmente, antes da década de 60, havia representantes da justiça para acompanhar e permitir a segurança dos presentes, mas as fotografias da década de 70 apresentaram oficiais em cada esquina do percurso, e atrás dos mesmos seguia a corda de isolamento. Desta forma constatou-se que os militares aparecem nas fotografias dos desfiles cívicos, a partir de 1972 e estende-se a presença até os anos 80, período final da análise. Em uma fotografia (Figura 93) daquele período, posicionado na calçada à esquerda, é possível constatar, que além do registro efetuado pela escola, um militar realizou a mesma função, efetuando o registro fotográfico provavelmente como meio de atestar que a cidade de Torres/RS cumprira suas obrigações com a Pátria. Ainda, é importante salientar que o fotógrafo buscou registrar a passagem da banda da Escola Justino Alberto Tietboehl, mesmo que a fotografia pertencesse aos arquivos da Escola Governador Jorge Lacerda. Nesse período, somente uma escola possuía banda; a partir dos anos 80, outras escolas da cidade adquiriram instrumentos³³⁵ para a criação de bandas próprias, que são mantidas até hoje, para desfilarem nos atos cívicos.

As bandas de escolas são os grandes destaques em desfiles pelo País neste momento, não é por acaso que a banda da Escola Justino Alberto Tietboehl foi um importante componente dos desfiles do 7 de Setembro. Na maioria das vezes, ela se posicionava em

³³⁴ LEITE, Mirian Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: USP, 2000. p. 76.

³³⁵ Em algumas fotografias, é possível observar a presença do Lions Club realizando a doação dos instrumentos.

distintos locais do percurso, para que todos os pelotões fossem ritmados por suas marchas, sendo, o último pelotão desfilando em frente ao palanque oficial.

O palanque oficial era composto por três espaços: o central, onde as autoridades permaneciam e, nas laterais, por locais específicos para as bandeiras e para a chama da Pátria. Se observar a imagem abaixo, à direita existe uma construção ao lado do palanque, pintada de branco, nela era depositada a chama que, durante os sete dias de comemorações realizados pelas escolas, pelos alunos e professores, mantinha a chama acesa, como símbolo de grande expressão das comemorações. A prática se perdeu a partir do fim dos anos 80. Atualmente, a construção mantém-se na praça, mas poucos estão conscientes de sua utilização.

Ao observar esta fotografia é possível notar que o fotógrafo captou, em uma única imagem, os principais componentes dos desfiles cívicos naquele período, ou seja, a banda e os respectivos alunos, as autoridades municipais, os diretores, os militares e, por fim, o público. Ao conceber esse conjunto de elementos, observa-se que “a construção do espaço da imagem e a organização entre as figuras nunca são neutras: exprimem e produzem ao mesmo tempo uma classificação de valores, hierarquias, opções ideológicas”.³³⁶

Figura 93 – Banda da Escola Justino Alberto Tietboehl / Data: 07/09/1974



Autor: Desconhecido
Dimensões: 8,8 x 12,6 cm
Fonte: Acervo da instituição.

A partir dessas constatações, prosseguiu-se para os desfiles atuais das escolas. Para tanto, Fernandes, referindo-se à história da educação, lembra que “a revisitação do passado é suscetível de contribuir para a detecção das transformações, mas também das permanências, e o interior delas, das identidades”.³³⁷ É com esse propósito que procurou-se observar como os

³³⁶ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007. p. 34.

³³⁷ FERNANDES, Rogério. A história da educação e o seu ensino. In: JÚNIOR, Décio Gatti; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena (Org.). *O ensino de história da educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: Edefu, 2009. p. 244.

desfiles cívicos são realizados atualmente, e como as escolas realizam a prática do registro fotográfico sobre os mesmos. A partir do estudo de fotografias, percebe-se que, ao serem identificadas as permanências existentes entre os diversos tempos históricos, não se pode concebê-las somente no âmbito da técnica e dos formatos, mas, sobretudo, é preciso ressaltar o conteúdo expresso na imagem, a manutenção e a construção de uma memória cívica, uma vez que, por meio das fotografias, essas questões são identificadas.

O primeiro ponto a destacar é o que se refere à técnica utilizada. Sabe-se que atualmente as escolas possuem câmeras digitais e que, portanto, o termo *fotografia* indaga questionamentos acerca da gênese desta imagem, ou seja, que tipo de imagem se utiliza hoje.

De acordo com Fabris,

nos dias de hoje se configura uma problemática bem complexa, que obriga a rever categorias e conceitos operacionais, estratégias e funções cognitivas, em virtude de uma mudança conceitual profunda, na qual se inscreve o deslocamento da “representação” para a “apresentação”, do simulacro” para a “simulação” [...] ³³⁸

Santaella ³³⁹ considera a existência de três paradigmas da imagem, o pré-fotográfico, o fotográfico e o pós-fotográfico; este último, por fim, é onde essas imagens atuais se enquadram. Para a autora:

Na nova ordem visual, na nova economia simbólica instaurada pela infografia, o agente da produção não é mais um artista, que deixa na superfície de um suporte a marca de sua subjetividade e de sua habilidade, nem é um sujeito que age sobre o real, e que pode até transmutá-lo através de uma máquina, mas se trata agora, antes de tudo, de um programador cuja inteligência visual se realiza na interação e complementaridade com os poderes da inteligência visual. ³⁴⁰

Dessa forma, constatou-se que o número de registros, que cada escola realiza por evento, ultrapassa centenas de fotografias, tendo em vista que o universo da imagem digital “sofre muito pouco as restrições do tempo e do espaço”. ³⁴¹ Ainda, é importante salientar que essas imagens são realizadas pelos próprios professores, não contando com o trabalho de especialistas. E, também, não são impressas, pois, como destacam Mauad e Lopes, ³⁴² a imagem digital não “necessita de revelação,” conseqüentemente não são guardadas em álbuns físicos, mas, em arquivos de computadores, nos quais algumas são disponibilizadas em *blogs*

³³⁸ FABRIS, Annateresa; KERN, Maria Lúcia Bastos. *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 175.

³³⁹ SANTAELLA, Lucia. Os três paradigmas da imagem. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec; Senac, 2005. p. 301.

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ Idem.

³⁴² MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 277.

e redes sociais da internet. Até, de fato, um número maior de pessoas pode visualizá-las logo após o seu registro. Portanto, a transformação decorrida da imagem digital “não significa que essa transformação retire, totalmente e de uma vez por todas, uma imagem do circuito social que, historicamente, podemos classificar de fotográfico”.³⁴³

Portanto, as escolas de Torres/RS apresentam hoje um número extremamente significativo de fotografias dos desfiles do 7 de Setembro, e que exibem muitas semelhanças às imagens das décadas de 60 e 70. Apesar do espaço de tempo decorrido, algumas características mantiveram-se no que se refere à estrutura e disposição dos alunos pelas ruas. É dessa forma que alguns momentos dos desfiles são imprescindíveis e ainda hoje são fotografados.

Na sequência (Figura 94 e 95) pode-se perceber alguns aspectos que são mantidos quanto à presença das bandeiras abrindo os pelotões das escolas; as meninas são as responsáveis por tal função dentro do desfile. Ademais, a necessidade de desfilar perante as autoridades locais matém-se até hoje, porém, os locais onde encontram-se as mesmas difere, pois se tornou de certa forma móvel, não necessariamente ocorrendo na Praça Getúlio Vargas, acompanhando, em verdade, mudanças no percurso do desfile. Em alguns trechos do percurso considerado importante, como a Av. Benjamim Constant, conforme a figura 96, as cordas de isolamento foram mantidas, completando a cena em que o público é distinguido dos demais participantes. A fotografia da Escola Governador Jorge Lacerda possibilita compreender que estes desfiles mantêm-se demasiados relevantes, pois o público observa em grande número, inclusive posiciona-se em cadeiras nas calçadas para poder acompanhá-lo com mais tranquilidade.

Destarte, as fotografias das décadas de 60 e 70 não registram outra banda se não a da Escola Justino Alberto Tietboehl; atualmente, as demais escolas marcam o ritmo do desfile. Ainda, é importante observar que houve a inserção das meninas neste componente do pelotão, pois, nas fotografias antigas, os condutores da banda eram estritamente do sexo masculino. Com o passar dos anos, a inserção das mulheres nos diferentes componentes dos pelotões foi uma mudança importante.

Todavia, as semelhanças identificadas entre os desfiles de diferentes épocas apresentaram-se permeadas de dessemelhanças. Entre as quais está a forma como as filas dos pelotões, que até hoje são mantidas, apresentam-se pelas ruas da cidade, ou seja, excetuando-

³⁴³ MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 277.

se os grupos que compõem a banda das escolas, que *a priori* mantém certa uniformidade, os demais pelotões diferem-se.

A princípio, as fotografias antigas apresentavam o conjunto dos alunos em filas totalmente ordenadas; os pelotões eram divididos por gênero, os alunos marchavam e usavam o uniforme de forma impecável. Além disso, a expressão gestual era séria e concentrada. Atitude diferenciada atualmente, ou seja, as filas ainda persistem, mas com os dois gêneros no mesmo pelotão, mesclando-se entre as fileiras, além do que o uniforme, que ainda é mantido, não é utilizado de forma constante por todos, e a postura dos alunos de hoje não se assemelha à postura dos alunos de cinquenta ou quarenta anos atrás. A presença de carros alegóricos ficou no passado. Já em fins dos anos 80 a sua utilização pelas escolas foi abandonada, um dos motivos deve-se ao fim do curso técnico de marcenaria na Escola Justino Alberto Tietboehl.

Assim, as ponderações de Lombardi são pertinentes ao propor que a manutenção da memória destes desfiles se faz “por meio de comemorações, símbolos e ritualização ainda hoje mantidos, embora, pouco a pouco destituídos de sentido pela realidade objetiva”.³⁴⁴

Figura 94 – Desfile do 7 de Setembro da Escola Justino Alberto Tietboehl. / Data: Ano de 2012



Autor: Professor da escola.
Fonte: Blog da escola.

Figura 95 – Desfile do 7 de Setembro da Escola Marcílio Dias em 2011



Autor: Professor da escola.
Fonte: Acervo da instituição.

³⁴⁴ LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Palmira Bittencourt S.; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. (Org.). *História, memória e educação*. Campinas, SP: Alínea, 2011. p. 103.

Figura 96 – Desfile do 7 de Setembro da Escola Governador Jorge Lacerda em 2012



Autor: Professor da Escola

Fonte: Página de rede social da escola:

<<https://www.facebook.com/escolajorgelacerda.lacerda>>

Ademais, nos arquivos atuais, estão presentes, além do registro de determinados momentos dos desfiles, cenas que não foram registradas pelas câmeras em outros tempos. Nelas estão alunos e professores posando de forma espontânea em momentos que antecedem o evento, e, ainda, há a participação dos pais. Apesar dos Conselhos de Pais e Mestres existirem nas escolas desde 1960, conforme observado nos registros, a sua participação, nos desfiles cívicos restringia-se à observação nas calçadas como público. Atualmente, os mesmos compõem parte dos desfiles, nos quais acompanham muitas vezes seus próprios filhos (Figura 97 e 98). Além do que, os desfiles atuais registram a participação de outros setores da comunidade torrense, como o Clubes de Mães e entidades esportivas do Município.

A participação dos pais nos desfiles cívicos provoca o questionamento do impacto e da ação dos desfiles na cidade de Torres/RS, nos anos anteriores, porque estes pais, que hoje participam ou acompanham seus filhos desfilarem nestes eventos, estiveram, em outros tempos, realizando a mesma prática. Muitos participaram dos desfiles do 7 de Setembro, quando os mesmos apresentavam, de acordo com as fotografias, estar permeados por um sentimento de pertença à Pátria, que hoje seus filhos não apresentam da mesma forma.

Nas imagens das décadas de 60 e 70 (séc. XX), os alunos marchavam pelas ruas, o que hoje não ocorre, pois não são realizadas mais as atividades voltadas ao enaltecer o espírito pátrio nos alunos, conforme ocorria antigamente. Os alunos aprendiam o Hino Nacional e a marchar corretamente, por meio das disciplinas específicas. Conforme relatos de ex-alunos do período, havia cobrança, por parte dos professores, para que se portassem no desfile com a devida imagem. Hoje, a expressão de seriedade e rigidez gestual transformou-se em uma expressão descontraída nos alunos e demais participantes.

As fotografias atuais afirmam a participação das escolas e da comunidade torrense nos eventos do 7 de Setembro. Uma participação que, como atestam os professores das escolas, mantém-se ao longo dos anos, lembrando que as escolas de Torres/RS descartaram o caráter de obrigatoriedade para a participação dos alunos, ou seja, mesmo que não haja a necessidade e a obrigatoriedade formal advinda das instituições de ensino, os alunos continuam participando destes eventos. O que leva a concluir que se mantém, apesar de diferenciada, uma identidade cívica na sociedade torrense, que vem sendo construída há muito tempo.

Outra questão pertinente decorre das faixas que eram levadas pelas escolas exaltando o País: permanecem presentes nos desfiles; no entanto, o discurso emitido pelas mesmas difere-se. Atualmente, os desfiles têm a função de destacar as reivindicações no setor educacional e, ao mesmo tempo, são clamadas cobranças no setor ambiental e político. Ou, simplesmente, os alunos desfilam segurando pequenos cartazes com palavras que incorporam as reivindicações, como ilustra a imagem 99.

Figuras 97, 98 e 99 – Pais participando do desfile do 7 de Setembro / Data: Ano de 2012



Autor: Professor da Escola.

Fonte: Blog da Escola Justino Alberto Tietboehl.³⁴⁵

O registro do evento 7 de Setembro, durante um período tão extenso, denota a importância que este possui para a sociedade torrense, especialmente para a comunidade escolar, a sua maior protagonista. A manutenção de uma prática de fotografá-lo constitui a necessidade de conservar-lhe a memória.

Aparentemente, as fotografias dos anos 60 e 70 revelaram-se demasiado objetivas em sinalizar seu papel cívico, sobretudo por serem, a maioria nos arquivos fotográficos. Mas não se pode pensar de forma diferente em relação às fotografias atuais, mesmo as escolas tendo ampliando seus registros para outras temáticas. Obviamente, as formas como cada evento

³⁴⁵ Disponível em: <<http://justinoalbertotietboehl.blogspot.com.br/p/fotos-2012.html>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

ocorre moldam-se a sua época, e o modo como os alunos apropriam-se deste sentido pátrio também se revela diferente nas imagens fotográficas e se transforma ao longo dos anos.

Portanto, não se deve descartar que essas fotografias, que são públicas, exercem poder; não deve ser desconsiderado que, indiferentemente de seu tempo histórico, as fotografias dos desfiles cívicos em Torres/RS cumprem “uma função política que garante a visibilidade do poder, das estratégias de poder, ou, ainda, das disputas de poder”.³⁴⁶ Pois, nas imagens, está sempre evidenciado o percurso mais importante, ou seja, as ruas que são mais importantes na cidade, sejam elas o centro econômico-político, seja religioso. Ainda, as autoridades que observam os transeuntes, conferindo legitimidade ao ato, estão presentes nos registros dos desfiles antigos e atuais. Inicialmente, os diretores permaneciam junto aos representantes políticos; hoje, estão entre os alunos, colaborando com o desenvolvimento do evento.

³⁴⁶ MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso. VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p.275.

5 CONCLUSÃO

A utilização de imagens pelas sociedades sempre foi muito importante, e a inserção do uso da fotografia pelas mesmas denota a relevância e a necessidade de utilizá-las para diversas funções. Os registros de educação remontam a um longo período, e procuraram evidenciar as modalidades de como o ensino era desenvolvido em cada época, assim como o que se pretendia com a educação.

Com a fotografia, as possibilidades ampliaram-se, e muitas temáticas visuais passaram a compor as cenas fotográficas escolares. Cada período acompanhou as possibilidades da técnica e os objetivos da sociedade e dos estados com a educação. É possível observar aspectos relacionados a questões econômicas, de poder, de gênero, etc. É assim que as escolas de Torres/RS incorporaram a prática de registrar suas principais atividades, eventos, ou mesmo, o próprio cotidiano escolar, por meio da fotografia.

Trabalhar com imagens fotográficas escolares, do Município de Torres/RS, revelou-se não ser tão simples, apesar das escolas apresentarem um conjunto significativo de fotografias em seu arquivo. Os números expressivos, em verdade, encobriam que muitas dessas imagens não possuíam nenhuma identificação. Mas, o fato de terem transcorrido somente cinquenta ou quarenta anos, desde seus registros, permitiu que se conseguissem informações sobre essas fotografias por meio de contatos com ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários das instituições de ensino, associando-se ao conhecimento da história da cidade e das escolas, o permitiu, por fim, a identificação de todas as imagens analisadas.

Os depoimentos adquiridos de ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários, fizeram descobrir-se que muitas fotografias, que originalmente estavam nas escolas, haviam passado a pertencer a eles, ou seja, muitos ficaram com as fotografias como um meio de recordar suas atividades em determinada escola. Cientes de que faziam parte da história e da memória dessas escolas, creditavam ser justo possuírem alguns exemplares. Portanto, os arquivos escolares são resultado do que restou, pois muitas fotografias, ao longo destes 50 anos, passaram a compor acervos pessoais.

Buscando identificar os usos e as funções das fotografias para as instituições de ensino, a pesquisa constatou que foram mantidas em arquivos, porém poucas vezes consultadas, e que as mesmas foram realizadas para o registro de determinados eventos e de momentos considerados importantes para serem registrados. Assim, mesmo não apresentando muitos usos no decorrer destes 40 ou 50 anos, essas fotografias atuaram como suporte de memória para as instituições escolares. É preciso lembrar que elas permaneceram nos

arquivos passivos, mesmo quando outros documentos foram descartados. Desta forma, as contribuições de Schmitt,³⁴⁷ ao considerar que as imagens devem ser analisadas como documentos/monumentos, corroboram as fotografias escolares, mesmo que, aparentemente, estejam guardadas em arquivos; indicam que possuem um valor documental e uma função enquanto mantenedoras de uma memória escolar.

Assim, o primeiro capítulo trabalhou com as histórias dessas escolas, e as narrativas resultantes de cada uma delinearão-se de forma distinta, cada qual a seu modo, de acordo com seus registros fotográficos e com demais contribuições provenientes de documentos e depoimentos, que permitiram constituir uma história, mesmo que inicial. Para tanto, foi necessário conhecer a história da educação no Município de Torres/RS, o que demonstrou que, desde o século XIX, várias iniciativas públicas e privadas buscaram ofertar ensino às crianças da região e que o primeiro grupo escolar foi fundado em 1922, o Grupo Escolar Marcílio Dias. E, ainda, foi necessário pontuar alguns aspectos das mudanças educacionais em nosso País, para compreender como funcionaram estas escolas no período analisado. Ao trabalhar com a história da Escola Marcílio Dias, descobriu-se que foi, durante muito tempo, uma referência de ensino na região, inicialmente por ser a primeira escola pública e, depois, por ser a única a ofertar ensino de 2º grau. A Escola Governador Jorge Lacerda surgiu de iniciativas do governo Leonel Brizola e possibilitou que mais crianças tivessem acesso ao ensino público na cidade de Torres/RS, “aliviando” a grande demanda da Escola Marcílio Dias. A Escola Justino Alberto Tietboehl foi a primeira escola técnica do município, também do governo de Leonel Brizola, e foi responsável pela formação de muitos alunos, que depois atuaram como mão de obra em toda região.

E, mesmo que as histórias destas escolas sejam diversas e suas origens distintas, foi possível observar que as mesmas possuíam uma forte ligação, realizando atividades em conjunto, principalmente no que diz respeito a festas e comemorações e, também, em atividades e reuniões de caráter pedagógico. Neste ponto, foi possível constatar que as escolas acompanharam as transformações decorrentes de alterações de leis provenientes das LDB/1961 e LDB/1971, adaptando seu currículo e funcionamento, e que, também, responderam às mudanças advindas do regime militar, que se instaurou no País em 1964, como, por exemplo, a inserção da disciplina obrigatória de Educação Moral e Cívica.

No segundo capítulo, apresentaram-se e trabalharam-se com os arquivos fotográficos. Assim, foi possível compreender como as escolas registraram essas mudanças

³⁴⁷ SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007.

provenientes do âmbito educacional e político. Desse modo, as séries que foram produzidas e as respectivas temáticas visuais são resultantes do que estas fotografias informaram, mas também do olhar direcionado para as mesmas, o que permitiu que distintas possibilidades fossem abordadas com essas fotografias e que novas abordagens podem ser desenvolvidas.

Inicialmente, foi notável a constatação da relevância do estúdio fotográfico de Ídio K. Feltes, que, desde os anos 30, atuou na cidade de Torres/RS e na região registrando a história e a memória local, uma referência quando se tratava da realização do registro, sendo muito requisitado pelas escolas de Torres/RS, principalmente na década de 60. Ademais, as fotografias apresentaram aspectos semelhantes quanto às opções do que seria registrado. Constatou-se que alunos, professores e funcionários foram, na maioria das vezes, o foco do fotógrafo.

Nesse capítulo, ficou evidente que os registros fotográficos adentraram em maior número no âmbito escolar torrense na década de 70, resultante do acesso às câmeras fotográficas pelos professores. Também foi observado que, na Escola Marcílio Dias, os anos de 1977 e 1978 foram importantes, pois correspondem aos anos iniciais em novo prédio. Recorreu-se então à fotografia, para acompanhar os acontecimentos desse período, que trazia mudanças para a escola, seja quanto a sua nova instalação, seja quanto ao maior número de alunos que passou a atender.

A identificação de quatorze temáticas visuais possibilitou que diversos aspectos da história e da memória dessas escolas pudessem ser analisados. Primeiramente, o acompanhamento das construções dos prédios escolares, assim como dos seus ambientes internos, revelou como eram organizados os locais em que os alunos desenvolviam suas atividades. Os prédios nesse período eram novos e correlacionavam-se com as expectativas depositadas na educação, que passava por diversas mudanças. Todavia, as temáticas demonstraram que alguns aspectos não haviam passado por tantas mudanças, como as relações de gênero na sala de aula. Isto é, tais relações começam a se modificar, mas ainda carregavam consigo muitas reminiscências de tempos anteriores, em que o ambiente escolar separava os espaços correspondentes a cada gênero.

No trabalho das temáticas visuais, constatou-se que as escolas desenvolviam muitas práticas, que iam além das aulas teóricas na sala de aula. O cotidiano escolar era repleto de atividades, entre elas, passeios, eventos, aulas práticas, festas, jogos, que permitiam que a formação dos alunos fosse realizada de forma integral e diversificada. A realização dos passeios escolares, por exemplo, representava para muitos alunos a única possibilidade de conhecer novos locais. Observou-se, também, que as fotografias eram realizadas pelas e para

as escolas, mas também para os alunos e sua família. As recordações escolares são um exemplo dos registros efetuados no ambiente escolar, mas que direcionaram-se aos alunos fotografados e à sua família, denotando a importância de os filhos frequentarem a escola. É importante ressaltar que as fotografias das formaturas também tinham o intuito de perfazer os álbuns fotográficos dos alunos. Poucas imagens foram mantidas nas escolas correspondentes a estas duas últimas temáticas, mas o seu registro, segundo Schapochink,³⁴⁸ sempre foi uma temática recorrente nos álbuns de família e, de acordo com o arquivo atual das escolas, até hoje é realizado.

Quanto ao número de fotografias correspondentes a cada temática visual nas escolas, notou-se que, em algumas, o número foi reduzido, enquanto em outras apresentou-se em demasia, como, por exemplo, as fotografias referentes a jogos, recordações escolares, formaturas, eventos internos e festas. O que não significa que estes não eram realizados pelas escolas que apresentaram um percentual menor, pois, ao consultar documentos nos arquivos escolares, foi constatado que ambas as instituições desenvolviam essas práticas. O que ocorreu foram escolhas, cada escola optou pelo que desejaria recordar e registrar por meio da fotografia, e que se mostraram diferentes em cada instituição. Essas fotografias, de acordo com a acepção de Louis Marin,³⁴⁹ em que as imagens são representações, permitem concluir que são representações da educação no período, e que foram se modificando ao longo dos anos, com as transformações no setor educacional e na sociedade.

Portanto, por meio dessas temáticas, foi possível compreender parte da história da educação no Município de Torres/RS. Educação que se expandiu no início dos anos 60, com a construção de duas novas escolas, e que oportunizou aos seus alunos um rico ambiente escolar. Mas, ao mesmo tempo, com a proximidade dos anos 70, as mesmas imagens passaram a demonstrar que havia dificuldades neste ensino, decorrentes da falta de manutenção nos investimentos iniciais. Na verdade, isso corresponde à realidade do próprio ensino brasileiro, que recebeu um grande estímulo naquela década e que a instalação do regime militar e de diversos acordos, como os MEC-Usaid, não refletiu na prática a manutenção dos investimentos, voltando-se para um ensino técnico-profissionalizante, que não supriu as reais necessidades educacionais da população.

³⁴⁸ SCHAPOCHINK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil 3. República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

³⁴⁹ MARIN, Louis. Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger et al. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 117-140.

Ao observar as temáticas visuais recorrentes, notou-se que muitas delas continuam sendo realizadas nas escolas, como passeios, eventos, formaturas e que algumas adquiriram grande ênfase, como as atividades em sala de aula, enquanto outras transformaram-se, como as recordações escolares que são realizadas de forma distinta. Ou no caso das fotografias do recreio, que deixaram de ser realizadas pelos professores e passaram a ser efetuadas pelos próprios alunos, visto que muitos possuem câmeras fotográficas ou aparelhos eletrônicos, como celulares, que permitem o registro.

A temática visual *Desfiles Cívicos* justificou a necessidade de um capítulo específico, frente ao número de fotografias que foram realizadas em vista das outras temáticas visuais. Conforme constatado, os desfiles cívicos tornaram-se importantes para as escolas e, sobretudo, para a cidade que participava, pois eram realizados na cidade de Torres/RS desde os anos 30. Nos anos pesquisados, notou-se que esses desfiles propunham a exaltação da Pátria, sempre acompanhados da bandeira nacional; refletiam as ações realizadas na educação, visto que havia um grande incentivo por meio de disciplinas específicas e obrigatórias, como Educação Moral e Cívica, e de um cotidiano escolar voltado ao culto do nacional. Conforme Rocha,³⁵⁰ por meio de materiais produzidos, como manuais e livros, os alunos eram orientados ao exercício pátrio, refletindo as ações nos desfiles realizados pelas ruas da cidade de Torres/RS.

Os desfiles tornaram-se verdadeiros espetáculos, no final dos anos 60, pois passaram a ter, como público, a população da cidade de Torres/RS, reflexo de todas as ações do regime militar quanto aos investimentos de cunho nacionalista. O público, que estava presente nas imagens fotográficas, se mantém até os dias de hoje, conforme foi possível observar nos arquivos fotográficos das escolas. Ainda, foi constatado que esses eventos estavam permeados de relações de poder, pois possuíam sempre um percurso que denotava importância política, econômica ou religiosa, que desfilava em frente às autoridades políticas e educacionais, e que as fotografias, ao registrarem esses locais, contribuíram para a manutenção destas relações.

Os eventos continuam sendo realizados, apresentando características diferentes, mas, ao mesmo tempo, apresentando semelhanças, como as fileiras; a presença das bandas, das autoridades locais e, principalmente, das bandeiras que representam o estado. O que propõe que permanecem sendo ritualizada a memória nacional e construída uma identidade nacional, nas quais a população da cidade e as escolas se fazem presentes, mesmo não havendo nenhuma obrigatoriedade legal para tanto. Pois não há mais cobrança aos alunos para que

³⁵⁰ ROCHA, Aristeu Castilhos da. *O regime militar no livro didático de história do Ensino Médio: a construção de uma memória*. 2008. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2008.

participem dos desfiles, nem há mais disciplinas específicas que trabalhem com o culto à pátria. Assim é pertinente considerar que as ações do regime militar na educação foram significativas e refletem-se até os dias de hoje, em que a manutenção da prática incentiva o sentimento de pertencimento à comunidade nacional. Também é preciso lembrar que a pesquisa apontou a participação de muitos pais de alunos, que frequentaram o ensino torrense, entre os anos de 1960 a 1980, justificando em parte essa construção de uma memória nacional que se perpetua, agora, por meio de filhos e netos.

Sublinha-se ainda que a participação religiosa nas escolas esteve presente em ambas às décadas analisadas, seja em eventos, celebrando missas, seja orientando confessionalmente os alunos. Hoje, apesar de diminuta, a presença da Igreja Católica ainda é constatada. É possível observar que anualmente as escolas participam do dia de *Corpus Christi*, confeccionando os tradicionais tapetes feitos com serragem.

No que se refere aos usos investidos nas fotografias das décadas de 60 e 70 (séc.XX), a maioria permanece guardada. Mas, conforme se pode acompanhar, nos últimos dois anos houve, por parte dessas instituições de ensino, a inserção das mesmas em redes sociais da internet, com a criação de *blogs* na Escola Marcílio Dias,³⁵¹ na Escola Governador Jorge Lacerda³⁵² e na Escola Justino Alberto Tietboehl.³⁵³ Nesses espaços, é possível observar a intenção de relacionarem-se de forma mais próxima e imediata com os alunos, os pais e a comunidade torrense. Administrados pela direção da escola, nestes espaços virtuais são disponibilizadas atividades programadas e desenvolvidas, nas quais são inseridas fotografias resultantes dessas atividades.

Nestes ambientes virtuais, pouquíssimas fotografias das décadas de 60 e 70 foram disponibilizadas nos espaços que dizem respeito à história da escola e, quando disponibilizadas, adquirem função meramente ilustrativa. Uma realidade que, conforme foi observado, pode ser alterada, tendo em vista que as fotografias podem contribuir com a história destas escolas.

Ainda, destaca-se que, ao realizar-se o recorte temporal compreendido entre as décadas de 60 e 70, muitas fotografias deixaram de ser analisadas. A Escola Marcílio Dias possui um rico acervo que data de 1922 e, assim como as demais escolas, possui também muitas fotografias das décadas de 80 e 90, que poderiam ser mote de análise para outras

³⁵¹ Disponível em: <<http://instestadualdeedcmarciliodias.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

³⁵² Disponível em: <<http://www.freewebs.com/jorgelacerda/>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

³⁵³ Disponível em: <<http://tietboehlnoessaescola.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

pesquisas. Acompanharam como as mudanças ocorridas na educação e no País foram registradas visualmente pelas escolas da cidade de Torres/RS.

Conforme foi constatado, as fotografias escolares, que fazem parte de acervos particulares, revelam várias contribuições à memória da história de cada escola e de seus personagens, o que permite possibilidades de pesquisa. E, ainda, é importante destacar que somente três escolas do Município de Torres/RS foram analisadas, restando muitas instituições de ensino que, da mesma forma, possuem arquivos fotográficos.

Assim, conforme Lombardi,³⁵⁴ “a cultura escolar ‘está aí’, mas também ‘esteve aí’”; o mesmo complementa que a “*memória escolar* não é só passado, mas presente (com as permanências do passado) e futuro pensado ou entrevisto, ou desejado”.³⁵⁵ Dessa forma, completa-se que as indagações desta dissertação nela não se esgotam, uma vez que a fotografia tem o poder de informar, de nos levar a conhecer, conforme Bencostta,³⁵⁶ constituindo-se um processo que se atualiza constantemente.

³⁵⁴ LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Palmira Bittencourt S.; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Org.).

História, memória e educação. Campinas: Alínea, 2011. p. 58.

³⁵⁵ *Ibid.*, p. 61.

³⁵⁶ BENCOSTTA, Marcus Levy. Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. *História*, Franca, v.30, n.1, jun., 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010190742011000100019&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 abr. 2013.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: M. Fonte, 2007.
- AMAR, Pierre-Jean. *História da fotografia*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- AMARO, Lúcia Elena Matos. “*Tem repetição, professora...*”: um estudo sobre a prática da merenda escolar e seus significados. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre, 2002.
- ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação da Liberdade, Educ, 2002.
- ANKERSMIT, F. R. Commemoration and national identity. *Textos de História: memória, identidade e historiografia*. Brasília: UNB, v.10, n.1-2, 2002. p.15-39.
- ÁVILA, Fernando Bastos S. J. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. Brasília: Departamento Nacional de Educação, Ministérios da Educação e Cultura, 1967.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. *A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): o novo e o nacional em revista*. Pelotas: Seiva, 2005.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. *Desfiles patrióticos: cultura cívica nos grupos escolares de Curitiba (1903-1971)*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO ESCOLAR EM PERSPECTIVA HISTÓRICA, 3., PUCPR, 2004. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/paginas/cbhe.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2011.
- _____. Memória e cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. *História* (São Paulo). v.30, n.1, jun, 2011. p. 397-411. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a19.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2013.
- BELTING, Hans. *Antropología de la imagen*. Madri: Katz, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *La obra de arte en la era de su reproductibilidad técnica y otros textos*. Buenos Aires: Ediciones Godot, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Pequena História da fotografia. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin. Sociologia*. São Paulo: Ática, 1991.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos da educação*. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. *Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp (Feu), 1999.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. Escola e modernidade no Brasil e na Espanha. In: O ENSINO E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Congresso Brasileiro de História da Educação, 5., 2008, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes. *Anais...*, Aracaju, 2008.

CATROGA, Fernando. *Entre Deuses e Césares: secularização, laicidade e religião civil*. Coimbra: Almedina, 2006.

_____. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

_____. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Minerva, 1999.

CARVALHO, José Murilo. Os três povos da República. *Revista USP*, Dossiê Brasil República, São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 59, p. 96-115, set./nov. 2003.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

COMAS RUBÍ, F.; MOTILLA SALAS, X; SUREDA GARCÍA, B. Fotografia i història de l'educació. iconografia de la modernització educativa. Mallorca: L. Muntaner, 2012. p. 191. Apud: MARTÍNEZ, Silvia Alicia. Fotografias e Ensino Secundário: reflexões a partir de práticas Investigativas em um arquivo escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá/MT: UFMG. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>.

CORREIA, Ana Paula Pupo. *História & arquitetura escolar: os prédios escolares públicos de Curitiba (1943-1953)*. 2004. Dissertação (Mestrado) – UFPR, Curitiba, 2004.

CUNHA, Luiz Antônio; GOÉS, Moacyr de. *O golpe na educação*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DUTRA, Denise Ferrari. *Políticas internacionais: de um olhar singular à ressonância social Cel. Mauro Rodrigues Secretário de Educação e Cultura/RS (1971-1975)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUCRS, Porto Alegre, 2005.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. São Paulo: Papirus, 1993.

FABRIS, Annateresa. Discutindo a imagem fotográfica. *Domínios da imagem*, Londrina, ano I, n. 1, p.31-41, nov. 2007.

_____. *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

_____. KERN, Maria Lúcia Bastos. *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Edusp, 2006.

FERNANDES, Rogério. A história da educação e o seu ensino. In: JÚNIOR, Décio Gatti; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena (Org.). *O ensino de história da educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: Edufu, 2009.

FILHO, Luciano Mendes de Faria; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 20-34, ago. 2000.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. O risco da imagem única: um estudo a partir de fotografias recorrentes de alunos dos anos iniciais. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED: EDUCAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL, 34., 2011, Natal, RN. *Anais... Natal*, 2011.

FISCHMAN, Gustavo E.; CRUDER, Gabriela. Educação & realidade: fotografias escolares como evento na pesquisa em educação. Porto Alegre: UFRGS, v. 28, n. 2, p. 39-53, jul./dez. 2003.

FISHMAN, Gustavo E. Aprendiendo a sonreír, aprendiendo a ser normal: reflexiones acerca del uso de fotos escolares como analizadores en la investigación educativa. In: DUSSEL, Inés; GUTIERREZ, Daniela. *Educar la mirada: políticas y pedagogías de la imagen*. Buenos Aires: Manantial; Flacso, OSDE, 2006. p. 235-254.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio De Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FRAGO, Antonio Viñao. La escuela y la escolaridad como objetos históricos. Facetas y problemas de la historia de la educación. *História da educação*, ASPHE/UFPEL, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 9-24, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 5 ago. 2012.

_____. Templos de la patria, templos del saber: los espacios de la escuela y la arquitectura escolar. In: BENITO, Agustín Escolano. *Historia ilustrada de la escuela em España: dos siglos de perspectivas históricas*. Bajo da dirección de Agustín Escolano Benito. Ed: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2006.

FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Ed: Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GUIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação física progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira*. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2006.

GRACIANO, Carini Tassinari. *A Torres de concreto: da expansão turístico-urbana dos anos 70 à crise dos anos 90, um estudo sobre o processo de urbanização em Torres/RS*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KERN, Maria Lúcia Bastos. Imagem e acontecimento: o mediterraneísmo de Joaquín Torres-García. *Domínios da Imagem*, Londrina, ano 1, n. 1, pg. 137-148, nov. de 2007.

KNAUSS, Paulo. *O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual*. In: *Artcultura*, v. 8, n. 12, 2006. p. 97-115.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ed. Ateliê, 2011.

_____. *Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia*. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Senac; Hucitec, 2005.

_____. *Realidade e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê, 2002.

_____. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEITE, Lilian Ianke. *Arquivo morto ou arquivo histórico-educacional: qual o lugar da memória da/na escola?* In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8. –CONGRESSO IBERO-AMERICANO SOBRE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS, 3., PUCPR, p. 1978-1989, 2008. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/114_55.pdf>. Acesso em 8 set. 2012.

LEITE, Mirian Lifchitz Moreira. Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente. In: SAMAIN, Eienne (org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Ed. Hucitec/ Ed. Senac, 2005. p. 33-38.

_____. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: USP, 2000.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo: álbuns da cidade de São Paulo, 1887-1954*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1997.

LINS, Ana Maria Moura. O método lancaster: educação elementar ou adestramento? Uma proposta pedagógica para Portugal e Brasil no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). *A escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ediupf, 1999. p. 73-93.

LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S.; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Org.). *História, memória e educação*. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

MAGALHÃES, Justino Pereira. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (Org.). *História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas: Autores associados, 2005.

MARQUES, Marta Nascimento; KRUG, Hugo Norberto. *O jogo como conteúdo da Educação Física Escolar*. P@rtes (São Paulo). V.00 p. eletrônica. Julho de 2009. Disponível em <www.partes.com.br/educacao/ojogocomoconteudo.asp.asp>. Acesso em: 15 mar. 2013.

MARIN, Louis. Ler um quadro: uma carta de Poussin em 1639. In: CHARTIER, Roger et al. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 117-140.

MARTÍNEZ, Silvia Alicia. *Fotografias e ensino secundário: reflexões a partir de práticas investigativas em um arquivo escolar*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá/MT: UFMG. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso. VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 263-281.

_____.Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, jan./jun; v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005.

_____.Na mira do olhar engajado: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, 2005, vol. 13, n.1, p. 133-174.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *História e imagem: iconografia/iconologia e além*. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 243-262.

_____.Rumo a uma história visual. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C. NOVAES, S.S. (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2005. p. 33-56.

MIGUEL, Maria Lúcia Cerutti. *A fotografia como documento: uma instigação à leitura*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 6, nº 1-2, p. 121-132. Jan./dez., 1993.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Educação Moral e Cívica – nos três níveis de ensino como disciplina obrigatória: prescrições sobre Currículos e Programas Básicos*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos em Colaboração com a Comissão Nacional de Moral e Civismo, 1970.

MIRZOEFF, Nicholas. *An introduction to visual culture*. London-New York: Routledge, 2000.

MONTEIRO, Charles. *Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MULHALL, Michael. O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs. In: WITT, Marcos A. (Org.). *Fontes litorâneas: escritos sobre o Litoral Norte do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos: Ed. da Unisinos, 2012. p. 95-97.

NEUENFELDT, Derli Juliano (Org.). *Recreio escolar: espaço para “recrear” ou necessidade de “recriar” este espaço?* Lageado: Univates, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JÚNIOR, Dante de; RÉ, Alessandro H. Nicolai; et al. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem disciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 73- 83.

PEREIRA, Antonio Serafim. *Análise de um processo de inovação educativa numa escola gaúcha: a interdisciplinaridade como princípio inovador*. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de Santiago de Compostela. Espanha, 2007.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. *História da educação*. São Paulo: Ática, 1990.

POSSAMAI, Zita Rosane. *A Cultura fotográfica e a escola desejada: considerações sobre imagens de edificações escolares - Porto Alegre (1919-1940)*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 2., Londrina, 2009. *Anais...*, Londrina, 2009. p. 930-948.

_____. *Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Tese (Doutorado em história) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.

_____. Uma escola a ser vista: apontamento sobre imagens fotográficas de porto alegre nas primeiras décadas do século XX. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 29 p. 143-169, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

QUADROS, Claudemir de. *As Brizoletas cobrindo o Rio Grande: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963)*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2002.

_____. *Boletins do CPOE/RS (1947-1966): produção, circulação e leitura*. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/295Claudemir>>

Quadros.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2013.

RIBEIRO, Luisa Santos. *História da educação brasileira: a educação escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

RIBEYROLLES, Charles. *Brasil pitoresco: história, descrições, viagens, colonização e instituições*. São Paulo: Martins, 1941.

ROCHA, Aristeu Castilhos da. *O regime militar no livro didático de história do ensino médio: a construção de uma memória*. 2008. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2008.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ROSA, Josineide. A construção da brasilidade: a política educacional no Governo Vargas: 1930-1945. *Revista Multidisciplinar da UNESP*, n. 4, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.unesp.edu.br/revista/revista4/publi-art2.php?codigo=1>>. Acesso em: 6 set. 2012.

ROUILLÉ, André. *A fotografia entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: SENAC, 2009.

RUSCHEL, Ruy Ruben. *Os fortes de Torres*. Porto Alegre: EST, 1999.

_____.RUSCHEL, Ruy Rubens. Determinantes Iniciais de Torres. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; QUADROS, Terezinha C. de Borba; BROCCA, Maria Roseli Brovedan (Org.). *Raízes de Torres*. Porto Alegre: EST, 1996. p. 53-69.

_____.*São Domingos das Torres*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

_____.*Torres Origens*. Torres: Jornal Gazeta. 4ª edição, 2006.

SANTAELLA, Lucia. Os três paradigmas da imagem. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec; Senac, 2005. p. 295-307.

SANTOS, Alexandre Ricardo dos. *A fotografia e as representações do corpo contido (Porto Alegre 1890-1920)*. 1997. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – UFRGS, Porto Alegre, 1997.v. 1.

_____.ACHUTTI, Luiz Eduardo. *Ensaio sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998. p. 23-35.

SAVIANI, Dermeval. *Política e Educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SCHAPOCHINK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil 3 República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 424-512.

SCHENEIDER, Regina Portella. *A instrução pública no Rio Grande do Sul 1770 a 1889*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/EST, 1993.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, ano X, n. 74, mar. 1961.

_____. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, v. 12, n. 87, set. 1962.

SELAU, José Krás. *Imigração Alemã em Torres – Por que?*. Jornal Gazeta, 1999.

SINSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Ed. Hucitec/ Ed. Senac, 2005. p. 19-32.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

SOULANGE, François. *Estética da fotografia: perda e permanência*. São Paulo: Editora Senac, 2010.

SOUZA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. Tempo de infância, tempos de escola: a ordenação do tempo escolar no ensino público paulista (1892-1933). *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 127-143, jul./dez. 1999. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27824/29596>>. Acesso em: 14 jul. 2012.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. *Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549 – 1910)*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO – HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2., 2002, Natal, Disponível em:
<<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

TAGG, John. *El peso de la representación*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

VASQUEZ, Pedro Karp. *O Brasil na fotografia oitocentista*. São Paulo: Meta Livros, 2003.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007.

VENTURELLA, Roberto. *A história do Farol de Torres*. Porto Alegre: AGE, 2006.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ANEXOS

ANEXO A – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE TORRES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_\(Rio_Grande_do_Sul\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_(Rio_Grande_do_Sul))

ANEXO B – ABRANGÊNCIA DO MUNICÍPIO DE TORRES EM 1960-1980 (EM LINHA VERMELHA).



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_\(Rio_Grande_do_Sul\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_(Rio_Grande_do_Sul))

ANEXO C – ATA DE FUNDAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR MARCÍLIO DIAS.

Acta da inauguração do Grupo Escolar na
Villa de Torres.

Aos dois dias do mes de Setembro de mil novecentos e vinte e dois, ás dez horas do dia, nesta Villa de Torres, Estado do Rio Grande do Sul, no edificio destinado para nelle funcionar o Grupo Escolar, presentes o Cel. João Pacheco de Freitas, Intendente Municipal, Mr. Ovidio Christiano dos Reis, Presidente do Conselho Escolar desta Villa, Professor Carlos Alexandre Schilling, accumulando a direcção do dito Grupo e as professoras d.ª Tiva Mello Leite de Castro e Mercedes d' Oliveira Lopes, inaugurou-se o Grupo Escolar desta Villa, tomando professor e professoras posse de seus cargos respectivos. Do que, para constar, lavrou-se esta Acta que vai por todos assignada.

João Pacheco de Freitas.

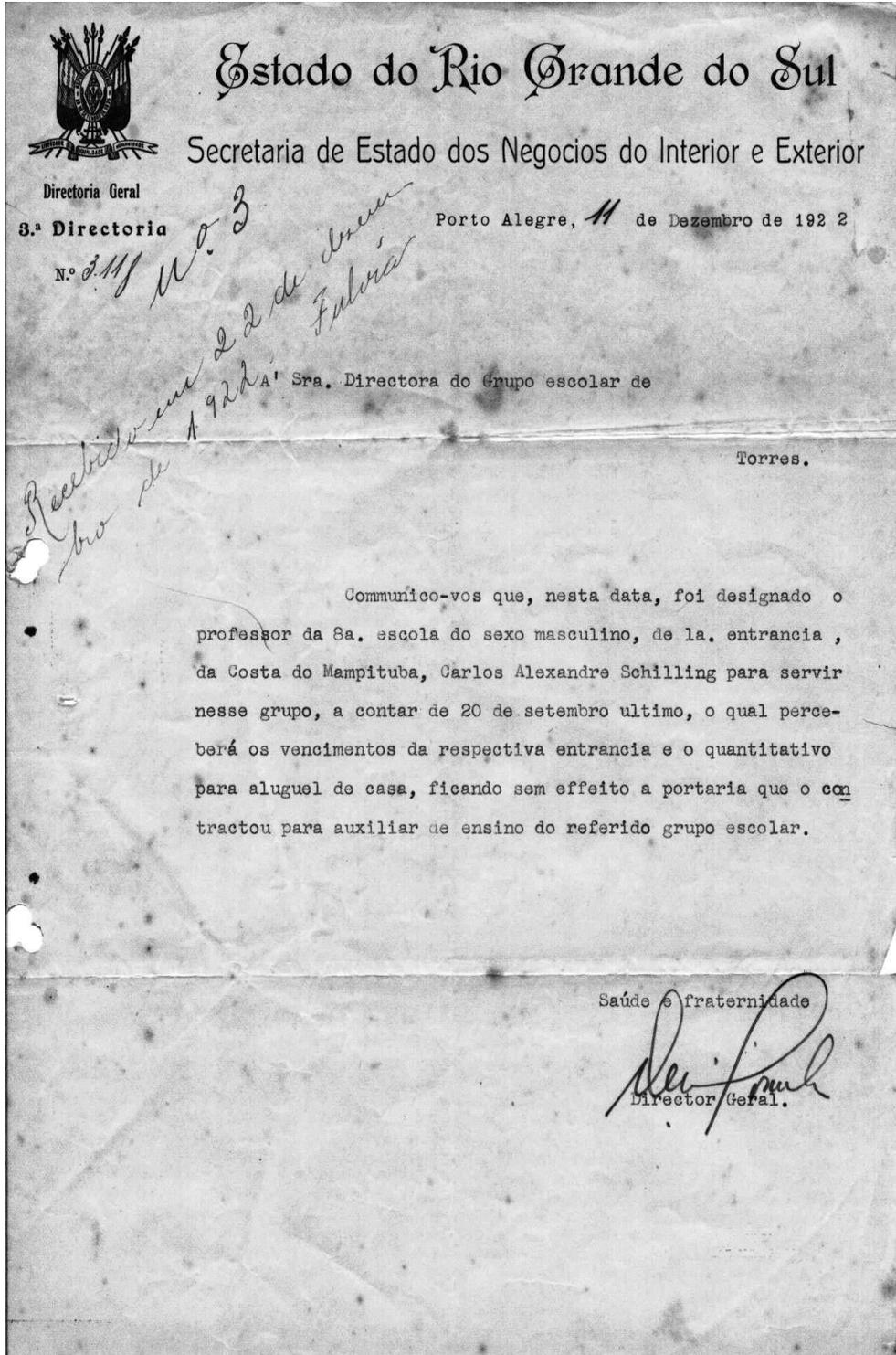
Ovidio Christiano dos Reis

Carlos Alexandre Schilling

Tiva Mello Leite de Castro.

Mercedes d' Oliveira Lopes

ANEXO D – ATA DE CONTRATAÇÃO DE PROFESSOR PARA O GRUPO ESCOLAR
MARCÍLIO DIAS E ALUGUEL DO PRÉDIO.



ANEXO E – DIRETORES DAS ESCOLAS.**DIRETORES DA ESCOLA MARCÍLIO DIAS:**

- 1 – CARLOS ALEXANDRE SCHILLING: 1922 – 1922.
- 2 – FULVIA BERTOLACCI: 1922 – 1926.
- 3 – MARIA GLÓRIA GAGEIRO RAMOS: 1926 – 1927.
- 4 – JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL: 1927 – 1928.
- 5 – MARIA GLÓRIA GAGEIRO RAMOS: 1928 – 1928.
- 6 – SATURNINO MOREIRA ALVES: 1928 – 1935.
- 7 – NICRA FANTINEL SARTORI: 1935 – 1956.
- 8 – ONELLA FANTINEL SARTORI: 1956 – 1960.
- 9 – UNIZIA TELLES RAUPP: 1960 – 1962.
- 10 – JUREMA NUNES DE SOUZA: 1962 – 1964.
- 11 – NEDA LARRÉ POZZI: 1964 – 1965.
- 12 – NORMA LÚCIA FERREIRA: 1965 – 1966.
- 13 – IARA WOFFENTUBEL: 1966 – 1967.
- 14 – GEVALDINA MARIA STORCHI: 1967 – 1970.
- 15 – ZÉLIA BACK MURI: 1970 – 1972.
- 16 – LAURI ARAÚJO FERREIRA: 1972 – 1976, CORRESPONDENTE AO ENSINO DE 1ª A 5ª SÉRIES.
- 17 – DIRLENIS TEIXEIRA DA SILVA: 1976 – 1983, CORRESPONDENTE AO ENSINO DE 6ª A 8ª SÉRIES.
- 18 – MARIA HELENA LIMA: 1983 – 1986.
- 19 – DISORNEI TEIXEIRA DA SILVA: 1986 – 1988.
- 20 – JORGE ALFREDO FRITSCHER: 1988 – 1990.
- 21 – HELENARA DA SILVA MILANEZ: 1990 – 1995.
- 22 – MARIA DE FÁTIMA SUERTEGARY CECHIN: 1995 – 1999.
- 23 – ELIANA REGINA CARDOSO DA ROSA: 2000 – 2001.
- 24 – LUIZ FARIAS MAGGI: 2002 – 2005.
- 35 – OLGA MARIA WEBBER BALDESSAR: 2006 – 2011.
- 26 – NEIDE MARTINS DE MOURA: 2011.

DIRETORES DA ESCOLA GOVERNADOR JORGE LACERDA:

- 1 – Nedda Larré Lacerda.
- 2 – Cenira Duarte do Rox.
- 3 – Naida L. P. Carvalho.
- 4 – Gelsy Soares de Aguiar.
- 5 – Ilda Porto Da Rocha.
- 6 – Mara Brba Pavinato.
- 7 – Ilsa Daix Bauer.
- 8 – Hedy Remígio Neves.
- 9 – Edson Boschi da Cruz.
- 10 – Cleomar Guedes Pereira.
- 11 – Jussara Matos.
- 12 – Rita de Cássia Melo.
- 13 – Cleuza S. Munari.

DIRETORES DA ESCOLA JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL:

- 1 – João Osório da Silva (1961 – 1964)
- 2 – João Elpídio Garcia (1965 – 1966)
- 3 – Sadi Pipet de Oliveira (1967 – 1976) / (1977 – 1991)
- 4 – Zélia Bach Mury (1976)
- 5 – Gilson Moreira Rodrigues (1992 – 1994)
- 6 – Maria de Lourdes Fippian dos Santos (2000 – 2001)
- 7 – Silvia Maria Teixeira – (1995 – 1999) / (2002 -2012)

**ANEXO F – PORTARIA DE FUNCIONAMENTO DO ENSINO DE 1º GRAU
COMPLETO NA ESCOLA MARCÍLIO DIAS.**

 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA NAA/SUA	AUTÊNTICO  Chefe do Serviço de Comunicações - SUA
<i>lwe.</i> PORTARIA	
00285 -7 -1- 1976	
<p>O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, face ao Parecer nº 957/76, do Conselho Estadual de Educação, autoriza, a par- tir de ano letivo de 1976, o funcionamento da 6ª, 7ª e 8ª séries do ensino de 1º grau, no Grupo Escolar "Marcelino Dias", em Torres, 11ª Delegacia de Educa- ção, sediada em Uspício,</p>	
AIRTON SANTOS VARGAS SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA	
<p>Registre-se e publique-se:</p> <p align="center">PLÁCIDO STEFFER Supervisor do Apoio Administrativo Alô 21, Coordenador D.O. 1000000</p> <p align="center">SUPERVISOR ADMINISTRATIVO</p>	
DM/ID	Proc. nº 27026/75-SEC.

**ANEXO G – AUTORIZAÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO ENSINO DE 2º GRAU NA
ESCOLA MARCÍLIO DIAS.**



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

NAA/SUA

AUTENTICO

Julia Alves L. Acunato

Luiz do Serviço de Comunicações SUA

PORTARIA - 21516 29. ABR. 1980

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO,

face ao Parecer nº 244/80, do Conselho Estadual de Educação, autoriza o funcionamento da Escola Estadual de 2º Grau, de Torres, com a habilitação de Auxiliar de Escritório Técnico de Edificações, criada pelo Decreto Estadual nº 29433, de 27 de dezembro de 1979, sob a jurisdição da 11ª Delegacia de Educação, sediada em Osório e, nos termos do Parecer nº 157/80 da Unidade de Regimentos Escolares, da Supervisão Técnica, desta Secretaria, aprova o Regimento da referida Escola, com a base curricular da habilitação supracitada.

Fláclio Steffen
SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO
SUBSTITUTO

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

Registre-se e publique-se:

DOLORES ARRUDA
Supervisor Administrativo Adjuvante

SUPERVISOR ADMINISTRATIVO

/1

Proc. nº 4365/80

PE-078

ANEXO H – AUTORIZAÇÃO DO FUNCIONAMENTO DO MAGISTÉRIO NA ESCOLA
MARCÍLIO DIAS.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
NAA/SUA

PORTARIA

1899

16. FEV. 1982

O SECRETÁRIO DE ESTADO DE EDUCAÇÃO:

- a) face à Resolução nº 111/74 e Parecer nº 660/77, do Conselho Estadual de Educação, unifica, com vigência a partir de 1982, a Escola Estadual de 2º Grau, criada pelo Decreto Estadual nº 29433, de 27 de dezembro de 1979, autorizada a funcionar pela Portaria/SEC nº 21516, de 29 de abril de 1980 - com o Grupo Escolar Marcílio Dias, criado pelo Decreto Estadual nº 2958, de 31 de março de 1922, denominado pelo Decreto Estadual nº 91, de 7 de junho de 1940, reclassificado pelo Decreto Estadual nº 19818, de 13 de agosto de 1969, com autorização de funcionamento das séries finais do ensino de 1º grau pela Portaria/SEC nº 285, de 7 de janeiro de 1976, que passam a designar-se e denominar-se Escola Estadual de 1º e 2º Graus Marcílio Dias, de Torres, sob a jurisdição da 11ª Delegacia de Educação, sediada em Osório;
- b) face ao Parecer nº 1362/80, do Conselho Estadual de Educação, autoriza o funcionamento da habilitação de Magistério na Escola Estadual de 2º Grau, do município supracitado e, nos termos do Parecer nº 34/82, da Unidade de Regimentos Escolares, da Supervisão Técnica, desta Secretaria, aprova o Regimento da Escola unificada, com bases curriculares para o ensino de 1º grau, de 1ª a 8ª série, e para as habilitações de Auxiliar de Escritório Técnico de Edificações e de Magistério.

Registre-se e publique-se:

Dolores Arruda
SUPERVISOR ADMINISTRATIVO
DOLORES ARRUDA
ca. Supervisor Administrativo Edificações

PE-077

Plácido Steffen
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

PLACIDO STEFFEN
SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO
SUBSTITUTO

33553/80

Proc. nº 14241/81

ANEXO I – ATA DAS COMEMORAÇÕES DE INAUGURAÇÃO DO NOVO PRÉDIO
DA ESCOLA EM 1961.

Acta da Inauguração do Grupo
Escolar

Realiza-se nesta cidade às 15 horas do dia 25 de junho de 1961 as festividades escolares da Inauguração do novo prédio escolar.

Às 15 horas – chegada do Srmo. Sr. Secretário de Educação e Cultura, Srmo. Srta. Sargenta Reginal do Ensino e sua comitiva.

Os alunos desta unidade apresentaram-se, formados em filas, exercícios – representando, o Pelotão de Saúde, Educação Física e um grupo de alunos com seus trajes típicos de Gaúchos dos pampas.

O programa desenvolveu-se da seguinte maneira:

1º Hino Nacional, cantado por todos os alunos e pessoas presentes.

2º O Sr. Prefeito municipal convidou o Srmo. Sr. Secretário de Educ. e Cultura, Sr. Jostino Quintana, para desamarrar a fita simbólica, a qual impedia a entrada no novo prédio Escolar. Após esse ato, o Sr. Secretário recebeu aplausos.

3º A Srta. Diretora do prédio Escolar, convidou o Sr. Prefeito para inscrever a placa e o retrato do Patrono deste Grupo Es., tendo feito uso da palavra o Sr. prefeito.

4º

O Sr. Prefeito, passa a palavra a Prof. Terezinha Brognoli; tendo, esta, agradecido o Ex.^{mo} Sr. Governador do Estado, embora estivesse ausente, o Sr. Secretário de Educação e Cultura e a todos que colaboraram na construção do prédio.

Finda a locução, o Sr. Prefeito Municipal, o Sr. Secretário, a Ex.^{ma} Sra. Delegada Regional de Ensino e demais autoridades fizeram visita às salas de aulas.

Foram, em seguida homenageados com uma mesa de doces, oferecida pelo corpo docente deste educandário.

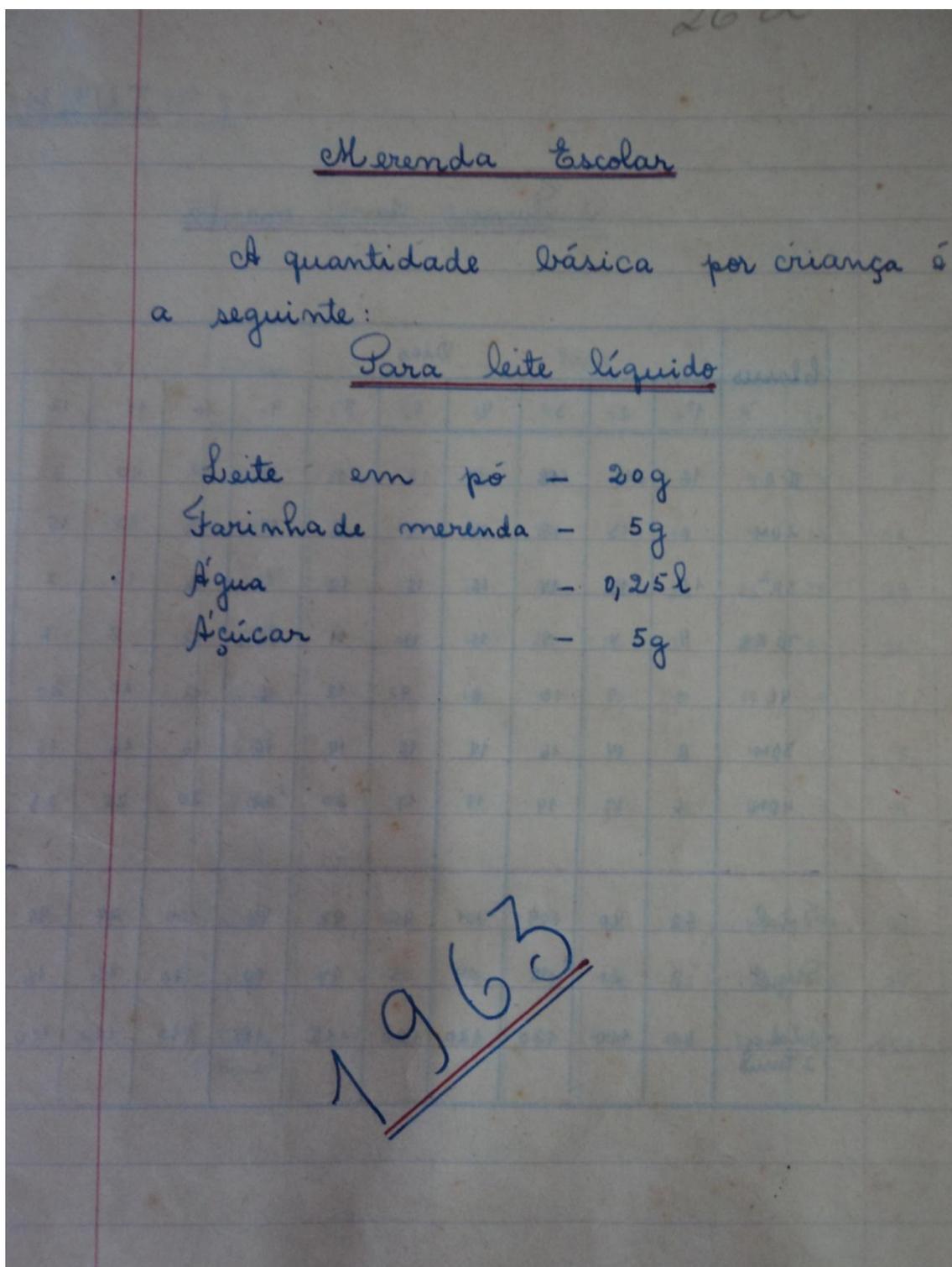
Após houve uma reunião da Ex.^{ma} Sra. Delegada Regional de Ensino, Sr.^a Angélica M. de Assis, com o professorado da sede e do interior. Foram tratados diversos assuntos e depois desta, foi encerrada as festividades.

Terezinha Ináben Brognoli
 Angélica Webber da Silva
 Evair Gonçalves dos Santos
 Edelvira de Almeida Azevedo
 Edite Santos Gomes
 Nádia L. A. P. Carvalho.
 Eunice Lima Preto.

**ANEXO J - TURMAS OFERECIDAS NA ESCOLA GOVERNADOR JORGE LACERDA
ENTRE OS ANOS DE 1959 A 1969.**

ANO	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	4ª SÉRIE	5ª SÉRIE
1959	5	2	0	-	-
1960	5	1	1	-	-
1961	3	3	3	2	1
1962	6	2	2	2	-
1963	2	2	3	2	2
1964	2	2	3	2	-
1965	2	3	4	4	3
1966	3	2	3	2	4
1967	4	4	3	3	2
1968	6	3	4	3	2
1969	6	3	3	3	1

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

ANEXO K – MERENDA ESCOLAR NA ESCOLA JORGE LACERDA.

ANEXO L – CERTIDÃO DE CRIAÇÃO DA ESCOLA JUSTINO ALBERTO
TIETBOEHL.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

 Prefeitura Municipal de Torres
 SECRETARIA DA FAZENDA
 CONTADORIA

= C E R T I D ã O =

Celso Schaly Capelaro responsável
 pela contadoria da Prefeitura - /
 Municipal de Tôrres, Estado do /
 Rica Grande do Sul.---.---.---.

C E R T I F I C O, para ds devidos fins, a pedido verbal
 da parte interessada, que a construção do GINÁSIO INDUSTRIAL PROF. JUSTINO A./
 TIETBOEHL, foi iniciada no ano de 1.961, por administração da Prefeitura Muni/
 cipal de Tôrres, com verbas do Govêrno do Estado do Rio Grande do Sul. Em -/
 1.974 foi reformado e, ampliado, passando a denominar-se CENTRO DE ARTES, /
 CIENCIAS E TECNOLOGIA (CACT), por administração da Prefeitura Municipal
 de Tôrres e verbas do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Nada mais -/
 constando passou-se a presente Certidão que vai por mim assinada, Celso -/
 Schaly Capelaro, responsável pela Contadoria, e devidamente visada pelo sr.
 Gilberto Neves de Souza, Secretário Municipal da Administração.---.---.---.
 CONTADORIA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE TÔRRES, EM 17 DE MAIO DE 1.975.---.---.

Celso Schaly Capelaro
 Celso Schaly Capelaro, responsável
 pela Contadoria.

VISTO: *Gilberto Neves de Souza*
 GILBERTO NEVES DE SOUZA
 SECRETARIA MUNICIPAL DA
 ADMINISTRAÇÃO

ANEXO M – DECRETO DE DENOMINAÇÃO DE ESCOLA TÉCNICA INDUSTRIAL
 PROF. JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 SUBSECRETARIA DO ENSINO TÉCNICO
 SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO INDUSTRIAL
 ESCOLA INDUSTRIAL

DECRETO Nº 13.725 de 18 de junho de 1962

Denomina Escolas Técnicas

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 87, inciso II da Constituição do Estado, de 8 de julho de 1947.

DECRETA

Art. 1º - São denominadas as seguintes Escolas Técnicas:

- 1- Escola Técnica Industrial "25 de julho", a Escola Técnica Industrial, de Ijuí, criada pelo Decreto nº 11.781, de 17 de novembro de 1960;
- 2- Escola Técnica Industrial Prof. Justino Alberto Tietboehl, Escola Técnica Elementar de Tôrres, criada pelo Decreto nº 12.315, de... 5.5.1961.
- 3 - Escola Técnica Rural "Col. Arami Silva", e Escola Técnica Rural, de Dom Pedrito, criada pelo Decreto nº 13.310, de 13.3.1962;
- 4- Escola Técnica Elementar "Prof. Carlos Baroni", e Escola Técnica Elementar da Rua da República nº 359 município de Porto Alegre, criada pelo Decreto nº 10.771, de 18.9.59.

Art. 2º - Revoga-se as disposições em contrário.
 Palácio Piratini, em Porto Alegre, 18 de junho de 1962.

LEONEL BRIZOLA
 Governador do Estado
 Justino Quintana
 Secretário de Educação e Cultura

ANEXO N - DECRETO COM VALORES ORÇAMENTAIS PARA TÉRMINO DE
CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO DA ESCOLA JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL.

DECRETO Nº 15.073, DE 17 DE ABRIL DE 1963.

Abre crédito especial no montante de Cr\$
1.181.900.000,00 na Secretaria de Educação
e Cultura e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, no uso das
atribuições que lhe confere o artigo 87, inciso II, da Cons-
tituição do Estado, de 8 de julho de 1947, e nos termos da
Lei nº 4.387, de 6 de dezembro de 1962.

D E C R E T A :

Art. 1º - Fica aberto na Secretaria de Educação e Cultu-
ra - Subsecretaria do Ensino Técnico, nos termos do artigo 1º,
inciso I, letra a), da Lei nº 4.387, de 6 de dezembro de 1962,
um crédito especial no montante de Cr.\$ 1.187.900.000,00 (um
bilhão, cento e oitenta e um milhões e novecentos mil cruzeiros).
classificado sob os códigos gerais 8-32-1,8 -32-2, 8-32-3 e
8-32-4, destinado a atender despesas com Pessoal variável, Cons-
truções, Ampliações, Instalações, Aparelhagem em geral, Mate-
rial de consumo, Despesas diversas em geral, Convênios, Acordos
Contratos e Bôlas de Estudos.

Art. 2º - O crédito aberto pelo artigo anterior será cober-
to pela redução, em igual quantia, da dotação constante da ru-
brica 1) - Serviços diversos - Taxa de Educação, do código lo-
cal 18-01 - "Programa Preliminar de Serviços e Investimentos
Públicos", do orçamento vigente.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO PIRATINI, em Pôrto Alegre, 17 de abril de 1963.

ILDO MENEGHETTI

Governador do Estado

EMÍLIO OTTO KAMINSKI

Secretário da Fazenda

ANEXO O – CURSOS OFERTADOS PELA ESCOLA JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL.


ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCACAO E CULTURA
SUBSECRETARIA DO ENSINO TÉCNICO
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO INDUSTRIAL
ESCOLA INDUSTRIAL
DIVULGAÇÃO PELA RÁDIO MARISTELA. Nº1/5/62.

CURSOS NA ESCOLA TÉCNICA ELEMENTAR DE TÓRRES.

Estarão abertas até o dia 7 de julho, as inscrições para os
Curso de Aprendizagem Industrial de:

MARCENARIA
ALFAIATARIA e
CONSTRUÇÃO CIVIL

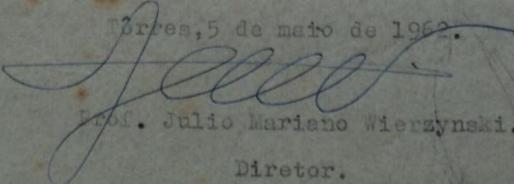
Os candidatos deverão ter 14 anos e o Curso Primário completo ou conhecimentos equivalentes.

Tambem estarão abertas as inscrições para o Curso Extraordinário de:

ARTE CULINÁRIA

Os referidos Cursos terão início no princípio de agosto.

MAIORES INFORMAÇÕES: na secretaria da Escola, diariamente no horário de expediente, no antigo prédio da Prefeitura.

Tórrres, 5 de maio de 1962.

Prof. Julio Mariano Wierzynski.
Diretor.

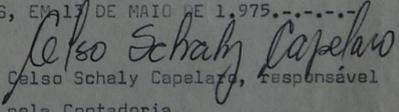
**ANEXO P – CENTRO DE ARTES, CIÊNCIA E TECNOLOGIA – CAT Nº 10 NA
ESCOLA JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL.**

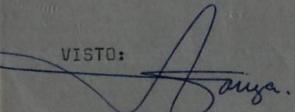

 ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Prefeitura Municipal de Torres
 SECRETARIA DA FAZENDA
 CONTADORIA

= C E R T I D ã O =

Celso Schaly Capelaro responsável
 pela contadoria da Prefeitura - /
 Municipal de Tôrres, Estado do /
 Rica Grande do Sul.---.---.---.

C E R T I F I C O, para os devidos fins, a pedido verbal
 da parte interessada, que a construção do GINÁSIO INDUSTRIAL PROF. JUSTINO A. /
 TIETBHOL, foi iniciada no ano de 1.961, por administração da Prefeitura Muni-
 cipal de Tôrres, com verbas do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Em -/
 1.974 foi reformado e ampliado, passando a denominar-se CENTRO DE ARTES, /
 CIENCIAS E TECNOLOGIA (CACT), por administração da Prefeitura Municipal
 de Tôrres e verbas do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Nada mais -/
 constando passou-se a presente Certidão que vai por mim assinada, Celso -/
 Schaly Capelaro, responsável pela Contadoria, e devidamente visada pelo sr.
 Gilberto Neves de Souza, Secretário Municipal da Administração.---.---.---.

EM 17 DE MAIO DE 1.975.---.---.---.

 Celso Schaly Capelaro, responsável
 pela Contadoria.

VISTO: 
 GILBERTO NEVES DE SOUZA
 SECRETARIA MUNICIPAL DA
 ADMINISTRAÇÃO

ANEXO Q – CRIAÇÃO DO ENSINO DE 1º GRAU NA ESCOLA JUSTINO ALBERTO
TIETBOEHL.


ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

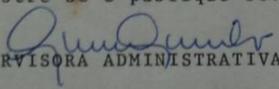
P O R T A R I A

ATO/SE - 18524.
26 SET. 1988

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO,
face à Resolução nº 111/74 e Parecer nº 532/88 do Conselho Esta-
dual de Educação, autoriza o funcionamento, da Escola Estadual de
1º Grau, em Torres, criada pelo Decreto Estadual nº 32.895, de 07
de julho de 1988, sob a jurisdição da 11ª Delegacia de Educação,
sediada em Osório.

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Registre-se e publique-se:


SUPERVISORA ADMINISTRATIVA

Processo nº 00691/88

klmc

ESP/SE/C
Publicado no D.O.
de 3 / 11 / 88

96-077

Parecer nº 731/88 - p. 2

O relatório não inclui o cronograma da supressão de séries, uma vez que o ginásio passou a funcionar como CACT no ano de 1974. Não inclui também cronograma referente ao CIE, "pois foi opção das escolas de origem, a partir do ano de 1988, não mais enviar seus alunos para o desenvolvimento da parte diversificada do currículo diante da Lei nº 7.044/82" (fl. 32).

Informa também que "a vida escolar do aluno que frequentou o CACT nº 10 e o CIE de Torres encontra-se normalizada, tendo em vista que as escolas de origem possuem toda a documentação".

3 - Analisada a matéria, verifica-se que as razões apresentadas justificam a extinção proposta. Cumpre destacar que este Conselho, através do Parecer nº 532/88, pronunciou-se favoravelmente à criação e à autorização para funcionamento de escola estadual de 1º grau que ocupará o prédio e as instalações do Ginásio Industrial Professor Justino Alberto Tietbohl.

4 - Relativamente à validação de estudos pretendida, considerando o que é dito no relatório da comissão verificadora quanto à regularidade da vida escolar dos alunos, podem ser consideradas válidas as atividades desenvolvidas no Centro de Artes, Ciências e Tecnologia - CACT nº 10 em 1975 e no Centro Interescolar Estadual - CIE de 1976 a 1987, inclusive, sendo dessa forma válidos os estudos dos alunos que, matriculados em escolas do Sistema Estadual de Ensino, realizaram a parte do currículo referente a tecnologia e/ou a artes e ciências no estabelecimento em pauta.

5 - Em face do exposto, a Comissão de Planejamento e a Comissão de Legislação e Normas concluem:

- a) pela extinção do Ginásio Industrial Professor Justino Alberto Tietbohl, em Torres, que encerrou suas atividades em 1974;
- b) pela validação das atividades desenvolvidas, em 1975, no Centro de Artes, Ciências e Tecnologia - CACT nº 10 e de 1976 a 1987, inclusive, no Centro Interescolar Estadual - CIE, em Torres.

Em 22 de junho de 1988.

Carlos Wilson Schröder - relator

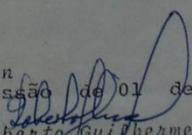
Dorival Adair Fleck

Plácido Steffen

Ruben Eugen Becker

Tara Sílvia Lucas Wortmann

Aprovado, por unanimidade, pelo Plenário em sessão de 01 de julho de 1988.


Roberto Guilherme Seide
Presidente

S/F

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
RIO GRANDE DO SUL

COMISSÕES DE PLANEJAMENTO E DE ENSINO DE 1º GRAU

Parêcer nº 532/88

Processo nº SE 691/88 - 19.00

CEE 352/88

CEE
cópia para o requerente

GG - CASA CIVIL	
Proc. N.º	691-19,
88	Fls. 45

Criação e autorização para funcionamento de escola estadual de 1º grau, a ser designada conforme o disposto no inciso I do artigo 2º da Resolução CEE nº 111, de 03 de outubro de 1974, a localizar-se em Torres — Parecer favorável. Providências.

O Senhor Secretário da Educação envia à consideração deste Colegiado processo que trata da criação e autorização para funcionamento de uma escola estadual de 1º grau, a ser designada conforme o disposto no inciso I do artigo 2º da Resolução CEE nº 111, de 03 de outubro de 1974, a localizar-se em Torres.

O processo em exame vem instruído, entre outros, com os seguintes elementos:

2 - Quanto à criação da escola:

2.1 - Ofício nº 08/88, da 11ª Delegacia da Educação, dirigido ao Senhor Secretário da Educação, no qual solicita a criação e autorização para funcionamento da escola em causa.

Na justificativa apresentada às fls. 4 e 5 do processo, consta que "na sede do município tem uma única escola estadual de 1º grau completo, com sobrecarga de matrícula...".

2.2 - Ficha contendo dados relativos à matrícula nas escolas próximas (fl. 14).

3 - Quanto à autorização para funcionamento da escola:

3.1 - Ofício já referido no subitem 2.1.

3.2 - Ficha nº 1 (fl. 14) - com os seguintes dados:

- a demanda prevista, em 1988, de 1ª a 8ª série, é de: 1ª série, 50 alunos; 2ª, 60; 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª, 30 alunos para cada série, com um total geral de 290 alunos;

- há 5 escolas nas proximidades: 1 estadual e 1 particular que não dispõem de vagas; 1 estadual e 2 municipais que não oferecem o ensino de 1º grau completo.

3.3 - Ficha nº 2 (fl. 15) - sobre as condições da escola:

- o terreno tem área de 13.300m²; a área construída, em bom estado de conservação, é de 1.500m²; há 5 salas de aula, além de dependências para direção, secretaria, orientação educacional, supervisão escolar, biblioteca, professores, ensino de Ciências, Educação Artística, Técnicas Comerciais, Técnicas Industriais, Técnicas Domésticas

Parecer nº 532/88 - p. 2

ticas, cozinha e refeitório, almoxarifado, Grêmio Estudantil e instalações sanitárias;

- para Educação Física e recreação, há uma área ao ar livre de 800m² e área coberta de 42m².

No verso da ficha, constam outras informações como: existência de uma sala para Técnicas Agrícolas e uma área cercada para horta.

A comissão verificadora registra que "a Escola Estadual de 1º Grau de Torres ocupará o prédio e as instalações do Ginásio Industrial Professor Justino Alberto Tietbühl".

3.4 - Ficha nº 3 (fl. 16) - relativa à secretaria, onde consta que está localizada em sala própria; o mobiliário, materiais de expediente são adequados e suficientes. A escola está providenciando legislação de ensino e aguarda orientações da respectiva Delegacia de Educação no que se refere à organização dos serviços de escrituração escolar.

3.5 - Ficha nº 4 (fl. 17) - relativa a biblioteca e composição do acervo, onde consta que é de 1.991 o número de volumes, sendo 62 os livros de recreação; é adequado à faixa etária dos alunos e atende todos os componentes curriculares.

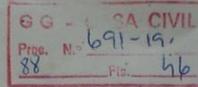
3.6 - Ficha nº 5 (fl. 18) - relativa a equipamentos e materiais para o ensino de Ciências, onde consta que a escola possui laboratório, estando o mesmo bem equipado com materiais específicos para as atividades práticas desse conteúdo.

3.7 - Ficha nº 6 (fl. 19) - contendo informações sobre outras instalações, materiais e equipamentos, onde consta:

- a escola conta com espaço físico para a realização das atividades práticas de Educação Artística e dispõe de um auditório que poderá ser utilizado para artes cênicas e música. Existem materiais específicos para essas atividades;

- existe área ao ar livre para as atividades práticas de Educação Física; a escola ainda dispõe de cancha para esportes, pavimentada e protegida por tela e materiais para o desenvolvimento das atividades;

- quanto à preparação para o trabalho, a escola oferecerá, de 5ª a 8ª série, Técnicas Industriais, Técnicas Agrícolas, Técnicas Domésticas e Técnicas Comerciais; de 1ª a 4ª série, as atividades serão desenvolvidas de acordo com a legislação vigente;



cópia para o requerente

Parecer nº 532/88 - p. 3

- a escola conta com sala própria e outros recursos audiovisuais previstos no subitem 5.2.6 do Parecer CEE nº 200/84 (Documentário 80:311).

3.8 - Planta da cidade com a localização da escola (fl. 37).

3.9 - Declaração, do Diretor da escola (fl. 12), onde consta que as atividades serão desenvolvidas com base nas normas do Regulamento outorgado pela Secretaria da Educação.

3.10 - Ofício nº 128/88, de 16 de março de 1988, do titular da 11a. Delegacia de Educação, com a informação de que a escola a ser criada funcionará no prédio do Ginásio Industrial Justino Tietz Böhl, de Torres, cujo processo de extinção SE nº 8.183/88 encontra-se em andamento na Secretaria da Educação.

4 - A análise do processo, à luz do Parecer CEE nº 200/84, que regula a matéria, permite as seguintes considerações:

4.1 - Quanto à criação da escola: as razões apresentadas justificam a medida.

4.2 - Quanto à autorização para funcionamento:

4.2.1 - A demanda prevista é significativa.

4.2.2 - O prédio apresenta condições para o funcionamento da escola de 1º grau completo.

5 - A Ficha nº 7, contendo a relação do corpo docente, deverá ser preenchida sob a responsabilidade da 11a. Delegacia de Educação após 60 dias do início de funcionamento da escola, com vistas ao pronunciamento deste Conselho, nos termos do subitem 5.4.1 do Parecer CEE nº 200/84.

6 - Em face do exposto, as Comissões de Planejamento e de Ensino de 1º Grau concluem:

a) pela criação de escola estadual de 1º grau, a localizar-se em Torres e a ser designada, conforme o disposto no inciso I do artigo 2º, da Resolução CEE nº 111, de 03 de outubro de 1974;

b) pela autorização para funcionamento da referida escola, devendo ser atendido o que consta no item 5 deste parecer.

Observa-se que a contagem dos dias letivos só poderá ser

Parecer nº 532/88 - p.4

realizada, a partir da data de emissão da respectiva portaria de autorização.

Em 29 de março de 1988.

Gláustica Angélica Comparsi - relator

Ruben Eugen Becker

Waldemar Camilo Ruas

Hipérides Ferreira de Mello

Plácido Steffen

Guiomar Reis Loureiro

Iara Silvia Lucas Wortmann

Aprovado, por unanimidade, pelo Plenário em sessão de 08 de abril de 1988.

Roberto
Roberto Guilherme Seide
Presidente

<p>HOMOLOGAÇÃO PREPARADA PELA URE/SUT</p> <p>Em 19/04/88</p> <p><i>Guimarães</i> Chereminda de Jesus Guimarães Coordenadora de URE</p>
--

S/F
COC

<p>HOMOLOGO o Parecer DO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO N.º 532 de 08/4/1988</p> <p>LAVRE-SE O ATO</p> <p>Porto Alegre de de 1988</p> <p>BERNARDO OLAVO DE SOUZA Secretário de Estado da Educação</p>
--

ANEXO R - MEDIDAS DAS FOTOGRAFIAS.

QUADRO 1 – Medida das fotografias no quadro geral.

MEDIDA DAS FOTOGRAFIAS				
	Escola Marcílio Dias	Escola Justino Alberto Tietboehl	Escola Governador Jorge Lacerda	Total
medida/ cm	Número	Número	Número	
5,6X4,8	0	1	0	1
6,3X9	0	1	0	1
7,5X9,5	0	1	0	1
7X10	28	2	0	30
8,8X8,8	0	1	0	1
8,5x14	0	0	9	9
9x9	0	0	19	19
9X 12	135	24	49	208
9X14	24	61	0	85
9X24	2	0	0	2
10X8	1	0	0	1
10X13	0	1	0	1
10X15	14	0	17	31
10X7	0	1	0	1
11,5X17,5	0	5	0	5
12x9	0	0	1	1
12,5X9	9	0	0	9
12X18	0	13	0	13
13X8,5	0	12	0	12
15X10	2	0	0	2
18X12	0	2	0	2
18,5X24	9	0	0	9
19,5x26,5	0	0	2	2

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

ANEXO S – TEMÁTICAS VISUAIS NA ESCOLA MARCÍLIO DIAS.

QUADRO 3 – Temáticas visuais na Escola Marcílio Dias.

Escola Marcílio Dias	1960	1968	1969	1972	1973	1974	1976	1977	1978	1979	1980	Total
Arquitetura Interna								16				16
Arquitetura Externa								13	4			17
Atividade sala de aula												
Desfiles cívicos	11	1		17	3			12	1		30	75
Passeios								32	1			33
Apresentação de alunos em eventos			1				2	15	10			28
Aulas práticas												
Eventos								18	1	1		20
Festas				3				2	9			14
Formaturas											2	2
Recordação escolar									8			8
Recreio						1	1	4				6
Refeitório								3				3
Jogos								2				2
Total	11	1	1	20	3	1	3	117	34	1	32	224

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

ANEXO T – TEMÁTICAS VISUAIS NA ESCOLA JUSTINO ALBERTO TIETBOEHL.

QUADRO 4 - Temáticas visuais na Escola Justino Alberto Tietboehl.

	1961	1962	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1974	1975	1976	1977	1979	1980	TOTAL
Escola Justino Alberto Tietboehl																	
Arquitetura Interna		2						2	1		1	3	3	2			14
Arquitetura Externa	1		7	8		1										1	18
Atividade sala de aula															1		1
Desfiles cívicos					2		11	4	9	3	6					1	36
Passeios			1														1
Apresentação de alunos em eventos													1		14		15
Aulas práticas										5					7	8	20
Eventos				1								1				3	5
Festas						1											1
Formaturas			2	2		1	1	1									7
Recordação escolar																	0
Recreio				1													1
Refeitório																	0
Jogos			4				2										6
Total	1	2	14	12	2	3	14	7	10	8	7	4	4	2	22	13	125

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

ANEXO U – TEMÁTICAS VISUAIS NA ESCOLA GOVERNADOR JORGE LACERDA.

QUADRO 5 – Temáticas visuais na Escola Governador Jorge Lacerda.

Escola Jorge Lacerda	1960	1967	1968	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	Total
Arquitetura Interna							4				4
Arquitetura Externa									1		1
Atividade sala de aula				2				1	1		4
Desfiles cívicos	8	1	2		5			5		37	58
Passeios						2					2
Apresentação de alunos em eventos								14		9	23
Aulas práticas								3			3
Eventos											
Festas											
Formaturas											
Recordação escolar											
Recreio									1	1	2
Refeitório											
Jogos											
Total	8	1	2	2	5	2	4	23	3	47	97

Fonte: Elaborado pela autora (2013).

ANEXO V – RECORTE DE JORNAL DO CORREIO DO POVO.

11 DE SETEMBRO DE 1967

SOLUÇÃO DE EMERGÊNCIA



Construído nos fundos do prédio de aulas teóricas, o pequeno barracão de madeira vem substituindo, há quase dois anos, o pavilhão de mecânica, comprimindo professores, alunos e máquinas num espaço com um terço apenas de capacidade real.

Ginásio de Tôres está destruído há ano e meio

Em fevereiro de 1966 um vendaval varreu a faixa litorânea gaúcha, causando sérios danos principalmente à cidade de Tôres. Diversas residências, colégios e uma igreja foram duramente atingidos. Houve vítimas, inclusive uma criança.

O fato foi amplamente divulgado em todos os detalhes, entre os quais a queda do pavilhão de mecânica do "Ginásio Industrial Professor Justino Tietbohl" daquele balneário.

DEPOIS DA QUEDA

Não foi feito até agora absolutamente nada no sentido de recuperar o pavilhão atingido há um ano e meio. Na ocasião foi tomada uma medida de emergência construindo-se um pequeno barracão de madeira nos fundos do prédio onde funcionam as aulas teóricas. Transferiu-se para lá as máquinas e demais materiais de mecânica, e o que era provisório, vem funcionando regularmente até agora.

O Ginásio Industrial de Tôres conta com 320 alunos efetivos, e as aulas práticas de mecânica com turmas de até 38 alunos são obrigadas a funcionar no pequeno barracão, ficando os professores e alunos comprimidos no pequeno espaço atulhado de ferramentas e máquinas, onde a capacidade real não ultrapassa a um terço do número de pessoas que atualmente ocupam aquelas dependências.

UM PATIO SUI GENERIS

Se não bastassem os problemas advindos com a queda do pavilhão de mecânica, ainda está o Ginásio praticamente cercado de água, mesmo fora de épocas de chuva. Localizado junto à Lagoa do Violão, o colégio já tinha a parte dos fundos transformada em imenso lago natural.

Agora, com os serviços de saneamento da Lagoa, o sangramento que a fará desaguar no rio Mambituba, passa bem junto ao Ginásio, deixando-o numa esquinha limitada pela água. Como as obras de saneamento da lagoa durarão uns 3 anos, segundo informação do prefeito municipal de Tôres, os alunos terão de ir se contentando com a pequena cancha de Basquete, atualmente servindo de pátio.

E OS MILHOES PARA A EDUCAÇÃO?

Enquanto o Plano de Alfabetização Continuada para Adultos passa a ser atividade prioritária para o Ministério de Educação e Cultura, contando com verbas na ordem de NCr\$ 246.330,00, somente para o primeiro quinquênio, o ensino especializado está esquecido. A comissão da Secretaria de Educação, ou de outros órgãos ligados ao ensino técnico, no que se refere ao Ginásio Industrial de Tôres adquire enorme importância se levarmos em conta que trata-se de uma região pobre, mal servida de estabelecimentos de ensino. O Ginásio é a única chance que pescadores e pequenos agricultores oferecem aos filhos como educação que lhes possibilitará uma profissão melhor do que as ocupações primárias oferecidas pela região.

Fonte: Acervo da Escola Justino Alberto Tietboehl.

ANEXO W - COMEMORAÇÃO DA BATALHA DO RIACHUELO NA ESCOLA
MARCÍLIO DIAS.

- 11 de junho de 1968 -

Batalha de Riachuelo

Comemoração da festa do Patrono do

Grupo Escolar: Marcílio Dias.

Programa:

1) Às 8 horas: Alunos e professores participarão da Santa Missa rezada às suas intenções pelo Revdo P. Antonio na Igreja Matriz.

2) Comemoração Cívica:

1) Reunidos no salão de festas do colégio daremos início a comemoração com uma salva de palmas para recebermos o Pavilhão Nacional.

2) Introdução:

Comemoramos hoje uma data histórica que representa uma das mais belas páginas da história de nossa Pátria.

Na Batalha Naval de Riachuelo, realizada a 11 de junho de 1865 perderam a vida por amor à Pátria, homens de valor que não hesitaram diante da luta em defesa da liberdade.

De heróis como Marcílio Dias, nosso patrono, e dos grandes batalhadores desconhecidos recebemos um exemplo grandioso de amor à Pátria.

Ainda no dia 11 de junho de 1865 o Almirante Barroso pronunciou a famosa frase que ficou para sempre gravada no coração dos brasileiros: "O Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever!"

Em homenagem a esses heróis e homenageando o nosso patrono de cujo nome nos orgulhamos, os alunos sentem-se felizes e

vão apresentar alguns números onde latejam os sentimentos cívicos do futuro cidadão do nosso querido Brasil.

O grupo Escolar Marcílio Dias que tem o nome de tão grande herói orgulha-se e sente-se feliz no ano de seu 28º aniversário e comemora hoje o dia de seu Patrono com entusiasmo.

Para iniciarmos nossa comemoração, convidamos a todos para cantarmos o Hino Nacional.

- 1) - Em homenagem aos heróis de Riachuelo os alunos dos 2ºs anos cantarão: Marinheiro Chora.
- 2) Também os primeiros anos do turno da tarde nos dirão algo que fale do imortal Marcílio Dias.
- 3) Um aluno do 4º ano da tarde nos dirá a poesia:
- 11 de junho -
- 4) A Biografia de Marcílio Dias será ouvida agora por um aluno do 4º ano da manhã.
- 5) Quem foi Marcílio Dias? Os alunos dos 3ºs anos através de um coro falado nos dirão.
- 6) Hino do Colégio.
- 7) Os alunos dos 1ºs anos querem nos dizer alguma coisa sobre o grande herói de Riachuelo.
- 8) Encerrando nossas apresentações e para que levemos algo de bem profundo e regamos o exemplo de bravura e otimismo de tão grande brasileiro, ouviremos um diálogo pelos alunos dos 5ºs anos.

III- Agora passaremos a parte esportiva de nossa comemoração. Cada aluno com sua professora irá colocar-se no pátio do colégio.

As Competições serão prosseguidas em ordem a começar pelos 1ºs anos.

1) Os primeiros anos do turno da manhã tomarão parte na corrida do ovo.

2) Os 2ºs anos disputarão a vitória numa corrida no saco.

3) Dois alunos dos 3ºs anos tomarão parte no jogo da fruta.

4) Animada partida de caçador pelas alunas dos 4ºs e 5ºs anos.

5) Os meninos dos 4ºs e 5º ano jogarão uma partida de futebol.

Organizado pelas profas:
Edelvira Américo e Neusa Sartori.

